DA AUTORA DO BEST-SELLER #1 DO *NEW YORK TIMES*,
UM DE NÓS ESTÁ MENTINDO

KAREN M. MCMANUS

OS PRIMOS

FAMÍLIA EM PRIMEIRO LUGAR. SEMPRE.



Ficha Técnica

Título: Os Primos
Título original: The Cousins
Autora: Karen M. McManus
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Gailivro
Capa: Adaptação de Carlos Miranda/Leya sobre design de Alison Impey e lettering de Kerri Resnick
Fotografias da capa: © Getty Images
ISBN: 9789892353159

Gailivro
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

www.leya.pt

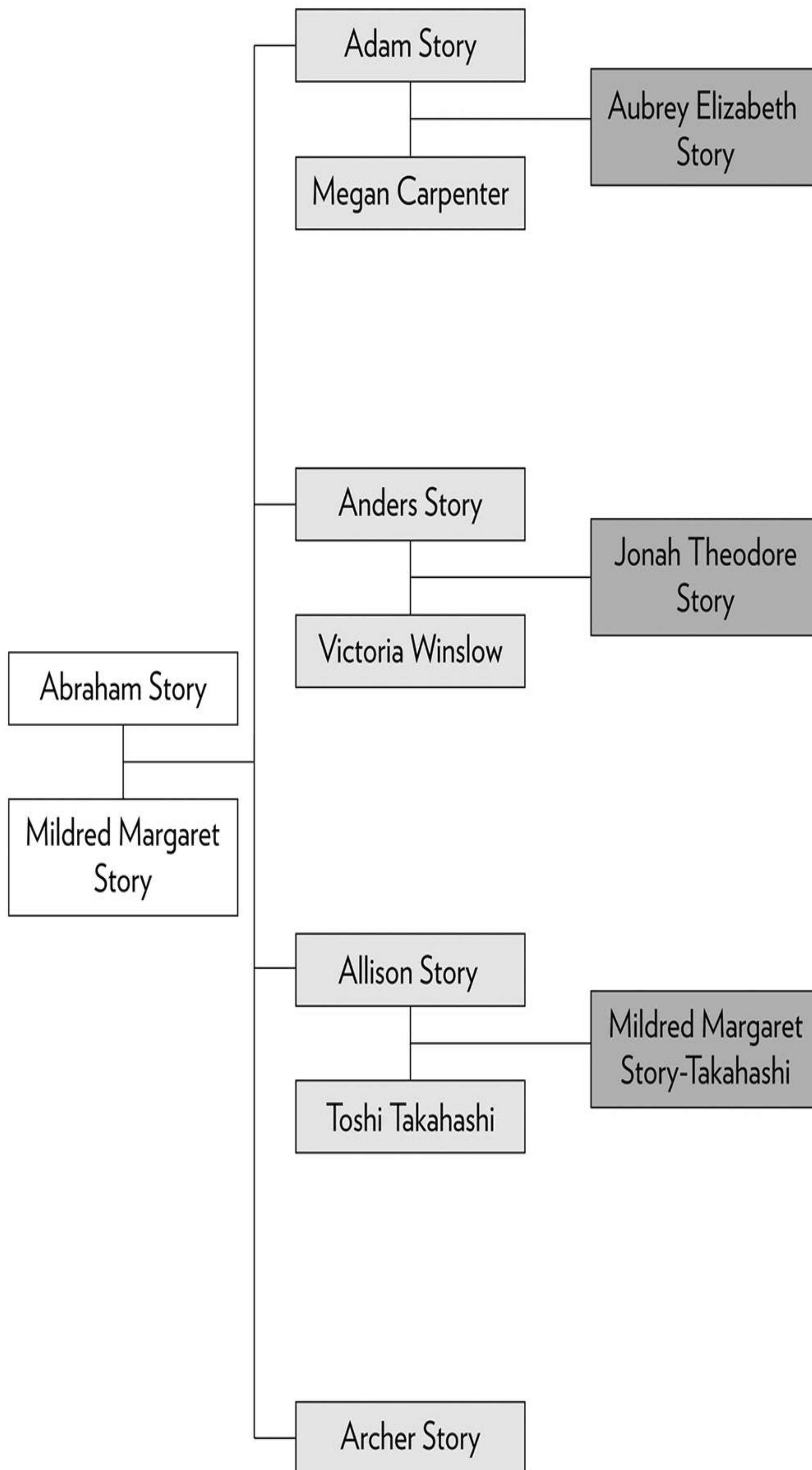
Índice

KAREN M. MCMANUS

OS PRIMOS

Para Lynne.

Árvore Genealógica da Família Story



Adam Story
Megan Carpenter
Aubrey Elizabeth Story
Anders Story
Victoria Winslow
Jonah Theodore Story
Abraham Story
Mildred Margaret Story
Allison Story
Toshi Takahashi
Mildred Margaret Story-Takahashi
Archer Story

CAPÍTULO 1

Milly

Estou, mais uma vez, atrasada para o jantar, mas desta vez a culpa não é minha. Um tipo com ar condescendente acaba de me barrar o caminho.

— Mildred? Isso é nome de avó. E nem sequer de uma avó *fixe*.

Diz aquilo como se se achasse muito esperto. Como se, nos meus dezassete anos de vida, nunca ninguém tivesse percebido que o meu nome não é propriamente um clássico que volta a estar na moda. Foi preciso um banqueiro de investimentos de Wall Street com o cabelo penteado para trás e um anel no dedo mindinho fazer essa pequena análise sociológica.

Bebo o resto da minha água com gás.

— Na verdade, o nome foi mesmo em homenagem à minha avó — digo.

São seis da tarde de um dia chuvoso de abril e estou num restaurante em Midtown, a esforçar-me ao máximo para passar despercebida entre a clientela da *happy hour*. É uma brincadeira que faço com as minhas amigas de vez em quando: vamos a restaurantes que têm bar, para não corrermos o risco de pedirem a nossa identificação à entrada. Usamos vestidos discretos e carregamos na maquilhagem. Pedimos água com gás com uma rodela de lima («num copo pequeno, por favor, não tenho muita sede») e bebemos quase tudo num único gole. Então esperamos para ver se alguém se oferece para nos pagar uma bebida.

Aparece sempre alguém.

O Anel no Mindinho sorri. Os seus dentes são quase fluorescentes na luz ténue. Deve levar muito a sério a sua rotina de branqueamento dental.

— Agrada-me. É um grande contraste numa jovem tão bonita. — Aproxima-se mais e sou atingida por uma lufada de perfume tão forte que é capaz de me deixar

com dores de cabeça. — Tens um aspeto muito interessante. De onde és?

Argh. Essa foi ligeiramente melhor do que a habitual pergunta «De onde és?», mas continua a ser péssima.

— Nova Iorque — respondo com firmeza. — E tu?

— Referia-me à tua origem — explica ele.

Nesse momento, dou a conversa por terminada. Fartei-me.

— Nova Iorque — repito e levanto-me do banco.

Ainda bem que ele só veio falar comigo quando já estava quase na hora de me ir embora, porque beber antes do jantar não foi uma das minhas ideias mais brilhantes. Chamo a atenção da minha amiga Chloe, que está do outro lado da sala, e aceno para me despedir, mas, antes de conseguir sair dali, o Anel no Mindinho aponta para o meu copo.

— Posso pagar-te outra rodada disso?

— Não, obrigada. Vou encontrar-me com uma pessoa.

Ele afasta-se, franzindo a testa. Franzindo muito a testa, como se tivesse faltado à última sessão de botox. Também tem rugas na cara e perto dos olhos. O tipo é demasiado velho para se fazer a mim, mesmo que eu fosse a universitária que às vezes finjo ser.

— Então, porque é que me fazes perder tempo? — resmunga ele, o seu olhar já focado no que acontece atrás de mim.

Chloe gosta da brincadeira da *happy hour* porque, segundo ela, os rapazes da nossa idade são imaturos. E são mesmo. Mas, de vez em quando, acho que seria melhor permanecermos na ignorância sobre o quanto podem piorar.

Tiro a lima do meu copo e espremo-a. Não faço exatamente pontaria aos olhos dele, mas fico um pouco desiludida quando o sumo só lhe acerta no colarinho.

— Desculpa — digo com doçura, deixando cair a lima no copo e pousando-o no balcão. — Normalmente, não faço isso. Mas está tão escuro aqui dentro. Quando te aproximaste, pensei que eras o meu pai.

Até parece. O meu pai é muito mais bonito. Além disso, não é nojento. O Anel no Mindinho fica boquiaberto, mas passo por ele e saio porta fora antes que consiga responder.

Só preciso de atravessar a rua para chegar ao restaurante. A rececionista sorri-me quando entro.

— Posso ajudar?

— Vim ter com uma pessoa. Allison?

O olhar da rececionista baixa para o livro diante dela, e uma pequena ruga surge entre os seus olhos.

— Não estou a encontrar...

— Story-Takahashi? — sugiro.

Os meus pais têm um divórcio estranhamente amigável e a principal prova disso é que a minha mãe continua a usar os dois apelidos. «Bom, continua a ser o teu apelido», disse ela há quatro anos, quando o divórcio foi finalizado. «E já me habituei a ele.»

O vinco entre os olhos da rececionista torna-se mais fundo.

— Também não encontro.

— Então só Story? Tipo «história» em inglês?

As sobrancelhas dela voltam ao normal.

— Ah, sim! Aqui está. Venha comigo.

Agarra em duas ementas e passa por mesas cobertas com toalhas brancas até chegarmos a um compartimento no canto. A parede ao lado é ocupada por um espelho, e a mulher sentada num dos bancos saboreia um copo de vinho branco, enquanto verifica discretamente o seu reflexo, ajeitando os cabelos rebeldes que só ela vê no seu coque escuro.

Sento-me no outro banco enquanto a rececionista coloca as enormes ementas vermelhas à nossa frente.

— Então, esta noite és só Story? — pergunto.

A minha mãe espera que a rececionista se afaste.

— Não estava com paciência para soletrar o meu apelido.

Suspira e eu levanto uma sobrancelha. A minha mãe geralmente faz questão de implicar com qualquer pessoa que não consiga soletrar ou pronunciar o apelido japonês do meu pai.

— Porquê? — pergunto, apesar de saber que ela não me vai explicar. Antes disso, ainda terei de superar vários níveis de críticas.

A minha mãe pousa o copo, fazendo uma dezena de escravas de ouro tinir no seu pulso. É vice-presidente de relações públicas de uma joalharia e usar os lançamentos básicos de cada temporada é um dos benefícios adicionais do cargo. Analisa-me de cima a baixo, reparando na maquilhagem mais carregada do que o normal e no vestido azul-escuro.

— De onde vens tão elegante?

Do bar do outro lado da rua.

— Fui à galeria com a Chloe — minto.

A mãe de Chloe é dona de uma galeria na zona alta da cidade e o nosso grupo de amigas passa lá muito tempo. Em teoria.

A minha mãe volta a pegar no copo. Bebe um gole, olha para o espelho, ajeita o cabelo. É ondulado e castanho quando está solto, mas, como ela gosta de me lembrar, a gravidez mudou a sua textura de sedoso para seco. Tenho a certeza de que nunca me perdoou por isso.

— Pensei que ias estudar para os últimos exames.

— E estudei. Antes.

Os nós dos dedos dela ficam brancos em torno do copo e espero pelo sermão. «Milly, não podes terminar o décimo primeiro ano com uma média inferior a excelente. Estás a um passo da mediocridade. O teu pai e eu investimos demasiado para que desperdices uma oportunidade destas.»

Se eu tivesse um pingo de talento musical, formaria uma banda chamada A Um Passo da Mediocridade em homenagem à advertência favorita da minha mãe. Há três anos que ouço versões variadas daquele discurso. A Academia Prescott produz alunos para as melhores universidades do país, como se fosse uma fábrica de sangue azul, e a minha mãe não se conforma com o facto de eu ser uma das piores alunas da turma.

Mas o sermão não chega. Em vez disso, ela estica a mão livre e dá palmadinhas na minha. Muito hirta, como se fosse uma marioneta controlada por alguém que não sabe o que está a fazer.

— Bom, estás muito bonita.

No mesmo segundo, fico à defesa. Achei estranho a minha mãe convidar-me para jantar, mas ela *nunca* me elogia. Ou me toca. De repente, parece que estou a ser preparada para receber uma notícia que não quero ouvir.

— Estás doente? — pergunto. — O pai está doente?

Ela pestaneja e afasta a mão.

— O quê? Não! Porque perguntas isso?

— Então porque...? — Paro de falar quando um empregado sorridente surge ao lado da mesa, enchendo os nossos copos com água de um jarro prateado.

— E como estão hoje as senhoras? Querem conhecer os pratos do dia?

Analiso discretamente a minha mãe por cima das ementas, enquanto o empregado recita os pratos. Está visivelmente nervosa, ainda a agarrar o copo de vinho quase vazio com toda a força, mas percebo que me enganei ao pensar que a notícia seria má. Os seus olhos azul-escuros estão brilhantes, e os cantos da sua boca quase se curvam para cima. Ela está animada com alguma coisa, não apreensiva. Tento imaginar o que poderia deixá-la feliz além de eu magicamente tirar vinte em todos os exames e me tornar oradora do meu ano na Academia Prescott.

Dinheiro. Só pode ser isso. A vida da minha mãe gira em torno de dinheiro — ou, para ser mais específica, em torno de não ter dinheiro suficiente. Os meus pais têm bons empregos. Apesar de ter casado de novo, o meu pai sempre foi generoso com a pensão de alimentos. A sua nova mulher, Surya, é o oposto da madrasta malvada. Nunca se queixou dos cheques generosos que a minha mãe recebe dele todos os meses.

Mas *bom* não é o suficiente para viver sem preocupações em Manhattan. E a minha mãe não foi criada assim.

Uma promoção no trabalho, concluo. Deve ser. O que é uma notícia maravilhosa, só que ela vai lembrar-me de que isso foi fruto do seu esforço e, ah, a propósito, porque não te esforças por nada?

— Quero uma salada César com frango. Sem anchovas, molho à parte — diz a minha mãe, entregando a ementa ao empregado sem olhar para ele. — E outro copo do *Langlois-Chateau*, por favor.

— Muito bem. E a menina?

— Costeleta malpassada e uma batata assada grande — digo. Não sei o que vem aí, mas, pelo menos, quero aproveitar uma refeição decente.

Quando o empregado se vai embora, a minha mãe termina o copo de vinho, eu bebo a minha água. Já tenho a bexiga cheia da água com gás do bar. Estou prestes a desculpar-me para ir à casa de banho quando ela diz:

— Recebi hoje uma carta muito interessante.

É agora.

— Ai sim? — Fico à espera. Quando ela não continua, pergunto: — Do quê?

— De quem — corrige ela automaticamente. Os seus dedos envolvem a base do copo enquanto os lábios se curvam um pouco mais. — Da tua avó.

Pestanejo.

— Da Baba?

Nem imagino porque é isso motivo de tanto *suspense*. É certo que não é todos os dias que a minha avó entra em contacto com a minha mãe, mas acontece. A Baba tem a mania de mandar artigos que lê às pessoas que acha que poderiam interessar-se pelo assunto e continua a fazer isso com a minha mãe depois do divórcio.

— Não. Da tua outra avó.

— O quê? — Agora estou confusa. — Recebeste uma carta da... Mildred?

Não tenho um nome carinhoso para a mãe da minha mãe. Não é avozinha, nem vovó, nem nada para mim, porque nunca a conheci.

— Sim.

O empregado volta com o vinho da minha mãe, e ela bebe um gole demorado, como se lhe fizesse falta. Fico em silêncio, incapaz de assimilar o que acabei de ouvir. A minha avó materna foi uma figura proeminente na minha infância, porém mais como uma personagem de contos de fadas do que uma pessoa a sério. A viúva rica de Abraham Story, cujo tetravô, ou coisa que o valha, veio para os Estados Unidos no *Mayflower*. Os meus antepassados são mais interessantes do que qualquer livro de história: a família ganhou uma fortuna na caça à baleia, perdeu boa parte em ações do caminho de ferro e, por fim, delapidou o que restava a comprar propriedades numa ilhazinha ridícula na costa do Massachusetts.

A ilha de Gull Cove era um refúgio pouco conhecido para artistas e *hippies*, antes de Abraham Story a transformar no que é hoje: um lugar onde as pessoas ricas e um pouco famosas gastam quantias ridículas de dinheiro a fingirem integrar-se na natureza.

A minha mãe e os seus três irmãos cresceram numa mansão enorme junto ao mar, chamada Catmint House, andaram a cavalo e frequentaram festas de gala como se fossem a princesa e os príncipes da ilha. Sobre a lareira do nosso apartamento há uma fotografia da minha mãe aos dezoito anos, a sair de uma limusina a caminho do Baile de Gala de Verão que os seus pais davam todos os anos. Tem o cabelo apanhado no alto da cabeça, usa um vestido comprido branco e um colar maravilhoso, com diamantes em forma de lágrima. Mildred ofereceu-lho quando ela completara dezassete anos e eu achava que o receberia quando chegasse a essa idade.

Não foi o que aconteceu, apesar de a minha mãe nunca o usar.

O meu avô morreu quando ela estava no último ano do secundário. Dois anos depois, Mildred deserdou todos os filhos. Foram afastados da vida da mãe tanto no sentido financeiro como pessoal, sem qualquer explicação além de uma carta com uma única frase, enviada duas semanas antes do Natal pelo advogado dela – um homem chamado Donald Camden, que conhecia a minha mãe e os seus irmãos desde sempre.

«Vocês sabem o que fizeram.»

A minha mãe insistiu sempre que não fazia ideia daquilo a que Mildred se referia. «Nós os quatro fomos... egoístas, acho», explicava-me ela. «Estávamos todos na faculdade na altura, a começar a vida. A mãe sentia-se sozinha sem o pai, passava o tempo a implorar-nos que a visitássemos. Mas não queríamos ir.» Refere-se sempre assim aos seus pais, mãe e pai, como se fosse a heroína de um romance da era vitoriana. «Nenhum de nós voltou para o Dia de Ação de Graças naquele ano. Tínhamos outros planos. A mãe ficou furiosa, mas...» Nesse momento, uma expressão pensativa, distante, aparecia sempre no rosto dela. «Foi uma insignificância. Nada imperdoável.»

Se Abraham Story não tivesse criado fideicomissos para a educação dos filhos, eles talvez não tivessem terminado a faculdade. Porém, depois da licenciatura, os quatro tiveram de se desenvencilhar sozinhos. De início, tentaram com regularidade retomar o contacto com Mildred. Perseguiam Donald Camden, que se contentava em enviar-lhes *e-mails* ocasionais a reiterar a decisão da cliente. Mandaram convites para os seus casamentos, anunciaram o nascimento dos filhos. Até se alternaram para aparecer em Gull Cove, onde a minha avó ainda vive, mas ela recusou-se a ver ou a falar com eles. Eu costumava imaginar que, um dia, ela apareceria do nada no nosso apartamento, carregada de diamantes e peles, e

anunciaria que tinha vindo buscar-me, à neta com o seu nome. Depois levar-me-ia a uma loja de brinquedos e deixar-me-ia comprar tudo o que eu quisesse, antes de me dar um saco de dinheiro para entregar aos meus pais.

Tenho quase a certeza de que a minha mãe tinha a mesma fantasia. Por que outro motivo alguém faria a maldade de dar um nome como Mildred a uma menina do século XXI? Mas a minha avó, com a ajuda de Donald Camden, resistiu a todas as tentativas dos filhos. Com o tempo, eles deixaram de tentar.

A minha mãe observa-me expectante e percebo que está à espera de uma resposta.

— Recebeste uma carta da Mildred? — pergunto.

Ela acena e pigarreia antes de responder.

— Bom, para ser mais exata, *tu* recebeste.

— Eu?

O meu vocabulário reduziu-se praticamente a zero nos últimos cinco minutos.

— O envelope tinha o meu nome, mas a carta era para ti.

Uma imagem de há dez anos atrás surge na minha mente: eu ao lado da minha avó misteriosa, a encher um carrinho de compras até acima com peluches, as duas vestidas como se fôssemos à ópera. Com tiaras e tudo. Afasto o pensamento e esforço-me por encontrar mais palavras.

— Ela está...? Tem...? Porquê?

A minha mãe enfia a mão na mala e tira um envelope, que empurra sobre a mesa na minha direção.

— Talvez seja melhor leres.

Abro o envelope e tiro uma folha de papel espesso dobrado, de cor creme, que cheira levemente a lilases. As iniciais MMS — Mildred Margaret Story — estão estampadas na parte de cima. Os nossos nomes são praticamente idênticos, embora o meu tenha Takahashi no fim. Os parágrafos curtos foram datilografados, seguidos por uma assinatura apertada, fina.

Querida Milly,

Nunca nos conhecemos, como é óbvio. Os motivos são complexos, mas, conforme os anos passam, tornam-se menos importantes. Como te encontras no limiar da vida adulta, sinto curiosidade em conhecer-te.

Tenho uma propriedade chamada Gull Cove Resort, que é um destino de férias popular na ilha. Quero convidar-te, e aos teus primos, Jonah e Aubrey, a passar o verão a viver e a trabalhar no *resort*. Os teus pais trabalharam lá quando eram adolescentes e acharam o ambiente estimulante e enriquecedor.

Tenho a certeza de que tu e os teus primos colherão benefícios parecidos se aceitarem. E como não tenho saúde para receber hóspedes, mesmo por pouco tempo, isso dar-me-ia a oportunidade de vos conhecer.

Espero que aceites o meu convite. O responsável pelas contratações de verão no *resort*, Edward Franklin, irá tratar de todos os pormenores da viagem e logística. Podes entrar em contacto com ele pelo

e-mail abaixo.

Com carinho,
Mildred Story

Leio a carta duas vezes, depois dobro a folha de novo e coloco-a sobre a mesa. Não levanto os olhos, mas sinto que a minha mãe me observa, à espera da minha reação. Estou aflita para ir à casa de banho, mas preciso de molhar a garganta com mais água antes de as palavras conseguirem sair.

— Esta treta é a sério?

Fosse lá o que fosse que a minha mãe esperava ouvir, não era aquilo.

— Desculpa?

— Deixa-me ver se entendi — digo, corando, enquanto enfio a carta no envelope. — Esta mulher que nunca conheci, que te excluiu da vida dela sem pensar duas vezes, que não foi ao teu casamento nem ao meu batizado, nem a qualquer outra coisa relacionada com a nossa família nos últimos vinte e quatro anos, que nunca telefonou, mandou um *e-mail* ou escreveu até... há cinco minutos, quer que eu *trabalhe no hotel dela*?

— Acho que estás a encarar a situação da forma errada, Milly.

A minha voz sobe até quase se tornar um grito agudo.

— E como deveria eu encarar a situação?

— Chiu — faz a minha mãe percorrendo o restaurante com o olhar. Se existe algo que ela detesta é uma cena. — Como uma oportunidade.

— Para *quê*? — pergunto. Ela hesita, girando o anel, que não chega sequer perto da esmeralda estonteante de cinco quilates na mão da minha avó em fotografias antigas. De repente, faz-se luz. — Não, espera. Não precisas de responder. Fiz a pergunta errada. Devia perguntar *para quem*.

— Ter perguntado — corrige a minha mãe. Não consegue mesmo conter-se.

— Achas que isto é uma oportunidade de cair nas boas graças dela, não achas? De ser... des-deserdada.

— Essa palavra não existe.

— Meu Deus, mãe, para com isso. Os meus erros gramaticais não são o problema!

— Desculpa — diz ela, e fico tão admirada que não termino o discurso que pretendia fazer. Os seus olhos continuam brilhantes, mas agora também estão cheios de lágrimas. — É que... ela é a minha mãe, Milly. Passei anos à espera de uma notícia. Não sei porquê agora, porquê tu nem porquê *isto*, mas ela finalmente quer entrar em contacto. Se não aceitarmos desta vez, talvez não surja outra oportunidade.

— Outra oportunidade de quê?

— De voltar a ver a minha mãe.

O «e então?» está na ponta da minha língua, mas contenho-me. Esse comentário seria seguido por um «estivemos bem todo este tempo sem ela», mas isso é mentira. Não estamos bem.

A minha mãe vive à beira de um abismo desde que me lembro. À conta disso, acabou por se tornar o tipo de pessoa que nunca deixa ninguém aproximar-se demasiado — até o meu pai, que ela amava tanto quanto é capaz de amar alguém. Na minha infância, eu observava os dois juntos e desejava ter uma relação assim tão perfeita. Mas, à medida que o tempo foi passando, comecei a notar que a minha mãe se afastava do meu pai. Que o seu corpo ficava hirto durante abraços, que dava sempre a desculpa de precisar de trabalhar até tarde para não voltar para casa antes de nos deitarmos, que fugia de passeios de família alegando enxaquecas que nunca a incomodavam no horário de expediente. Com o tempo, a frieza e a distância transformaram-se em críticas sobre tudo o que o meu pai dizia ou fazia. Até chegar ao ponto em que ela finalmente lhe pediu que saísse de casa.

Agora que já não tem o meu pai, faz a mesma coisa comigo.

Desenho um ponto de interrogação na condensação do meu copo de água.

— Queres que eu passe o verão todo fora? — pergunto.

— Vais adorar, Milly. — Quando solto uma risada sarcástica, ela acrescenta: — Não, vais mesmo. É um *resort* lindo, e adolescentes do país inteiro inscrevem-se para trabalhar lá. É bastante difícil conseguir um lugar, na verdade. O alojamento dos funcionários é ótimo, tens acesso a todo o *resort*... é quase como se estivesses de férias.

— Férias em que sou funcionária da minha avó.

— Estarias com os teus primos.

— Não *conheço* os meus primos.

Não vejo Aubrey desde que a família do tio Adam se mudou para o Oregon, quando tínhamos cinco anos. Jonah vive em Rhode Island, que não é assim tão longe, mas a minha mãe e o pai dele quase não se falam. A última vez que nos encontrámos foi no aniversário do tio Anders, quando eu tinha oito anos. Só me lembro de duas coisas sobre Jonah: a primeira é que ele me bateu na cabeça com um taco de plástico e pareceu dececionado quando não chorei. A segunda é que ele inchou como um balão quando comeu um aperitivo a que era alérgico, apesar da sua mãe o ter avisado para não o fazer.

— Assim podes conhecê-los. Têm todos a mesma idade e são filhos únicos. Seria agradável se fossem chegados.

— Ah, como tu és chegada ao tio Adam, ao tio Anders e ao tio Archer? Vocês mal se falam! Não tenho nada em comum com os meus primos. — Empurro o envelope na direção da minha mãe. — Não vou. Não sou um cão que vai a correr quando *ela* chama. E não quero passar o verão inteiro fora.

A minha mãe recomeça a girar o anel.

— Calculei que essa seria a tua resposta. E sei que é pedir muito. Portanto quero dar-te algo em troca. — A mão dela sobe até ao fio de ouro grosso que brilha sobre o seu vestido preto. — Sei que sempre adoraste o meu colar com lágrimas de diamante. E se eu to der como agradecimento?

Endireito-me, já a imaginar o colar a brilhar na minha garganta. Sonho com isso há anos. Mas achei que seria um presente, não um *suborno*.

— Não podes simplesmente dar-me o colar porque sou tua filha?

Sempre tive essa dúvida, mas nunca me atrevi a perguntar. Talvez porque tenha medo de que a resposta seja a mesma que ela sempre deu ao meu pai, não com palavras, mas com ações: *Não és suficiente*.

— É uma relíquia de família — diz a minha mãe, como se isso não confirmasse tudo o que penso. Franzo a testa enquanto ela apoia a mão de unhas arranjadas na beira do envelope. Mas não o *empurra*, exatamente. Tamborila com os dedos nele. — Sempre pensei em dar-te o colar quando fizesses vinte e um anos, mas, se vais passar o verão na minha terra natal... bem, parece correto fazê-lo antes.

Solto um suspiro silencioso e pego no envelope, revirando-o nas mãos enquanto a minha mãe bebe o seu vinho, aguardando com paciência. Não sei o que é mais frustrante: ela tentar subornar-me para eu passar o verão a trabalhar para uma avó que nunca conheci ou o facto de que com certeza vou aceitar.

CAPÍTULO 2

Aubrey

Estico os dedos para a borda escorregadia da piscina. Assim que estabeleço contacto, viro-me e impulsiono-me para a última volta. Esta é a minha parte favorita de qualquer competição: a água a correr pelo meu corpo, que se movimenta impelido pelo embalo e pela adrenalina. Às vezes, demoro mais do que devia a voltar à tona. A treinadora Matson diz que estou a *sabotar-me*, que esse é um defeito minúsculo na minha técnica que pode significar a diferença entre ser uma boa nadadora e uma ótima nadadora. Geralmente, tento corrigi-lo. Mas hoje? Ficaria debaixo de água para sempre se pudesse.

Finalmente chego à superfície, inspiro e entro no ritmo das braçadas. Os meus ombros ardem e as minhas pernas agitam-se num esforço automático e bem-vindo, até os meus dedos tocarem de novo nos azulejos. Tiro os óculos e esfrego os olhos antes de voltar o meu rosto para o *placard*.

A sétima de oito, o meu pior tempo nos duzentos metros. Há dois dias, aquele resultado ter-me-ia deixado arrasada, mas quando vejo a treinadora Matson a olhar para o *placard* com as mãos nas ancas, tudo o que sinto é uma pontada triunfante de raiva.

Bem feito.

Enfim, não faz diferença. Nunca mais vou competir na equipa de Ashland High. Só participei hoje para a minha equipa não ser desqualificada.

Iço-me para fora da piscina e pego na minha toalha que está no banco. A competição de duzentos metros foi o último evento da temporada. Normalmente, a minha mãe estaria na bancada, a publicar vídeos demasiado compridos no

Facebook, e eu ficaria à beira da piscina para aplaudir os meus colegas de equipa na prova de estafetas. Mas a minha mãe não está aqui e eu não vou ficar.

Sigo para o balneário vazio, os pés molhados a bater no piso de azulejos, e tiro o saco de ginástica do cacifo 74. Coloco a touca e os óculos no saco, visto uma *t-shirt* e uns calções sobre o fato de banho molhado. Depois, calço os chinelos de dedo e mando uma mensagem de texto rápida:

«Não me sinto bem. Encontramo-nos à porta?»

A prova está a todo o gás quando volto para a piscina. O meus colegas de equipa que não estão a nadar ocupam a beira da piscina, demasiado distraídos a aplaudirem para reparar que saio de fininho. Sinto um aperto no peito e um ardor nos olhos até ver a treinadora Matson no seu lugar de sempre, ao lado do *placard*. Está inclinada para a frente, o rabo de cavalo louro caído sobre um ombro enquanto grita para Chelsea Reynolds *acelerar*. Sou tomada por uma vontade repentina, quase irresistível, de correr e empurrá-la para dentro de água.

Por um segundo delicioso, permito-me imaginar como seria a sensação. O público de sábado no Centro Recreativo Memorial Ashland ficaria num silêncio chocado, esticando os pescoços para ver melhor o que se passava. «Foi a Aubrey Story? O que lhe deu?» Ninguém acreditaria no que viu, porque sou a Rapariga Mais Incapaz de Dar Espetáculo por Qualquer Coisa.

E também sou uma grande cobarde. Continuo a andar.

Vejo uma figura esguia familiar junto à saída. O meu namorado, Thomas, veste a camisola dos Trail Blazers que lhe ofereci, e tem o cabelo preto rapado para o verão, como sempre. O nó no meu estômago vai diminuindo à medida que me aproximo. Thomas e eu namoramos desde o oitavo ano — o nosso aniversário de quatro anos foi no mês passado —, e a sensação de me deixar cair contra o seu peito é parecida com a de entrar num banho quente.

Talvez *demasiado* parecida.

— Estás encharcada — declara Thomas, soltando-se do meu abraço molhado. Olha-me de cima a baixo com desconfiança. — E doente?

Devo ter tido uma única constipação durante todo o tempo que conheço Thomas. Sou estranhamente resistente a germes. «Não sais aos Story», costuma dizer o meu pai com um suspiro. «Ao menor sinal de um vírus, ficamos incapacitados durante dias.» Quase parece estar a vangloriar-se, como se o seu lado da família fosse formado por flores de estufa raras e delicadas, enquanto a minha mãe e eu somos ervas daninhas resistentes, que sobrevivem em qualquer canto.

Só de pensar no meu pai, o meu estômago embrulha-se de novo.

— Sinto-me esquisita — digo-lhe.

— Deves ter apanhado alguma coisa da tua mãe.

Foi isso que eu disse ao Thomas ontem à noite quando lhe pedi que me desse boleia hoje, porque a minha mãe não se sentia bem. Também não lhe contei o verdadeiro motivo no caminho para cá. Não consegui encontrar as palavras. Mas, conforme nos aproximamos do seu *Honda*, a vontade de desabafar aumenta. É um alívio quando Thomas se vira para mim com ar preocupado. Só preciso que ele pergunte: «O que se passa?», para eu dar com a língua nos dentes.

— Não vais vomitar, pois não? — pergunta ele. — Acabei de aspirar o carro.

Abro a porta do passageiro, desanimada.

— Não. É uma dor de cabeça. Preciso apenas de me deitar um pouco.

Thomas assente, distraído.

— Então vou levar-te a casa.

Argh. Casa. O penúltimo lugar onde quero estar. Vou ficar lá presa mais algumas semanas, até chegar o dia de ir para Gull Cove. É engraçado como, de repente, uma coisa tão estranha e indesejada de início passou a parecer a minha salvação.

Thomas liga o carro e eu pego no meu telemóvel para ver se algum dos meus primos escreveu uma mensagem no nosso grupo. Milly enviou um resumo do seu itinerário de viagem e uma pergunta:

«Vamos tentar todos apanhar o mesmo *ferry*?»

Quando recebi a carta da minha avó — com a proposta que o meu pai partiu logo do princípio de que eu aceitaria, sem sequer pestanejar —, procurei os meus primos na Internet. Foi fácil encontrar Milly nas redes sociais. Mandei-lhe um pedido para a seguir no Instagram e ela aceitou de imediato, abrindo-me o seu perfil cheio de fotografias dela e das amigas. São todas lindas, especialmente a minha prima. Com ascendência japonesa, parece-se mais com a família Story do que eu — magra, com cabelo escuro, olhos expressivos e belas maçãs do rosto. Eu, por outro lado, saí à minha mãe: loura, sardenta e atlética. A única característica que tenho em comum com a minha avó elegante é o sinal de nascença roxo-escuro no antebraço direito — a avó tem um quase do mesmo tamanho e formato na mão esquerda.

Não faço ideia de como é o Jonah. Só consegui encontrá-lo no Facebook, onde a sua foto de perfil é o símbolo do ADN. Tem sete amigos e eu não sou um deles, já que o meu pedido de amizade ainda não foi aceite.

Jonah quase não envia mensagens para o grupo, a menos que seja para se queixar. Está mais irritado do que eu e Milly por termos de passar o verão em Gull Cove. Agora, enquanto Thomas sai com o carro do estacionamento do centro de recreação, distraio-me a reler a conversa de ontem.

Jonah: Que treta. Eu devia ir para a colónia de férias no verão.

Milly: O quê, és orientador?

Jonah: Não é esse tipo de colónia. É uma colónia de ciências. Muito difícil de conseguir um lugar. Quase impossível de entrar e agora vou faltar!

Jonah: E pelo quê? Por um emprego de ordenado mínimo, a limpar casas de banho para uma mulher que odeia os nossos pais e provavelmente também a nós.

Aubrey: Não vamos limpar casas de banho. Não leste o e-mail *do Edward?*

Jonah: De quem?

Aubrey: Do Edward Franklin. O responsável pelas contratações de verão. Há muitos trabalhos para escolhermos. Eu vou ser nadadora-salvadora.

Jonah: Que bom para ti.

Milly: Não precisas de te armar em parvo.

Milly: E quem é que ainda diz «que bom para ti»? Quantos anos tens, oitenta?

Depois passaram dez minutos a discutir enquanto eu ignorava a conversa, porque os confrontos não são a minha especialidade.

A última vez que vi algum parente da família Story foi pouco depois de nos mudarmos para o Oregon, quando o irmão mais novo do meu pai nos visitou num fim de semana. O tio Archer não tem filhos, mas, assim que chegou, sentou-se no chão para me ajudar com a cidade que eu estava a construir, como um especialista em *Lego*. Algumas horas depois, vomitou na minha arca de brinquedos. Só recentemente me dei conta de que estivera bêbedo o tempo todo.

O meu pai costumava chamar a si mesmo, aos irmãos e à irmã os Quatro As, na altura em que ainda falava deles com alguma frequência. Adam, Anders, Allison e Archer, todos nascidos com um ano de intervalo. Cada um tinha um papel específico na família: Adam era o atleta perfeito; Anders, o excêntrico genial; Allison, a beldade tímida; e Archer, o brincalhão encantador.

O tio Anders, pai de Jonah, foi o único a não herdar a beleza da família. Nas fotografias antigas, ele é baixinho, magricela e com feições angulosas, sobrancelhas ralas e um eterno sorriso irónico nos lábios finos. É assim que imagino Jonah sempre que leio as suas mensagens.

Estou prestes a guardar o meu telemóvel quando recebo uma nova mensagem, e é de Milly para mim. É a primeira vez que fala comigo sem incluir Jonah.

Aubrey, tenho uma pergunta importante: É impressão minha, ou o Jonah é um verdadeiro idiota?

Sorrio enquanto digito:

Não é impressão tua.

Abro o porta-luvas de Thomas, onde ele guarda uma reserva conveniente de *snacks*, e descubro uma *Pop-Tart* de açúcar mascavado e canela. Não é a minha preferida, mas a minha barriga ronca de fome depois da competição.

Milly: Quero dizer, ninguém está animado com a viagem. Eu posso não me ter inscrito na Colónia dos Génios, mas preferia fazer outras coisas.

Antes de eu conseguir responder, outra mensagem surge, de Jonah no grupo.

O horário do ferry é inconveniente e não vejo motivo para chegarmos juntos.

Milly: é mesmo irritante.
Jonah: Desculpa?
Milly:...
Milly: Desculpa, grupo errado.
Milly (no nosso *chat*)*: Merda.*

Solto uma gargalhada com a boca cheia de bolacha e Thomas olha para mim.

— Onde está a piada? — pergunta ele.

Engulo.

— Na minha prima Milly. Acho que vou gostar dela.

— Ainda bem. Pelo menos o verão não vai ser uma perda de tempo total.

Thomas tamborila com os dedos no volante enquanto entra na minha rua. É estreita e sinuosa, cheia de casas de um ou dois andares. Aquela devia ser uma casa temporária, comprada depois da publicação do livro do meu pai, quase dez anos antes. O livro não foi um sucesso estrondoso, mas recebeu críticas suficientemente boas para lhe oferecerem um contrato para um segundo livro (que o meu pai ainda não escreveu). O curioso é que esse foi o único trabalho que ele teve desde que eu andava na primária. Durante bastante tempo, achei que ele recebia dinheiro para ler livros, não para escrever, já que era só isso que fazia. Afinal, não recebia nada.

Thomas detém-se diante da casa e põe o carro em ponto morto, mas não desliga o motor.

— Queres entrar? — pergunto.

— Hum. — Thomas respira fundo, ainda a tamborilar no volante. — Bom, acho que...

Passo a língua pelos lábios, que sabem a canela e cloro, enquanto espero que ele continue. Quando isso não acontece, incentivo:

— Achas o quê?

Os ombros de Thomas ficam tensos, depois ele encolhe-os.

— Que... hoje, não. Preciso de tratar de uns assuntos.

Não tenho forças para perguntar que assuntos são esses. Inclino-me para lhe dar um beijo, mas Thomas afasta-se.

— É melhor não. Não quero ficar doente.

Magoada, encolho-me. Quem me mandou mentir?

— Está bem. Mandas-me uma mensagem mais tarde?

— Claro — responde Thomas.

Assim que saio do carro e fecho a porta, ele mete a marcha-atrás e sai do nosso caminho de acesso. Vejo o carro afastar-se pela rua com o estômago embrulhado. Não é que Thomas costume esperar que eu entre, mas, por norma, não se vai embora tão depressa.

Entro em casa silenciosa. A minha mãe tem sempre a música ligada quando está aqui, geralmente o *grunge* da década de 1990 de que ela gostava quando andava na faculdade. Por um segundo, penso esperançada que devo estar sozinha, mas basta entrar na sala para a voz do meu pai me deter.

— Já voltaste?

A minha barriga revira-se quando o vejo sentado na poltrona de couro demasiado grande para o canto da nossa sala. A sua poltrona de escritor, que a minha mãe lhe comprou quando o livro foi publicado. Ficaria melhor num daqueles escritórios com biblioteca, com estantes até ao teto, uma secretária imponente de mogno e uma lareira. A nossa gata malhada, *Eloise*, está deitada no seu colo. Quando não respondo, ele pergunta:

— Como foi a prova?

Pestanejo. Ele não pode estar à espera que eu responda à pergunta. Não depois da bomba que largou em cima de nós ontem à noite. Mas o meu pai continua simplesmente a fitar-me com calma, segurando com um dedo a página do livro que está a ler. Reconheço a capa, a fonte preta chamativa num fundo discreto, quase de aguarela. *Um Silêncio Breve e Interrompido*, escrito por Adam Story. É o livro dele, sobre um ex-atleta universitário que alcança o estrelato literário e depois se dá conta de que o que realmente quer é viver isolado — mas os seus fãs fanáticos não o deixam em paz.

Tenho quase a certeza de que o meu pai esperava que o livro se tornasse autobiográfico. Não foi o caso, mas ele ainda o relê pelo menos uma vez por ano.

É bom que o leias, penso, sentindo-me irritada. *Porque mais ninguém o faz.*

Mas guardo esse comentário para mim.

— Onde está a mãe?

— A tua mãe... — Ele hesita, semicerrando os olhos para o sol que atravessa a janela larga. A luz faz o seu cabelo preto brilhar e dá-lhe uma aura dourada que ele não merece. O meu peito dói agora que penso em como sempre idolatrei o meu pai sem motivo. Como acreditava piamente que ele era genial, especial, destinado a grandes feitos. Sentia-me honrada por ter recebido um nome que começava por A. Eu era a Quinta A, costumava dizer a mim mesma, que, um dia, seria igual a eles. Glamorosa, misteriosa e só um bocadinho trágica.

— A tua mãe precisa de algum tempo sozinha — diz ele, por fim.

— Algum tempo? Como? Ela, tipo... mudou-se? — Mas, assim que falo, sei que não é isso. A minha mãe nunca iria embora sem me avisar.

Eloise acorda de repente e salta para o chão, andando pela sala com aquele olhar irritado que surge sempre no seu focinho depois de uma soneca.

— Foi passar a tarde com a tua tia Jenny — diz o meu pai. — Depois disso, veremos. — Um tom diferente surge na sua voz. Petulante, com um toque de

ressentimento. — Isto é duro para todos nós.

Fito-o, ouvindo o meu coração galopar, e imagino-me a responder da forma que quero: com uma gargalhada alta e incrédula. Riria ao atravessar a sala, aproximando-me o suficiente para lhe arrancar o livro das mãos e atirá-lo à sua cabeça. E a seguir diria a verdade. «Já não existe um *todos nós*. Isso acabou, e a culpa é toda tua.»

Mas não digo nem faço nada disso. Assim como não empurrei a treinadora Matson para a piscina. Limito-me a assentir, sem mostrar reação, como se as palavras dele fizessem algum sentido. A seguir arrasto os pés em silêncio até ao andar de cima, chego ao meu quarto e apoio a cabeça contra a madeira branca, fria.

«Vocês sabem o que fizeram.» Era o que dizia a carta de anos atrás da minha avó, e o meu pai sempre insistiu que ela estava enganada. «Não posso saber, porque *nada aconteceu*», repetia ele. «Eu e os meus irmãos nunca fizemos nada que justificasse este tipo de atitude.» E eu acreditei, sem nunca questionar. Acreditei que ele era inocente, que foi injustiçado e que a minha avó devia ser uma mulher fria, caprichosa, talvez até maluca.

Mas, ontem, descobri a facilidade com que o meu pai consegue mentir.

E, agora, já não sei no que acreditar.

CAPÍTULO 3

Jonah

Vou chegar atrasado.

Há quase três horas que estou neste carro, a percorrer os cento e vinte quilómetros entre Providence e Hyannis em para-arranca. Foi a viagem de Uber mais demorada e mais cara de toda a minha vida.

— É sempre assim no último fim de semana de junho — diz o motorista, Frederico, enquanto nos arrastamos pelo trânsito da manhã de sábado em Cape Cod. Ele trava quando o sinal que estávamos prestes a transpor fica amarelo. — O que se pode fazer, não é?

— Podia ter passado aquele sinal, para começar — digo, por entredentes cerrados.

Frederico acena com a mão.

— Não vale a pena. Hoje há polícia por todo o lado.

O Google Maps diz que falta pouco mais de quilómetro e meio para chegarmos ao *ferry* que vai me levar até Gull Cove. Porém, mesmo depois de passarmos o sinal, a fila de carros à nossa frente quase não se move.

— O meu barco parte daqui a dez minutos — digo, inclinando-me para a frente até bater com os joelhos no banco do passageiro. A pessoa que se sentou ao lado de Frederico na última viagem gostava de muito espaço para as pernas. — Conseguiremos chegar a tempo?

— Beeem... — enrola ele. — Talvez não seja impossível.

Inspiro, frustrado, e começo a enfiar os meus papéis na pasta. Está cheia de recortes de jornais e artigos impressos sobre Gull Cove e Mildred Story. A maioria fala da ilha, já que Mildred vive praticamente isolada. O único evento social que

frequenta é o Baile de Gala de Verão anual do Gull Cove Resort. No artigo do *Gull Cove Gazette* sobre a festa do ano passado, há uma fotografia dela com um chapéu gigante e luvas, como se fosse a rainha de Inglaterra. Donald Camden, o seu advogado e remetente da infame carta «Vocês sabem o que fizeram», está ao seu lado. Parece o tipo de paspalho arrogante que adoraria uma tarefa como essa.

Agora Mildred é mais conhecida pelo seu mecenato. Parece que tem uma coleção particular enorme de quadros e esculturas, e gasta uma fortuna a apoiar artistas locais. É provável que ela seja o único motivo para ainda existir uma comunidade artística naquele amontoado de pedras sobrevalorizado a que chamam ilha. Pelo menos isso é um ponto positivo a seu favor.

No fundo da pasta, tenho algumas coisas relacionadas com Aubrey, Milly e os seus pais. Críticas antigas do livro de Adam Story, coberturas dos campeonatos de natação de Aubrey, um artigo sobre Toshi Takahashi se tornar sócio de um dos maiores escritórios de advogados de Nova Iorque. Até desencantei uma coluna antiga do *New York Times* com o anúncio do noivado dele e de Allison Story, há quase vinte anos. Mas não encontrei nada sobre o divórcio.

Talvez seja um pouco estranho andar com esta papelada toda, mas não sei nada sobre estas pessoas. E quando não sei alguma coisa, estudo.

Enfio a pasta dentro do saco de viagem e corro o fecho. É um daqueles sacos que deveria bastar a um adolescente para duas semanas numa colónia de férias. Para mim, vai ter de ser suficiente para dois meses, mas não tenho muita coisa.

— Não conhece nenhum atalho? — pergunto a Frederico. Faltam oito minutos.

— Já estamos no atalho — responde ele, olhando-me pelo espelho retrovisor. — Você é rápido?

— O quê?

— Consegue correr um quilómetro e meio em cinco minutos?

— Merda. — Solto a respiração quando percebo o que ele quer dizer. — Só pode estar a brincar.

— Estamos parados, rapaz. Se eu fosse a si, tentaria correr.

O desespero transforma a minha voz num rosnado.

— Tenho um saco de viagem!

Frederico encolhe os ombros.

— Está em forma, não está? É isso ou perder o *ferry*. Quando parte o seguinte?

— Daqui a duas horas e meia. — Olho para o tabliê. Sete minutos. Então tomo uma decisão. — Foda-se. Vou tentar.

Um quilómetro e meio não é muito, certo? Não deve ser assim tão mau. Melhor do que passar quase três horas preso no cais. Frederico trava para me deixar sair, e prendo as alças do saco nos ombros, como se fosse uma mochila.

Ele aponta pela janela.

— O GPS diz que fica à direita. Deve ser uma reta por esta rua. Boa sorte.

Não respondo. Subo para a relva na berma e começo a correr. Durante trinta segundos, tudo corre bem, e então as coisas começam a correr mal: o saco bate com demasiada força nas minhas costas, consigo sentir as pedras através das solas finas dos ténis baratos, e os meus pulmões começam a arder. Frederico enganou-se: não estou em forma. Pode até parecer que sim, porque passo horas a carregar caixas todos os dias, mas há muito tempo que não corro. Tenho pouca capacidade pulmonar, e ela piora a cada segundo.

Mas persisto, alongando a passada, porque parece que não faço progressos. A minha garganta está tão seca que dói, e os meus pulmões parecem prestes a explodir. Passo por um motel barato, uma marisqueira e um minigolfe. O ar está quente e húmido, do tipo que se cola à pele mesmo enquanto estamos parados, e o suor empapa-me o cabelo e cola-me a *t-shirt* ao peito.

Cometi um erro enorme. Imenso. Como vou explicar aos meus pais que desmaiei na berma de uma estrada em Cape Cod?

De alguma forma, continuo a correr, o saco a magoar-me ao bater nas costas a cada passo. Os meus olhos ardem com o suor e mal consigo ver, mas pestanejo até conseguir distinguir o formato de um edifício branco baixo. Vai-se aproximando, e vejo um carreiro de pedra e uma placa que diz AUTORIDADE PORTUÁRIA. Não sei quanto tempo passou, mas cheguei.

Arrasto-me até à bilheteira, arfando. A mulher atrás do vidro — uma loura com maquilhagem pesada e franja ondulada — olha para mim com ar divertido.

— Podes respirar mais devagar, jeitoso. És demasiado novo para mim.

— Bilhete — arquejo, tirando a carteira do bolso. — Para... o... da... uma... e... vinte.

A mulher abana a cabeça, e o meu coração parece parar. Então diz:

— Gostas de tangentes, hã? Quase o perdeste. São dezoito dólares.

Não tenho sequer fôlego suficiente para lhe agradecer. Pago, agarro no bilhete e empurro as portas para entrar na estação. O espaço é maior do que imaginei, por isso acelero o passo até à saída, com a mão a pressionar a dor de burro no flanco.

Talvez vomite antes de chegar ao barco.

Quando chego ao cais, não vejo quase ninguém, só algumas pessoas a acenar para o *ferry*. Há um homem de camisa branca e calças escuras na entrada de uma rampa que liga o cais e o barco. Olha para o relógio de pulso e pega numa corrente pendurada, prendendo-a entre os postes que flanqueiam a entrada da rampa. Então olha para cima e vê-me a correr na sua direção com o bilhete estendido.

Não faças isso, penso. *Não sejas idiota*.

O homem pega no meu bilhete e solta a corrente.

— Chegaste mesmo em cima da hora. Boa viagem, rapaz.

Não foi idiota. Graças a Deus.

Cambaleio pela rampa e entro no *ferry*, quase a gemer de alívio quando o frio do ar condicionado me envolve. Desabo numa poltrona azul. Reviro o saco em busca da garrafa de água, abro a tampa e esvazio-a em praticamente três goles. Então deito o que restou sobre a minha cabeça.

Lembrete para o futuro: começar a correr no verão, porque aquilo foi patético.

Todos os meus companheiros de viagem me ignoram. Parecem prontos a começar as suas férias, exibindo bonés, chinelos e *t-shirts* com um símbolo que acabei de perceber ser o logotipo não oficial da ilha de Gull Cove: um círculo em torno da silhueta de uma gaivota e as letras IGC na parte superior.

Mantenho-me imóvel até a minha respiração voltar ao normal, então tiro uma brochura de Gull Cove do saco e viro as páginas até chegar à secção de transportes. O trajeto dura duas horas e vinte minutos, e passaremos por Martha's Vineyard e Nantucket. Gull Cove é mais pequena do que as duas — um dado impressionante, já que Nantucket só tem vinte e um quilómetros de comprimento — e, de acordo com a brochura, é «mais remota e selvagem».

Tradução: menos hotéis e piores praias.

Guardo a brochura e analiso os passageiros. As pessoas parecem ter largado as malas em qualquer canto, então enfio o meu saco debaixo do banco e levanto-me. Decido dar uma olhadela ao *ferry*. Sigo para uma escada ao lado do *snack bar* e a minha barriga ronca. Não como nada desde o pequeno-almoço, há cinco horas.

O primeiro andar é quase idêntico, com uma escada que leva ao convés superior. O espaço lá em cima é aberto e as pessoas aglomeram-se na amurada com vista para o mar. O céu está nublado, ameaçando chuva, mas o ar que me sufocava em terra firme agora é fresco e cheira a sal. As gaivotas descrevem círculos lá em cima, soltando gritos barulhentos, a água estende-se tranquilamente a toda a volta. Pela primeira vez num mês, isto não parece ter sido a pior ideia que já tive.

Tenho mais sede do que fome, então resolvo voltar para o andar de baixo e comprar alguma coisa para beber. Estou distraído, à procura da carteira, e quase esbarro numa pessoa que sobe enquanto eu desço.

— Presta atenção! — exclama uma rapariga.

— Desculpa — murmuro. Então olho para cima e engulo em seco. — Quero dizer, olá.

Primeiro, o meu cérebro só regista que a rapariga é linda. Cabelo e olhos escuros, lábios fartos curvados num sorrisinho que provavelmente deveria ser irritante, mas não é. Usa um vestido vermelho-fogo e sandálias, com óculos de sol a prender o cabelo, um relógio grande, masculino, no pulso e… oh.

Oh, merda. Não acredito que me esqueci. Sei exatamente quem ela é.

— Disseste *olá*? — pergunta a rapariga. O sorriso aumenta. Talvez se torne um pouco sedutor. — Tens a certeza?

Dou um passo para trás, esquecendo-me de que estou numas escadas, e quase caio. Demoro alguns segundos a refletir na minha situação, enquanto agarro o corrimão para me equilibrar. Esperava evitar esta pessoa específica, pelo menos até chegarmos a Gull Cove. Mas agora que dei de caras com ela, acho que não há volta a dar.

— Tenho a certeza — digo. — Olá, Milly.

Ela pestaneja, surpreendida. Atrás de nós, alguém pigarreia.

— Com licença — diz uma voz brusca. — Quero descer.

Viro-me e vejo um idoso, de calções axadrezados e um boné dos Red Sox, atrás de mim, com um pé no primeiro degrau.

— Espere. Nós vamos subir — digo, mudando de direção.

Ele afasta-se para me deixar passar, e apoio-me na parede de um vão ao lado das escadas.

Milly segue-me com as mãos nas ancas.

— Eu conheço-te?

Merda. Não acredito que estava a galá-la. Acho que ela também não pareceu importar-se. Que confrangedor.

— Sim. Bem, mais ou menos. Sou o Jonah. — Estendo a mão. Os olhos dela arregalam-se, mas não se mexe. — Jonah Story.

— Jonah Story — repete Milly.

— O teu primo — explico.

Milly fita-me por um instante. Então aperta a minha mão tão ao de leve que os seus dedos mal tocam nos meus.

— *És* o Jonah?

— Sou.

— A sério?

Deixo a irritação transparecer na minha voz. É a minha marca registada, afinal.

— Tens problemas de audição? Já respondi que sim várias vezes.

Os olhos dela semicerram-se.

— Ah, agora, sim. Fiquei um pouco confusa com esse teu... aspeto de modelo. Confesso que é inesperado. Na minha cabeça, eras como falavas. — Não vou deixá-la provocar-me e perguntar o que ela quer dizer, mas Milly continua sem precisar de incentivo: — Tipo um gnomo com prisão de ventre.

Bravo, é criativa.

— Também é um prazer conhecer-te.

Milly franze o nariz enquanto me observa de cima a baixo.

— Porque estás todo suado?

Resisto à vontade de me cheirar para ver se tresando. Pela expressão dela, é provável.

— Não vejo como é que isso é da tua conta.

— E porque apareceste? Achavas que não fazia sentido «chegarmos juntos».

Cruzo os braços, desejando nunca ter subido. Conversar com ela deixa-me cansado. Não sei por quanto tempo conseguirei manter a conversa.

— Os meus planos mudaram.

Milly estala a língua algumas vezes antes de inclinar a cabeça, indicando-me que a siga.

— Então vamos. Mais vale conheceres a Aubrey. — Não estou com disposição para conversar com mais ninguém, e isso deve transparecer na minha cara, porque Milly revira os olhos e diz: — Confia em mim, ela vai gostar tanto como tu.

— Acho que não...

— Ei! — exclama outra voz. — Até que enfim! Pensei que te tinha perdido. — É uma rapariga da minha idade. Usa uma camisola azul de manga curta com capuz, uns calções de ginástica, e o cabelo louro preso num rabo de cavalo baixo. Tem imensas sardas, daquelas que não cobrem apenas o nariz e a cara, mas o corpo inteiro. Já vi o seu rosto nos recortes de jornal da minha pasta, apesar de ela geralmente usar uma touca de natação. O sorriso de Aubrey, dirigido a Milly, aumenta quando me vê. — Ah, desculpa. Não queria interromper.

— Não interrompes — apressa-se Milly a responder. Gesticula na minha direção como se fosse a apresentadora de um programa de televisão a mostrar um prémio que ninguém quer. — Adivinha? *Este* é o Jonah.

Aubrey arqueia as sobrancelhas. O seu olhar alterna entre mim e Milly, hesitante.

— A sério?

Milly encolhe os ombros.

— Pelos vistos.

Os olhos de Aubrey continuam a alternar entre nós os dois. Mesmo quando não sorri, o seu rosto é simpático. E sincero. Parece não ter talento nenhum para mentir.

— Estão a gozar comigo?

Chegou a altura de eu falar de novo.

— Lamento não postar a minha cara nas redes sociais como um lemingue idiota desesperado por atenção.

— Ah. — Aubrey assente. — É isso mesmo. Olá, Jonah. — Vira-se para Milly, que não tira os olhos do mar, como se estivesse a sopesar os prós e os contras de me empurrar para a água. — Não pareces um Story.

— Saio à minha mãe — digo.

Aubrey suspira e afasta uma madeixa do cabelo revolto da cara.

— Eu também. — Então respira fundo, como se estivesse prestes a mergulhar numa piscina gelada. — Anda. Vamos descer e sentar-nos um pouco. Mais vale conhecermo-nos melhor.

*

Meia hora depois, Milly chega ao seu limite. Não a conheço o suficiente para ter a certeza, mas apostaria tudo o que tenho que ela embirrou logo comigo.

Missão cumprida, acho.

— Vou buscar qualquer coisa para beber — diz ela, levantando-se da nossa mesa ao lado da janela no piso de baixo. — Aubrey, queres alguma coisa? Ou queres vir comigo?

Espero que Aubrey também vá, mas ela está distraída. De vez em quando — tipo agora mesmo —, o seu rosto inteiro parece desmoronar enquanto olha para o telemóvel. É como se estivesse à espera de alguma coisa que nunca chega.

— Não, obrigada — murmura ela.

Milly segue para as escadas, e o silêncio prolonga-se enquanto Aubrey passa metodicamente o dedo pelo ecrã do telemóvel. O meu vibra no bolso e, quando o tiro, encontro uma mensagem do contacto que salvei como JT.

Como estão as coisas?

Todos os músculos no meu corpo ficam tensos enquanto respondo:

Bem.

É só isso que tens para dizer?

Podia dizer vai-te foder, penso. Mas tudo o que digito é:

Sim. Tenho de ir.

Ignoro a vibração de uma mensagem nova e enfio o telemóvel no bolso enquanto Aubrey ajeita o rabo de cavalo, puxando-o para ficar mais apertado.

— Lamento muito pela Colónia dos Génios — diz ela.

— O quê?

Aubrey inclina a cabeça.

— É assim que a Milly e eu chamamos à colónia de férias de ciências para onde querias ir. Achas que vais ter outra oportunidade? Tipo no próximo verão, talvez? Ou é demasiado tarde?

— Demasiado tarde — respondo. — A ideia era melhorar o processo de inscrição na faculdade.

Sem Milly aqui, não consigo colocar tanto desdém nas minhas palavras como quero. Ser sarcástico com Aubrey é como pontapear um cachorrinho.

— Que pena. Eu não tinha a certeza se virias, para ser sincera. Parecias tão determinado em não aparecer.

— Parece que não tive escolha.

— Creio que nenhum de nós teve — diz Aubrey. Cruza a perna sobre o joelho e balança o pé, olhando pela janela para o céu que escurece. São cinquenta e cinco quilómetros entre Hyannis e Gull Cove, e parece que vamos encontrar uma tempestade. — Como é o teu pai? O *tio Anders*. — Pronuncia o nome como se ele fosse a personagem de um filme. — Acho que eu tinha uns cinco anos da última vez que nos vimos. Não me lembro nada dele.

— Ele é... intenso.

Os olhos azuis de Aubrey ficam distantes.

— O meu pai fala menos do tio Anders do que de qualquer outro irmão. Tipo, deve ter mais em comum com a tia Allison, e parece sentir-se algo protetor em relação ao tio Archer, mas o teu pai? Quase nunca ouço falar dele. Não sei porquê.

Engulo em seco e passo a língua pelos lábios. Estou em terreno pouco firme, e não sei o quanto devo dizer.

— O meu pai... sempre foi um pouco solitário, sabes? Acho que se sentia assim, pelo menos.

— Vocês são chegados?

Eu e aquele idiota? Nem pensar. Engulo a verdade e tento encolher os ombros com indiferença.

— Mais ou menos. Sabes como é.

— Sei. Especialmente nos últimos tempos. — A chuva começa a bater na janela ao nosso lado, e Aubrey encosta a mão em concha no vidro e olha para fora. — Será que ela vai ter connosco ao cais?

— A Milly? — pergunto. — O quê, achas que ela arranjou companhia melhor até chegarmos?

Oxalá.

— Não — responde Aubrey, rindo um pouco. — A nossa avó.

O riso apanha-me desprevenido. Aubrey e eu estamos a ficar à vontade um com o outro, e isso não é bom. Nas palavras de todos os participantes de *reality shows*: «Não vim aqui para fazer amigos.»

— Pois, até parece — digo, soltando uma risada irónica. — Ela não se deu sequer ao trabalho de mandar uma segunda carta.

O rosto de Aubrey fica sério.

— A ti também não? Escrevi-lhe seis cartas e nunca recebi resposta.

— Não escrevi carta nenhuma. O resultado foi o mesmo.

— Que *frieza*. — Aubrey estremece um pouco, mas sei que ela não está a falar da temperatura. — Não percebo. Já basta ela ter entrado em contacto connosco pela primeira vez com uma *oferta de emprego*. Como se fôssemos empregados, não parte da família. E depois não se dá sequer ao trabalho de se manter em contacto? Qual o sentido disto tudo, se ela não tem interesse em conhecer-nos?

— Mão-de-obra barata.

Estou a brincar, mas os lábios de Aubrey curvam-se para baixo. Abro a boca para dar uma desculpa qualquer e sair dali, quando tenho um vislumbre de vermelho nas escadas: Milly voltou. Isso devia apressar-me a sair dali, mas, por algum motivo, continuo no mesmo sítio.

— Prontinho, primos. — Milly equilibra quatro copos de plástico: um está cheio de um líquido transparente e enfeitado com uma fatia de lima; os outros só têm gelo. Ela senta-se ao lado de Aubrey e começa a encher os copos, distribuindo o conteúdo do que está cheio pelos três restantes até esvaziá-lo. Quando termina, entrega-me um e o outro a Aubrey.

— Um brinde a... sei lá! Conhecermos finalmente a misteriosa Mildred, acho.

Tocamos com os copos uns nos outros, e Aubrey bebe um gole demorado.

— *Iac*! — Cospe tudo. — Milly, o que é isto?

Milly oferece-lhe um guardanapo, impávida. Tira a rodela de lima do copo vazio e espreme o sumo para os nossos.

— Desculpa, esqueci-me da lima. Um *gin* tónico.

— A sério? — Aubrey faz uma careta e coloca o seu copo sobre a mesa. — Obrigada, mas não bebo. Como conseguiste comprar álcool?

— Tenho os meus métodos. — Milly observa uma fila de pessoas que descem pelas escadas para fugir da chuva, e então volta a focar-se em mim e Aubrey. — Então, agora que já sabemos todas as coisas superficiais, vamos falar a sério. O que *não estamos* a contar uns aos outros?

A minha garganta fica seca.

— Hã?

Milly encolhe os ombros.

— A nossa família caracteriza-se pelos seus segredos, certo? É o legado dos Story. Vocês devem ter alguma coisa interessante para contar. — Aponta para mim com o copo. — Desembucha.

Olho para Aubrey, que empalideceu sob as sardas. Sinto um músculo no maxilar contrair-se.

— Não tenho segredos — respondo.

— Nem eu — diz Aubrey, rapidamente.

Tem as mãos unidas sobre o colo, e parece prestes a vomitar ou chorar. Eu tinha razão: ela é uma péssima mentirosa. Ainda pior do que eu.

Mas Milly não está interessada em atazanar Aubrey. Vira-se para mim e inclina-se para a frente, o seu relógio enorme a deslizar pelo braço enquanto apoia o queixo na mão.

— Toda a gente tem segredos — diz ela, tomando um gole da bebida. — Isso é certo. A única dúvida é se estás a guardar os teus ou os de outra pessoa.

Uma gota de suor forma-se na minha testa, e resisto à vontade de limpá-la enquanto emborco metade da minha bebida. Não gosto de *gin*, mas qualquer coisa serve para ajudar. Tento exibir uma expressão meio entediada, meio irritada.

— Não podem ser as duas coisas?

A chuva fustiga a janela atrás de Milly enquanto os olhos dela encontram os meus.

— No teu caso, Jonah? — pergunta ela, levantando uma sobrancelha perfeitamente arqueada. — Imagino que sim.

CAPÍTULO 4

Milly

— Não é muito impressionante, pois não? — pergunta Jonah.

Lanço-lhe um olhar discreto por cima de Aubrey. A chuva desapareceu e estamos no convés superior, a assistir à nossa chegada a Gull Cove. Jonah apoia os antebraços na amurada e inclina-se para a frente, o vento a despentear o seu cabelo castanho-escuro, ondulado, que está entre o louro de Aubrey e o meu quase preto. O queixo bicudo de quando era criança transformou-se num maxilar quadrado, e o aparelho fez maravilhas aos seus dentes. Não que ele sorria muito.

— Eu acho bonito! — exclama Aubrey, falando mais alto para conseguir ser ouvida por cima do barulho do motor do *ferry*.

O barco inclina-se de repente, lançando espuma branca no ar. Com uma das mãos, agarro-me com força, e uso a outra para me entregar a um hábito nervoso que a minha mãe detesta: morder o nó do polegar. A minha pele húmida sabe a sal, mas é melhor do que o cheiro a fumo de escape que respiramos.

— Eu também — digo.

As minhas palavras são automáticas, um desejo involuntário de discordar de Jonah, mas ele tem razão. Mesmo de longe, a ilha parece comum e banal, cercada por uma faixa de areia amarelo-clara que mergulha num mar que é quase do mesmo tom de cinzento que as nuvens densas e baixas que nos cercam. Casinhas brancas salpicam a costa contra o fundo de árvores baixas, e o único ponto colorido é o farol bege com riscas azuis.

— É tão pequena — acrescenta Aubrey. — Espero que não nos sintamos presos aqui.

Tiro o dedo da boca e baixo o braço, sentindo o peso do meu relógio a escorregar até ao pulso. O velho *Patek Phillippe* do meu avô foi a única lembrança que a minha avó deu à minha mãe antes de se afastar. Por mais vezes que a minha mãe o tenha mandado reparar, o relógio recusa-se a funcionar. Marca sempre três horas, portanto, duas vezes por dia — como agora, provavelmente — está certo.

— Acho que vamos ser tão explorados pela Mildred que nem daremos pelo tamanho — afirmo.

Aubrey olha para mim.

— Chamas-lhe Mildred?

— Chamo. E tu?

— Avó. O meu pai diz sempre «a tua avó», por isso... — Vira-se para Jonah. — Como é que tu lhe chamas?

— Nada — responde ele, sucinto.

Passamos alguns minutos em silêncio enquanto o *ferry* continua a aproximar-se da costa. As casas brancas tornam-se maiores, a faixa amarela de areia torna-se mais definida e, em breve, estamos a passar tão perto do farol que consigo ver pessoas a caminhar à sua volta. O cais está cheio de barcos, a maioria muito mais pequenos do que o nosso, e deslizamos suavemente para o espaço entre dois deles.

— Bem-vindos à ilha de Gull Cove! — anuncia o capitão nos altifalantes enquanto o barulho do motor cessa de repente.

— Está cheia — diz Aubrey, nervosa, analisando a multidão no cais lá em baixo.

— Este lugar é uma armadilha para turistas — diz Jonah, endireitando-se e virando-se para as escadas. — Viram quanto custa um quarto no Gull Cove Resort? As pessoas estão malucas. — Abana a cabeça. — As praias são muito melhores em Martha's Vineyard ou em Nantucket, mas, de alguma forma, ser a pior e a menor ilha tornou-se uma vantagem. Porque está «longe da confusão».

Quando nos aproximamos da saída do *ferry*, Jonah desvia-se para um lado e tira um saco de viagem velho de debaixo de uma poltrona.

— Onde estão as vossas coisas? — pergunta-nos ele.

— Despachámo-las quando chegámos — respondo, olhando para o saco dele. — Só trouxeste isso?

Jonah pendura o saco ao ombro.

— Não preciso de muita coisa.

Juntamo-nos ao fluxo de pessoas que sai do *ferry*, seguindo pela rampa estreita que nos leva do barco para o cais. A malta está pronta para as férias. Apesar do tempo nublado, envergam todos calções, óculos escuros e bonés. O meu vestido vermelho parece completamente deslocado, apesar de eu o usar por um motivo específico. Era da minha mãe no secundário, uma das poucas coisas que ela guardou que ainda consigo usar hoje. Vesti-lo parece uma forma subtil de provocar

a minha avó por nos trazer até aqui sem falar com os filhos primeiro. *Eles ainda existem, Mildred, mesmo que não queiras admiti-lo*.

A rampa do *ferry* conduz-nos a um caminho largo de pedra, ladeado por construções de madeira em tons alternados de branco e cinzento. Assim que chegamos à estrada, respiro fundo, e sobressalto-me um pouco quando sinto o cheiro a madressilva misturado com o ar salgado. É o perfume clássico da minha mãe, mas nunca senti o aroma natural antes.

Uma fila de carrinhos com as bagagens ocupa um lado do caminho de pedra. Aubrey e eu encontramos o número 243, como fomos instruídas quando um funcionário recebeu as nossas malas.

— Aqui estão — diz Aubrey, parecendo aliviada enquanto pega na mala e na mochila.

Vou buscar as minhas coisas. Atrás de mim, Jonah solta uma risada incrédula enquanto puxo duas malas grandes de rodinhas, outra mais pequena e a mala do portátil.

— Isso não pode ser tudo teu — diz ele. Quando não respondo, acrescenta: — Trouxeste o roupeiro completo?

Nem de longe, mas ninguém precisa de saber isso (nem que a mala mais pequena só tem sapatos).

— Vamos passar aqui dois meses — respondo.

Jonah semicerra os olhos enquanto analisa as minhas malas. São *Tumi*, com revestimento de alumínio nacarado, e imagino que, se não souberem que foram compradas em segunda mão no eBay pela minha mãe, talvez pareçam um pouco pomposas. Ainda mais no meio desta malta de calções e *t-shirts*. Os visitantes de Gull Cove têm dinheiro — e muito —, mas não ostentam. Isso faz parte do alegado encanto do lugar.

— Pelos vistos, a tia Allison está bem na vida — comenta Jonah.

— Ah, por favor! — rebato. — Tu ias passar o verão numa colónia de férias de ciências toda finória, portanto não me venhas julgar por trazer opções de roupa.

— Só que eu não podia pagar a colónia — diz Jonah. Algo parecido com fúria surge por alguns segundos no seu rosto antes de ele voltar a exibir a habitual expressão meio entediada, meio desdenhosa. — E agora estou preso aqui.

Controlo-me antes de responder com um «que sorte a nossa». Não sei muito sobre a situação financeira dos meus primos. Sei que a mãe de Aubrey é enfermeira e que o pai passou os últimos dez anos a tentar escrever outro livro, portanto devem ter uma vida confortável, mas não cheia de dinheiro. A situação dos pais de Jonah é mais obscura. Alegadamente, o tio Anders é consultor financeiro, mas do tipo que trabalha por conta própria, não para uma empresa. Há algumas semanas, enquanto eu tentava encontrar informações sobre a família de Jonah na Internet, deparei-me

com um artigo pequeno sobre o tio Anders no *Providence Journal*, em que um ex-cliente insatisfeito lhe chamava «Bernie Madoff de Rhode Island».

Eu não sabia quem esse tipo era, portanto pesquisei. Parece que Bernie Madoff era um consultor financeiro que foi preso depois de roubar milhares de investidores num enorme esquema de pirâmide. Senti uma certa excitação quando descobri isso — a nossa família foi sempre estranha, mas nunca criminosa —, até continuar a ler. Por fim, apesar de alguns ex-clientes terem feito denúncias por fraude, só conseguiram provar que o tio Anders fizera más recomendações financeiras. A história não era suficientemente grande para chegar aos jornais de Nova Iorque, portanto a minha mãe não soube de nada. Não pareceu muito admirada quando lhe contei.

— Ninguém com o mínimo de bom senso pediria ajuda ao Anders para administrar o seu dinheiro — disse ela.

— Porquê? — perguntei. — Ele não é um génio?

— Sim, mas só se importa em beneficiar uma pessoa, que é ele próprio.

— E a tia Victoria? Ou o Jonah? — questionei.

A minha mãe apertou os lábios.

— Estou a falar de negócios, não de família.

Mas, pela sua cara, a opinião que tinha sobre esses relacionamentos também não era das melhores. O que talvez tivesse ligação com a expressão amargurada de Jonah.

Aubrey olha para a multidão animada que nos rodeia.

— Não há sinal da nossa avó — diz ela com tristeza, como se esperasse realmente que Mildred viesse buscar-nos. — Apanhamos um táxi?

— Acho que sim, mas não vejo nenhum. — Semicerro os olhos por causa do sol e baixo os óculos escuros, ajeitando a armação de tartaruga sobre o nariz.

— Allison. — Só depois de o nome ser repetido algumas vezes e de Jonah franzir a testa, é que procuro a pessoa que está a falar. Um idoso de cabelo branco e aparência frágil está parado atrás de mim, com olhos castanhos lacrimejantes fixados no meu rosto. — Allison — repete ele em voz baixa e hesitante. — Voltaste! Porque voltaste?

— Eu...

Alterno o olhar entre o homem e os meus primos, sem palavras. Já me disseram que pareço a minha mãe — «é surpreendentemente parecida», comentam às vezes, olhando de soslaio para o meu pai —, mas acho que nunca antes fui confundida com ela. Será o vestido? Os óculos? Ou o homem está simplesmente senil?

— A Mildred sabe? — interroga o homem, parecendo nervoso. — Ela não vai gostar disto, Allison. Não vai gostar nada.

A minha nuca arrepia-se.

— Não sou a Allison — digo, tirando os óculos.

O homem sobressalta-se e dá um passo atrás, prendendo o calcanhar do sapato numa pedra. Quase cai, mas Aubrey lança-se para a frente com uma velocidade impressionante e segura-o pelo braço.

— O senhor está bem? — pergunta ela. O homem não responde, ainda a olhar para mim como se tivesse visto um fantasma. — Parece que conhece a nossa avó? Mildred Story? Esta é a Milly, filha da Allison, e eu sou a Aubrey. O Adam Story é o meu pai. — Aponta para Jonah com a mão livre. — E este é o Jonah, que é...

— Adam — diz o homem com uma voz fraca. — O Adam está aqui?

— Ah, não — responde Aubrey, com um sorriso radiante. — Só eu. Sou a filha dele.

O homem parece aflito e perdido, tateando com a mão o bolso vazio do casaco de malha como se tivesse acabado de reparar que se esqueceu de algo importante.

— O Adam tinha potencial para ser grande, não tinha? Mas desperdiçou tudo. Que rapaz tolo. Podia ter mudado tudo com uma palavra.

O sorriso de Aubrey desaparece.

— Podia ter mudado o quê?

— Avô! — exclama alguém. Viro-me e vejo uma rapariga da nossa idade a aproximar-se a passos largos. É baixa e musculada, tem pele morena, sardas e uma nuvem de cabelo escuro. Os seus pulsos estão cheios de pulseiras de couro entrançadas. — Disse-te para esperares diante da Sweetfern! Foi impossível estacionar por causa dos malditos turistas... — Para quando nos vê, rodeados de malas, com Aubrey a suster o seu avô. — Quero dizer, os *recém-chegados*. Ele está bem? — pergunta com uma certa ansiedade na voz.

O homem pestaneja devagar algumas vezes, como se estivesse a tentar focar-se na neta.

— Estou bem, Hazel. Muito bem — murmura ele. — Só um pouco cansado.

Hazel segura o braço do avô, e Aubrey dá um passo atrás.

— Acho que o sobressaltámos — diz ela no tom de quem pede desculpa, apesar de ter acontecido o contrário. — Parece que ele conhece a nossa avó.

— A sério? — pergunta Hazel. — Quem é a vossa avó?

— Hum, Mildred Story?

Aubrey fala como se não tivesse a certeza de que o nome será reconhecido, mas os olhos da rapariga arregalam-se. No rosto dela, que antes estava nervoso e preocupado, surge um grande sorriso.

— Não me digas! Vocês são da família Story? O que vieram fazer aqui?

— Vamos trabalhar no *resort* da nossa avó durante o verão — responde Aubrey.

Os olhos de Hazel saltitam entre nós os três, cheios de interesse.

— Uau. Esta é a primeira vez que vêm a Gull Cove? — Aubrey e eu assentimos, e ela aperta o braço do avô. — Avô, porque não me disseste que os netos da senhora Story vinham passar o verão aqui? Devias saber, certo?

— Não — responde o velho, remexendo no bolso do casaco outra vez.

— Talvez te tenhas esquecido. — A rapariga vira-se para nós e acrescenta baixinho: — O meu avô está com princípio de demência. Tem dias bons, mas às vezes fica muito confuso. Ele é amigo da senhora Story, foi médico da família, por isso conhecia muito bem os vossos pais. Sou a Hazel Baxter-Clement, a propósito. O meu avô é o doutor Fred Baxter.

Reconheço o nome de imediato.

— Claro! A minha mãe costumava dizer que ele devia ser o único médico vivo que ainda fazia visitas ao domicílio.

Hazel sorri.

— Bom, aos membros da *vossa* família.

— O meu pai dizia a mesma coisa — comenta Aubrey. — E também que o teu avô o ajudou a voltar a jogar lacrosse na escola depois de ele magoar o joelho.

Olhamos para Jonah, esperando outra lembrança, mas ele apenas olha para o telemóvel, mal-educado como sempre. A seguir vira o ecrã para mim e Aubrey.

— O Yield diz que temos de ir até Hurley Street para apanhar um táxi.

— A Hurley fica ao virar da esquina — diz Hazel, apontando para a esquerda. Agarro na pega das minhas malas enquanto ela acrescenta: — Ei, talvez isto pareça um pouco estranho, uma vez que acabámos de nos conhecer, mas... no semestre passado, fiz um trabalho que falava da vossa família. Comecei a tirar História na Universidade de Boston, e tenho um projeto sobre os primeiros colonos com descendentes que estão a dar-se bem na era da informação. O meu orientador gostou muito do primeiro trabalho e quer que eu desenvolva mais o assunto no outono. Há alguma possibilidade de eu vos entrevistar? — Esboça um sorriso simpático quando nenhum de nós responde. — Só perguntas fáceis, prometo.

— Hum. — Volto a por os óculos escuros para evitar o olhar de Hazel. Até perguntas fáceis são complicadas quando se é um Story. — Acho que vamos estar bastante ocupados.

— Claro. Posso dar-vos o meu número para o caso de terem algum tempo livre? Ou se quiserem saber o que fazemos aqui para nos divertirmos. Posso mostrar-vos a ilha. — Hazel olha para Jonah, que ainda segura o telemóvel, e diz rapidamente o número. Não sei se ele o gravou mesmo ou se só fingiu. — Aproveitem o vosso primeiro dia. Anda, avô, vamos comer um gelado.

O Dr. Baxter estivera apoiado no braço da neta em silêncio enquanto conversávamos, mas a voz de Hazel parece acabar com os seus devaneios. Olha para mim de novo, franzindo o rosto e curvando a boca para baixo.

— Não devias ter voltado, Allison.

Hazel emite um estalido com a língua.

— Avô, esta não é a Allison. Estás baralhado. — Sorri para nós e acena antes de guiá-lo para o café atrás de nós. — Até breve.

Aubrey fica a olhar para os dois enquanto desaparecem dentro do estabelecimento.

— Que estranho — diz ela. Então ajeita a mochila no ombro, agarra na pega da mala e segue na direção de Hurley Street.

Hesito, olhando para as minhas malas, até Jonah respirar fundo e agarrar nas duas maiores.

— Consegues levar o resto, princesa? — pergunta ele por cima do ombro enquanto as puxa sobre as pedras.

— Consigo — resmungo num tom antipático.

Tinha-lhe agradecido se ele não me tivesse chamado princesa.

*

— Uau! — exclama Jonah quando o nosso taxista para.

O Gull Cove Resort fica no lado da ilha oposto ao cais. Caso contrário, nunca teria passado despercebido para nós. O estilo arquitetónico é uma mistura de mansão vitoriana com um *spa* de praia moderno e luxuoso, o que combina melhor do que seria de esperar. Também é o maior edifício que vi na ilha até ao momento, com três andares e sei lá quantas assoalhadas de largura. Está pintado de um branco imaculado, os arbustos em flor estão bem aparados e cheios de cor, e a relva é incrivelmente verde. Até o caminho de acesso parece recém-pavimentado.

— Desfrutem da vossa estadia — diz o taxista, saindo do carro para nos ajudar a tirar as malas. — Vão cá ficar bastante tempo, hã?

Entrego-lhe uma nota de dez dólares por a corrida que custou sete.

— Bem pode dizê-lo.

Aubrey está a consultar o seu telemóvel.

— Temos de ir buscar o nosso *kit* de boas-vindas ao gabinete do Edward Franklin — informa ela. — Rés-do-chão, perto da entrada.

— Vamos deixar esta porcaria aqui — diz Jonah, arrastando todas as malas e sacos para um canto. Revira os olhos ao ver a minha expressão hesitante. — Ora, vá lá. Os quartos mais baratos aqui custam oitocentos dólares por noite. Ninguém vai roubar as tuas coisas.

— Cala-te — resmungo, pegando na mala do portátil e empurrando Jonah com o corpo a caminho da porta principal. Sempre que aquele rapaz abre a boca, pergunto-me se a ideia de passar o verão inteiro aqui foi um erro.

Um rececionista sorridente no átrio espaçoso e amplo indica-nos como chegar ao gabinete de Edward Franklin. Passamos pelos elevadores e entramos num corredor

estreito com uma carpete felpuda. Estou tão distraída a olhar para as fotografias emolduradas nas paredes — desejosa de ter um vislumbre da minha avó, ou talvez da minha mãe, entre os hóspedes sorridentes —, que quase choco com Aubrey quando ela para de repente.

— Boa tarde? — chama ela, batendo à porta. — É aqui que recolhemos as nossas coisas?

— Sim — responde uma voz alegre. — Entrem, entrem.

Entramos num gabinete pequeno dominado por uma enorme secretária de nogueira. Um homem sorridente está sentado atrás dela, rodeado por pilhas de pastas. Tem o cabelo louro-esbranquiçado penteado para o lado — como o Draco Malfoy —, veste uma camisa branca imaculada e uma gravata com peixes azuis.

— Olá. Desculpem a desarrumação — diz ele. — Estamos um pouco desorganizados de momento.

— O senhor deve ser o Edward — declaro.

É uma suposição lógica, tendo em conta que ele está sentado no gabinete de Edward. Mas a versão simpática de Draco abana a cabeça.

— Não. Sou o Carson Fine, diretor do Gull Cove Resort. Estou a acumular os dois cargos até encontrarmos o substituto do Edward.

— O quê? — Franzo a testa. — Ele não está cá?

— Foi-se embora há dois dias — responde Carson. — Uma partida algo abrupta, mas não se preocupem. O programa de contratos de verão continua sem ele. Só preciso do vosso nome, por favor.

— Milly Story-Takahashi, Aubrey Story e Jonah Story — respondo.

As mãos de Carson imobilizam-se sobre o teclado.

— A sério? Sabem que têm o mesmo apelido da dona do *resort*? Que coincidência. Acho que nunca recebemos um Story antes. Agora temos três. — Semicerra os olhos azuis. — É uma pena não serem familiares, hã?

Jonah pigarreia enquanto Aubrey e eu trocamos olhares surpreendidos. Como é que este tipo não sabe quem somos? Seria de esperar que as pessoas daqui falassem sobre isso, mesmo que não estivessem encarregados do programa de contratos de verão.

— *Somos* familiares — digo. — Somos os netos dela.

— Claro, seria uma maravilha. — Carson ri-se. Quando mais ninguém sorri, o sorriso dele esmorece. — Esperem... estão a falar a sério?

— O Edward não lhe contou? — pergunto. — Andamos a falar com ele desde abril. — E a seguir, porque sinto uma necessidade súbita de provar o que digo, tiro uma pasta com a nossa correspondência da mala do portátil. — Está tudo aqui, se quiser ler.

Carson aceita a pasta, mas mal olha para o conteúdo antes de devolvê-la.

— Ele não me contou nada. Inacreditável! Oh, Edward, seu incompetente. Se não te tivesses demitido, eu mandava-te embora. Vamos ver se ele deixou alguma coisa anotada. — Carson digita furiosamente no teclado enquanto aguardamos num silêncio confrangedor. De repente, o rosto dele anima-se. — Certo, não estou a ver nenhum registo, mas felizmente a vossa avó está aqui no *resort*. Acabámos de remodelar o salão para o Baile de Gala de Verão, e ela veio fazer uma visita. Se esperarem um bocadinho, posso ir buscá-la.

Os olhos de Aubrey arregalam-se de pavor.

— O quê, agora?

Carson levanta-se de um pulo com a energia de uma pessoa determinada a reparar um erro imperdoável.

— Já que estamos com a mão na massa. Volto já!

Dirige-se rapidamente para o corredor, deixando-nos diante da secretária, nervosos.

Limpo as mãos suadas na saia do vestido. Pensei que estava preparada para conhecer a minha a avó, mas... não estou. A minha mente desliga-se. O escritório estaria em silêncio se não fosse pela música ambiente. Após uns quantos segundos, reconheço um acorde e quase solto uma gargalhada. É *Africa*, dos Toto, a canção favorita da minha mãe. No único vídeo da família que possui — que eu vi dezenas de vezes —, ela e os meus tios estão a cantar *Africa* na praia, quando eram pequenos.

A canção é uma banda sonora estranhamente adequada para os passos que se aproximam, acompanhados pela voz animada de Carson.

— Que sorte tê-la apanhado antes de se ir embora, senhora Story!

Ouço Aubrey engolir em seco, e então... ei-la. Mesmo à minha frente pela primeira vez na vida. A esquiva, excêntrica e misteriosa Mildred Story.

A minha avó.

Analiso-a aos poucos. Primeiro, as joias, porque é claro que repararia nisso. Mildred usa uma fiada dupla de lustrosas pérolas cinzentas, que contrastam com o seu elegante fato preto, e brincos pendentes a condizer. Os seus saltos são impressionantes para uma mulher na casa dos setenta e a indumentária é complementada por um chapéu com um pequeno véu. Parece que vai para o funeral de algum velho estadista. A sua mala é preta e resplandecente, de pele de crocodilo, com um fecho dourado característico na frente. Já vi suficientes *Birkins* falsas em Nova Iorque para saber reconhecer as que custam vinte mil dólares.

As famosas maçãs do rosto proeminentes de Mildred suavizaram-se com a idade, mas ela continua a arranjar-se tão impecavelmente como em todas as fotografias que vi dos seus tempos de juventude. O pormenor mais chamativo é o cabelo:

apanhado num coque baixo, é de um branco tão puro, tão semelhante à neve, que não acredito que seja natural.

O olhar dela passa por Aubrey e Jonah — que não se parecem nada com os pais — antes de se focar em mim com um brilho de reconhecimento.

— Então é verdade — diz ela em voz baixa. — Estão mesmo aqui.

Tenho de lutar contra uma vontade irracional de fazer uma vénia.

— Obrigada por nos convidar.

Mildred respira fundo, franzindo as sobrancelhas.

— Por vos convidar — repete ela. Olhamos uns para os outros até Carson pigarrear com nervosismo, e o rosto da nossa avó se transformar numa máscara inexpressiva. — De facto — diz ela, trocando a *Birkin* de braço —, devem estar cansados da viagem. Carson, leve-os por favor à residência. Vou pedir à minha assistente para vos contactar e marcar uma hora melhor para conversarmos.

Atrás dela, Carson parece arrasado.

— Sim, claro — diz ele. — Desculpe. Devia ter feito isso imediatamente.

— Por favor, não se preocupe com isso — diz Mildred num tom gélido. — Está tudo bem.

Mas eu sei a verdade. Nos segundos antes de a minha avó recuperar a compostura, um dos meus pensamentos confusos destacou-se do resto com uma clareza absoluta e penetrante.

Ela não fazia a menor ideia de que vínhamos para cá.

ALLISON, DEZOITO ANOS

Junho de 1996

O *ferry* chegava do lado oposto da ilha. Assim, quando Allison se sentou na varanda superior de Catmint House, tudo o que viu diante dela foi a água calma a fundir-se com o céu azul. Mas a agitação na casa não deixava dúvidas: a temporada de verão estava prestes a começar e, em breve, os irmãos chegariam a casa.

A mãe quisera dar uma festa para comemorar o regresso de Adam e Anders, mas, antes sequer de começar os preparativos, ficara assoberbada com a quantidade de trabalho envolvido. De modo que a sua assistente, Theresa, se encarregara de tudo como a salvadora silenciosa e eficiente em que se tornara desde a morte do pai de Allison, seis meses antes. Agora, um pequeno exército de pessoas preparava a casa para a festa da noite: penduravam luzinhas em todas as árvores, montavam um palco temporário para a banda e montavam tendas brancas no relvado lateral, onde os convidados comeriam lagosta, mexilhão e a especialidade de Gull Cove: ovos de codorniz à russa. Allison não conseguia ver a praia, mas sabia que havia uma equipa a organizar o fogo de artifício que meteria num canto o da maioria das grandes cidades americanas no Quatro de Julho.

— Será que teremos uma receção igual quando voltarmos da faculdade?

O irmão mais novo de Allison, Archer, sentou-se na cadeira ao seu lado com um sorriso. As pernas dele pendiam do assento de forma desajeitada. Só aos dezassete anos é que Archer alcançara o metro e oitenta e dois de Adam. Ainda não sabia o que fazer com os membros recém-adquiridos.

— Bom, a mãe não deu uma festa para o Adam no verão passado — observou Allison. O irmão mais velho tinha ido para Harvard dois anos antes, e o segundo mais velho, Anders, juntara-se a ele no outono anterior. Allison quebraria a tradição

da família quando fosse para a Universidade de Nova Iorque em setembro. — Acho que as coisas estão diferentes este ano.

— Eu sei. — Archer curvou os ombros largos, parecendo subitamente muito mais pequeno e mais novo. — É estranho, não é? A casa está tão cheia agora, mas continua... vazia.

O nó na garganta de Allison apertou-se.

— Não parece uma festa dos Story sem o pai — disse ela, e Archer esboçou um sorriso triste.

— Sobretudo com mexilhão como prato principal. Caramba, como ele os detestava. — Archer engrossou a voz, imitando o pai juntamente com Allison: — «Ranho do mar.» — Soltaram uma gargalhada, e Archer acrescentou: — Quero dizer, ele não estava errado. Por mais manteiga, natas e sal ou lá o que se mete naquelas coisas, elas continuam a ser nojentas.

Na maioria dos dias desde a morte do pai, Allison tinha a sensação de que o vazio deixado pela sua presença exuberante nunca poderia ser preenchido. Era o tipo de perda que choraria toda a vida. Mas de vez em quando, geralmente em momentos de tranquilidade como aquele com Archer, conseguia imaginar um momento no futuro em que as memórias se tornariam mais doces do que amargas. Uma parte dela queria continuar a falar do passado, mas, nos últimos meses, tinha aprendido que era impossível não sofrer com isso. Se se permitisse ficar a remoer a sua tristeza antes da grande noite da mãe, seria difícil exibir a expressão alegre que esperavam dela.

Archer parecia pensar o mesmo. Recostou-se na cadeira, unindo as mãos atrás da cabeça e cruzando as pernas pelos tornozelos, utilizando a nova posição para indicar uma mudança repentina de assunto.

— Numa escala de um a dez — disse ele —, quanto achas que Harvard deixou o Anders mais intragável?

— Vinte — respondeu Allison, e riram-se os dois.

— É provável. Mas vai ser bom ver o Adam — continuou Archer. Idolatrava o irmão mais velho com uma intensidade que Allison não partilhava. Mesmo assim, sentia-se contente por Adam estar de regresso. Ninguém fazia a sua mãe sorrir como o primogénito da família. — Falámos antes de ele se vir embora, e concordou em ir à festa do Rob Valentine no sábado — acrescentou Archer. — Agora só temos de convencer o Anders.

— *Eu* nunca disse que ia — lembrou Allison.

Todos os filhos da família Story tinham saído da ilha aos doze anos para estudar num colégio interno nos arredores de Boston, e apenas Archer mantivera — e consolidara — as amizades que fizera na primária de Gull Cove. Nos últimos anos,

passara todas as férias a tentar convencer os irmãos a irem com ele a alguma festa. Nenhum dos outros três se integrara tão bem na ilha como o mais novo.

— Vamos, vai ser divertido — encorajou Archer.

Allison revirou os olhos.

— Não aprendeste nada com o fiasco da Kayla e do Matt?

— Já toda a gente se esqueceu disso — disse Archer.

— O Anders não esqueceu. — Allison endireitou-se de repente, inclinando a cabeça. — A mãe está a chamar-me?

— Não ouç... — começou Archer, parando de falar quando um longínquo porém audível «Allison!» veio do interior da casa. — Enganei-me. Os teus ouvidos supersónicos atacam mais uma vez.

Allison levantou-se e atravessou a varanda, abrindo a porta de vidro no momento em que a mãe entrava na sala anexa.

— Ah, Allison! Ainda bem que te encontrei.

A mãe já se arranjara para a festa: trazia um vestido branco justo, sandálias prateadas e joias com diamantes amarelos. O cabelo escuro fora apanhado num coque frouxo, com algumas madeixas posicionadas com precisão para lhe amenizar as feições angulosas. Os lábios exibiam o batom vermelho que era a sua marca registada, e os olhos estavam impecavelmente esfumados, como sempre. Teria de se olhar com muita atenção para notar a tensão no seu rosto. Mildred Story não tinha um talento natural para ser anfitriã; contara sempre com a simpatia do marido para sair airosa de eventos sociais.

— Podes ir às tendas e depois dizer-me o que achaste das flores? — pediu ela. — A Theresa encomendou tudo na loja nova de Hurley Street. Brewer Floral, acho que se chama assim. Ou algo do género. Nunca comprámos lá nada, e receio que ela só tenha feito isso porque o Matt começou a trabalhar lá. Acabei de ver os arranjos, e acho que estão um pouco desequilibrados.

— Desequilibrados? — repetiu Allison.

— Com jarros em excesso — explicou a mãe.

Retorceu as mãos, encarando-as com o cenho franzido. Aquela era uma nova mania. Recentemente, a mãe tinha-se convencido de que as suas mãos denunciavam o facto de estar a aproximar-se dos cinquenta de uma forma que o seu rosto ainda não mostrava. Allison separou-as com delicadeza e apertou-as de forma tranquilizadora.

— Tenho a certeza de que as flores estão lindas, mas vou dar uma olhadela — disse, saindo e fechando a porta.

Sabia o que o pai diria se estivesse ali: «O teu dever agora, Allison, independentemente da tua opinião, é garantir à tua mãe que cada arranjo contém a quantidade perfeita de jarros.» E era isso que faria.

Descalça, Allison atravessou o chão de madeira polida e mármore da casa, parando na entrada lateral para calçar as sandálias que lá tinha deixado. Quando saiu para o jardim, notou que ali o barulho era muito mais alto do que na varanda, com vozes a misturarem-se com os ruídos da montagem e com os dedilhados de guitarra do *sound check* da banda. O aroma a madressilva dominava tudo, proveniente dos arbustos na fachada lateral de Catmint House. Allison dobrou uma esquina e quase esbarrou em duas pessoas paradas lado a lado a analisar o mar de tendas brancas adiante.

— Olá, Allison. — O advogado da mãe, Donald Camden, amparou-a. — Para onde vais com tanta pressa?

— Oh, bem... — Allison perdeu o fio à meada ao ver a assistente da mãe, Theresa Ryan, ao lado dele. Não podia dizer que descera para ver se Theresa tinha escolhido uma florista medíocre por nepotismo. — Só queria dar uma olhadela.

Theresa esboçou um sorriso caloroso. Também era viúva, mas, ao contrário de Mildred, não temia aparentar a idade. De cabelo grisalho e um pouco roliça, usava vestidos simples e sapatos confortáveis independentemente da ocasião.

— Depois diz-me o que achaste — pediu ela, baixando a voz para um tom conspirador enquanto pousava a mão no braço de Allison. — Aqui entre nós, o nível de exigência da tua mãe é um bocadinho assustador.

— E eu não sei? — retorquiu Allison com uma risada, aliviada com a desculpa para poder bisbilhotar.

Endireitou as costas e os ombros enquanto cruzava o relvado pelo caminho que era aberto pelas pessoas ao reconhecê-la. Geralmente, o seu objetivo nas festas dos pais era passar despercebida, mas, naquele dia, seria diferente. A mãe precisava que ela se comportasse como uma anfitriã, não como uma adolescente tímida.

Quando Allison entrou na tenda mais próxima, parou um instante para admirar o bom gosto de Theresa. Tudo estava lindo: as toalhas de mesa brancas, as cadeiras almofadadas com laçarotes brancos de gaze nas costas, os talheres brilhantes, os cristais cintilantes e, sim, as flores. Ocupavam jarras brancas resplandecentes no centro de cada mesa, cheias de rosas de cor creme, orquídeas verde-lima, algum tipo de suculenta emplumada que ela não sabia identificar e impressionantes jarros cor-de-rosa.

Seria incapaz de imaginar algo mais perfeito.

— Aprovados, Allie? — perguntou uma voz atrás de si.

Allison virou-se e viu o filho de Theresa, Matt, com uma *t-shirt* da Brewer Floral. A sua postura cuidadosamente criada desapareceu de imediato.

— Ninguém me chama isso — respondeu ela.

— Que pena — disse Matt. — Combina contigo. Talvez eu consiga fazer a moda pegar. — Allison continuou em silêncio até Matt acrescentar: — A sério, ficou

bem? A minha mãe está a passar-se com esta festa. Se eu tiver de devolver cinquenta arranjos de flores, é capaz de ter um ataque cardíaco.

— Os arranjos estão lindos — disse Allison, e Matt limpou o suor imaginário da testa.

— Acabaste de melhorar o ano dela.

Allison mordeu o lábio para não sorrir. Matt era bonito, encantador e, apesar da sua ligação com Theresa, *persona non grata* entre os irmãos Story. Haviam tido uma boa relação até ao Natal anterior, quando Matt começara a sair com Kayla Dugas, uma rapariga da ilha com quem Anders tinha uma relação instável. Matt e ela só tinham estado juntos dois meses, mas foi o suficiente para transformá-lo no arqui-inimigo de Anders para o resto da vida. Agora que parava para pensar, via que os irmãos só se referiam a Matt como «aquele cabrão do Matt Ryan», há já algum tempo.

— O Anders deve estar a chegar — disse ela sem querer, e o sorriso de Matt esmoreceu.

— Obrigado pelo aviso — respondeu ele. — É melhor eu desaparecer. — O rapaz olhou em volta e acrescentou: — Afinal, não sou convidado nem nada.

— Não... não quis...

Céus. Não quisera correr com Matt dali. Por lealdade a Anders, devia estar zangada com ele, mas o problema era que o irmão se dedicava tanto a Kayla como a qualquer outra coisa que não fosse Anders Story. Por outras palavras: quase nada. E Matt era... Matt.

Ele sorriu.

— Não há problema. Se gostaste das flores, o meu trabalho aqui está terminado. — Aproximou-se a franzir os olhos azuis enquanto analisava a *t-shirt* desbotada e os calções de ginástica dela. — É isso que vais usar hoje? Agrada-me. O estilo descontraído típico da ilha.

Allison sabia que era uma brincadeira. Mesmo assim, teve de responder:

— A minha mãe morreria mil vezes e depois voltaria para me matar.

Matt aproximou-se ainda mais.

— Ela matava-te se aceitasses tomar um café comigo na próxima semana?

Calma lá. Matt Ryan estava a convidá-la para sair? Allison abriu a boca para responder — o quê?, não fazia a mínima ideia — e depois fechou-a quando um rosto familiar surgiu à entrada da tenda. Bonito, animado e um tanto arrogante. Adam. O irmão mais velho tinha chegado de Boston, o que significava que Anders devia estar logo atrás dele. Allison endireitou mais uma vez os ombros, esboçou o seu sorriso característico da família Story e disse:

— Tenho a certeza de que ela não se importaria nada. Vamos marcar para um dia destes. Mas agora tenho de ir. Com licença.

Abraham Story podia já não estar ali, mas Allison sabia exatamente o que ele diria se a visse dividida entre os irmãos e o rapaz de quem gostava.

«Família em primeiro lugar, sempre.»

— Ei, já chegaram! — gritou Allison, esticando os braços para receber os irmãos.

CAPÍTULO 5

Aubrey

— Que tal estou? — pergunta Milly, virando-se diante do roupeiro com a mão na anca. Tem o cabelo escuro e comprido solto, e veste umas calças de ganga brancas e uma blusa de alças larga com flores prateadas e cor-de-rosa.

— Estás linda — respondo com sinceridade.

Passo a mão pelo cobertor verde puído sobre a minha cama enquanto espero que a minha prima acabe de se arranjar. A residência dos funcionários de verão não é tão luxuosa como o *resort* em si. Milly e eu dividimos um quarto pequeno, simples, mobilado apenas com camas, cómodas embutidas e duas secretárias com cadeiras de madeira. As casas de banho ficam ao fundo do corredor e, se quisermos ver alguma coisa na televisão grande ou sentarmo-nos em algo com uma almofada a sério, temos de ir até à sala comum. O espaço entre as nossas secretárias foi ocupado pelas malas de Milly, que não cabem no roupeiro estreito. Mesmo assim, se todas as roupas dela forem iguais às que está a usar agora, entendo por que motivo as trouxe.

— Adoro essa blusa.

— Obrigada. A Baba comprou-ma na mesma viagem ao Japão em que te comprou a carteira *gamaguchi* — diz Milly, escovando cuidadosamente o cabelo já brilhante.

— Foi muito simpático da parte dela — respondo.

Mal chegámos ao nosso quarto e começámos a desfazer as malas, Milly deu-me um presente da avó a que chama Baba. Era um porta-moedas lindo, com um motivo de ondas azuis, porque, segundo Milly, «ela sabe que gostas de nadar». Isso deixou-me com um nó na garganta. Os pais da minha mãe morreram, por isso a única avó

que tenho é a nossa. Ainda assim, uma mulher que nem é minha parente trata-me mil vezes melhor.

Passaram quatro dias desde aquela apresentação estranha, desconfortável, no gabinete de Carson Fine. Assim que Milly e eu ficámos a sós, a minha prima insistiu que Mildred não sabia que vínhamos.

— Não viste a cara dela? — perguntou Milly. — Ficou chocada.

— Bem, sim — respondi. — Foi apanhada de surpresa. Imagino que quisesse conhecer-nos num ambiente mais formal. Mas claro que sabia que vínhamos, Milly. Ela convidou-nos.

A minha prima fungou.

— *Alguém* nos convidou. Mas não tenho a certeza de que foi ela.

— Isso não faz sentido — respondi, e falava a sério. Calculei que Milly estivesse apenas a ser dramática. Mas, desde aquele dia, tivemos notícias da nossa avó apenas uma vez: um bilhete curto, frio, a informar que teria de ir a Boston em trabalho. «Entrarei em contacto quando voltar», dizia a mensagem.

Ainda acho que Milly está a exagerar, mas... sim, é estranho. Que tipo de pessoa convida os netos para uma visita pela primeira vez na vida e depois vai-se embora?

Os movimentos da escova de Milly começam a ficar mais agressivos enquanto ela olha irritada para o espelho.

— Talvez a Baba nos devesse ter comprado umas *t-shirts* com a frase «A minha outra avó é uma vaca que me deixou plantada», mas ela não é adivinha.

Não consigo deixar de rir, o que me faz sentir culpada, então mudo de assunto.

— Será que a avó viu o artigo? — pergunto.

No domingo, o *Gull Cove Gazette* publicou um artigo com o título UM NOVO CAPÍTULO PARA OS STORY: NETOS REGRESSAM A GULL COVE. Não sabemos quem avisou o jornal. Milly acha que foi Hazel, a rapariga que conhecemos no centro da cidade, mas calculo que tenha sido Carson Fine. Desde que chegámos, o homem trata-nos como se fôssemos realeza, deixando-nos usar o jipe do *resort* e dando-nos os melhores turnos. Sou nadadora-salvadora numa piscina que abre às seis da manhã, mas nunca tive de lá estar antes das dez. Jonah e Milly trabalham em dois restaurantes do *resort* e, apesar de eu não ter falado muito com Jonah desde que chegámos, tenho a certeza de que Milly mal trabalha três horas por dia.

Ela resfolega.

— Bom, sabemos que *alguém* leu.

Ontem à tarde, uns envelopes de cor creme apareceram nas nossas caixas do correio. Pensei que poderia ser a nossa avó de novo, mas a mensagem era algo completamente diferente:

Para: Aubrey Story, Jonah Story e Milly Story-Takahashi

Donald S. Camden, advogado, solicita o prazer da vossa companhia para um almoço na quarta-feira, 30 de junho, às 13 horas.

Restaurante L'Étoile

RSVP a Melinda Cartwright

mcartwright@camdeneassociates.com

— Meu Deus — disse Milly depois de ler. — Donald Camden. Ele vai expulsar-nos da ilha, não vai? Tal como fez aos nossos pais. — A sua voz ficou mais grave. — «Vocês sabem o que fizeram.»

— Não pode fazer isso — protestei com desânimo, mas, sinceramente, não tenho a certeza.

Quanto mais tempo passamos sem ter notícias da nossa avó, menos confiante me sinto sobre tudo. Pelo menos saberemos em breve. São 12h45 e o carro que Donald Camden mandou para nos buscar deve estar a chegar.

Milly coloca o segundo brinco.

— Falemos de coisas mais alegres. Como vai o teu namorado? Já está a morrer de saudades?

Por instinto, tiro o telemóvel do bolso. Pouco antes de o meu avião descolar de Portland, na sexta-feira passada, Thomas mandou-me uma mensagem que dizia «Aproveita o verão!», com um GIF de ondas. Por mais estranho que pareça, aquilo cheirou-me a... um fim. Não tive notícias dele desde então, apesar de lhe mandar sempre mensagens de texto a contar as novidades e de já ter deixado algumas mensagens de voz. Sei que o fuso horário é diferente e que ele não pode usar o telemóvel durante o trabalho, mas...

— O Thomas não é do tipo de morrer de saudades — respondo.

A minha prima lança um olhar rápido ao meu reflexo no espelho, como se estivesse a pesar os prós e os contras de fazer outra pergunta.

— Bom, tens a minha autorização para namoriscar com qualquer pessoa do nosso programa... piu-piu — diz ela, embrulhando-se com a palavra.

— Pipilo — corrijo.

É isso que o Gull Cove Resort chama aos funcionários do programa de verão que ainda estão no secundário. Temos alojamentos separados, com monitores e atividades de *team-building* — até agora, uma fogueira na praia na primeira noite e um torneio de vólei ontem. Até temos *t-shirts* com a palavra PIPILO estampada em letras cursivas, uma das quais usei até há alguns minutos, quando mudei de roupa para o almoço. Milly enfiou a dela na última gaveta da cómoda assim que a recebeu.

A maioria dos Pipilos não precisa realmente de trabalhar. O colega de quarto de Jonah, Efram, é filho de uma estrela de *rhythm & blues* do início da década de 2000. A mãe de outro rapaz é senadora, e os pais da nossa vizinha do lado, Brittany,

criaram a aplicação de mensagens que a minha escola usa. Quase toda a gente no programa de verão veio pela experiência, ou pelo prestígio, ou pela oportunidade de fugir das famílias.

Milly franze a testa para o espelho.

— Não percebo esse nome. O que é um pipilo?

— Um passarinho — respondo. Ela não deve ter lido o panfleto de boas-vindas com tanta atenção quanto eu. — Só aparece em Gull Cove durante o verão.

— Fascinante — responde Milly, apática.

Já deu para perceber que a minha prima não se destaca pelo seu espírito de equipa. Mas eu sim. Fiz parte de equipas a vida inteira; muitos desportos diferentes até ao oitavo ano, quando comecei a focar-me na natação. Agora, enquanto vejo Milly arranjar-se, percebo que, apesar de a equipa de natação e de Thomas serem dois pilares na minha vida desde os treze anos, me sinto a quilómetros de distância de ambos. E não apenas literalmente. A solidão pesa-me sobre os ombros como um cobertor.

Levanto-me e sacudo-me, como faço antes do início de uma prova, tentando afastar os pensamentos deprimentes.

— Vamos buscar o Jonah?

— Não — responde Milly com secura. — Em breve iremos encontrá-lo.

— Ele não é tão mau como eu esperava — digo, olhando para o espelho sobre a cómoda. O meu rabo de cavalo continua intacto, portanto estou pronta. Passei por uma fase rápida de «me aperaltar» quando entrei no secundário, até Thomas dizer que não via diferença nenhuma. — De vez em quando, ele esquece-se de ser rude.

Milly faz uma careta.

— E depois lembra-se.

O meu telemóvel vibra, e olho com esperança para o ecrã, mas é só uma mensagem do meu pai. *Outra vez*. A minha mãe mandou várias, a perguntar pela viagem, os meus primos e o *resort*. Também disse que vai ficar com a irmã «algum tempo». O meu pai, por outro lado, só manda variações da mesma pergunta:

«Como vai isso com a tua avó?»

Ignoro a mensagem e guardo o telemóvel no bolso. Passei a vida inteira a largar tudo quando o meu pai ligava. Desta vez, ele pode esperar.

*

O carro que Donald Camden mandou para nos vir buscar é um *Lincoln* espaçoso, mas ficaríamos os três apertados no banco de trás, por isso, Jonah oferece-se para se sentar à frente, mas, desconfio, arrepende-se de imediato quando descobre que o motorista gosta de conversar.

— Já viram muita coisa na ilha ou têm demasiado trabalho para isso? — pergunta o homem enquanto entramos em Ocean Avenue. É a estrada com o nome pouco

original que passa por algumas das maiores praias de Gull Cove.

Jonah limita-se a grunhir, portanto inclino-me para a frente.

— Bom, só chegámos há quatro dias — respondo. — Fomos à praia mais perto do *resort* e visitámos o centro algumas vezes.

— Notaram a falta de alguma coisa? — pergunta o motorista, com o tom de alguém prestes a revelar um segredo maravilhoso. Antes de eu conseguir responder, ele acrescenta: — Não há nenhuma loja ou restaurante pertencente a uma das grandes cadeias. Não por falta de tentativas. Principalmente do Starbucks. Mas gostamos de apoiar o comércio local.

Jonah, que estava a olhar para o telemóvel, presta atenção por um instante.

— Isso é ótimo — diz ele, parecendo mais entusiasmado com aquilo do que com qualquer outra coisa desde que chegámos.

Milly bate nas costas do banco dele.

— Detestas tanto o Starbucks como detestas... — franze a testa, como se estivesse a pensar — tudo o resto?

Jonah não se dá ao trabalho de responder, e o motorista continua a falar:

— Vamos passar por algumas praias à vossa direita antes de chegarmos ao centro. Essa é a Nickel, muito frequentada por famílias. Tem esse nome porque as pessoas costumavam encontrar cêntimos na areia com frequência. Dizem que o fundador do Gull Cove Resort enterrava centenas de dólares em moedas aqui todos os verões, para as crianças fazerem caças ao tesouro. Não sei se é verdade, mas as pessoas deixaram de encontrar dinheiro depois de ele morrer.

É verdade, quase digo. Essa sempre foi a história favorita da minha mãe sobre a família Story, como o meu avô magnata saía às escondidas de madrugada para reabastecer a reserva de moedas da praia com intervalos de algumas semanas. O meu pai contou-lha quando os dois se conheceram depois da faculdade, na festa de um amigo comum. A minha mãe dizia sempre que se apaixonou um pouco por ele nesse momento. Só agora me ocorreu que a primeira coisa que a atraiu no meu pai foi o reflexo do brilho da generosidade de outra pessoa.

Troco um olhar com Milly e percebo que a mãe dela também lhe deve ter contado a história de Nickel Beach. Mas ficamos caladas. É um assunto demasiado complicado para uma viagem rápida.

Paramos num semáforo, mas o monólogo do motorista não acaba. Aponta para uma faixa de areia plana, cinzenta, à direita.

— E aqui temos Cutty Beach...

— Espere — interrompo, porque o nome chamou a minha atenção. — Disse Cutter Beach?

— Não, Cutty. Com um «y».

— Podemos... posso dar uma olhadela? — peço. — Era... hum... a favorita do meu pai.

— A sério? — pergunta Milly.

— Claro — responde o nosso simpático motorista. Para na berma. — Não é a nossa praia mais bonita, mas pode ir dar uma volta.

Saio do carro e Milly vem atrás de mim. Há uma faixa de erva entre a estrada e a praia, que é pequena e em formato de meia lua. A areia é grossa e rochosa, a vegetação que nos cerca é escassa e com aparência seca. Há banhistas com toalhas coloridas aqui e ali, mas não está tão cheia como eu esperaria a meio do dia.

Milly ajeita os óculos escuros.

— *Esta* era a praia favorita do tio Adam?

Viro-me para ela.

— Não leste o livro dele? *Um Silêncio Breve e Interrompido*?

— Ah, não — responde ela. — Tentei, mas era um bocado...

— Chato — respondo. — Eu sei. Mas a personagem principal, que sempre achei ser um alter ego do meu pai, passa o tempo a falar numa praia da sua terra natal. Cutter Beach. E uma das frases que repete é: «Foi ali que tudo começou a correr mal.»

— Hum. — Milly fica calada durante alguns segundos, depois argumenta: — Mas esta é Cutty Beach.

— Eu sei — respondo. — Mas o meu pai não é o tipo mais original do mundo. A mulher da sua personagem principal chama-se Magda, e a minha mãe chama-se Megan. E a filha chama-se Augie.

Milly franze o nariz.

— Augie?

— Diminutivo de Augusta — explico.

— Certo, mas... e daí? Achas que alguma coisa aconteceu ao teu pai nesta praia?

— Não necessariamente — respondo devagar, porque seria isso que o meu pai diria. As coisas acontecem-*lhe*, como se estivessem fora do seu controlo. Mas não é assim que a vida funciona de verdade; ou, pelo menos, não é assim que funciona para ele. — Só achei interessante.

Alguém pigarreia atrás de nós. Quando nos viramos, Jonah está a olhar para nós da janela, carrancudo.

— Já viram as vistas? — pergunta ele. — Ou devemos cancelar o almoço para ficarem aí a olhar para a praia mais feia do mundo?

— Mais três dias — murmura Milly enquanto seguimos para o carro. — Só isso. É o tempo que aguento sem o matar.

*

O L'Étoile é o clássico restaurante para cotas. O papel de parede é florido, as cadeiras são baixas e almofadadas, e tudo na ementa pesada e orlada a ouro é feito no forno e custa no mínimo trinta dólares.

— Se quiserem alguma coisa que não estiver na ementa, avisem — diz-nos Donald Camden enquanto um empregado enche os nossos copos de água. — O *chef* é meu amigo.

— Obrigada — murmuro, analisando-o discretamente por cima da ementa.

Aparenta mais ou menos a idade da nossa avó e está igualmente bem conservado, com o cabelo branco espesso e a pele bronzeada. Tem as faces avermelhadas pelo sol, ou talvez por já ir na segunda bebida. Desde que chegámos ao restaurante, ele foi afável e descontraído, fazendo perguntas sobre os nossos trabalhos e o que achamos do programa Pipilo. Por outro lado, eu sinto-me cada vez mais nervosa, porque continuo sem entender o motivo para este almoço ou o que Donald Camden quer de nós.

— O meu hambúrguer pode vir *no* pão? — pergunta Jonah, franzindo a testa enquanto analisa a ementa.

O meu primo é a pessoa mais mal vestida na sala, com uma *t-shirt* puída, calças de ganga e ténis *Vans* coçados. Pelo menos Milly e eu tentámos vestir-nos bem depois de darmos uma olhadela ao *site* do restaurante. Mas se Donald está incomodado com Jonah, não o demonstra.

— Claro — responde ele, rindo. — Os clientes habituais desta casa preocupam-se muito com os hidratos de carbono, mas tu não precisas disso. — O empregado volta para recolher os nossos pedidos. Depois, Donald recosta-se na cadeira e beberica o líquido cor de âmbar no seu copo de cristal. — Já tiveram tempo de conhecer as nossas praias?

O seu olhar em redor da mesa acaba por aterrar em Jonah, que desliza um pouco na cadeira.

— Não sou muito de ir à praia — murmura ele.

Pelo que percebi, Jonah não é muito de fazer *nada*. Não participou em nenhuma atividade dos Pipilos até agora. Várias raparigas no nosso corredor acham que ele é giro — Brittany, em especial, faz questão de convidá-lo para tudo —, mas, se o meu primo se interessou por alguém, não o demonstrou.

— Ouvi dizer que Catmint Beach é muito bonita — responde Milly. — Sabe, a que fica diante da casa dos nossos pais. — Lança o cabelo para trás e acrescenta: — Era a favorita da minha mãe.

Sinto-me corar. O desafio estava lançado, antes mesmo de as entradas chegarem. Mas a única reação de Donald é tomar outro gole da bebida.

— Catmint Beach é linda — diz ele, calmamente. — Tem um nascer do Sol maravilhoso.

— E Cutty Beach? — pergunto.

«Foi ali que tudo começou a correr mal.» Presto atenção ao rosto de Donald Camden, à procura de algum sinal de que Cutty Beach é importante, que talvez esteja até associada ao motivo pelo qual a nossa avó deserdou os nossos pais, mas ele apenas encolhe os ombros.

— Nada de especial.

Milly agita-se na cadeira, inquieta. Acho que Donald percebe que ela está a ficar tensa com a conversa sobre banalidades, porque pousa o copo numa base e inclina-se para a frente, com as mãos unidas diante de si.

— Sou capaz de passar o dia inteiro a falar das nossas belas praias, mas não foi para isso que vos convidei para almoçar. Posso ser franco?

— Por favor — peço.

— Prefiro — afirma Milly ao mesmo tempo.

Jonah murmura algo parecido com «Será que consegue?», mas demasiado baixo para eu ter a certeza. O empregado volta com a nossa comida nesse momento, e Donald espera que o homem distribua os pratos antes de dizer:

— A saúde da vossa avó não é das melhores. Não há nenhuma crise iminente, mas o estado dela é cada vez mais delicado. Na minha opinião, mudanças na sua rotina devem ser evitadas. Tenho medo de que ela esteja a ultrapassar os seus limites com a hospitalidade que vos ofereceu até agora, e esse fardo só vai aumentar ao longo do verão.

— Fardo? — repete Milly, parecendo ofendida. — E de que *hospitalidade* está a falar, exatamente? Mal falámos com ela desde que chegámos.

Donald continua como se ela não tivesse dito nada:

— Ao mesmo tempo, apareceu uma oportunidade interessante, e queria falar convosco sobre ela. Conhecem os filmes do *Agente Clandestino*?

— Bem, sim — respondo. — Claro.

O primeiro filme da série *Agente Clandestino* — sobre dois estudantes universitários que se tornam espiões especializados em alta tecnologia — foi lançado quando eu estava no oitavo ano. Teve um sucesso tão inesperado que desde então foram produzidas duas sequelas. Sou fã do ator principal, Dante Rogan, há anos. Às vezes, quando Thomas me beija, fecho os olhos e imagino Dante.

— Não sei se ouviram, mas começaram a gravar o quarto filme em Boston este verão — conta Donald. — A firma de advogados de um velho amigo está a tratar das questões legais da série, e ele contou-me que precisam de ajuda para a rodagem. Jovens que possam fazer trabalhos de assistente e aparecer às vezes como figurantes ou talvez como extras em cenas com multidões. Gostaria de saber se estariam interessados.

— E como não poderíamos estar! — respondo sem pensar.

— Não posso prometer nada — declara Donald, cortando o seu eglefim assado. — Mas, se quiserem, seria um prazer ajudar. Oferecem alojamento, e o ordenado é muito bom, pelo que soube. Melhor do que o do *resort*. Toda a gente ficaria a ganhar. — Faz uma pausa para comer uma garfada cuidadosa do peixe. — Vocês teriam uma experiência única, e a vossa avó, que não está em condições de ser anfitriã agora, passaria um verão tranquilo e sossegado.

— Mas nós já temos emprego — afirma Jonah, parecendo pensativo. — Não podemos simplesmente ir-nos embora.

Donald dispensa o comentário com um aceno de mão.

— O programa de verão do Gull Cove Resort recebe sempre mais inscrições do que as vagas. A lista de espera é grande. Tenho a certeza de que seria fácil encontrar substitutos para vocês.

— Iríamos trabalhar *com* o Dante Rogan? — pergunto, ofegante.

Milly levanta-se de repente e deixa o guardanapo na cadeira.

— Tenho de ir à casa de banho — diz ela. — Queres vir comigo, Aubrey?

— Não preciso de ir.

A minha prima esboça um sorriso forçado.

— Então *faz-me companhia*.

Não me resta muita escolha quando ela agarra no meu braço e me puxa. Sigo Milly pelo restaurante, passando por muitas mesas vazias. Ela empurra a porta da casa de banho, guiando-me até parar diante do espelho com moldura dourada sobre dois lavatórios. Pelo cheiro, parece que acabámos de entrar numa taça de *potpourri*.

A minha prima encosta-se à parede de azulejos cor-de-rosa e cruza os braços.

— Não achas esta história um pouco estranha?

Metade de mim nota o seu tom cético, mas a outra metade continua a imaginar como seria travar amizade com Dante Rogan enquanto lhe levo cafés durante o verão.

— Trabalhar na rodagem de um filme? Acho maravilhoso.

— A sério? — pergunta Milly. — Porque parece um suborno. — Franzo a testa, recusando-me a estragar a minha fantasia, e ela suspira. — Vá lá, Aubrey! Estamos a falar do Donald Camden. O arqui-inimigo dos nossos pais. Ele não está interessado no que é melhor para nós.

— Arqui-inimigo?

Quase me rio, mas... Milly tem razão. O meu pai falava constantemente sobre Donald Camden quando eu era pequena, sempre com um tom de ressentimento: «O Donald não responde aos meus *e-mails*.» «O Donald diz que a decisão da mãe não se alterou.» «O Donald diz que não faz diferença que o pai não quisesse que os filhos fossem deserdados. A única coisa que importa é que ele não deixou isso por escrito.»

— Então, o que achas? — pergunto. — O senhor Camden está a tentar livrar-se de nós?

— É exatamente isso que acho. É o que *tenho andado* a dizer, lembras-te?

— Mas porquê?

Milly bate com um dedo no queixo.

— Não sei. Mas é interessante saber que ele *não pode* fazer isso, não é?

Como sempre, parece que Milly está três passos à minha frente.

— O quê?

— É óbvio que, se dependesse dele, já nos teríamos ido embora. Não haveria necessidade de nos oferecer um emprego daqueles. Mandaria apenas despedir-nos. Portanto, seja lá o que for que esteja a acontecer aqui, o Donald Camden e a Mildred Story não estão em sintonia. Ele não pode mandar uma carta a dizer «vocês sabem o que fizeram» e dar-se por satisfeito. — Milly olha-se no espelho e alisa o cabelo com um sorriso nos lábios. — O que é engraçado, não é?

— E agora? — pergunto. — Achas que a avó *afinal* nos convidou?

— Não. Só porque ela está disposta a deixar-nos ficar não quer dizer que nos tenha convidado.

Suspiro.

— Deixas-me confusa, Milly.

A minha prima sorri e enfia o braço ao meu, puxando-me para a porta da casa de banho.

— Não te preocupes. Hás de te habituar.

CAPÍTULO 6

Jonah

Dois dias depois do almoço com Donald Camden, Mildred Story ainda não se deu ao trabalho de nos agraciar com a sua presença.

São quatro da tarde de sexta-feira, uma hora antes de o Sevens, que é a versão de um bar desportivo do Gull Cove Resort, começar a encher-se. Sou ajudante aqui, e não é o pior emprego de verão que já tive. Especialmente porque uma das vantagens é a comida de graça.

— Está-se bem, Jonah? — pergunta Chaz, o *barman*, quando me sento num banco diante dele. Chaz não é tão idiota como o seu nome sugere. Na verdade, é um tipo fixe. Tem uma barba escura, espessa, rústica, que surpreendentemente não foi reprovada pelo código de indumentária do Gull Cove Resort. — Queres o prato do dia?

— O que é?

— *Linguini* com camarão.

Aceno enfaticamente com a cabeça e Chaz pressiona o ecrã do *iPad* à sua frente.

— Estás com sorte — diz ele, olhando para o ecrã. — Não vais ter de esperar. A cozinha acabou de fazer um prato para um cliente que mudou de ideias. Alguém já to vai trazer.

Vira-se e começa a tirar copos de uma prateleira baixa, dispondo-os em filas sobre o balcão. O Sevens é uma mistura de futurístico com antiquado; as televisões que ocupam as paredes têm os ecrãs mais gigantescos e com melhor definição que já vi, porém o interior do restaurante é todo de madeira escura polida, luzes ténues e poltronas de couro. O balcão é enorme, com duas colunas de cada lado e bancos a

todo o comprimento. Os empregados do verão costumam reunir-se aqui por volta das quatro e meia para comer, mas tenho sempre fome antes.

— O primeiro a chegar, como sempre? — pergunta uma voz seca atrás de mim.

Viro-me e vejo Milly no seu uniforme de trabalho: um vestido preto até ao joelho, avental preto, ténis pretos da moda e o batom vermelho-escuro que deve ser obrigatório, porque todas as empregadas que trabalham no Veranda, o restaurante fino do *resort*, usam o mesmo tom. Tem o cabelo preso num rabo de cavalo alto, as pestanas grossas devido ao rímel escuro. Ou talvez seja mesmo pestanuda.

— Gosto da comida — respondo, dirigindo-lhe um olhar desconfiado quando ela se senta ao meu lado.

Além do trajeto no *ferry* e daquele almoço estranho com Donald Camden, Milly e eu não falámos muito desde que chegámos. Julguei que fosse isso que ela queria, portanto não sei bem porque resolveu sentar-se ao meu lado.

A televisão à nossa frente está sintonizada na CNN, porque Chaz gosta de ouvir as notícias antes de ser obrigado a entrar no mundo dos desportos quando começa a *happy hour*. Os olhos de Milly viram-se para o jornalista no ecrã.

— Um banqueiro de investimentos foi preso *novamente* por fraude — lê ela, um pouco mais alto do que o necessário. — Parece ser um problema sério no mercado financeiro. O tio Anders já enfrentou alguma coisa dessas? Tipo, sei lá... um Bernie Madoff de Rhode Island, talvez?

Merda. Não preciso de olhar para a cara de Milly para saber que ela deve ter encontrado aquela notícia no *Providence Journal* do início do ano. «Um cliente insatisfeito perdeu todas as poupanças reforma, os fundos para a faculdade do filho, e agora corre o risco de perder o pequeno negócio da família. Frank North, que recentemente abriu falência, chamou a Anders Story "o Bernie Madoff de Rhode Island". "A estratégia de investimento dele não passa de um esquema de pirâmide", afirma o Sr. North. "E eu fui o último otário a cair nele."»

Mas será que ela sabe que é tudo verdade?

Chaz salva o dia sem se dar conta, mudando da CNN para a ESPN.

— O mercado financeiro é uma piada — diz Chaz. — No fim de contas, nunca ninguém vai cuidar do teu dinheiro melhor do que tu. — Esboça um sorriso cansado. — Isto vindo de um tipo que não tem um tostão furado. Mas lembrem-se do meu conselho quando mandarem no mundo, meninos. Querem alguma coisa para beber?

— Não, obrigada — responde Milly.

— Uma *Coca-Cola* cairia bem — digo. Vejo Chaz desaparecer atrás de uma das colunas antes de me virar para Milly. — O que queres?

— És tão sensível, Jonah. — As sobrancelhas dela unem-se numa expressão de mágoa fingida. — Não posso só gostar da companhia do meu primo?

— Duvido.

Ela para de fingir e tira um envelope creme do bolso. O seu tom de voz torna-se mais sério.

— Recebeste um destes?

É igual ao envelope em que Donald Camden enviou o seu convite para o almoço.

— Sim, eu estive lá. Hambúrguer sem pão. Lembras-te?

— Não — corrige-me com impaciência, abrindo a aba e tirando um cartão. — Este é novo.

Entrega-me o envelope e leio a mensagem curta.

> Insisto que reconsiderem a minha oferta.
> Os termos de contrato são mais generosos do que eu imaginava.
> Vide abaixo.
> Donald S. Camden, advogado

Olho para o número escrito no fim da carta. É três vezes mais do que eu ganharia no Gull Cove Resort. Depois viro o cartão, mas é só isso.

— Não sei se recebi — digo a Milly, devolvendo o envelope. Tenho de me esforçar por manter um tom de voz normal, porque é *muito* dinheiro. — Há algum tempo que não verifico a minha caixa de correio.

— Olá, Jonah.

A voz de uma rapariga, doce e um nadinha sedutora, interrompe-nos. É Brittany, uma das empregadas e outra participante do programa Pipilo. Esboça um sorriso tímido e pestaneja, como faz desde que cá chegámos. O que é um problema. Brittany é bonita, mas estou a tentar passar despercebido.

— Ouvi dizer que és o sortudo que vai receber o prato que um cliente rejeitou — continua ela. Pousa o prato à minha frente e lança a trança loura grossa por cima de um ombro ao mesmo tempo. Milly cruza os braços, observando-nos.

— Obrigado, Brittany.

O cheiro a alho e marisco chega-me ao nariz, e começo logo a salivar.

Brittany sorri.

— Sempre às ordens. — Os seus olhos desviam-se para a minha direita. — Olá, Milly. Tudo bem?

— Tudo — responde Milly. — Estou só a conversar com o meu primo. Coisas de família.

O implícito «E tu estás a interromper» é tão óbvio que, se eu estivesse interessado em Brittany, ficaria irritado. Como não estou, coloco o guardanapo no colo e pego no garfo.

— Tudo bem. — Brittany gira a trança. — Tenho de voltar para as minhas mesas, mas... esta noite vai um grupo de malta ao Dunes depois do trabalho. — Ao ver o meu olhar inexpressivo, acrescenta: — É tipo um bar de praia. Bom, não é só um bar. Não precisas de ser maior de idade para entrar. Serve comida, e há música e jogos. Fica ao fundo da rua, portanto podemos ir a pé. Queres vir?

Nem por isso. Mais uma vez: não é nada pessoal. Mas quanto menos eu socializar, melhor.

— Não sei — respondo. — Estou sempre muito cansado quando saio do trabalho, portanto...

— Além disso, o Jonah odeia pessoas — acrescenta Milly com o ar de alguém que dá uma informação valiosa.

Brittany pestaneja enquanto lanço um olhar irritado à minha prima.

— Importas-te de te meter na tua vida, para variar? — grunho.

Milly levanta as mãos.

— Exatamente como eu disse.

— Bom, avisa-me se quiseres ir — despede-se Brittany com um sorriso forçado. Volta para a cozinha, e enfio o garfo furioso na pilha de *linguini* diante de mim.

— Podes ir-te embora quando quiseres — digo a Milly. Ela olha para o meu prato de sobrolho franzido.

— Isso é camarão.

— Não me digas — respondo, enchendo a boca ao máximo.

Milly continua a olhar para mim, o que é estranho e rude, até Chaz voltar e colocar a *Coca-Cola* à minha frente. Os olhos dela passam para o anel grosso de prata no indicador direito dele.

— Gosto da tua aliança — comenta ela.

— Não é uma aliança — afirma Chaz. Tira o anel de prata e aproxima-o de nós, mostrando uma linha fina que parece um fecho. — É a corda de uma guitarra — explica. — Eu tocava bastante. Ainda toco, às vezes.

— Fixe. — Milly dirige-lhe um meio sorriso. — Tocas bem?

Chaz coloca o anel no dedo e gesticula para o bar.

— Ora, trabalho aqui, não é? Portanto... não tão bem como devia.

Devoro a minha comida enquanto os dois conversam, e Milly observa-me.

— Estás a gostar do jantar? — pergunta ela quando faço uma pausa para respirar.

Chaz sorri, acariciando a barba. Não sei que idade ele tem; pode ter qualquer idade entre os vinte e cinco e os quarenta e cinco.

— Precisas de perguntar? — comenta ele.

— Têm de arranjar outro passatempo — digo, irritado. As refeições são o ponto alto deste sítio esquisito, e a minha está a ser arruinada por aqueles dois colados a mim.

Milly desliza do banco.
— Mudei de ideias — declara ela. — Afinal quero beber. Mas eu sirvo-me.
— Alguma coisa sem álcool — grita Chaz enquanto ela desaparece atrás de uma das colunas. — Sei exatamente o nível de cada garrafa, e vou verificar. — Abana a cabeça, pegando num pano e num copo de vinho. — Aquela rapariga sabe desenrascar-se num bar.
E não é a única, penso, vendo-o polir o copo com mãos um pouco trémulas. As mãos da minha tia preferida, a irmã mais nova da minha mãe, fazem exatamente a mesma coisa quando ela passa demasiado tempo sem beber. É uma daquelas alcoólicas funcionais que está sempre alegre, mas raramente bêbeda. Ou talvez eu esteja em negação quanto a isso.
— Pois — digo, afastando o prato.
— Vocês são primos, certo? — pergunta Chaz, como se a ilha inteira não soubesse exatamente quem somos. Faço um gesto de assentimento. — São chegados?
— Não. — Chaz ergue as sobrancelhas ao ouvir a minha resposta imediata, e acrescento: — Quero dizer, não a via há anos antes de virmos trabalhar para cá. As nossas famílias não passam muito tempo juntas.
— Bom, agora é a vossa oportunidade de se conhecerem, hã? A família é importante. Ou devia ser, pelo menos.
O rosto magro de Chaz parece cansado de repente. Continua a polir o mesmo copo, que está mais manchado agora do que quando ele começou.
Milly volta com um copo de água e senta-se no banco ao meu lado, colocando o cartão de Donald Camden sobre o balcão. Não consigo controlar-me. Pego-lhe de novo e olho para o número.
— Então, ouve — digo. Baixo a voz, mas Chaz já se virou para terminar de abastecer o bar. — Estão a pensar em aceitar?
— Não quando ele quer tanto livrar-se de nós. — Por um segundo, os nossos olhos encontram-se em solidariedade. Apesar do atrativo do dinheiro, também não quero ir-me embora. Mas então alguma coisa muda no rosto dela. — Que engraçado a Brittany ter falado no Dunes. A Aubrey e eu estávamos a pensar que nós os três devíamos sair. Ter uma noite de primos.
Arregala os olhos com uma expressão ingénua, e eu reviro os meus.
— Tretas. — Milly não parece admirada com a resposta, mas parece estar à espera de mais, então acrescento: — Caso eu não tenha sido claro, aquilo foi um não.
— Vá lá — diz ela num tom persuasivo que provavelmente resulta noventa e nove por cento das vezes. — A Aubrey precisa de se distrair. Passa-se qualquer coisa com o tio Adam, mas ela não me diz o que é. Talvez ela se abra contigo.

Resfolego. Agora Milly está a mentir com todos os dentes, porque não existe a menor possibilidade de Aubrey me contar algo que não quer contar-lhe a ela.

— Para de fingir. Ambos sabemos que não queres passar tempo comigo. Então o que *queres*?

A expressão de Milly endurece.

— Aparece hoje e vais descobrir.

Olhamo-nos mais um segundo.

— Talvez apareça — digo por fim.

*

O Dunes está à pinha quando chego. O local é pouco iluminado, com painéis de madeira nas paredes iguais aos da cave dos meus pais, decorada na década de 1970, o que proporciona um ambiente fechado apesar de o espaço ser amplo. Há uma área de restaurante, com algumas dezenas de mesas ocupadas, um bar decorado com luzinhas brancas a piscar e um pequeno palco num canto, onde uma rapariga com uma guitarra e um tipo num teclado se preparam para atuar. Ao fundo, há mesas de *snooker*, dardos e várias mesas altas.

Vejo diversos rostos conhecidos quando me aproximo. Parece que os Pipilos ocuparam duas mesas de *snooker* e todas as cadeiras próximas. Brittany acena animada de um canto onde está com um grupo de raparigas. Efram, o meu colega de quarto, recua de uma partida de *snooker* e olha-me de queixo caído, fingindo surpresa. Efram é um daqueles tipos incansavelmente simpáticos que me convida para tudo, apesar de eu nunca aceitar.

— A residência está a arder? — pergunta ele. Então leva uma mão ao coração e pousa outra ao meu ombro. — Estás bem? E, mais importante, salvaste o meu portátil?

Milly surge ao lado dele com um sorriso sobranceiro.

— Hoje o Jonah quer socializar — diz ela.

Não gosto do brilho de triunfo no seu olhar. Nadinha. Estou quase tentado a dar meia-volta e ir-me embora, mas alguém me segura o braço. É Aubrey, com um sorriso enorme e um taco de *snooker* na mão.

— Vieste na altura certa — declara. — Tu e a Milly podem jogar contra mim e o Efram.

Semicerro os olhos. Será que Aubrey está combinada com Milly? Mas mantenho a minha primeira impressão: ela não conseguiria mentir bem mesmo que a sua vida dependesse disso. Talvez Aubrey esteja de facto contente por me ver, o que é estranho. Por outro lado, desde que chegámos, não a vi falar com ninguém além de Milly e Efram, que também é nadador-salvador. Está pouco mais integrada do que eu.

— Ótimo — digo num tom inexpressivo, tirando um taco da parede. — Eu começo.

Efram, que estava a tirar as bolas dos buracos, coloca a última dentro do triângulo.

— É melhor avisar-te que a Aubrey e eu estamos invictos, e isso inclui uma partida contra dois moradores que estão a afogar a sua humilhação no bar — afirma ele, tirando o triângulo com um floreado. — Mas vamos ver como te sais, eremita.

Passo os olhos pela mesa, depois concentro-me na bola branca enquanto me posiciono para fazer pontaria. Durante alguns segundos, fico praticamente imóvel além de alguns ajustes minúsculos para posicionar o taco no lugar preciso. Então faço-o recuar e bato com rapidez. As bolas chocam umas nas outras com um barulho tão alto que Aubrey arqueja ao meu lado. As bolas listradas começam a entrar nos buracos uma atrás da outra, enquanto as lisas giram contra as tabelas, inofensivas. Quando param de rolar, restam apenas duas listradas e todas as lisas com exceção de uma.

Olho para cima, vejo a expressão chocada de Milly e tento não parecer presunçoso. Não consigo.

— As listradas são as nossas — digo.

Efram levanta e baixa os braços num gesto que diz «não somos dignos».

— Porque não me avisaste que o teu primo era um ás, Aubrey? — pergunta ele.

— Não fazia ideia — responde ela, pestanejando como se estivesse a ver-me pela primeira vez.

O que me deixa nervoso. Talvez eu devesse ter seguido o meu primeiro instinto e ido para o quarto, mas assim que vi a mesa de *snooker*, as minhas mãos formigaram, ansiosas por segurar um taco novamente. Cresci num salão de bilhar e costumava passar lá todas as tardes. Um dos frequentadores habituais ensinou-me a jogar *snooker* e, quando morreu (caiu fulminado de um ataque cardíaco com cinquenta e poucos anos, algo a que o meu pai chama «plano de reforma da classe operária»), continuei a jogar sozinho. Aos doze anos, comecei a jogar com adultos por dinheiro. Eles achavam engraçado até perderem.

Milly dá-me um encontrão surpreendentemente amigável.

— Ora, ora — diz ela. — Parece que descobrimos o teu talento secreto.

Torce por mim durante o resto da partida rápida — limpo a mesa antes mesmo de Aubrey e Efram jogarem — e então apoia o seu taco contra a parede.

— Tenho de ir à casa de banho — diz Milly por cima do ombro para Aubrey e Efram. — Mas vamos dar-vos outra hipótese, totós. E podem começar desta vez, para terem alguma vantagem.

— Só se o Jonah amarrar uma mão atrás das costas — murmura Efram enquanto começa a juntar as bolas.

— Onde aprendeste a jogar assim? — pergunta Aubrey.

— Por aí — respondo, pousando o olhar numa das mesas de Pipilos atrás de nós.

Está cheia de rapazes a que Efram chama «O clube dos betinhos». São todos altos, louros e usam coisas tipo cintos de lona com baleias sem o menor pudor. O seu líder não oficial é Reid Chilton, cuja mãe senadora talvez seja candidata à presidência nas próximas eleições. Não vejo muito Reid além de quando ele nos bate à porta para pedir pasta de dentes emprestada, mas já sei que não vou com a cara dele.

Reid para no meio de uma conversa para ver Aubrey inclinar-se desajeitadamente sobre a mesa para pegar no triângulo, e diz qualquer coisa que faz rir um tipo ao seu lado. As minhas mãos apertam o taco com força. Quanto mais vejo Reid e os amigos, mais me pergunto se havia alguma lógica na loucura de Mildred. Talvez tenha visto que os filhos estavam a transformar-se em idiotas e tomou medidas extremas para impedi-los.

— Tu aí. — A voz ao meu lado é fria como gelo. Quando me viro, vejo que o olhar de Milly também é. — Anda comigo. *Agora*. — Tira-me o taco das mãos e apoia-o ao lado do dela, na parede. — O jogo vai ter de esperar um bocadinho — diz ela a Aubrey. — Tenho de falar com o Jonah.

— Sobre o quê? — pergunta Aubrey, mas Milly já fechou os dedos em torno do meu pulso como uma algema enquanto me puxa para a saída das traseiras.

Toda a simpatia anterior desapareceu. Isso não me surpreende muito, mas fico admirado com a rapidez com que ela mudou.

— Qual é o teu problema? — pergunto, a minha irritação a aumentar enquanto solto o braço da sua garra. — Para de me *puxar*. Já estou a ir contigo.

— Ah, devias agradecer-me por só estar a fazer isso — responde Milly em voz baixa, ameaçadora, apoiando um ombro na porta.

Ela abre-se e saímos para o ar fresco da noite. Respiro fundo para me acalmar, mas quase tenho ânsias de vómito quando sinto o fedor azedo do lixo. Estamos ao lado dos contentores. Milly para, colocando as mãos nas ancas, enquanto me encara.

— Podemos sair de perto do lixo...? — começo, mas é só isso que consigo dizer antes de ela esticar os dois braços e me empurrar com toda a força.

Cambaleio para trás, apanhado desprevenido tanto pelo gesto como pelo impacto. A rapariga tem bastante força num corpo tão pequeno.

— Que porra? — rosno. As minhas mãos estão levantadas num gesto de rendição, mas a minha irritação aumenta.

Milly tira algo pequeno e quadrado do bolso, que agita junto do meu rosto.

— Que porra realmente — diz ela.

Uma luz acima da porta atrás de nós ilumina o suficiente a rua para me revelar o que ela segura. O meu estômago embrulha-se enquanto olho para o cartão familiar, e toda a fúria desaparece no mesmo instante. Levo a mão atrás, à procura da minha carteira no bolso das calças. Ou melhor, da carteira que devia estar no bolso das calças.

Então foi por isso que Milly estava tão simpática enquanto jogávamos *snooker*. Tirou-me a carteira. Surripiou-a do meu bolso enquanto eu me exibia. Apetece-me bater em mim próprio por ter estado tão estupidamente concentrado no jogo à minha frente e não no *dela*.

— Devolve-me isso. — Tento soar autoritário e despreocupado ao mesmo tempo, mas o suor já se acumula na minha testa.

Merda. Merda, merda. Isto não vai correr bem.

Milly agita de novo a minha carta de condução no ar, olhando para mim por trás daquelas pestanas enormes.

— Com todo o gosto. Assim que me explicares quem és, Jonah North, e por que raio estás a fingir ser o meu primo.

CAPÍTULO 7

Milly

Não sei se é admirável ou não o facto de ele nem sequer tentar negar.

— Porque fui trazer a maldita carta de condução? — murmura o outro Jonah. Parece furioso, mas acho que consigo próprio.

— Sim, bem, isto foi apenas a confirmação — digo. Tiro a carteira preta fina de Jonah do bolso das minhas calças de ganga e enfio a carta lá dentro. Já serviu o seu propósito e, como lhe tirei uma fotografia com o telemóvel, devolvo tudo. — Fiquei desconfiada quando te vi devorar um prato inteiro de *linguini* com camarão quando és *alérgico a marisco*.

Assim que Jonah começou a comer no Sevens, fiquei à espera que o seu rosto inchasse como tinha acontecido há nove anos, quando comeu um camarão enrolado em *bacon* em nossa casa. Fiquei chocada por ele nem sequer corar. Quando fui buscar a minha bebida, no lado oposto do bar, procurei no Google se era possível uma pessoa curar-se de alergia a marisco e descobri que, apesar de não ser impossível, é muito difícil, e a pessoa continua a ter pelo menos alguma reação. O suficiente para qualquer ser humano sensato evitar engolir um prato inteiro de camarão em menos de cinco minutos.

Talvez eu tivesse aceitado que o meu suposto primo era um dos poucos sortudos se não fosse o facto de aquele rapaz *nunca* ter feito sentido como Jonah Story. Desde a primeira vez que o vi no *ferry*, ele não se encaixou. Para começar, é muito mais bonito do que eu me lembrava, mesmo com um intervalo de nove anos. Além disso, apesar de Jonah se ter esforçado bastante desde o início para copiar o comportamento antipático do meu primo, não conseguia sustentá-lo. Este Jonah é

irritante à sua maneira — tem mau feitio e parece incomodado com *alguma coisa* —, mas falta-lhe aquele tom crítico e pedante de Jonah Story.

— Estás a gozar comigo? — A expressão tensa de Jonah transforma-se em indignação incrédula. — Alergia a marisco? Obrigadinho, JT. Teria sido bom saber isso.

— Quem é o JT? — pergunto, apesar de já desconfiar.

O maxilar de Jonah contrai-se e ele observa-me em silêncio durante alguns segundos, como se avaliasse o quanto me deve contar.

— O teu primo — admite ele. — Somos colegas e toda a gente lhe chama JT, para não nos confundirem. O segundo nome dele é Theodore. Mas imagino que já saibas isso.

Eu não sabia — ou, se já soube, esqueci-me —, mas Jonah North não precisa dessa informação. Não consigo evitar um sorriso satisfeito ante a ideia de o meu primo ser o Jonah menos importante algures. Aposto que ele se incomoda muito com isso.

— Então ele sabe que vieste para cá?

Jonah hesita de novo, esfregando a nuca com a mão enquanto pelo seu rosto passam emoções conflituantes.

— O teu primo pediu-me para vir — confessa.

— O Jonah pediu-te que *fingisses* ser ele? — A minha voz eleva-se devido à incredulidade.

— Chiu — faz o outro Jonah, apesar de estarmos sozinhos aqui fora. Olha para o caixote do lixo ao nosso lado, retorcendo a boca. — Olha, não consigo pensar com este fedor. Vou sair daqui. Podes vir comigo, ou não.

— Oh, vou contigo, sim — digo, secretamente aliviada por Jonah seguir para o parque de estacionamento. Quando chegamos ao caminho relvado, agarro-lhe o braço. — Aqui está bom. Desembucha o resto. Porque é que o Jonah, ou o JT, tanto faz, pediu que fingisses ser ele?

Longe das luzes do restaurante, o rosto de Jonah é apenas sombras.

— Eu conto-te tudo, mas com uma condição. — Levanta a voz para interromper o protesto que estou prestes a fazer. — Não contas a ninguém quem sou. Bem, podes contar à Aubrey. Mas a mais ninguém.

— Desculpa, *o quê*?

Jonah não responde, e eu cruzo os braços. Parece que a temperatura desceu pelo menos uns dez graus desde que chegámos ao Dunes, e a blusa sem mangas que estava ótima dentro do bar cheio é inútil aqui fora. Por outro lado, Jonah parece confortável com a sua camisa de flanela por cima da *t-shirt* desbotada de sempre.

— Não podes impor condições quando estás a cometer uma fraude — digo.

Ele encolhe os ombros.

— Tudo bem. Boa noite.

Jonah vira-se e inclino-me para lhe agarrar o braço.

— Não podes ir-te embora assim!

— Posso, se não chegarmos a um acordo.

— I-isso é... — Passo alguns segundos a gaguejar até me ocorrer que mentir a um mentiroso não seria a pior coisa do mundo. — Pronto, está bem. Não vou contar.

Jonah vira-se para me encarar de novo.

— Não acredito muito nisso — diz ele, quase para si mesmo. — Mas posso sempre arrastar-te comigo se alguém me apanhar, o que já é um consolo.

— Não me admira que tu e o JT sejam amigos — respondo, irritada. — Têm muito em comum.

— Nunca disse que éramos amigos — afirma Jonah com frieza. — Fizemos um acordo. — Obrigo-me a ficar calada e, depois de alguns segundos, ele suspira. — A história é a seguinte: o JT queria ir para a colónia de ciências. Já sabias essa parte, certo? — Faço que sim com a cabeça. — O pai dele não o deixou depois de chegar o convite da tua avó. O JT ficou furioso, porque tinha recebido uma bolsa e tudo, o que é difícil, mas o Anders insistiu que ele tinha de vir para cá. Eu também entrei na colónia de férias, mas não ganhei uma bolsa. Por isso não podia ir. — Uma certa amargura surge na voz de Jonah enquanto acrescenta: — Foi tudo ideia do JT. Ouviu-me dizer na escola que não ia poder ir para a colónia e encurralou-me no refeitório um dia, dizendo que podíamos ajudar-nos um ao outro. — Contrai o maxilar. — Por momentos, achei que ele ia oferecer-me a bolsa. Que parvo. O JT não é esse tipo de gajo. Aliás, a bolsa nem deve poder transferir-se assim. Mas o JT disse que me pagaria se eu viesse para Gull Cove no lugar dele e não contasse a ninguém. Ele iria para a colónia de ciências e eu teria um bom emprego de verão com uma bonificação.

— Bonificação? — Levanto uma sobrancelha. — Quanto? Quanto pagam para alguém se passar por outra pessoa hoje em dia?

— O suficiente — responde Jonah de forma brusca.

O vento fica mais forte e estremeço, envolvendo o tronco com os braços. Jonah faz menção de tirar a camisa de flanela, mas levanto uma mão para impedi-lo.

— Não é preciso, Lancelot. Estou bem. Vocês pensaram bem neste plano? Quero dizer, sejamos francos. Todos viemos para cair nas boas graças da Mildred. O que é que o Jonah, ou JT, tanto faz, achou que ia acontecer quando ela descobrisse que ele mandou uma versão falsificada?

Jonah encolhe os ombros, alisando a camisa.

— O JT achou que a tua avó não tencionava fazer nada por vocês nem pelas vossas famílias. Que só tinha armado este joguinho para estragar o futuro dele sem motivo. O que, pelo andar da carruagem, parece fazer sentido.

Argh. Detesto saber que JT Story não albergou esperanças vãs como Aubrey e eu. O facto de termos sido ingénuas e de ele estar a passar o verão exatamente onde queria deixa-me mais irritada.

— E como achaste que conseguirias manter a farsa durante dois meses? Eu descobri em menos de uma semana, e não estava sequer a esforçar-me.

Jonah passa uma mão pelo cabelo.

— Meu Deus, neste momento nem sei. Fez sentido na altura. O JT e eu somos da mesma idade, da mesma cidade, temos o mesmo nome. O nosso cabelo e tom de pele são parecidos. O *resort* nunca pediu um documento com fotografia. Só a certidão de nascimento. O JT não usa redes sociais, portanto ninguém esperaria que ele publicasse *posts* sobre o verão. Há anos que não vos via e nunca conheceu a avó. Para além disso, passou-me bastantes informações sobre a vossa família. Aquela história toda da carta do «vocês sabem o que fizeram», além de coisas sobre os teus pais e os da Aubrey, a forma como tentaram entrar em contacto com a Mildred ao longo dos anos. Achei que sabia tudo aquilo de que precisava. — Abana a cabeça, revoltado. — *Alergia a marisco*. Mas que idiota.

— Então foste tu que trocaste mensagens comigo e a Aubrey, na altura em que recebemos as cartas? — pergunto. — Ou era o JT?

— Era o JT. Quando vocês começaram o grupo, ele achava que teria de vir para a ilha. Essa parte foi verdade. Depois, quando concordei em vir, ele continuou como se nada tivesse mudado. E mandou-me cópias das conversas, para eu ter conhecimento.

— Qual é a tua, então? Quem és tu?

— Viste a carta de condução. Chamo-me Jonah North. Vivo em Providence e estudo com o teu primo. Precisava do dinheiro, por isso aceitei fingir ser o JT porque ele me pediu. Só isso.

— E que diferença faz se eu contar a alguém? — pergunto. — Recebeste o dinheiro.

— O pagamento é feito em parcelas — diz Jonah. — Só recebi o primeiro terço. Além disso, o Gull Cove Resort paga mais do que eu receberia a trabalhar para os meus pais.

— Seria mais do que receberias nas filmagens do *Agente Clandestino?*

A voz de Jonah torna-se tristonha.

— Não, mas não podia aceitar. Tenho de mandar fotografias do *resort* todas as semanas para o JT convencer o pai de que está a trabalhar aqui.

— Onde é que os teus pais acham que estás?

— Aqui. Num trabalho de verão fixe que tive a sorte de arranjar. Só não sabem o nome que estou a usar.

— Disseste que trabalhavas para eles? A fazer o quê?

— Não interessa. — Jonah dá um passo para trás, e consigo ver o seu rosto com clareza ao luar. Não sei porque é que aquela pergunta específica o fez chegar ao limite, mas ele parece farto. Nervoso e exausto, cada ângulo do seu rosto tenso. — Ouve, vou voltar para a residência. Não sei se vais cumprir a tua promessa, mas espero que sim.

Então vira-se e começa a afastar-se. Penso em segui-lo, porque ainda tenho várias perguntas e acho que mereço as respostas. Mas acabo por regressar ao Dunes, para junto da única pessoa na ilha que é minha familiar.

Estou a meio do trajeto quando algo quente e macio surge na minha mão. Viro-me e encontro Jonah North só de *t-shirt*, a dar-me a camisa de flanela.

— Para o regresso — diz ele antes de desaparecer nas sombras.

*

Na noite seguinte, ainda estou distraída, servindo às mesas no Veranda em piloto automático. Já peguei no telemóvel uma dezena de vezes hoje para mandar uma mensagem à minha mãe: «O Jonah é um farsante!» Mas não o fiz. Contei a Aubrey — que ficou tão chocada que foi quase engraçado —, mas só. Não sei o que me impede. Talvez o facto de não poder voltar atrás depois de a verdade ser revelada.

Por sorte, estou pouco ocupada hoje. O diretor, Carson Fine, veio supervisionar o restaurante e insiste que eu faça intervalos entre cada atendimento, porque sou nova. Mas acho que o motivo verdadeiro é para ficarmos à conversa no bar.

Estamos sentados aqui agora, ele com o queixo apoiado nas mãos enquanto me bombardeia com perguntas sobre Mildred.

— Então nunca a tinham visto antes do fim de semana passado? — pergunta ele. Desta vez, a sua gravata tem desenhos de conchas rosa-claro sobre um fundo roxo.

— Nunca — respondo.

Não há motivo para fingir o contrário. O deserdar dos filhos dos Story não é segredo. Sempre que a minha mãe ou os irmãos tentaram reivindicar o seu direito legal a parte da fortuna do meu avô, tiveram de divulgar mais pormenores sobre como as relações foram cortadas.

— É tudo tão *gótico* — diz Carson, com um sussurro admirado. — E estranho. A senhora Story não podia ser mais simpática para os funcionários e as pessoas da cidade. Porque seria tão cruel com os filhos?

Essa é a única parte da história que o Google não consegue contar e Carson está nitidamente à espera que eu o esclareça.

— Não faço a menor ideia — declaro. — Nunca soubemos.

Ele parece ficar abatido.

— Bom, pelo menos ela convidou-vos. Já é alguma coisa.

— E foi-se embora logo a seguir.

Carson deve ter reparado nisso, e talvez eu consiga usar a sua curiosidade a meu favor. Quanto mais tempo Mildred passa sem entrar em contacto connosco, mais me convenço de que existe alguma coisa estranha neste trabalho de verão. E tudo começou com uma carta que nos dizia para combinar os pormenores com Edward Franklin.

— Começo a achar que devemos ter confundido as datas — minto com um sorriso levemente perplexo, bebendo o resto da minha água.

Marty, o barista do Veranda, surge do nada para me encher o copo. Toda a gente no Gull Cove Resort acha que os meus primos e eu temos alguma influência sobre Mildred, por isso recebemos um tratamento melhor do que os hóspedes.

— Estava a pensar em procurar o Edward Franklin só para ter a certeza, mas o único contacto que tenho dele é o *e-mail* daqui — continuo e espero alguns instantes, como se estivesse a pensar. — Será que vocês têm, tipo, um *e-mail* pessoal no dossiê dele? Ou um número de telefone?

— Devemos ter — diz Carson, afastando uma madeixa de cabelo louro-esbranquiçado da testa. — Mas não posso dar-to. Por causa das leis de proteção de dados e tudo isso.

— Certo — digo, desanimada.

Estou a perguntar-me se posso tentar convencê-lo a dar-me a informação em troca de algum boato bom e inventado sobre os Story quando o telemóvel de Carson vibra no bolso. Ele pega no aparelho e franze a testa para o ecrã.

— Hum, precisam de mim na receção. Já volto.

Vejo Carson atravessar o salão e Marty pigarreia. Não tinha notado a sua presença.

— Ei, se queres falar com o Edward, talvez o Chaz possa ajudar — informa ele.

Franzo a testa.

— Porquê o Chaz?

— O Edward e ele namoraram durante algum tempo. Talvez ainda se mantenham em contacto.

— Ah, *okay* — digo, guardando essa informação. Não me tinha ocorrido que Chaz fosse *gay*. Ou que namorasse. Ele desviou a conversa sobre a sua vida amorosa da única vez que tocámos nesse assunto. — Obrigada, vou fazer isso. Sabes se ele está a trabalhar hoje?

— Não. Está doente. E provavelmente vai passar algum tempo assim, se é que me entendes — diz Marty, fazendo o gesto de quem leva uma garrafa à boca.

— Oh, não. — Já tinha notado que Chaz bebia às escondidas durante o trabalho. As pessoas não costumam perceber os truques que uso para beber a menos que tenham os seus próprios. Mas ele foi sempre tão profissional que imaginei que tivesse a bebida controlada. — Isso, hum, acontece muito?

— Mais do que devia. É o segredo mais conhecido do *resort*. Toda a gente sabe, menos o Carson. — O olhar de Marty vira-se para o restaurante, onde a cabeça loura de Carson brilha sob a luz fraca enquanto ele volta para junto de nós. — Mas o Chaz é um tipo fixe, e um ótimo *barman* quando está sóbrio. Por isso tentamos ajudar.

— Entendido — digo enquanto Carson acena para mim.

Não está sozinho, e o meu coração para por um instante quando percebo que há uma mulher mais velha ao seu lado. Será que Mildred finalmente vai aparecer? Porém, quando os dois se aproximam, vejo que me enganei. Esta mulher tem mais ou menos a idade da minha avó, mas o seu cabelo é grisalho, não completamente branco, e usa um vestido castanho simples e socas. Mas Carson parece maravilhado por estar ao lado dela e trá-la até mim com um sorriso enorme.

— Milly, quero apresentar-te uma pessoa. A assistente da tua avó, Theresa Ryan, veio ver-te. Tem *novidades*.

Carson faz a declaração com um ar ansioso e ofegante. Theresa ri-se e estende a mão, fechando os dedos quentes em torno dos meus.

— Da forma como ele fala, até parece sou muito interessante, não é? Olá, Milly. É um prazer conhecer-te.

— A si também — respondo com o coração a acelerar.

A minha mãe sempre se deu bem com Theresa. Eram as únicas fãs dos Yankees numa casa cheia de fanáticos dos Red Sox, segundo me disse, e mantiveram-se em contacto durante alguns anos depois de eles serem deserdados. Theresa foi sempre bondosa, dizia a minha mãe, mas afirmara que Mildred não tinha contado os seus motivos a ninguém além de Donald Camden. Com o tempo, a minha mãe ficou tão frustrada que também deixou de falar com ela.

— A senhora Story pediu-me para passar por cá. Vai voltar para a ilha em breve e queria convidar-vos para um *brunch* em Catmint House, no domingo. Não amanhã — acrescenta Theresa ao ver os meus olhos arregalarem-se. — Ainda vai estar em Boston e, em todo o caso, é o Quatro de Julho. Vocês deviam ficar pelo *resort*. Há sempre coisas bonitas organizadas para os funcionários e os hóspedes, e um espetáculo de fogo de artifício de tirar o fôlego. Imagino que o Carson vos tenha falado nisso.

Olho para Carson e vejo a súplica no seu sorriso paralisado. *Por favor, Milly. Finge só desta vez que não me ignoraste quando comecei a falar das atividades dos Pipilos.*

— Ah, sim, claro — respondo. — Estou ansiosa por isso.

— Ótimo. Espero mesmo que se divirtam — diz Theresa. — De todas as formas, a tua avó gostaria que fossem ao *brunch* no domingo seguinte, onze de julho.

Espero que isso não cause problemas com os turnos deles — acrescenta, virando-se para Carson com um sorriso.

— Claro que não — garante ele.

— Certo — digo, procurando no olhar de Theresa qualquer significado oculto por detrás das suas palavras.

Será que a minha avó nos *quer* ver? Ou só se sente na obrigação de o fazer para manter as aparências? Mas a expressão simpática da assistente não muda.

— A senhora Story também pediu que não marcassem nada para o dia dezassete de julho. É um sábado, e nessa noite há o Baile de Gala de Verão. São seus convidados.

Na minha cabeça, surge a imagem da minha mãe com dezoito anos, usando um vestido comprido branco e o seu colar com diamantes em forma de lágrima. Aquele que eu queria tanto que abdiquei das minhas férias de verão.

Só que as coisas não são assim tão simples.

Sim, quero o colar. Porém, mais do que isso, quero que a minha mãe me *queira* dar o colar. Quero que ela seja o tipo de pessoa que deseja passar algo importante de mãe para filha, sem condições. Mas não é o caso. Então, se não posso ter o que desejo, vim por isto: pela oportunidade de estar na presença da minha avó, do seu círculo de amigos e de todas estas pessoas de Gull Cove que se lembram da minha mãe na infância e na adolescência. Porque, com certeza, alguma delas deve saber o que aconteceu há vinte e quatro anos para fazer Mildred Story cortar relações com os quatro filhos e nunca olhar para trás. Se eu descobrir o que *aconteceu*, talvez consiga finalmente entender a minha mãe.

Theresa continua a falar e volto a concentrar-me nela.

— É um evento formal. *Smoking* para os homens e vestidos compridos para as mulheres — explica. — Calculo que não tenham nada assim na mala, portanto podem fazer compras em qualquer uma das lojas da ilha e debitar na conta dos Story.

Apesar da estranheza da situação, sinto-me um pouco animada. É quase como o meu sonho infantil das compras, tirando a parte em que Mildred delega os pormenores à sua assistente. Mas...

— Nada me vai servir — digo. Theresa levanta as sobrancelhas de novo, e aponto para o meu torso. — Sou demasiado baixa para usar qualquer vestido comprido sem alterações.

Theresa solta outra gargalhada.

— Não te preocupes. As tuas alterações vão ser prioridade em qualquer loja que escolheres — diz ela, como se isso resolvesse o problema.

E acho que resolve mesmo.

CAPÍTULO 8

Aubrey

— Então — Milly olha para mim expectante —, devemos denunciar o falso Jonah antes do nosso *brunch* com a Mildred ou não?

Engulo o resto do meu gelado antes de responder. Estamos no centro de Gull Cove numa tarde de terça, a provar a sobremesa mais famosa da pastelaria Sweetfern: uma sanduíche de massa de donut recheada com gelado de ameixa. Parece mais saborosa na teoria do que é na prática, mas isso não nos impediu de limpar o prato.

— Não sei — admito. — A quem o denunciaríamos?

— Aos nossos pais? — A pergunta soa hesitante vindo da sempre decidida Milly. — Ou à Theresa.

— Podíamos fazer isso, mas...

Hesito. Ao contrário de Milly, sei como é precisar de dinheiro. E não me importo muito com o facto de Jonah North ter substituído Jonah Story. O novo Jonah é um bocado comichoso, mas, no geral, parece melhor do que o nosso verdadeiro primo.

— Ele não é o nosso maior problema agora, pois não? — pergunto, por fim.

Milly ri-se, mas não estou a brincar. Na lista das minhas preocupações, Jonah North está em quarto lugar, bem distante dos outros. O primeiro é o meu pai. O segundo é ter de ir a um *brunch* e a um baile fino com uma avó que mal reconhece a minha existência. O terceiro é o estranho silêncio de Thomas e o facto de eu não sentir tantas saudades dele como achei que sentiria. Deixei de lhe mandar mensagens e, às vezes, fico a olhar para o meu telemóvel a perguntar-me se terminámos. E por que motivo não tenho forças para me importar com isso. É algo

que parece quase inevitável, como se nada da minha vida, antes confortável e previsível, pudesse voltar a ser como era.

O Quatro de Julho foi há dois dias e, com o fogo de artifício e a festa dos Pipilos a seguir, fiquei acordada até muito tarde. E depois não consegui dormir. Enquanto o outro lado do quarto era dominado pela respiração pesada de Milly, fiquei deitada na cama, a percorrer uma racha na parede com um dedo e a pensar em consequências inesperadas. Em como algo que fiz no ano passado pareceu, na altura, menor e ainda mais insignificante do que aquela imperfeição minúscula numa parede imaculada. E em como iniciei uma reação em cadeia que implodiu a minha família.

Essa culpa impediu-me de falar com a minha mãe com a frequência habitual desde que cheguei, mas, no domingo, quando a minha insónia estava no auge, mandei-lhe uma pergunta:

«O pai costuma falar de Cutty Beach?»

A minha mãe, que adormece sempre cedo em frente à televisão, só respondeu na manhã seguinte:

«Cutty Beach? Porque perguntas?»

Não sabia bem como responder, portanto, preferi ser vaga.

«Passei lá há uns dias. Lembrei-me dele.»

Ela demorou a responder.

«Ele falou desse sítio algumas vezes. Nunca achei que lhe agradasse muito, mas não sei explicar o motivo. Foi só a impressão com que fiquei. Mas há muito tempo que não falamos da época em que ele viveu na ilha.»

Aquela mensagem fez o meu estômago embrulhar-se de nervosismo. Não apenas porque era outro facto associado à ligação estranha que se formava na minha cabeça entre o meu pai e Cutty Beach, mas porque me lembrou a tensão entre os meus pais. Agora, e talvez durante muito mais tempo do que notei. Inventei uma desculpa e despedi-me.

Quando mostrei as mensagens a Milly, ela limitou-se a encolher os ombros.

— Bem, é uma praia feia — disse ela. — Também não me agradou muito.

A voz da minha prima puxa-me de volta ao presente e preciso de fazer um esforço para me lembrar do que estamos a falar. Certo: o falso Jonah.

— Ele não vai conseguir manter esta farsa para sempre — diz ela. — Quando alguém o desmascarar, não vamos parecer muito bem na fotografia porque o encobrimos.

— Precisamos de mais cafeína para esta conversa — afirmo, levantando-me e pegando nos nossos copos vazios de café gelado. — Queres a mesma coisa?

— Quero, por favor.

A fila está mais curta do que quando chegámos, mas ainda há três pessoas à minha frente, por isso olho em volta enquanto espero. O interior da Sweetfern parece uma bengala de Natal: paredes às riscas vermelhas e brancas, mesas e cadeiras de ferro forjado branco e um chão brilhante vermelho-cereja. Apesar do zumbido do ar condicionado, o ar está quente e dominado pelo aroma de açúcar e chocolate. Uma dezena de fotos com molduras pretas cobre a parede atrás da caixa. Olho para elas, distraída, mas então sobressalto-me quando reconheço um rosto familiar por cima do ombro direito da empregada.

É o meu pai em toda a glória da juventude, bonito e de cabelo escuro, com um braço em torno da pintura mais feia que já vi. Parece a obra de uma criança no jardim de infância que esfregou um novelo de lã na lama e o passou numa tela. O outro braço do meu pai está casualmente sobre os ombros de uma mulher mais velha cuja palma da mão repousa de forma afetuosa na face dele. Mesmo ao longe, consigo ver a caraterística mancha roxo-escura na sua mão. A minha esquiva avó, a surgir nos lugares mais inesperados.

Aproximo-me um pouco e leio a placa por baixo da fotografia:

MILDRED E ADAM STORY COM O QUADRO VENCEDOR DO CONCURSO DE ARTISTAS DE GULL COVE DE 1994. É difícil acreditar que a dona de uma coleção de arte mundialmente famosa tenha dado um prémio àquilo.

Quando chega a minha vez de pagar, passo o cartão de crédito com a mão esquerda, apesar de saber que é um disparate imaginar que uma empregada adolescente, que mal olha para mim, veria a marca de nascença no meu braço e se daria conta de que faço parte da família Story. Mesmo assim, por não ter exibido a marca, tenho a coragem de perguntar:

— Essas fotografias na parede estão à venda?

— O quê? — A rapariga finalmente olha para mim, as suas sobrancelhas finas a erguerem-se em surpresa. — Acho que não. Elas são, tipo, decoração.

— Pois — respondo, sentindo-me idiota.

O meu pai estava no último ano de Harvard quando foi deserdado por Mildred. Vivia em Cambridge e não pôde ir buscar as suas coisas a Catmint House. Alguém encaixotou tudo o que havia no seu quarto e mandou-lhe. No entanto, quase não havia fotografias de família. Seria bom ter uma, mas eu nunca explicaria isso a uma empregada aborrecida.

Viro-me e esbarro na pessoa atrás de mim.

— Bela foto, hã? — comenta uma voz conhecida. — Mas o quadro é horrível. — É Hazel Baxter-Clement, que indica à próxima pessoa que passe à sua frente enquanto se aproxima da parede com os quadros. — Este foi o primeiro concurso anual de artistas locais. Gosto de pensar que melhorámos desde então.

— És artista? — pergunto.

— Eu? Não. Só me interesso pela história da ilha. — Hazel empurra as suas pulseiras de couro para cima no braço. — Como vão as coisas?
— Ótimas. Como está o teu avô?
— Bem. — Inclina a cabeça e sorri. — Estava à espera que vocês me ligassem.
— Temos andado muito ocupados — digo, hesitante. Atrás de Hazel, Milly aponta para o seu enorme relógio dourado que não funciona e depois para a porta. — Na verdade, estávamos de saída. São horas de voltar ao trabalho.
— Bom, avisem-me se tiverem tempo livre. O meu avô anda bastante melhor ultimamente, por isso talvez vos possa contar algumas histórias sobre os vossos pais.
Faço uma pausa, porque a oferta é tentadora.
— Podes voltar a dar-me o teu número? Sei que o Jonah o gravou, mas ele é um bocado desorganizado.
— Claro — responde Hazel, animando-se. Recita os números e afasta-se para me deixar passar. — Podes mandar-me uma mensagem quando quiseres.
Milly está parada junto à porta, mantendo-a aberta com um pé e batendo com o outro no chão, impaciente.
— O que queria a Hazel? — murmura a minha prima quando me aproximo.
— Ainda quer falar connosco — respondo, entregando-lhe o café gelado enquanto saímos. — Mencionou que o avô está melhor. Talvez ele possa explicar-nos as coisas estranhas que disse quando nos conhecemos.
Milly parece descrente enquanto coloca os óculos escuros.
— Ou talvez ela só tenha dito isso para nos usar no trabalho da faculdade.
Subimos o passeio, afastando-nos do cais do *ferry*, passando por lojas e restaurantes.
— Isto parece uma Quinta Avenida em miniatura — diz Milly, parando para admirar a montra de uma loja que exibe o nome KAYLA’S BOUTIQUE no vidro. — Oh, que coisas giras. Devíamos comprar os vestidos aqui.
— Está bem — digo, ainda a pensar na fotografia na parede da Sweetfern.
Estou a dever um telefonema ao meu pai e, pela primeira vez desde que cheguei, tenho vontade de falar com ele. Por algum motivo, vê-lo tão descontraído e feliz com a minha avó lembrou-me de como é receber o seu sorriso ofuscante. Antes de pensar demasiado no que estou a fazer, pego no telemóvel e marco o número dele.
— Só preciso de fazer um telefonema rápido — murmuro para Milly.
O meu pai atende ao quarto toque. Quando o faz, soa irritado.
— Aubrey.
— Olá, pai. — Começo a andar de novo e entro numa rua lateral mais vazia, onde uma fila de árvores altas atrás de um muro de pedra projeta sombras no

passeio. Atrás de mim, ouço o barulho das sandálias de Milly, que me segue. — Tudo bem?

— Tudo — responde ele com frieza.

Depois a linha fica tão silenciosa que, se eu não o conhecesse, acharia que a chamada caiu. Está a castigar-me por ter passado a semana toda a evitá-lo. É assim que o meu pai se comporta quando está irritado: recusa-se a demonstrar carinho e aprovação para deixar clara a sua insatisfação. Eu sei isso e, no entanto...

— Vou a um *brunch* com a avó no fim de semana. A mãe contou-te?

— Sim. — Outra pausa demorada. — Demorou bastante.

— Ela teve de ir a Boston — digo, detestando como a minha voz soa à defesa.

Bebo um gole do café gelado e quase me engasgo. A empregada deu-me avelã por engano, que é o sabor que mais detesto no mundo. Deito o copo cheio num caixote enquanto continuo a andar.

— Já soube — responde o meu pai. — Admira-me que tenhas deixado isso acontecer.

Tapo a minha orelha livre com o indicador, achando que ouvi mal.

— O que queres dizer? Não deixei nada acontecer. Ela simples-mente... foi.

— Claro. Porque não foste suficientemente proativa.

— Não fui suficientemente proativa — repito, parando de andar. Milly também para. Estamos junto um arco de pedra, e a placa dourada ao lado indica que aquele é um lugar de interesse turístico ou histórico, mas a minha visão fica demasiado desfocada para conseguir lê-la. — Achas que eu devia ter sido mais proativa?

— Acho. Esse é o teu maior problema, Aubrey. És passiva. Preferes desperdiçar um verão inteiro em vez de agarrar nas rédeas da situação. — Ele respira fundo, como se aquele fosse um assunto que quisesse discutir comigo há algum tempo e tivesse encontrado a oportunidade perfeita. — Já te ocorreu entrar em contacto com a tua avó por conta própria, ou falar com a assistente dela? — Não respondo, e a voz dele torna-se ainda mais arrogante. — Foi o que pensei. Porque não ages, reages. É isso que quero dizer com seres *proativa*.

Durante alguns segundos, não consigo responder. Estou presa ao passeio, com as palavras do Dr. Baxter naquele primeiro dia na ilha a passarem-me pela cabeça. «O Adam tinha potencial para ser grande, não tinha? Mas desperdiçou tudo. Que rapaz tolo. Podia ter mudado tudo com uma palavra.»

Pergunto-me que palavra seria essa e se ela é tão irritante como…

— Proativa? — repito. É como se um cristal de gelo saísse de mim, afiado, gélido e mortal. — Queres dizer como quando comeste a minha treinadora de natação e a engravidaste? É esse o tipo de *proatividade* que preciso de ter?

Milly emite um som engasgado enquanto me afasta dos outros peões no passeio e me guia pelo arco de pedra. Entramos numa área silenciosa e verde, mas o meu

cérebro não regista nada além das palavras do meu pai, ásperas e incrédulas, a retumbar no meu ouvido.

— O *que* disseste?

Estou a tremer enquanto avanço às cegas, com Milly ao meu lado. A minha garganta está fechada, e mal consigo soltar as palavras:

— Tu ouviste.

— Aubrey Elizabeth, como te atreves a falar assim comigo? Pede já desculpa.

Quase peço. O ímpeto de agradar ao meu pai é tão forte, tão enraizado ao longo de dezassete anos, que, apesar de tudo, sinto uma necessidade desesperada de fazer com que a fúria na sua voz desapareça. Apesar de ser *eu* quem deveria estar furiosa. E estou, mas não com a força e a inflexibilidade que ele merece. É o tipo de fúria que vai desmoronar num pedido patético de desculpas se eu continuar ao telemóvel.

— Não — consigo dizer. — Vou desligar. Não quero mais falar contigo.

Termino a chamada e desligo o telemóvel. Guardo o aparelho no bolso, desabo como uma pedra na relva e cubro o rosto com as mãos.

Ouço um roçar de tecido ao meu lado e uma mão hesitante faz-me festas no braço.

— Uau. Isso foi... uau. Não esperava essa — diz Milly. Não respondo, e ela acrescenta, quase para si mesma: — Não sabia que eras capaz de explodir assim.

Baixo as mãos com um olhar reprovador.

— A sério? Então concordas com o meu pai acerca de eu ser uma idiota que não faz nada? Obrigadinha, Milly.

Os olhos da minha prima arregalam-se, horrorizados.

— Não! Meu Deus. Não quis dizer isso. É que… desculpa. Não sei consolar os outros. Obviamente. — Continua a fazer festas no meu braço de forma automática, e tem razão. O gesto não é nada reconfortante. — O tio Adam é um estupor e estou contente por lhe ter vomitado em cima quando tinha dois anos — acrescenta ela, e eu rio-me.

— Vomitaste?

— Segundo a minha mãe.

— Ele nunca tocou no assunto. Não me surpreende. Não falamos sobre nada que estrague a imagem perfeita dele. Não devia ter dito nada sobre *aquilo*. — Engulo em seco. — Já é mau ele ter traído a minha mãe, mas precisava de o fazer com *ela*? A treinadora Matson é minha professora desde a primária! Eu idolatrava-a. Queria *ser* igual a ela. Eu até... céus, sou a idiota que os apresentou.

A cena tem passado pela minha cabeça todo o mês: eu a puxar o meu pai até à beira da piscina, insistindo para que ele finalmente conhecesse a mulher que me treinava havia anos. Parando orgulhosa ao lado da minha treinadora jovem, linda, e do meu pai bonito, distinto, feliz por ligar as duas pessoas que mais admirava no

mundo. Nunca me ocorreu que pensariam um no outro de outra forma que não fosse relacionada comigo.

Há muitas coisas más nessa situação, mas uma das piores é perceber que nenhum dos dois parou para pensar em mim em nenhum momento.

As lágrimas enchem-me os olhos e escorrem-me pela face. Não choro a sério desde que o meu pai me deu a notícia o mês passado. De início, fiquei demasiado chocada para reagir. Depois, como fiz a minha vida inteira, deixei-me guiar por ele. Como o meu pai não queria tocar no assunto, não toquei. Ele agiu como se aquilo fosse algo que aconteceu *à* nossa família, não algo que ele causou. Como se fosse um acidente aleatório que ninguém poderia ter previsto ou evitado. Precisei de me afastar quase cinco mil quilómetros para perceber como isso era um enorme absurdo.

Respiro fundo, tentando recuperar o controlo, e acabo por soltar um soluço alto, engasgado. Depois outro.

— Oh. Oh, não. Vai... hã... correr tudo bem — declara Milly enquanto choro mais. — Tenho um lenço algures, espera... — Ouço-a procurar na mala, e então a voz dela torna-se um pouco desesperada. — Certo, não é um lenço, é um daqueles panos que usamos para limpar os óculos. Mas é macio. E está mais ou menos limpo. Queres?

Aceito o pano com um meio sorriso e seco os olhos.

— É verdade. És péssima nisto.

— Pelo menos fiz-te rir. Mais ou menos. — Milly segura uma das minhas mãos e aperta-a. Parece mais que está a fazer campanha política do que a consolar-me, mas tudo bem. — Lamento muito, a sério — continua ela. — Nada disso é culpa tua. É normal quereres que as pessoas de quem gostas se deem bem.

— Eles deram-se mesmo muito bem — digo, desanimada. — A pior parte é que achei que gostavam um do outro por *minha* causa. Patético, não é?

— Sim — responde Milly. Dirijo-lhe outro olhar crítico até ela acrescentar: — Calculo que estejas a falar do tio Crise de Meia-idade e da treinadora Destruidora de Lares. *Argh*, ele é um cliché ambulante, não é? E ela é igual.

Pestanejo para afastar as lágrimas.

— Está tudo uma confusão. Sinto-me tão culpada que é difícil falar normalmente com a minha mãe, apesar de ela me ter dito um milhão de vezes que não tive nada que ver com o que aconteceu. Parei de nadar com a minha equipa porque não aguento estar perto da treinadora Matson. Acho que nunca vou conseguir voltar. Nem imagino como vão ser as competições no próximo ano, depois de toda a gente descobrir. Ninguém da escola sabe ainda.

Nem sequer Thomas. Eu queria contar-lhe, mas nunca encontrei o momento certo. Não sei se é um bom sinal para o nosso relacionamento o facto de eu ter

contado tudo à prima que conheço há menos de duas semanas antes de falar com o namorado com quem estou há quatro anos, mas provavelmente explica o fim silencioso da nossa relação.

— O que vai acontecer? — pergunta Milly. — Ao bebé e a tudo o resto?

— Bem, ela quer ter o filho. Então vou ter um meio-irmão este outono. Talvez seja o rapaz que o meu pai sempre quis. — Milly aperta a minha mão com mais força, e acrescento: — Acho que os meus pais não vão superar isto. Não sei como poderiam. Para além disso, ele recusa-se a arranjar um emprego a sério e a sustentar-se. Portanto, na pior das hipóteses, acho que a minha treinadora de natação pode tornar-se minha madrasta. — Essa hipótese faz-me estremecer, e deixo o calafrio percorrer o meu corpo antes de lançar um olhar pesaroso a Milly. — Quero dizer, sei que tens uma madrasta e isso, mas...

— Não é nem de perto a mesma coisa — apressa-se ela a dizer. — Ninguém traiu ninguém. O meu pai só conheceu a Surya depois de o divórcio estar concluído. E não foi ele que decidiu separar-se.

Baixo a cabeça.

— Qual é o problema do meu pai? Ele podia ter sido muito mais. É como disse o doutor Baxter: tinha tanto potencial e desperdiçou-o. E acabou por se tornar uma pessoa tão... medíocre.

— Eu sei — diz Milly. — Penso a mesma coisa sobre a minha mãe. Bem, ela não é horrível como o teu pai, mas... é tão fria. Não deixa ninguém aproximar-se. O meu pai nunca conseguia fazer nada bem na opinião dela, e ele esforçava-se tanto. Começo a pensar, tipo, que diferença faz? Se o meu pai não foi suficientemente bom, eu não tenho hipótese. Ele é muito mais simpático e paciente do que eu. — Milly dá um último aperto à minha mão, depois reclina-se sobre os cotovelos e suspira. — A família Story é mesmo doida.

Fico mais admirada do que devia quando essa simples verdade me atinge. Apesar de saber que a família do meu pai não era das mais normais, costumava pensar que havia algo... romântico, acho, nos seus problemas específicos. Mas a verdade é que o meu pai e os irmãos são infelizes: ele destruiu a nossa família por causa de uma necessidade inconsciente de se sentir especial sem se esforçar para conquistar nada; a tia Allison afastou o tio Toshi e manteve a Milly à distância; o tio Anders tem uma relação tão má com o único filho que JT pagou a um impostor para desafiá-lo; e o tio Archer passou anos isolado devido a um ou outro vício. Durante segundos, desejei ainda estar ao telemóvel com o meu pai. «Tens de enfrentar o que fizeste e que levou a Mildred a virar-se contra ti», diria eu. «Antes que a pessoa que poderias ter sido desapareça para sempre.»

Mas seria inútil. Se existe uma coisa em que o meu pai acredita piamente é que é um génio incompreendido.

Pestanejo para afastar as últimas lágrimas e tudo volta a focar-se. Só então percebo.

— Estamos... num cemitério? — pergunto a Milly.

— Ah. Sim. Estávamos mais à vontade. — Sorri. — E olha só ao lado de quem viemos parar. É um encontro de família!

Sigo o olhar da minha prima até às letras entalhadas na lápide ao nosso lado:

Abraham story
Amado marido, pai
e filantropo
«A família em primeiro lugar, sempre»

— Que citação irónica — comenta Milly e eu solto uma gargalhada.

— Sabes que mais? O meu pai tinha razão numa coisa. Apenas *numa* coisa — acrescento quando Milly levanta uma sobrancelha cética. Sinto-me mais leve depois de chorar, como se tivesse largado os antolhos que escondiam metade do que acontecia à minha volta. — Não devíamos ficar paradas, sem saber o que se passa. Devíamos fazer alguma coisa.

— Tipo o quê? — pergunta Milly, entrando imediatamente em modo de resolução de problemas. — Falar com o Chaz? Talvez ele nos ponha em contacto com o Edward Franklin.

— Pode ser, mas estava a pensar noutra coisa. — Levanto-me e limpo os calções. — Vamos dar a tal entrevista à Hazel. E fazer também umas perguntas.

ALLISON, DEZOITO ANOS

Junho de 1996

Allison parou junto à porta do escritório da mãe ao ouvir vozes conhecidas.

— Descanso e exercício, Mildred. Essas duas coisas vão ajudá-la muito — disse o Dr. Baxter enquanto fechava a mala.

Ele não costumava fazer domicílios, ainda mais às nove da noite, mas abrira sempre uma exceção para os Story. Especialmente durante os seis meses após o repentino falecimento do meu pai, vítima de um enfarte, e a súbita preocupação excessiva da minha mãe com o próprio batimento cardíaco.

— Parece errático — dizia ela, com a mão sobre o peito.

Mas Allison sabia qual era o problema do coração da mãe: estava destroçado.

— Passo a vida a dizer-lhe isso — comentou Theresa Ryan, assistente de Mildred e mãe de Matt. — Vamos contratar um professor de ioga, Mildred. É um exercício relaxante *e* muito bom. Seria ótimo para ambas.

Theresa soava mais tensa do que o normal. Mudara-se para Catmint House alguns meses antes, a pedido da minha mãe — «é temporário, só até eu me adaptar», prometera Mildred. Allison tinha a certeza de que a assistente estava saturada da proximidade. Os medos constantes de Mildred e a sua incapacidade de tomar até a menor das decisões não surpreendiam ninguém, naquela fase do ciclo do luto, mas eram desconcertantes para todos os que estavam habituados a ver os negócios dos Story funcionarem como uma máquina bem oleada. Allison sabia que Adam também se sentia pressionado. A mãe estava sempre a dizer que queria que ele viesse a casa com mais frequência no semestre seguinte e assumisse um papel ativo na gestão de algumas propriedades da família.

— O objetivo de estar na faculdade é *sair daqui* — queixara-se ele na véspera, quando os quatro irmãos estavam deitados nas suas toalhas na praia diante de Catmint House. — Não quero vir para cá a cada dois fins de semana, como se fosse um saloio local.

— Há quem não saiba a definição de «saloio local» — disse Anders, com a voz abafada sob o chapéu estilo Indiana Jones com que tapara a cara. O resto da sua indumentária também o fazia parecer pronto para uma escavação arqueológica, com calças de linho e uma camisola de mangas comprida.

Ao contrário dos irmãos, Anders ficava muito vermelho quando apanhava sol, mesmo todo besuntado de protetor. Porém, naquele dia, com uns frescos vinte graus, parecia menos deslocado do que o habitual. Allison vestia uma *sweatshirt* e desejou não estar de calções.

— Podias ajudar, sabes? — comentou Adam, irritado. — Podias oferecer-te para voltar de vez em quando. Se dividirmos as coisas, talvez não seja tão mau.

— Não, obrigado. — Anders bocejou. — A mãe resolveu finalmente cobrar por te ter tratado como o preferido. Esse problema é todo teu.

— Isso nem sequer faz sentido — resmungou Adam.

Allison bateu ao de leve na porta do escritório da mãe antes de espreitar lá para dentro.

— Olá — disse ela quando três cabeças se viraram na sua direção. — Prazer em vê-lo, doutor Baxter.

— A ti também, Allison.

— Vamos sair, mãe. — Ante o olhar inexpressivo de Mildred, Allison acrescentou: — À festa do Rob Valentine. Lembras-te?

Archer tinha conseguido convencer os irmãos, até Anders, a ir à festa do seu amigo naquela noite.

— Vocês os quatro? — perguntou a mãe.

— Sim. Eu tinha-te dito — respondeu Allison, tentando não demonstrar irritação. Na verdade, dissera-lhe duas vezes, mas ultimamente a mãe ignorava tudo o que não queria ouvir.

O rosto de Mildred mostrou abatimento.

— Esqueci-me. Pensei que podíamos passar a noite em família a jogar a qualquer coisa. Andei o dia inteiro a pensar nisso.

— Bom... — Allison desejou que Adam estivesse ali. Ele tinha muito mais talento do que ela para lidar com as mudanças de humor da mãe. — Há muito tempo que o Archer não vê o Rob, e prometemos...

— Oh, Mildred, deixe-os ir — incentivou Theresa. — É sábado à noite. Têm o verão inteiro para estar juntos. — A mãe ainda parecia indecisa, mas suspirou conformada enquanto Theresa dirigia um sorriso carinhoso a Allison. — Acho que

o Matt também vai. Diz-lhe que estou com saudades e que espero que ande a comer alguma coisa além de massa chinesa agora que está sozinho em casa.

O coração de Allison perdeu o compasso. O encontro para um café que Matt tinha sugerido na semana anterior, antes da festa, não acontecera, mas ela esperava vê-lo na festa de Rob.

— Fique descansada — disse, e saiu para o corredor antes que a mãe protestasse.

*

— Este verão está a ser uma porcaria — queixou-se Anders enquanto os quatro irmãos Story atravessavam a rua junto ao estacionamento em Nickel Beach até à casa de Rob Valentine. Subiu o fecho do seu casaco grosso de Harvard até ao pescoço e acrescentou: — Está um gelo desde que chegámos.

— O verão mais frio em dez anos — disse Adam na voz que usava sempre que partilhava informações que achava que as outras pessoas já deviam saber. — Está a fazer estragos nos fluxos e refluxos das marés.

— Fascinante — resmungou Anders, e então parou de repente quando passaram por uma lambreta inconfundível, verde fluorescente. — Ah, merda. O cabrão do Matt Ryan está cá.

— Acho que toda a gente está cá — respondeu Archer, diplomático. Mas não conseguiu resistir à tentação de dar uma cotovelada a Anders, acrescentando: — Vivemos numa ilha com dezanove quilómetros, lembras-te? A vida noturna é limitada.

Allison continuou calada. Esperara que a fúria que Anders sentia em relação a Matt tivesse diminuído após um semestre fora, mas parecia não ser o caso.

— Esquece esse gajo — disse Adam, subindo os degraus da entrada dois a dois. Abriu a porta com um floreado e olhou para trás. — Ele não é ninguém.

Rob Valentine tinha acabado o secundário no ano anterior e mudara-se há pouco para uma casa nova — um dos *bungalows* de aluguer que os turistas evitavam, porque o dono não se dava ao trabalho de investir em manutenção. A relva no jardim estava alta e amarelada, a tinta da fachada começara a descascar, e uma das janelas da frente estava tapada por um cartão que não impedia a entrada do ar frio. No interior mal iluminado soava uma música pulsante e parecia estar ali metade do atual e recém-formado corpo estudantil da escola secundária da ilha. Allison comparou a cena barulhenta com as festas muito mais calmas que frequentara no colégio interno, antes de se formar no mês anterior. Na escola Martindale, os alunos moravam no *campus*, assim como muitos dos professores, e isso acabava com a vida social de toda a gente.

Uma loura bonita com uma coroa do Burger King na cabeça e uma garrafa de bebida na mão apareceu a cambalear na frente dos irmãos Story assim que eles entraram.

— Faço anos — anunciou ela com a fala arrastada, batendo no peito de Adam com a garrafa. — És o meu presente?

Ele sorriu, envolvendo a cintura da rapariga com um braço.

— Posso ser.

— Archeeeeeer! — Um rapaz que Allison reconheceu vagamente como Rob Valentine acenou do canto onde algumas pessoas estavam sentadas em almofadas em volta de uma mesa baixa. — Vem jogar à moeda!

— Já estão a cair que nem tordos — afirmou Anders enquanto Archer corria para junto do amigo. — Anda — acrescentou ele para Allison, que observava, atónita, Adam e a aniversariante a curtirem encostados a uma parede. Trinta segundos depois de chegar; um novo recorde para Adam Story. — Vamos buscar uma bebida.

Allison não gostava muito de passar tempo com Anders, mas não conhecia ninguém ali, então seguiu-o até à cozinha dilapidada do chalé.

— Cerveja? — gritou ele por cima do ombro, e tirou dois copos de plástico colorido de uma pilha na bancada sem esperar por resposta.

Havia dez pessoas na fila para o barril, mas Anders passou à frente de todas, como se não tivesse percebido, e tirou a mangueira a um rapaz sobressaltado que estivera a encher o copo.

— Algumas coisas nunca mudam, pois não? — perguntou uma voz seca.

Allison virou-se e encontrou Kayla Dugas, a ex de Anders e o terceiro vértice do infame triângulo amoroso Matt-Anders-Kayla. O famoso cabelo que chegava à cintura — ela nunca o tinha cortado — caía-lhe por cima dos ombros em caracóis soltos. Estava muito sensual numa blusa de alças preta e calças de ganga, sem maquilhagem além do batom cor de vinho na boca pequena e arredondada. Allison, que penara para escolher a roupa antes de se contentar com o conjunto *sweatshirt* e calções a que Matt tinha chamado «estilo descontraído típico da ilha», sentiu-se de repente como se tivesse dez anos.

Kayla provocava esse efeito nas pessoas. Não era exatamente antipática, mas indiferente de uma forma que deixava Allison frustrada. Se a vida fosse um filme, a rapariga local com quem Anders passava a vida a acabar e recomeçar iria querer impressionar a família rica dele, mas Kayla agia sempre como se fosse a pessoa que devia ser conquistada. Como resultado, nenhum dos Story simpatizara muito com ela, tirando o pai de Allison, que dizia que a rapariga era uma lufada de ar fresco.

— Acho que o teu pai tem uma *paixoneta* — comentara a mãe certa vez num tom ácido, o que fizera Allison ter a certeza de que ela se alegrava mais do que os outros com os frequentes rompimentos de Anders e Kayla.

O mais recente, depois do namoro com Matt fora também o mais longo. Anders voltara para o segundo semestre em Harvard a jurar que nunca mais falaria com Kayla, e Allison não ouvira o irmão tocar no nome dela desde então. Até...

— Kayla. — Anders entregou a cerveja de Allison à ex, como se sempre tivesse tencionado trazer-lhe o copo. — Que bela surpresa.

— Anders. — Kayla aceitou o copo com um sorriso malicioso. — Pensei que não falavas comigo.

Allison afastou-se de mansinho antes de Anders responder. Nunca entenderia a dinâmica entre os dois: a forma como o seu irmão arrogante e dominador praticamente rastejava aos pés de Kayla em busca de afeto até conseguir o que queria e depois voltava a ignorá-la. Esperou pela sua vez no barril, sentindo-se invisível à medida que Anders e Kayla se aproximavam cada vez mais, tornando-se o centro das atenções, embora toda a gente fingisse não estar a olhar.

— Uma tragédia anunciada — murmurou alguém junto à orelha dela.

Allison virou-se e encontrou Matt Ryan com dois copos de cerveja. Entregou-lhe um e ela empurrou o peito dele com um nervosismo só parcialmente brincalhão.

— Foge antes que o Anders te veja! — sussurrou ela agitada, mas Matt limitou-se a rir.

— O Anders só tem olhos para a Kayla — disse ele, mas deixou Allison levá-lo para fora da cozinha na mesma. — Esperava encontrar-te aqui — acrescentou ele quando pararam num canto ao lado da escada.

Ela olhou para Matt, notando o seu rosto corado, o cabelo despenteado, o sorriso de esguelha. Parecia que estava na festa de Rob há bastante tempo.

— Obrigada por ligares para irmos beber um café — disse ela, sarcástica.

Ups. Não era assim que queria começar. Tencionara fingir indiferença, como se não tivesse pensado no convite de Matt desde o dia em que ele o fizera. Corou, mas Matt apenas sorriu.

— Vá lá, sabes que não posso ligar para tua casa. Toda a gente me desligaria o telefone na cara, menos tu. — Soltou uma risada triste. — Bom, e talvez a minha mãe.

— Ela mandou um beijo e disse que espera que estejas a alimentar-te bem — relatou Allison, e a seguir quis ser engolida pelo chão. Nada era menos *sexy* do que transmitir um recado da mãe a um rapaz.

Mas Matt limitou-se a rir.

— Não estou, mas não lhe contes isso. É bem capaz de se passar e mandar a irmã vir cuidar de mim. A última coisa de que preciso é de partilhar a casa com a minha tia Paula. Ei, queres jogar à moeda?

Allison bebeu metade da cerveja, a empatar. Não queria jogar. O que queria era conversar com Matt, mas não sabia como fazer isso numa festa cheia de gente que ele conhecia, e ela não.

A menos que usasse uma das táticas de Adam. Allison agitou a mão diante do rosto e franziu a testa.

— Está tanto calor aqui dentro. Acho que vou dar uma volta. Queres vir?

— Claro — disse Matt, engolindo facilmente a desculpa que ajudara Adam a dar quecas em todas as praias de Gull Cove, segundo ele.

Não que seja isso que eu queira, disse Allison a si mesma, bebendo o resto da cerveja enquanto Matt e ela abriam caminho pela multidão na sala. Allison não gostava de festas. E, apesar de os irmãos a terem abandonado assim que chegaram, preferia que nenhum deles a visse com «o cabrão do Matt Ryan».

Além disso, havia o problema de Kayla. Se ela se cansasse de Anders, podia concentrar-se em Matt. E Allison não conseguiria competir.

Mas esquecera-se de como estava frio, e começou a tremer assim que a porta da frente se fechou atrás de si.

— Talvez esta ideia não tenha sido das melhores — disse Allison enquanto o vento aumentava, fazendo a pele das suas pernas arrepiar-se.

— Não, só precisamos de reforços. — Matt abriu o blusão de cabedal e tirou uma garrafinha de uísque do bolso interior. — Calor líquido — declarou com um sorriso, abrindo a tampa e entregando-a a Allison. Ela hesitou e ele ergueu uma sobrancelha com ar provocador. — A menos que prefiras deixar-me aqui?

Allison tinha a impressão de que ele sabia exatamente no que ela estava a pensar quando o convidara para sair da festa, e o seu primeiro instinto foi voltar a correr para o *bungalow*. Até beber um golinho do *bourbon*, tão quente e aromático e reconfortante que bebeu outro maior. De repente, a última coisa que queria era ser prudente. *A Kayla não seria*, pensou, e então repreendeu-se por pensar na ex de Matt naquele momento. A rapariga já ocupava demasiado tempo à sua família.

— Claro que não — respondeu Allison.

— Ótimo. — O sorriso de Matt alargou-se, e ele pôs um braço em volta dos ombros dela. — Esperava que dissesses isso.

CAPÍTULO 9

Jonah

Por mais que eu olhe para o telemóvel, os números na minha conta bancária não mudam.

Saldo: 10,71 dólares, embora o total vá aumentar quando eu depositar o meu primeiro ordenado do Gull Cove Resort. Ninguém no departamento de contabilidade pestanejou quando lhes disse para usarem o apelido North.

— A minha conta está no nome de solteira da minha mãe — expliquei, e a única coisa que os preocupava era que eu devolvesse a papelada a tempo.

O número que me tira o sono é o da minha poupança: 0,00 dólares. Há cinco meses, tinha o suficiente para pagar dois anos num centro de estudos superiores, onde tencionava arrasar em termos de notas, enquanto trabalhava em *part-time* até conseguir pedir transferência para uma universidade. Seria a primeira pessoa da minha família a ter um curso universitário, e faria isso sem pedir muito dinheiro emprestado, porque juntei todos os cheques de aniversário, todos os centavos que recebi no salão de bilhar dos meus pais, e todo o dinheiro que ganhei a dar explicações ao longo dos anos. Ainda esperava ganhar bolsas de estudos, mas não *precisaria* delas. Qualquer coisa que eu conseguisse seria apenas a cereja no topo do bolo.

Então entreguei tudo ao meu pai, para uma oportunidade de investimento «imperdível» que duplicaria tudo o que tínhamos. Talvez até triplicasse. E aqui estamos agora: com um saldo reduzido a zero, e a minha conta bancária nem foi o maior risco que a família North correu com Anders Story.

«Um cliente insatisfeito perdeu todas as poupanças reforma, os fundos para a faculdade do filho, e agora corre o risco de perder o pequeno negócio da família.»

Acho irónico que o filho de uma das maiores vítimas do esquema de Anders Story esteja agora a fazer-se passar pelo *seu filho*. Mas também é intencional. Eu tinha grandes planos para este verão, e é bem provável que todos tenham ido por água abaixo por causa de um prato de *linguini* com camarão.

— Meu. — A voz de Efram traz-me de volta ao nosso quarto na residência do Gull Cove Resort. Não temos ar condicionado, pelo que a ventoinha gigante de Efram zumbe ruidosamente na sua secretária, projetando uma lufada de ar a cada rotação. Ar quente, mas é melhor do que nada. — Não ouves mesmo a porta?

Pestanejo, ouvindo por fim as pancadas.

— Porque não abres?

— Meu — repete Efram, gesticulando entre mim e a porta. Estou na minha secretária, ele deitado na cama com o portátil apoiado nos joelhos e uns auscultadores gigantes pendurados ao pescoço. — Tu estás mais perto.

A responsabilidade por proximidade é uma das regras implícitas entre tipos que dividem um quarto, portanto levanto-me sem me queixar. Quando abro a porta, encontro Milly com Aubrey ao seu lado, com um punho no ar.

— Finalmente — afirma ela, entrando no quarto.

— Olá, pessoal, tudo bem? — saúda Efram com uma expressão confusa. As minhas «primas» não me visitaram uma única vez desde que chegámos, há semana e meia.

— Viemos pedir o Jonah emprestado — diz Milly, fazendo girar um molho de chaves num dedo. Obrigo-me a manter os olhos no seu rosto e não nos calções estranhamente curtos que usa, porque não devo reparar nesse tipo de coisas. — O Carson emprestou-nos o jipe do *resort* esta tarde. Vamos ter com a Hazel.

Fala como se eu devesse reconhecer o nome, mas a minha mente não encontra registo algum.

— Quem?

— A Hazel Baxter-Clement. A rapariga da cidade que está a fazer um trabalho para a faculdade sobre a família Story. Lembras-te? A que tem o avô?

O meu estômago embrulha-se, porque *sim*, lembro-me. Mal consegui olhar para aquela rapariga enquanto ela falava connosco. Esperava que ela me desmascarasse antes mesmo de eu pôr os pés no *resort*.

— Certo — digo, tentando usar um tom despreocupado. — Porque vamos encontrar-nos com ela?

— Para a entrevista — responde Milly, animada. — A Aubrey e eu resolvemos aceitar. E *todos* temos de ir. É uma coisa de família.

Continua a rodar as chaves e vejo a expressão de desafio nítido nos seus olhos. Mal nos vimos desde que Milly descobriu quem sou, mas passei todo este tempo

tenso, à espera de ela me dizer que me vai mandar para casa. Agora, parece que resolveu não fazer isso... desde que eu siga as suas ordens.

E vou seguir, mas a situação não é das melhores. Ainda mais porque a tal Hazel estudou a família Story. JT passou-me algumas informações antes de eu vir, mas, tendo em conta que ele não se deu ao trabalho de me contar que é alérgico a camarão, já não confio tanto nas suas informações.

— Pensei que não queriam falar com ela — comento.

Efram continua deitado na cama com os auscultadores no pescoço, sem sequer fingir que não está a prestar atenção.

— Mudámos de ideias — diz Milly. — Vens ou não, *Jonah*?

A forma como enfatiza o meu nome faz a decisão ser tomada por mim.

— Tudo bem — resmungo, tirando a minha chave do quarto de cima da cómoda. — Mas não tenho grande coisa para lhe contar.

Ela revira os olhos.

— Nunca tens. Até já, Efram.

— Inté, primas — diz ele, pondo os auscultadores.

Sigo Milly e Aubrey pelo corredor, mas espero até chegarmos às escadas, com a porta fechada atrás de nós, para perguntar:

— Isso quer dizer que não vão contar a ninguém?

Milly encara-me de olhos arregalados.

— Contar o quê? Não sabemos nada de nada. Se se passa alguma coisa estranha, vamos ficar tão admiradas como o resto do mundo quando alguém descobrir. — Pressiona os lábios numa linha fina. — O que *vai* acontecer.

Milly vira-se e começa a descer as escadas, e Aubrey dá-me uma palmadinha no ombro.

— Não és muito bom a fazer de nosso primo — diz ela, sem malícia. — Mas continua a tentar.

Segue Milly, e eu vou atrás delas, sentindo-me cada vez mais aliviado.

— Mas não vão contar nada? — repito. Só para garantir. — Ao Carson, aos vossos pais, ao JT ou a... alguém?

Milly faz-me esperar até chegarmos ao fim das escadas para me tranquilizar.

— O teu segredo está seguro connosco, Jonah North.

*

Milly conduz o jipe emprestado do *resort* enquanto leio as últimas mensagens de JT. Não lhe contei que Milly descobriu a verdade sobre nós, à espera de um indulto como o que acabei de receber, mas falei-lhe dos convites de Mildred. Ele não está nada contente com a ideia de eu passar tempo com a sua avó. Nota-se pelas mensagens cada vez mais irritadas que ele nunca imaginou que a situação progrediria tanto.

«Devias fingir que estás doente no dia do *brunch*»
«E da festa»
«Passa despercebido até ela se fartar»
«Isso é tudo só um jogo para ela»

Sinto uma onda de satisfação amargurada quando guardo o meu telemóvel sem responder. Porque a questão é a seguinte: se Mildred *não* estiver a fazer um jogo, se estiver mesmo interessada em participar na vida dos netos, então JT está a prestes a deitar a mão a uma fortuna digna de Bruce Wayne. Ando na escola com algumas pessoas parecidas com Milly, com dinheiro para comprar uma casa grande, bons carros e pagar a faculdade. Mas Mildred Story está noutro nível. Tem dinheiro a rodos. Se JT receber parte disso, mesmo que seja pouco, a família ficará bem durante o resto da vida.

E prometi a mim mesmo, quando concordei com este plano, que não deixaria isso acontecer.

Não contei a verdade toda a Milly quando ela me interrogou sobre a minha carta de condução. Se o tivesse feito, ela tinha-me mandado logo embora. A verdade é que não concordei com o plano de JT por causa do pagamento extra nem das férias à borla. Concordei porque não é todos os dias que se tem a oportunidade de passar a perna a certas pessoas e impedi-las de se tornarem megamilionárias, especialmente quando essas pessoas são os Story. Não é nada pessoal contra JT, que é um parvalhão, mas inofensivo. Ofereceu-me o emprego como o idiota privilegiado que é: um prémio de consolação pelo que a minha família perdeu por causa do seu pai. «Nada de ressentimentos, certo, Jonah? Essas merdas acontecem.»

«Essas merdas» não acontecem por acaso. Posso dar um desconto a JT. Mas ao pai dele?

Odeio aquele gajo.

E JT *com certeza* sabe isso. O facto de me ter pedido que tomasse o seu lugar à mesma só mostra que é inteligente para os estudos, mas não para lidar com pessoas. Viu um emprego de verão generoso para um tipo que precisa de dinheiro, e eu vi a oportunidade de garantir que Anders Story continua deserdado da herança da família para sempre.

Teria vindo de graça para isso.

Assim que combinei o plano com JT, comecei a sonhar com o que faria se estivesse frente a frente com Mildred Story. Que me comportaria como um idiota, que seria tão ofensivo que ela fecharia com força qualquer porta que estivesse a pensar abrir para os Story de Providence. Que Anders Story saberia que tudo acontecera por minha causa e desejaria nunca se ter metido com a minha família.

Quando conheci Mildred naquele primeiro dia, no escritório de Carson Fine, fui apanhado tão desprevenido que não consegui abrir a boca antes de ela nos

dispensar. Depois estraguei o meu disfarce e achei que estava lixado. Agora parece que terei outra oportunidade. Mas...

Parte da minha satisfação desvanece-se enquanto vejo o vento da janela entreaberta soltar madeixas do rabo de cavalo de Milly. Não estava a contar ter de me preocupar com estas duas no verão, porque não imaginei que gostaria delas. Mas Aubrey é uma das pessoas mais simpáticas que já conheci, e Milly... bem. Passou o tempo a atazanar-me desde que nos conhecemos no *ferry*, mas não posso culpá-la. E isso não me impediu de gostar dela mais do que deveria.

Não quero estragar as coisas para as duas. E se eu trair JT e Anders e acabar também com as hipóteses delas com Mildred? E se elas me odiarem por causa disso?

— Meu Deus. — Milly parece tão chocada que, por um segundo, tenho a certeza de que leu a minha mente. Mas então abranda o carro e diz: — Acho que aquela é Catmint House.

Olho para cima enquanto Milly para o jipe, proporcionando-nos uma bela vista da estrada sinuosa à beira mar e... caramba! Uma casa enorme foi construída na beira de um penhasco que sobe a direito do oceano, as suas linhas brancas formando um contraste forte com as pedras pretas irregulares. A parte que vemos é formada praticamente por janelas do chão ao teto, que brilham com o sol de verão. Um miradouro com gradeamento resplandecente rodeia o telhado, e há um parapeito de metal numa zona plana num dos lados da casa. Se tivesse de adivinhar, diria que há ali uma piscina infinita. A vista dali deve ser incrível.

Não ligo muito a arquitetura, mas até eu consigo admirar como tudo aquilo é espetacular. E gigantesco. O lugar parece quase tão grande como o Gull Cove Resort. Para *uma* pessoa. Sinto um aperto no peito e, mais uma vez, não há nada que eu mais queira no mundo do que impedir que Anders Story volte para cá. Espero que ele morra antes de conseguir pôr os pés no palácio à beira-mar onde cresceu. Nem que eu mesmo tenha de matá-lo.

— Incrível — sussurra Milly, e os meus pensamentos assassinos desaparecem. A maioria deles.

— Como será o interior? — pergunta Aubrey, melancólica. Quanto mais tempo passo com Aubrey, mais acho que ela se está nas tintas para o dinheiro. Só quer que alguém naquela família de merda se interesse por ela.

— Acho que iremos descobrir no domingo — diz Milly, voltando a acelerar.

As palavras são despreocupadas, mas a sua voz soa tensa enquanto Catmint House desaparece de vista. Os sentimentos de Milly em relação à família Story são mais difíceis de interpretar. No *ferry*, quando ela nos contou que a mãe usou um colar de diamantes para suborná-la, o meu primeiro pensamento foi: «Ela é fútil. Só se interessa por coisas materiais, como o Anders Story.» Mas Milly podia

facilmente ter-se juntado ao grupinho dos Pipilos ricalhaços — é óbvio que o filho da senadora, Reid Chilton, está caidinho por ela —, e não o fez.

Passamos alguns minutos em silêncio até o jipe entrar num caminho de acesso, tão comprido e serpenteante que não consigo ver a enorme casa colonial dos Baxter até chegarmos a meio.

— Ah, que bonita — diz Aubrey quando nos aproximamos. — Vi na Internet que esta casa foi do capitão de um baleeiro. É um monumento histórico.

— *Viste na Internet*? — repito, divertido. — Andas armada em *stalker*?

Ela encolhe os ombros.

— A Hazel parece saber imensas coisas sobre *nós*. Acho que é justo.

Milly conduz o jipe para junto de um *Range Rover* preto.

— Então só vocês é que falam, certo? — pergunto enquanto saímos do carro.

— Oh, não sei — diz Milly num tom despreocupado. — Depende das perguntas que a Hazel fizer, não é? O tio Anders é um ramo fascinante da árvore genealógica dos Story.

Ela está a achar demasiada graça ao meu desconforto.

Aubrey toca à campainha, e ouvimos um «Já vou!» abafado e o som de passos antes de a porta abrir e revelar Hazel.

— Olá! — cumprimenta ela, afastando-se para nos deixar entrar. Os seus olhos analisam cada um de nós. Eu encaro o chão. — Foram pontuais. Pensei em fazer a entrevista na sala, pode ser? O meu avô já lá está.

— Claro — diz Aubrey.

Seguimos Hazel por um corredor cheio de fotografias de várias gerações da família.

— Só tu e o teu avô é que vivem aqui? — pergunta Milly.

— Não, a minha mãe também. Voltou depois de se separar do meu pai há alguns anos — explica Hazel. Passamos por uma sala de visitas formal e fico contente por não entrarmos, porque todas as cadeiras parecem dignas de um museu. A conversa já vai ser suficientemente incómoda. — Mas ela viaja muito durante o verão. Não há problema, porque nesta altura estou cá com o meu avô. — Baixa a voz. — Temos uma enfermeira interna, mas a demência dele parece piorar quando não está cá ninguém da família.

— Mas disseste que ele hoje estava bem, não foi? — pergunta Aubrey num sussurro esperançoso.

— Sim — responde Hazel quando entramos numa sala ensolarada. O ambiente é muito mais descontraído do que o resto da casa, com sofás junto a paredes pintadas de cores alegres. O avô dela está sentado num canto do sofá maior, diante de uma bandeja de madeira com um bule e uma chávena. Assim que olha para nós, vejo a diferença do homem que conhecemos no centro. O seu olhar não é exatamente

atento, mas está bastante mais focado. — Avô, os Story chegaram — diz Hazel, atravessando a sala e servindo-lhe mais chá. — Esses são a Aubrey, o Jonah e a Milly.

— É um prazer vê-lo de novo, doutor Baxter — declara Milly, alegre.

Aubrey repete o cumprimento, enquanto eu enfio as mãos nos bolsos e olho para o chão. Começou a Operação Invisível.

— Céus. — A voz do Dr. Baxter soa fraca. — Julguei que tinha percebido mal, Hazel, mas eles estão mesmo aqui. — Olho para o Dr. Baxter, vendo uma leve preocupação no seu rosto antes de ele esboçar um sorriso forçado. — Excelente. Por favor, perdoem-me por não me levantar para vos cumprimentar. Não tenho a mesma firmeza de antes.

— Querem beber alguma coisa? — pergunta Hazel.

Abano a cabeça enquanto Milly e Aubrey balbuciam «Não, obrigada», e Hazel gesticula para a sala, instalando-se ao lado do avô. — Podem sentar-se onde quiserem.

Sento-me o mais longe possível do Dr. Baxter, mas Aubrey faz o oposto. Empoleira-se na beira do sofá em frente ao dele, de forma que apenas uma mesa separa os dois.

— Sou filha do Adam — diz ela com um sorriso amigável. — Ele fala muito de como o senhor o ajudou a recuperar depois de ter magoado o joelho na escola.

— Ah, bom. — O Dr. Baxter humedece os lábios. — O Adam era um rapaz muito determinado. Sim, era mesmo.

Aubrey parece querer dizer mais alguma coisa, mas Hazel pega num caderno que estava sobre a almofada ao seu lado e fala primeiro.

— Então, estou muito curiosa — começa ela, abrindo o caderno e tirando uma caneta da lombada. — Como foi crescer sabendo que podiam ter tido uma vida completamente diferente se os vossos pais não tivessem sido deserdados?

— Uau! — exclama Milly, pestanejando e usando o efeito pestanas de Milly Story-Takahashi ao máximo. — Vais direita ao assunto, não é?

Hazel esboça um sorriso pesaroso, mas continua de caneta na mão.

— É muito interessante, do ponto de vista sociológico, saber como o conhecimento de uma vida paralela teórica pode afetar os objetivos e os desejos de uma nova geração.

Encolho-me mais na poltrona, mas Milly empertiga-se ao meu lado.

— Sabes outra coisa que é interessante? — pergunta ela. — Aquilo que as pessoas de Gull Cove acham que aconteceu entre a nossa avó e os nossos pais. Adorava saber quais são as teorias locais.

— Caramba. — Hazel solta uma risada culpada. — Querem mesmo saber? As pessoas dizem coisas bastante absurdas.

Ouço um tilintar à minha esquerda quando o Dr. Baxter, que acabou de beber um gole barulhento de chá, devolve a sua chávena à bandeja e quase falha o pires.

— Quero, sim — confirma Milly.

Hazel puxa um brinco.

— Bom, a teoria mais popular é que a vossa avó teve um esgotamento depois de o vosso avô morrer. Tipo, passou algum tempo isolada, recusando-se a ver qualquer pessoa além dos filhos. E, depois, deixou de querer vê-*los* também. Mas o avô conhece a senhora Story há anos e nunca achou que ela fosse mentalmente instável — acrescenta Hazel, virando-se para o Dr. Baxter. — Não é, avô?

— Bem, sim — respondeu o Dr. Baxter, hesitante. Parece mais constrangido do que eu, e isso é... interessante. Esqueço a minha tentativa de desaparecer e inclino-me para a frente, para ver melhor o seu rosto. O movimento fá-lo olhar na minha direção, e ele franze a testa. — És tão diferente do Anders — diz ele de repente.

Merda. Encolho-me de novo enquanto Milly pergunta rapidamente:

— Quais são as outras teorias, Hazel? As «absurdas»? — Faz umas aspas no ar ao dizer a última palavra.

Hazel olha para mim, e esfrego o rosto como se estivesse a pensar. Apesar de estar de facto a esconder-me.

— É engraçado o que o avô disse sobre o Jonah — começa ela devagar. — Ele não se *parece* com o Anders, pois não? E o Anders nunca se pareceu com mais ninguém. Há pessoas que acham que o Anders não era filho da Mildred, que o Abraham teve um filho com uma amante e obrigou a mulher a criar o bebé. — Os olhos de Aubrey arregalam-se enquanto Hazel acrescenta: — Dizem que a senhora Story tentou deserdar o Anders quando o marido morreu, e os outros filhos foram-se embora da ilha com ele, em solidariedade.

— Isso nunca aconteceria — diz Aubrey tão depressa que resfolego.

— Nem pensar — concorda Milly.

— E outras coisas bastante bizarras — prossegue Hazel. — Tipo, existe um boato horrível de que um dos *irmãos* da Allison a engravidou, e os outros tentaram ocultar tudo. Mas a Mildred descobriu e perdeu a cabeça. E que o bebé continua...

— *O quê*? — interrompe Milly com um grito agudo. O olhar dela seria capaz de matar. — Dizem mesmo isso? Que coisa nojenta!

Hazel parece querer esconder-se debaixo da mesa. Acho que, durante alguns minutos, ela se esqueceu de que estava a falar de uma família real.

— Eu sei. Desculpa — diz, fechando o caderno. — Não quis... olhem, ninguém aqui acredita mesmo nisso. A sério. As pessoas só gostam de falar e de inventar disparates.

Milly encara Hazel como se estivesse prestes a irromper em lágrimas furiosas, e sinto uma vontade irracional de bater em alguém. Não em Hazel, obviamente. Nem

no avô dela. Mas em alguém. Até Aubrey, que sempre me pareceu o tipo de pessoa que prefere soltar insetos pela janela a matá-los, parece pronta para lutar. Tem as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo quando diz:

— Acho mais fácil acreditar que eles mataram alguém do que acreditar *nessa* história.

Ouve-se um estrondo quando o joelho do Dr. Baxter acerta com força na bandeja diante dele. As três raparigas viram-se para ele ao mesmo tempo enquanto o velho pega na chávena, olhando para o fundo dela com uma expressão dececionada.

— Onde está o meu chocolate quente? — pergunta o Dr. Baxter, movendo o seu olhar perdido para algum ponto atrás do ombro de Hazel. — Katherine, está na hora do chocolate quente.

— Não está, não, avô. Não deves ingerir açúcar refinado. E a mãe não está aqui — responde Hazel com um suspiro. Levanta-se e afasta a bandeja para uma distância segura do sofá. — A Katherine é a minha mãe — acrescenta por cima do ombro. — Acho melhor ir deitá-lo lá em cima. Não é um bom sinal quando ele começa a confundir as coisas.

Hazel ajuda o avô a levantar-se e serve-lhe de apoio enquanto atravessam lentamente a sala. Ele ainda está a murmurar sobre o chocolate quente quando passa por Milly e Aubrey, que parecem muito nervosas. Tenho quase a certeza de que nenhuma delas notou que o Dr. Baxter observava Hazel com um olhar lúcido e atento enquanto ela falava... até ao momento em que deu uma joelhada na bandeja de propósito.

CAPÍTULO 10

Milly

Admito que exagerei na mala para o verão. Mas, quando me vesti esta manhã para a minha reunião com Donald Camden no seu escritório, fiquei contente por ter trazido o vestido azul-escuro e as sandálias de salto alto. Dirigia-me à zona mais empresarial de Gull Cove, e queria passar despercebida. Mas, agora que estou sentada na sala de espera elegante, não sei porque me dei a esse trabalho. Não vi mais ninguém aqui além da rececionista, que está a limar as unhas.

Ela atende uma chamada — parece alguém a tentar vender-lhe uma fotocopiadora nova — enquanto aliso o folheto que tirei do quadro de avisos intitulado EVENTOS DA ILHA por que passei a caminho daqui.

Sexta, 9 de julho
Faz a festa com os Asteroids
A melhor banda de *covers* da década de 1980 de Gull Cove
21h00, no Dunes

É um bocado chunga e só o trouxe por causa das letras miúdas em baixo: com ROB VALENTINE, JOHN O'DELL, CHARLIE PETRONELLI E CHAZ JONES.

Não sei o apelido de Chaz, o *barman*, mas não deve haver muitos tipos com o mesmo nome em Gull Cove. Chaz ainda não voltou ao trabalho, por isso não tive oportunidade de lhe pedir o contacto de Edward Franklin. Seria ótimo se eu conseguisse falar com Edward antes do *brunch* com Mildred no domingo, por isso...

parece que vou à noite da década de 1980 no Dunes. Talvez consiga convencer alguns Pipilos a ir comigo.

— Menina Story-Takahashi? O doutor Camden vai recebê-la agora — diz a rececionista.

Levanta-se e faz-me sinal para eu a seguir por um corredor com chão de mármore. Passo por uma série de gabinetes vazios até finalmente ver uma rapariga curvada sobre um telefone, a tomar apressadamente notas num bloco. Deve ser semana de férias na Camden & Associates.

A rececionista para diante de um gabinete com uma parede envidraçada, com vista para o cais de Gull Cove. Indica-me que entre e transponho a porta.

— Olá, Milly — cumprimenta-me Donald Camden. Levanta-se atrás de uma secretária preta com um acabamento tão brilhante que consigo ver o meu reflexo quando me inclino e lhe aperto a mão. O escritório está decorado em preto, branco e cromado, incluindo a cadeira de aparência futurista onde Donald volta a instalar-se depois de eu me sentar. — É um prazer voltar a ver-te.

— A si também.

— Obrigado, Miranda — diz Donald à rececionista, que sai sem uma palavra, fechando a porta em silêncio.

O meu olhar pousa na fotografia grande, com moldura de prata, no canto da secretária de Donald, à espera de ver uma data de netos louros em poses artísticas. Em vez disso, é uma fotografia do Dr. Baxter, de Donald e de Theresa Ryan, todos em traje de gala, no que parece ser a imponente escadaria de mármore do Gull Cove Resort.

A família substituta da minha avó, penso, inclinando-me para ver melhor.

— Que bela fotografia. Foi no Baile de Gala de Verão?

— Sim, no ano passado — responde Donald, unindo as pontas dos dedos sob o queixo. Raios de sol entram pela janela atrás dele, refletindo-se nos seus botões de punho de ouro. — Fiquei contente por saber que estás a pensar em aceitar a minha oferta de emprego, Milly. O que queres saber sobre a oportunidade?

Não faço a menor ideia. Não vim com nenhum plano além de estar na mesma sala que o cão de guarda favorito de Mildred, para ver se ele deixa escapar alguma coisa. Ou se lhe consigo arrancar alguma informação.

— Fiquei curiosa sobre, hum, que tipo de trabalho o escritório do seu amigo faz para o filme. Porque estou interessada em seguir Direito. Achei que talvez pudesse ajudar nessa parte.

Uma expressão indulgente surge no rosto dele.

— Infelizmente, o trabalho dos advogados é muito especializado, e também muito chato. Uma jovem como tu não lhe acharia graça alguma.

Argh, que idiota condescendente. Sei bastante sobre trabalho especializado de advogados graças à profissão do meu pai. Mas Donald parece ser do tipo que baixaria a guarda se eu o encorajasse a fazer o papel de especialista, portanto pergunto:

— É, tipo, contratos?

Donald começa uma explicação enfadonha a que não presto muita atenção, porque me estou nas tintas para aquilo. A conversa de ontem com Hazel abalou-me bastante. Passei a noite às voltas na cama, enojada com os boatos perversos que circulam pela ilha sobre a minha mãe, sem serem desmentidos pelas pessoas que sabem o que aconteceu.

Incluindo este tipo, que está disposto a pagar uma pequena fortuna para se livrar de nós.

— Que interessante — digo num tom alegre quando Donald finalmente faz uma pausa para respirar. — Parece uma oportunidade maravilhosa. Só estou um pouco dividida, sabe? — Mordo o lábio. — Fiquei animada com a ideia de conhecer a minha avó. Nunca percebi o que aconteceu entre a minha mãe e ela. Seria muito mais fácil ir-me embora se soubesse o que aconteceu.

— Milly. — Donald abana a cabeça. — Esse é precisamente o tipo de conversa que não devias ter com a tua avó. Ela ficaria nervosa, o que só pioraria a sua frágil saúde.

— É por isso que não estou a perguntar-lhe a ela. Estou a perguntar-lhe a si. — Digo as palavras no tom mais inocente que consigo, e então acrescento um elogio. — A senhora Ryan fala muito bem de si.

Theresa Ryan não me disse nada, na verdade. Apenas enviou um *e-mail* com instruções sobre o *brunch*, mas Donald não precisa de saber disso.

— Que simpático da parte dela — diz ele, mas há uma tensão na sua voz que não consigo interpretar.

— Não lhe disse que vinha cá — garanto, caso essa seja a preocupação dele. — E também não diria à minha avó. Ela não precisa de saber que tivemos esta conversa.

Donald endireita-se na cadeira, franzindo a testa, e percebo que passei das marcas com a minha última frase.

— Nunca violaria a confiança da tua avó, Milly. Além de ser errado em termos éticos, seria também ilegal. Sou o advogado dela, afinal.

— Certo, mas... — Mantenho o sorriso falso no rosto e mudo de tática, apesar de saber que estou a perder. — Mas não pode sugerir que ela fale connosco sobre o que aconteceu? Para acabar com a tensão? Talvez ela fosse uma pessoa mais saudável e mais feliz, se pusesse tudo em pratos limpos.

Donald fita-me com ar sério.

— Milly, aceitas o conselho de um homem mais velho?

Nem pensar.

— Claro.

— Deixa o passado como está. Tu e os teus primos parecem bastante equilibrados, o que, para ser franco, não era o caso dos vossos pais com a mesma idade. Abrir velhas feridas não vai levar a lado nenhum. Muito pelo contrário. — Esboça um sorriso que deve julgar ser benévolo como o de um avô. — Posso ligar ao meu amigo e confirmar que tu e os teus primos vão trabalhar nas filmagens do *Agente Clandestino*?

É evidente que ele não me vai contar nada útil mas, pelo menos tenho a satisfação de ver o sorriso desaparecer do seu rosto quando digo:

— Não.

Está calor no Dunes, e é difícil conversar porque os Asteroids estão a tocar uma *cover* dos Journey no volume máximo. Chaz está nas sombras, num banco ao fundo do palco. Só lhe consigo ver as calças de ganga e a ponta da guitarra.

— Milly! Uma pergunta — grita Brittany ao meu ouvido, mais alto do que a música.

Estamos em volta de uma mesa pequena com Efram, Aubrey e dois outros participantes do programa Pipilo. Atrás de nós, Jonah joga *snooker* com um tipo mais velho que não reconheço. Provavelmente algum morador da ilha, já que a clientela é formada mais por locais do que turistas. Efram trouxe uma garrafinha com rum e está a fortalecer todas as nossas *Coca-Colas*, menos a de Aubrey. Estou naquele momento divertido e levemente embriagado da noite em que toda a gente parece mais fixe do que o normal, por isso esboço um sorriso radiante para Brittany, apesar de por norma não falarmos muito.

Ela bate no meu braço, e percebo que não respondi.

— O quê? — grito de volta.

A banda acaba a música, e a multidão aplaude, pedindo mais.

— O teu primo tem namorada? Ele é tão giro.

Sigo o olhar de Brittany até Jonah, que se prepara para uma tacada, o cabelo castanho-escuro caído sobre os olhos, os músculos dos braços a fletir-se. Se quiser ser objetiva, sim, aquela é uma pose muito atraente. E o rosto dele é bastante bonito: nariz aquilino, lábios carnudos, maxilar quadrado. Ainda parece estranho, e um pouco errado, notar essas coisas. Tal como aconteceu no *ferry*, quando me dei conta de que o gajo giro que eu estivera a galar nas escadas era o meu primo.

Só que já não é.

Jonah levanta a cabeça e encontra o meu olhar, depois pestaneja e esboça um sorriso travesso antes de fazer a sua tacada. Sinto-me corar, e viro-me para Brittany, que olha para nós com uma expressão confusa.

— Devias ir falar com ele. Acabou de te piscar o olho — digo.

— Acho que ele não estava... — começa Brittany.

Faço girar o gelo no copo antes de acabar de beber tudo.

— Sabes que mais? Não sei se o Jonah tem namorada. Não somos muito chegados, mas vou descobrir. Por ti.

A familiar abertura de piano de «Don't Stop Believin'» começa a tocar quando deslizo do banco, e a multidão enlouquece. Jonah está a terminar a sua *Coca-Cola* com rum, encarando a bola branca como se ela o tivesse traído, quando lhe dou uma cotovelada no braço.

— Não me digas que falhaste a bola — comento.

O tipo com quem Jonah está a jogar inclina-se sobre a mesa com o taco na mão.

— Com licença, rapariga de uma cidade pequena — diz ele enquanto o vocalista da banda de Chaz canta as mesmas palavras atrás de nós.

Reviro os olhos e dou um passo para o lado. Jonah olha-me de soslaio e sorri.

— Estava distraído — diz ele.

— Para com isso.

— Paro com o quê?

— De te atirares a mim.

— Não estou a atirar-me a ti. — Jonah apoia o taco na parede e encosta-se com um sorriso preguiçoso. É óbvio que o álcool está a afetá-lo com a mesma intensidade que a mim, porque nunca o vi tão descontraído antes. — És muito convencida, não és?

— *Piscaste-me* o olho!

— Foi uma piscadela de primo. Do género que diz: «Ei, prima, espero que estejas a divertir-te a perseguir o *barman* da nossa avó.» Não «Ei, Milly, está muito gira esta noite.» — Ele aproxima a cabeça da minha. — Apesar de estares.

— És ridículo — resmungo, tentando não sorrir. Raios. Há quase um ano que não me interesso por ninguém, e não posso começar agora. Este verão já está demasiado confuso sem acrescentar mais esta complicação. — Vou voltar para a mesa.

— Não. — As mãos de Jonah rodeiam a minha cintura por um instante, e ele volta-me para a mesa de *snooker* enquanto faço questão de evitar olhar para a expressão incrédula com que Brittany deve estar a observar-nos. — Ele já falhou, portanto é a minha vez. E tu dás sorte.

Devia ir-me embora. Para quem não sabe o que está a acontecer, esta cena deve ser mais do que estranha. Mas, apesar de eu saber lidar com o Jonah idiota e o Jonah impostor, não tenho a menor noção de como agir com esta versão. Fico ali enquanto a banda continua a tocar e Jonah dá a volta à mesa como se fosse dono dela. Insere quatro bolas seguidas mais a preta e, rapidamente, o jogo acaba. O adversário de Jonah une as mãos como se estivesse a rezar, fazendo uma vénia exagerada que, de alguma forma, ainda parece respeitosa. Estende a mão para um

bater de punhos antes de desaparecer no meio da multidão. A banda termina a música com aplausos altos, mas, em vez de começarem a próxima, começam a conferenciar no palco.

— Um dia destes, vais contar-me onde e como aprendeste a jogar assim — afirmo enquanto Jonah arruma o taco no suporte da parede. Digo isso como um elogio, mas o sorriso confiante desaparece do rosto dele como se eu o tivesse apagado com uma borracha.

Antes de conseguir pedir-lhe desculpa — nem sei pelo quê —, o vocalista dos Asteroids inclina-se para o microfone. Tem o mesmo visual de Gull Cove que o tipo que Jonah acabou de vencer: bronzeado, curtido pelo tempo e aparentando ser mais velho do que é.

— Boa noite, pessoal, obrigado por terem vindo — diz ele. — Estamos quase a terminar, mas, antes de nos irmos embora, vamos animar as coisas. O nosso guitarrista, que normalmente gosta de ficar escondido, pediu-nos para fechar com a sua música favorita. Peço uma salva de palmas para o Chaz!

— Vamos ouvir — digo a Jonah, voltando para a mesa onde Aubrey, Efram e Brittany continuam sentados. Ele segue-me, tão perto que, quando me viro de repente, quase chocamos. Seria melhor eu recuar, só que não o faço. — Ah! Mais uma coisa. Fiquei de descobrir se tens namorada. — A minha voz sai mais ofegante do que eu pretendia, e tento usar um tom indiferente quando acrescento: — Para a Brittany.

Jonah olha para mim, os seus olhos castanhos a brilhar com o reflexo da luz do palco.

— Não — responde ele. — Não tenho namorada. Mas não estou interessado na Brittany.

O meu rosto está demasiado quente.

— Certo. Entendido — digo, virando-me antes que ele consiga notar o meu rubor.

Chegamos à mesa assim que Chaz surge no centro do palco, a pestanejar como se não soubesse exatamente como chegou ali. Mesmo de longe, parece desmazelado. Tenho a certeza de que continua a curtir aquela bebedeira de dias que é motivo de conversa entre toda a gente no Gull Cove Resort.

Volto para o meu banco, evitando o olhar de Brittany.

— Esta é dedicada à minha família — balbucia ele, com a sua voz a crepitar no microfone, e dedilha um acorde familiar.

A banda acompanha-o segundos depois, e Aubrey endireita-se no banco.

— Essa é... — começa ela.

— Dos Weezer — diz Brittany. — *Africa*.

— Não. — Efram inclina-se para a frente. — A versão original é dos Toto. A banda toca *covers* dos anos oitenta, lembras-te? — Franze um pouco a testa. — Esta música é mesmo... produto daquela época, não é? Tipo, eles provavelmente nunca foram a África, mas resolveram fazer uma música sobre ela à mesma. De uma forma muito constrangedora.

Ele tem razão, mas não é nisso que estou a pensar enquanto tento chamar a atenção de Aubrey. Será que a música foi tão parte da infância dela como da minha, ou o tio Adam nunca partilhou essa parte específica da tradição dos Story? Será que Aubrey viu o vídeo dos irmãos Story a cantar *Africa* a plenos pulmões quando eram pequenos?

Aubrey está concentrada no palco, então desvio o meu olhar para Chaz. Ele inclina a cabeça e fecha os olhos enquanto canta o refrão... *Ohhhh*.

Oh, meu Deus.

Levanto-me de imediato, abrindo caminho com o ombro pela multidão até quase chegar diante do palco. Já estive mais perto de Chaz no Sevens do que estou aqui, mas vejo-o com clareza sob as luzes fortes do palco.

Não posso acreditar que demorei este tempo todo a perceber.

Assim que a música termina, sob aplausos, Chaz larga a guitarra e levanta a mão, fazendo sinal ao *barman* enquanto sai do palco. Sigo-o até ao bar, mas fico presa atrás de um grupo de malta da minha idade. Tenho de começar a respirar pela boca quando o cheiro de vários perfumes diferentes me envolve.

— Olá, Milly, como vai isso? — diz Reid Chilton, esboçando um sorriso enorme enquanto estico o pescoço para ver atrás dele.

Chaz parece ligeiramente em pânico, mas também determinado. Como se tivesse acabado de perceber que precisa de fugir, mas não está disposto a fazer isso sem uma bebida na mão.

— Bem, mas não posso falar agora — respondo com brusquidão, abrindo caminho entre ele e outro rapaz de polo azul.

O segundo rapaz ri-se quando passo.

— Bolas, Reid. Ela não está *nada* interessada em ti.

Continuo a avançar pela multidão até chegar suficientemente perto para agarrar a manga de Chaz. Puxo-a com força, e ele vira-se. Os olhos que encontram os meus são tão familiares que fico irritada comigo mesma por não ter percebido antes. O ruído das conversas é alto à nossa volta. Mesmo assim, baixo a voz, aproximando os meus lábios da sua orelha para ele conseguir ouvir-me.

— Olá, tio Archer — digo. Os olhos do irmão mais novo da minha mãe arregalam-se quando acrescento: — Foste tu que nos convidaste a vir para cá?

CAPÍTULO 11

Aubrey

— Não estou suficientemente bêbedo para ter esta conversa — resmunga o tio Archer, passando a mão trémula pela boca.

— Oh, estás, sim — diz o vocalista da banda, sério. Fomos para casa dele. Ou melhor, para o *bungalow* atrás da sua casa, onde vive o tio Archer. Não parece grande coisa visto de fora, mas por dentro é surpreendentemente limpo e espaçoso.

O vocalista chama-se Rob Valentine; apresentou-se no Dunes. Tem uma empresa de pintura de casas na ilha e era amigo do tio Archer no secundário. Sem ele, o tio Archer provavelmente teria fugido pela porta das traseiras do Dunes assim que Milly usou o seu nome verdadeiro.

— Anda — disse Rob, mais ou menos arrastando o tio Archer para um velho *Honda* SUV, no parque de estacionamento. Milly, Jonah e eu seguimo-los, demasiado chocados para fazer qualquer coisa além de observar. — Chega de te esconderes. Conta aos miúdos o que se passa.

— Conto lá em casa — murmurou o tio Archer quando finalmente cedeu e se deixou ser empurrado por Rob para o banco do passageiro do *Honda*. Depois desmaiou, ou pelo menos fingiu.

O caminho até a casa de Rob foi curto, dando-lhe apenas tempo para perguntar, confrangido, como estavam os nossos pais. Seguiu-se outra odisseia interminável para tirar o tio Archer do carro, levá-lo para o *bungalow* e para um sofá pequeno. Ele está sentado agora, mas reclinado nas almofadas axadrezadas enquanto Rob se senta na extremidade oposta. Milly, Jonah e eu estamos lado a lado no *futon* diante deles, à espera.

Por fim, o tio Archer pigarreia e diz:

— Bom... não era exatamente assim que eu pretendia apresentar-me a vocês os três. — O seu olhar volta-se na nossa direção, mas não se demora. — Pensando bem, eu não devia ter... — Perde o fio à meada, e Milly agita-se ao meu lado. Está impaciente por ouvir uma explicação. — Tocado aquela música — conclui.

Milly endireita-se, franzindo a testa.

— É *assim* que queres começar? Com a escolha da música?

— Aquela é mais ou menos a minha música — diz o tio Archer, como se Milly estivesse à procura de uma explicação e não a expressar impaciência. — Bom, era da nossa família, na altura em que vivíamos aqui. Calculo que a tua mãe te deva ter contado. E as pessoas daqui...

Cala-se, e Rob conclui em seu lugar.

— Lembram-se. Nada como ser discreto, *Chaz*.

— O meu disfarce já foi por água abaixo — murmurou o tio Archer. — Na semana passada.

— Não sabes isso — responde Rob com paciência, como se já tivesse usado aquele argumento antes. — Ele ainda não disse nada, pois não?

Milly e eu trocamos olhares confusos.

— Quem é que não disse nada? — pergunta ela. — Do que estão a falar?

— Conta-lhes, Archer — diz Rob. — Desde o começo.

O tio Archer baixa a cabeça. Todos esperamos que ele volte a falar, até Rob suspirar e nos dirigir um olhar pesaroso.

— Talvez hoje seja uma daquelas noites em que é melhor deixá-lo dormir para curar a bebedeira — diz ele.

— Tão cansado — balbucia o tio Archer.

Milly observa os dois com um olhar avaliador. Depois levanta-se e vai à cozinha. Quando volta, traz um copo meio cheio de água. Para diante do tio Archer, levanta o copo e atira-lhe a água à cara.

Ele levanta a cabeça e arregala os olhos, chocado, mas alerta.

— Mas que porra? — Gotas de água escorrem-lhe da barba e encharcam-lhe a camisa enquanto ele passa a manga pelo rosto.

— Deves-nos respostas — diz Milly.

— Calma. — A voz de Rob é meiga, mas firme. — Compreendo que estejam frustrados, mas o vosso tio não está a fazer-se difícil porque quer. Estão a lidar com uma pessoa doente e, infelizmente, às vezes o vício tem destas coisas.

Milly abre a boca, depois fecha-a, e volta a sentar-se no *futon*, corada. É a primeira vez que a vejo parecer envergonhada, e tenho de admitir... fico contente. Por norma, gosto dos seus modos determinados, mas ver o estado do tio Archer angustia-me. No caminho para cá, Milly disse que devíamos ter percebido antes quem ele era, mas não vejo como o poderíamos ter feito. A minha última lembrança

do tio Archer é dele bonito e risonho, sentado no chão comigo, a construir uma cidade de *Lego* quando eu era pequena. Não há nada familiar nesta versão dele, a menos que a saibamos procurar.

— Desculpa — pede Milly baixinho.

— Tudo bem — responde o tio Archer, piscando os olhos ainda molhados. — Eu mereci. E, olha, quem diria? Resolveu o problema. — Solta uma gargalhada trémula e limpa o resto das gotas de água da barba. — Também vos devo um pedido de desculpas. A todos. No Dunes, perguntaste-me se fui eu que vos trouxe para cá. E a verdade é que fui.

E aqui está: a resposta para um mistério de duas semanas. Mas isso só suscita mais perguntas e, pela primeira vez, Milly parece relutante em fazê-las. Jonah é basicamente inútil, já que está com demasiado medo de dizer algo errado, então acho que resto eu.

— Porquê? E como?

O tio Archer lança um olhar ao copo descartado de Milly, como se desejasse que ainda estivesse cheio e com algo mais forte do que água.

— Tudo começou com o Edward. Lembram-se do Edward Franklin?

Dirige-nos um olhar interrogador e assentimos. Milly recupera o suficiente para me dar uma cotovelada e um sorriso convencido, já que passou a semana inteira a tentar encontrar a pista de Edward Franklin.

— Bom, o Edward e eu conhecemo-nos por intermédio de um amigo comum em Boston, no inverno passado, e demo-nos bem — continuou o tio Archer. — Quando descobri onde ele trabalhava, parecia que era o destino. Andava a pensar muito na família, na nossa casa, e... quis voltar. Mas sabia que não podia aparecer aqui como Archer Story. Pedi ao Edward para me arranjar emprego como *barman* no *resort*, e ao Rob para fingir que eu era um amigo de fora da cidade enquanto me ambientava.

— Te aclimatavas? — repito, e Archer esboça um sorriso amargurado.

— De início, tinha uma fantasia idiota de que encontraria a mãe a certa altura, e toda a raiva que ela guardava desapareceria. Que ela perceberia que quer fazer as pazes tanto como eu. Mas isso não aconteceu. Não a vi todo este tempo. Ela vive muito isolada. Mesmo quando vai ao *resort* resolver alguma coisa, só se encontra com certas pessoas.

Chego-me para a ponta do *futon*.

— Tio Archer, sabes o que queria dizer a carta? — Ele franze a testa, e explico: — A carta que o Donald Camden mandou? «Vocês sabem o que fizeram?» Sabes, hum... o que fizeste?

— Não tenho a menor ideia. — Abre as mãos num gesto de impotência. — Nunca percebi o que ela quis dizer. Daria tudo para perceber.

É a mesma resposta que o meu pai sempre me deu, e que sempre aceitei sem questionar. Porém, agora que sei como o meu pai pode ser falso, vejo a sua resposta sob uma nova perspetiva — ele desvia os olhos, contrai o maxilar, expande as narinas. Pequenos tiques que me fazem perguntar o que pode estar a esconder. Mas, quando analiso o rosto do tio Archer, não vejo nada disso. Só encontro tristeza e confusão.

— Já pensaste em tentar visitar a avó? — pergunto.

— Constantemente — responde ele. — Só que, quanto mais tempo passo aqui, mais me dou conta de que estava a iludir-me quando pensei que poderia voltar a fazer parte da vida dela. O Adam, o Anders, a Allison e eu... nenhum de nós pode fazer isso. Seja lá o que aconteceu para mudar os sentimentos da mãe não desapareceu em mais de vinte anos. O nosso capítulo na tradição dos Story terminou há muito tempo. E então deparei-me com um artigo sobre ti, Aubrey.

Inclino a cabeça, confusa.

— Sobre mim?

— Sim. A tua equipa de natação participou naquela prova nacional que o *USA Today* cobriu. Li o artigo e ocorreu-me de novo que a nossa família está demasiado fraturada. Parecia uma pena eu saber tão pouco sobre a tua vida que nem fazia ideia de que eras uma nadadora de elite.

— Não sou de elite — digo, corando. — Foi um resultado da equipa.

— É uma conquista enorme! — insiste o tio Archer, e tenho de pestanejar para afastar as lágrimas que surgem de repente. O meu pai nem foi àquela prova. Disse que não se sentia bem, mas provavelmente não queria encontrar a namorada enquanto estava ao lado da mulher. — Fiquei orgulhoso de ti e quis dar-te os parabéns. Mas receei que parecesse estranho, assim do nada, já que mal nos conhecemos. Depois pensei na mãe e como nunca vos conheceu. Disse ao Edward que, se ela conhecesse, talvez percebesse o erro que cometeu quando expulsou a família toda da sua vida. Foi aí que a ideia tomou conta de mim.

Milly conteve-se enquanto o tio Archer e eu conversávamos, mas não consegue continuar calada.

— A ideia de nos trazeres para cá usando uma mentira? — pergunta ela.

As suas palavras são duras, mas o tom não. O tio Archer esboça um sorriso triste.

— Pareceu bastante mais inocente na minha cabeça, mas… sim. Em resumo, acho que é isso. O Edward já tencionava ir-se embora de Gull Cove, de qualquer das formas, então convenci-o a convidar-vos em nome da mãe. — Pigarreia. — Não tenho o melhor dos relacionamentos com nenhum dos vossos pais, portanto não lhes contei. Achei que perdoariam a minha mentira se as coisas acontecessem como eu esperava.

A minha cabeça começa a doer com todas as informações novas que tento processar.

— Foste tu quem avisou o *Gull Cove Gazette*?

— Sim — admite o tio Archer. — Achei que isso nos faria ganhar tempo, já que a mãe se importa muito com as aparências. Só não esperei que dessem de caras com ela no primeiro dia. Mas ainda bem, porque... eu tinha razão, não tinha? Ela *quer* conhecer-vos. Convidou-vos para irem a Catmint House e ao Baile de Gala de Verão, não é verdade?

— Bem, sim, mas só depois de passar duas semanas a ignorar-nos. Parece mais que está a tentar manter as aparências do que fazer as pazes. — Milly franze a testa, abanando a cabeça. — Quero dizer, qual é o plano a longo prazo? Achas que ela nunca vai descobrir que foste tu que nos trouxe para cá?

— Oh, não. — Archer parece chocado com a ideia. — Eu tenciono contar-lhe tudo depois do baile. — Esfrega o rosto com a mão. — Numa carta, talvez. Acho muito difícil ela aceitar falar comigo pessoalmente.

Milly olha-o como se uma segunda cabeça tivesse acabado de surgir nele.

— Mas ela vai ficar furiosa contigo por teres feito uma coisa dessas. Nunca irás ser «desdeserdado».

O tio Archer arqueia as sobrancelhas.

— «Desdeserdado»?

— Tu percebeste. Voltar a ser incluído no testamento. Ser de novo herdeiro — explica Milly. — Não é isso que queres? Era isso que a minha mãe, que os nossos pais esperavam — acrescenta ela, olhando primeiro para mim, depois para Jonah. — Certo?

Jonah pigarreia.

— É com certeza o que os meus... hã... pais esperavam.

— Os meus também — digo.

— Bom. — Archer pestaneja. — Isto vai parecer um pouco ingénuo, imagino, mas tudo o que eu queria era que ela vos conhecesse. E vice-versa.

Ficamos em silêncio, a absorver aquilo. Quase não acredito: um Story que não se importa com a sua fortuna perdida? É algo que vai contra tudo o que sei sobre a família do meu pai. Mas a verdade é que não consigo imaginar nenhuma forma de esta história acabar bem para o tio Archer. Mesmo que a nossa avó acabe por gostar de nos ter cá — e as hipóteses de isso acontecer são minúsculas —, continuaria a ter sido enganada pelo filho mais novo. E já sabemos que não é do seu feitio perdoar.

— Enfim, tenho a certeza de que vou ser despedido da próxima vez que aparecer no trabalho. — O tio Archer suspira e olha para o chão. — E é por isso que tenho evitado lá ir. Por assim dizer.

— Porquê? — pergunto, e então lembro-me da conversa dele com Rob. «O meu disfarce já foi por água abaixo.» — Alguém te reconheceu?

O tio Archer faz uma careta.

— O Fred Baxter, por azar. Era o médico da nossa família quando eu era pequeno e agora sofre de demência. Dei de caras com ele na farmácia a semana passada. Estava sozinho, parecendo perdido, e calculei que tivesse fugido da cuidadora. Ofereci-me para o ajudar, e ele disse: «Não, obrigado, Archer. Quero estar sozinho.» — O tio Archer abana a cabeça. — Ali estava eu, a achar que o homem não conseguia sequer encontrar a porta, e ele é a única pessoa em toda a ilha que não caiu na história do Chaz Jones. Perguntou-me onde estava alojado e... fiquei tão atordoado que lhe *contei*.

— Bom, ele pode ter-se esquecido — digo em tom de consolação. — Já o conhecemos. Ele parece esquecer-se de tudo.

— Conheceram o doutor Baxter? — interroga o tio Archer, ao mesmo tempo que Jonah pergunta:

— Mas será que esquece mesmo?

Olho de um para o outro, mas Jonah não diz mais nada, então respondo ao meu tio.

— Falámos mais com a neta dele, mas ele estava... lá.

Depois calo-me, porque nem pensar que vou cair na armadilha de repetir os boatos terríveis de Hazel.

O tio Archer parece confuso.

— Certo, bom... não importa se o Fred Baxter se lembra de mim ou não. Depois de eu contar a verdade à mãe, vou ter de me ir embora. — Inclina-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos, parecendo subitamente exausto. — Devem achar que sou doido. E talvez seja. Mas as minhas intenções eram boas.

O meu telemóvel vibra. Tiro-o do bolso sem muito interesse, mas os meus olhos arregalam-se quando vejo o nome no ecrã.

Thomas: «Como vão as coisas?»

Quase me rio. Quanto tempo disponível tens, Thomas? E ele resolveu entrar em contacto comigo *agora*, depois de passar duas semanas desaparecido?

Mas sei o motivo. Fá-lo porque deixei de pensar nele.

Thomas tem um sexto sentido para essas coisas. Passei anos a apaparicá-lo e a receber apenas migalhas em troca. Essa dinâmica só muda quando me afasto, mesmo que seja inconsciente da minha parte. Tipo no ano passado, quando ele não quis ir comigo ao baile de primavera porque os «bailes são uma seca» até eu combinar ir com um rapaz novo da turma de biologia e não conseguir deixar de reparar como os seus olhos eram bonitos, de um castanho intenso. Nunca toquei sequer no nome do rapaz, mas Thomas percebeu que eu não estava tão vidrada nele

como de costume. E, de repente, resolveu ir ao baile comigo, como se sempre tivesse tencionado fazê-lo.

Porque Thomas só presta realmente atenção aos outros quando a adoração que ele acredita merecer começa a perder a força. Tal como...

Meu Deus. Quando me ocorre, apetece-me vomitar. Não só por me sentir enojada comigo própria por ter aturado Thomas tanto tempo, mas porque *só agora* me ocorreu que estou a namorar basicamente a versão adolescente do meu pai.

Milly dá-me uma cotovelada, trazendo-me de volta ao presente.

— Concordas, Aubrey? — pergunta ela.

Olho em volta. Estão todos a olhar para mim, com exceção do tio Archer. Reclinou-se nas almofadas do sofá, como se o acesso de energia que o aguentou durante a conversa tivesse desaparecido.

— Com o quê? — pergunto.

— Vamos pensar sobre o assunto esta noite e falamos de novo amanhã — repete Milly.

— Eu... — O tio Archer gesticula com a mão e tomba uma pilha de cartas que estava na mesinha ao seu lado. — Raios. O que é isto? — pergunta ele enquanto me baixo para as apanhar.

— O teu correio — diz Rob, demonstrando impaciência pela primeira vez naquela noite. — No mesmo sítio onde o deixo sempre.

— Ah, é só publicidade — murmura o tio Archer. — «Caro morador, blá-blá-blá.»

Dou uma olhadela aos envelopes que seguro.

— Recebeste uma carta — digo, estendendo-lhe um envelope com «Archer Story» à frente, numa caligrafia bonita. Não há selo nem endereço, como se alguém simplesmente o tivesse enfiado na caixa do correio.

— Recebi? — O tio Archer pega no envelope com ar perplexo e abre-o. — Quem me mandaria uma carta? Ninguém sabe que estou aqui, além de... — Tira uma folha de papel, a ruga entre os seus olhos a ficar mais funda enquanto lê. — Isto... não percebo isto.

— O que é? — Tiro-lhe o papel da mão e viro-o para mim. Passo os olhos pelas frases breves, então encontro os olhos do meu tio. O seu ar confuso é igual ao meu. — Acho que afinal ele se lembrou.

— Quem? — pergunta Milly. — Lembrou do quê?

Levanto as sobrancelhas para o tio Archer numa pergunta silenciosa e, quando ele assente, leio a carta em voz alta.

> Archer,
>
> Não consigo ficar em paz desde que nos vimos no outro dia.

Há coisas que te devia ter contado há muito tempo.
E, infelizmente, o meu tempo está a acabar.
Fazes-me o favor de te encontrares comigo?

Um abraço,
Fred Baxter

ALLISON, DEZOITO ANOS

Junho de 1996

— Olá, Matt, fala a Allison. O *Dia da Independência* está em exibição no cinema da ilha, e pensei ir vê-lo no próximo fim de semana. Adoro invasões alienígenas. Queres ir comigo? Podes ligar para cá, ou sei lá. Certo, falamos depois. Adeus.

Assim que Allison desligou o telefone, começou a andar de um lado para o outro no quarto, mortificada. «Adoro invasões alienígenas?» Qual era o problema dela? Por outro lado, que diferença fazia o que dizia ou deixava de dizer? Matt não respondera às suas duas mensagens anteriores, portanto provavelmente apagaria aquela sem a ouvir. Chegara o momento de encarar os factos: aquilo que ela considerara ter sido um momento romântico na praia durante a festa de Rob Valentine, capaz de mudar a sua vida (ou pelo menos o seu verão), tinha sido coisa de uma só noite.

Matt Ryan andava a ignorá-la.

Nas três semanas seguintes, desde a festa de Rob, só o vira uma vez, quando ele entregou flores no escritório com vista para o mar de Donald Camden. Allison tinha chegado ao ponto de entrar atrás dele, ensaiando a desculpa do «Ah, só vim deixar uma coisa da minha mãe». Mas Kayla Dugas, que conseguira um emprego de verão no escritório, na equipa de limpeza, chegara a Matt primeiro.

— Olá, desaparecido — saudou ela, empurrando a esfregona na direção dele com uma pequena dança que fez Matt rir.

Mesmo com uma farda azul larga e luvas de plástico, Kayla era linda. Allison escondeu-se atrás de uma coluna, mas a sua presença teria sido invisível de qualquer maneira. Os dois não tiravam os olhos um do outro, e ela acabou por sair de mansinho.

Allison tinha justificado o silêncio de Matt para si própria com várias desculpas. «Ele está a fingir-se indiferente. Está preocupado com o que a mãe vai dizer. Sente-se intimidado pela minha família.» Mas passara demasiado tempo para qualquer uma dessas coisas ser verdade.

O que era péssimo, mas não o seu maior problema agora.

De repente, o quarto pareceu demasiado apertado, demasiado solitário. Allison saiu para o corredor, tentando ouvir sinais de vida em Catmint House. Os irmãos tinham-na convidado para ir à praia, mas ela quisera estar sozinha quando ligasse a Matt. Só para o caso de ele atender, o que parecia ridículo agora.

A mãe devia estar algures. Já quase não saía de casa.

Allison desceu com passos silenciosos e, tal como esperara, a mãe sentara-se à mesa junto à janela da cozinha, analisando catálogos de decoração. Recentemente, trocara os azulejos atrás do fogão duplo *viking* por azulejos italianos pintados à mão, depois decidira que eram demasiado «chamativos» e precisavam de ser substituídos.

— O que achas destes, Allison? — perguntou ela, virando a página do catálogo quando a filha se aproximou da mesa.

Allison olhou para uma página cheia de azulejos brancos comuns.

— Vais deixar a Theresa destroçada, sabes?

Theresa tinha recomendado os azulejos italianos, e Allison concordava que eram lindos: pequenas obras de arte que davam cor e alegria à cozinha. Mas a mãe precisava de uma distração que a permitisse ficar dentro de casa, e tinha escolhido redecorar.

— Bom, a Theresa não vive cá, pois não? — perguntou a mãe, voltando o catálogo para si.

— Por acaso, vive — lembrou Allison. E então, porque estava naquele ponto da paixoneta não retribuída em que se aproveitava de qualquer desculpa para tocar no nome dele, acrescentou: — O Matt deve sentir falta dela.

— Os rapazes daquela idade não têm saudades das mães. Nem as ouvem. É uma verdade universal que conheço muito bem. — A sua voz endureceu enquanto virava uma página no catálogo. — O Anders voltou a sair com aquela rapariga, não foi?

— Que rapariga? — perguntou Allison, apesar de saber bem que a mãe se referia a Kayla. E a mãe tinha razão; fosse lá o que fosse que Kayla tinha com Matt, voltara aos velhos hábitos com Anders.

Os lábios da mãe franziram-se enquanto ela passava as páginas mais depressa.

— Ele está a ficar demasiado velho para essas tolices. Há tantas raparigas maravilhosas em Harvard, daquelas com quem ele podia construir um futuro. O teu pai e eu já estávamos noivos no nosso segundo ano.

Allison teria rido se a mãe não parecesse tão séria.

— O Anders tem dezanove anos, mãe. Não está a pensar em casar.

— Mas garanto-te que *ela* está — retorquiu a mãe, fungando. — É melhor ele ter cuidado se não quiser acabar encurralado.

A conversa estava a tornar-se desconfortável em demasiados sentidos.

— Vou ver se os rapazes já voltaram — disse Allison, levantando-se.

— Conto que estejam todos em casa hoje para o jantar — afirmou a mãe sem tirar os olhos do catálogo.

— Estaremos — prometeu Allison.

Apressou-se a sair da cozinha, passando pelo corredor que levava ao vestíbulo, e quase esbarrou em Theresa, que aceitava uma entrega na porta principal.

— Olá — arquejou Allison, forçando um sorriso. Céus, esperava que Theresa não tivesse ouvido nada da conversa na cozinha.

Mas Theresa limitou-se a sorrir com ar distraído.

— Olá, Allison. Ali, por favor — indicou ela para o homem, que empurrou o carrinho com uma caixa grande e retangular para o vestíbulo. — Uma nova escultura — acrescentou para Allison. — Mais um bronze.

— Ah. — Não era preciso dizer mais nada. A mãe estava a passar por uma fase do bronze, e cada escultura era mais feia que a outra. Era um feito heroico que Theresa conseguisse não se rir ao falar delas. — Viu os rapazes?

— No caminho de acesso — informou Theresa, apontando para a porta ainda aberta. O *BMW* descapotável vermelho-cereja de Adam era visível. — Acho que vão ao centro.

— A sério? — Allison animou-se. O centro era um destino útil. Saiu a correr pela porta, acenando loucamente enquanto Adam fazia marcha-atrás.

— O que foi? — perguntou ele com impaciência, travando.

— Vou convosco — disse Allison, sentando-se no banco de trás com Archer. — Tenho um assunto a tratar.

*

Hurley Street estava à pinha e Adam teve de abrandar por causa dos turistas. Allison viu o irmão ajeitar os *Ray-Ban* no espelho retrovisor e fletir o bíceps bronzeado apoiado na janela do carro. Adam adorava posar para o público e achava que Gull Cove era o seu palco.

— Como é que não há lugar para estacionar? — queixou-se ele, como se não estivessem na época alta. — Espero que a Sweetfern não esteja cheia.

— Vou primeiro à loja de BD — disse Archer, olhando de soslaio para Allison.

Só ela sabia o motivo: ele estava interessado no giraço que trabalhava na caixa naquele verão. No Natal, Archer contara a Allison que era *gay*, e ela ficara sensibilizada por ter sido a primeira da família a saber. Ele tencionara contar

também à mãe, mas o pai morrera pouco depois. Segundo Archer, a ocasião nunca se proporcionara depois disso.

— Guardas-me um lugar? — pediu ele a Allison.

— Primeiro vou à farmácia — disse ela.

Anders bocejou alto no banco da frente.

— Vou contigo. Preciso de uma lâmina de barbear.

— Eu compro-ta — apressou-se Allison a responder.

Ele fez um barulho desdenhoso com a garganta.

— Vais comprar a errada.

— Não se me disseres qual queres.

— É mais fácil ir eu. Além disso, não tenho dinheiro para te dar.

— Eu pago — ofereceu Allison, tentando manter um tom despreocupado. Não queria mesmo Anders atrás dela na farmácia, mas, se ele soubesse disso, faria questão de ir.

Anders virou-se no banco para encará-la.

— É uma gilete que custa mais de duzentos dólares. Queres mesmo pagar?

— Claro. Não há problema — murmurou Allison. Ainda bem que existiam cartões de crédito.

Anders recitou as informações sobre a gilete ridiculamente cara enquanto Allison olhava para a rua.

— Entendido — disse ela.

— Ah, fixe! Olhem para isto. — Um carro saiu de um lugar perfeito mesmo à frente deles, e Adam estacionou o *BMW* com perícia. — A onda de sorte continua — vangloriou-se ele. Os lugares de estacionamento apareciam sempre diante de Adam. Era tão irritante.

— Parabéns — afirmou Allison, inexpressiva. — Encontramo-nos na Sweetfern.

Assim que Adam desligou o motor, Allison saiu do carro sem esperar pelos irmãos. Tinham parado a um quarteirão da farmácia, e ela avançou rapidamente pelo passeio cheio de gente até chegar ao inconfundível toldo com riscas castanhas e brancas. Puxou a porta, fazendo soar um sininho discreto.

— Olá, Allison. Em que te posso ajudar hoje? — O filho de vinte e poucos anos do Sr. Mugg, Dennis, estava na caixa. *Claro* que estava. Não podia ser um qualquer estudante universitário que tinha ido passar ali o verão e que ela nunca mais veria.

— Olá — cumprimentou ela, forçando-se a sorrir. — Bom, primeiro quero uma gilete *Zephyr AS* para o meu irmão. Ele disse que estaria atrás do balcão?

— É verdade. Ótima escolha — disse Dennis, tirando um molho de chaves do cinto. Abriu a vitrina atrás dele e pegou numa caixa de veludo preto, como se Allison estivesse a comprar uma joia. — É uma peça maciça de aço inoxidável com acabamento mate — continuou Dennis, abrindo a caixa para revelar a gilete no

interior. Allison tinha de admitir que, no que tocava a giletes, aquela era bonita. Talvez Anders pudesse pendurá-la na parede, já que mal precisava de fazer a barba. — Muito compacto e ergonómico. Queres também um conjunto de lâminas?

Anders não tinha falado em lâminas e, como deviam custar mais duzentos dólares, ele que as comprasse.

— Não, só a gilete.

— Mais alguma coisa? — perguntou Dennis, colocando a caixa dentro de um saco de papel castanho e branco.

— Sim, mas vou buscar e já volto. — Allison abriu a bolsa e disse as palavras que garantiriam que Dennis não tentaria meter conversa quando ela voltasse. — Preciso de tampões.

Meteu-se por um corredor antes de Dennis corar e começar a balbuciar. Ainda não dominava a arte da expressão indiferente quando se tratava de produtos de higiene feminina.

Pelo menos a farmácia estava vazia. Das colunas saía música, enquanto Allison seguia para as traseiras da loja. Pegou numa caixa de *Tampax* e depois avançou um pouco mais ao longo da prateleira até encontrar aquilo que realmente queria.

Teste rápido de gravidez

Resultado em cinco minutos!

Preciso após duas semanas da conceção

Antes de tirar um teste de gravidez na prateleira e enfiá-lo na mala, Allison deu graças a Deus pelo facto de o Sr. Mugg ser suficientemente antiquado para não ter câmaras de segurança. Então virou-se e estacou.

— Ora, ora. — Anders estava a alguns metros dela, com um sorrisinho que não deixava dúvidas de que tinha visto o que ela pretendia roubar. — O que temos aqui?

CAPÍTULO 12

Jonah

Um toque persistente acorda-me na manhã de sábado. O meu quarto está abafado e quente. Afasto o emaranhado de lençóis antes de estender o braço para o chão e pegar no telemóvel. Efram já saiu, provavelmente para o primeiro turno na piscina. Só preciso de estar no Sevens ao meio-dia e, apesar de já passar das dez, posso dormir mais uma hora. E teria feito isso, se não fosse... Ah, merda.

O meu pai. Quero deixar ir para *voicemail*, mas não posso. Sei por que motivo ele está a ligar.

— Olá, pai — digo, sentando-me. — Como correu o processo de falência?

— Foi adiado — diz ele.

— Desculpa?

— A tua mãe e eu precisamos de mais tempo para terminar o nosso plano de recuperação. Pedimos ao credor para prolongar o prazo até à próxima semana e ele aceitou.

— Certo — digo, hesitante. — Isso é bom ou mau?

— É bom. Dá-nos mais hipóteses de ficar com a Empire.

Empire é a Empire Billiards, batizada em homenagem ao filme preferido da minha mãe, *Empire Records*[1]. Os meus pais compraram-na quando eu era demasiado pequeno para me lembrar de como era a vida antes de a Empire se tornar o negócio da família. A minha primeira memória é do aniversário de dois anos da loja, quando eu tinha cinco. O meu pai entrou com a minha mãe ao colo pela porta, comigo atrás, para o que parecia ser a maior festa do mundo. Mas, em retrospetiva, depois de mais de dez anos, provavelmente só lá estavam os nossos familiares,

alguns dos pedreiros e canalizadores que se tinham tornado clientes habituais e uma data de balões.

Não importava. Eu adorava aquele sítio. Parecia-me mágico; um espaço em que eu podia aprender uma brincadeira nova e onde os adultos eram sempre felizes. Levei anos a entender que boa parte da diversão vinha das garrafas atrás do bar e que o *barman*, Enzo, deixava diplomaticamente de servir os clientes que tinham bebido em excesso. Mas nunca nada se descontrolava na Empire. Era o meu segundo lar, escuro, bafiento e com o chão pegajoso.

— Jonah? — A voz do meu pai traz-me de volta à realidade. — Continuas aí?

— Sim — respondo. — Disseste que terias mais hipóteses de ficar com a Empire. Mas isso ainda não é certo, pois não?

— Nada é certo. Estamos a fazer o melhor que podemos.

Quando fiz o turno da noite na Empire, na véspera de vir para Gull Cove, sabia que ela podia fechar antes do meu regresso a casa. Achei que estava preparado. Mas sempre que os meus pais me ligam a dar notícias, o meu estômago embrulha-se com um misto de ressentimento e ansiedade. Nunca nada parece resolver-se. Há sempre atrasos, reuniões com credores e um monte de termos legais que não percebo. É uma morte lenta e, apesar de eu ter dito aos meus pais que queria que me contassem tudo, começo a preferir ser poupado aos detalhes.

— Mas continuam abertos, não é? — pergunto.

— Continuamos — diz o meu pai. — Estamos a tentar reduzir os gastos. — Algo na forma como ele pigarreia dá-me a certeza de que não vou gostar da próxima coisa que vai dizer. — Tivemos de dispensar o Enzo, infelizmente.

Nunca detestei tanto estar certo.

— Pai, vá lá! — protesto.

Enzo é *barman* na Empire desde o início, além de ser o único tipo que ainda consegue vencer-me num jogo de *snooker*. Também é engraçado, leal e, para mim, mais um tio do que um tipo que trabalha para os meus pais.

— Como puderam dispensar o Enzo?! — pergunto. — Ele faz parte da Empire! Mata-se a trabalhar! — A minha voz soa ríspida e estranha aos meus ouvidos, como se eu tivesse engolido alguma coisa que me arranhou.

— Ele é caro, Jonah. Temos de tomar decisões difíceis.

— Ele é uma *pessoa*. Não podes simplesmente pintar um cifrão nele e esquecê-lo.

— Se achas... — O meu pai ergue a voz para o mesmo tom que eu, mas para. Respira fundo, recompondo-se. Quando fala de novo, a sua voz é quase normal, mas um nadinha emocionada. — Se achas que despedir o Enzo não me partiu o coração e o da tua mãe, estás enganado. Não tínhamos escolha.

Tiveste a escolha de ignorar o Anders Story, quase digo, mas contenho-me a tempo. Ele sabe isso.

— Tudo bem, então... — Perco o fio à meada quando ouço bater. — Espera, está alguém à porta. Vou ver quem é e já volto.

— Não, vai lá tratar das tuas coisas — diz o meu pai, parecendo tão aliviado como eu com a possibilidade de desligar. — Não tenho mais informações por enquanto. — Pigarreia de novo. — Talvez te mande uma mensagem com as próximas novidades.

A vergonha por tê-lo tratado mal apunhala-me o peito, mas ainda estou demasiado zangado por causa de Enzo para transformá-la num pedido de desculpas.

— Tudo bem — digo, e desligo. Deixo o telemóvel cair na almofada com um resmungo frustrado e enfio as mãos no cabelo, puxando-o até doer. Outra pancada na porta, mais alta do que antes. — Já vou! — afirmo, irritado. — Aguenta os cavalos.

É uma expressão de Enzo, algo que sempre me dizia quando eu começava a chateá-lo para fazer um intervalo e jogar comigo. «Aguenta os cavalos, miúdo. Tenho trabalho a fazer.» Raios partam. Se continuar a pensar assim, não vou conseguir fazer nada hoje. Obrigo-me a respirar fundo duas vezes, depois levanto-me e dirijo-me à porta, passando a mão pelo cabelo despenteado quando vejo o meu reflexo no espelho sobre a cómoda. Não que isso importe. Deve ser Reid Chilton, a querer pasta dos dentes.

Mal abro uma fresta na porta quando alguém a escancara com um empurrão. Não é Reid.

— Viste isto? — pergunta Milly, empurrando o telemóvel na minha direção.

— Bom dia para ti também — resmungo, mas o meu humor melhora um pouco quando a vejo. Tiro uma *t-shirt* das costas da cadeira, e Milly cora quando nota que estou só de *boxers*. Bem feito para não aparecer aqui a uma hora tão imprópria como... certo, dez e meia. Talvez eu já me devesse ter levantado. — Onde está a Aubrey? — Não costumo ver uma separada da outra.

— A ser nadadora-salvadora — responde Milly.

Ela está linda, como sempre, num *top* branco rendado, calções beges e sandálias complicadas, cheias de tiras. Quando a minha cabeça passa pela abertura da *t-shirt*, os olhos dela estão focados num ponto acima do meu ombro enquanto continua com o telemóvel esticado.

— O tio Archer tinha razão — diz Milly. — Ele fez porcaria quando tocou aquela música. O *Gull Cove Gazette* ataca de novo.

— Ataca com o quê?

Tiro-lhe o telemóvel e inclino o ecrã para conseguir ler. Sinto um aperto no peito assim que vejo o cabeçalho da secção Sociedade.

A SAGA DOS STORY CONTINUA: O FILHO PERDIDO ARCHER TEM ESTADO ESCONDIDO À VISTA DE TODOS?

— Mas que merda — digo, passando os olhos pelo texto. Diz que «várias fontes» alegavam ter visto um homem parecido com Archer Story tocar no Dunes a noite passada. — Como é que isto se tornou notícia? E as pessoas perceberam quem ele era só por causa da porra de uma música dos Toto?

Milly suspira.

— Estamos em Gull Cove, lembras-te? As pessoas são obcecadas pelos Story.

— É melhor eu avisar o JT — penso. — O meu plano era esperar até o Archer conseguir falar com a Mildred, mas agora que toda a gente sabe... — Envio o *link* para mim próprio e devolvo o telemóvel a Milly. Depois tiro o meu da cama e mando o artigo para JT com uma mensagem a pedir-lhe que me ligue. — Achas que ele o leu?

— O JT? — pergunta Milly com ar de dúvida.

— Não. O Archer.

— Não sei. — Ela morde o nó do polegar. — Já lhe liguei e mandei uma data de mensagens esta manhã, mas não recebi resposta.

— É cedo. Ainda deve estar a dormir — respondo, depois receio que pareça que dei a entender que Archer está «desmaiado» e acrescento: — Eu estaria, se não tivesses aparecido.

— Sim, mas pensei... sei lá. Pensei que ele iria querer falar connosco outra vez logo que possível — diz Milly.

Os ombros dela curvam-se, e fico com aquela sensação estranha e apertada no peito que surge sempre que Milly fica triste.

— Ele há de dizer qualquer coisa em breve. — Falo com mais confiança do que sinto, porque existe uma boa possibilidade de o stresse da noite passada ter levado Archer Story a outra bebedeira. E se aquela situação não fez isso, a história de hoje vai com certeza fazer.

— Talvez ele esteja a falar com o doutor Baxter — sugere ela. — No lugar dele, não conseguiria esperar. Aquela carta era tão estranha.

O Dr. Baxter é estranho, ponto final. Milly e Aubrey ficaram tão nervosas naquele dia em casa de Hazel que nunca lhes contei o que julguei ter visto — ele a bater na mesa de propósito, para interromper a conversa sobre os boatos em torno dos irmãos Story. Em todo o caso, na altura, o gesto não pareceu importante. Estávamos constrangidos, e fiquei aliviado quando ele interrompeu a visita. Só depois de Aubrey ler a carta a noite passada me ocorreu que ele podia ter feito aquilo, porque Hazel estava prestes a contar-nos algo que ele não queria que soubéssemos.

«Há coisas que devia ter-te contado há muito tempo», dizia a carta. Se eu fosse Archer Story e tivesse passado mais de vinte anos a interrogar-me porque fui deserdado da fortuna da família, provavelmente ficaria suficientemente sóbrio para lhe bater à porta assim que o Sol nascesse.

— Deves ter razão — digo.

Milly levanta o braço para prender uma madeixa atrás da orelha, e aquele grande relógio que ela usa sempre escorrega-lhe pelo braço. Tanto o Dr. Baxter como Archer Story desaparecem da minha mente quando me aproximo e passo a ponta dos dedos pela bracelete dourada.

— Já pensaste em mandar ajustar a bracelete para o teu tamanho? — pergunto.

— Não. — Ela remove-o com facilidade e entrega-mo. — Era do meu avô. Já não dá as horas.

Viro o relógio. É pesado e ainda está quente da pele dela, com o metal liso e brilhante.

— Então porque o usas, se não funciona?

— Porque gosto — responde Milly.

Há uma inscrição na parte de trás: «*Omnia vincit amor*. Tua para sempre, M.»

— Foi um presente da Mildred? — pergunto. Milly assente. — O que significa?

— O amor vence tudo. — Os seus lábios retorcem-se enquanto levanta um ombro. — A menos que esteja a falar dos filhos, imagino. Ou dos netos.

Quando se trata da imagem que transmite para o mundo, Milly não brinca em serviço. Arrastei a sua mala gigante durante tempo suficiente para saber que ela se importa *muito* com as aparências. Então é interessante que a única coisa que usa todos os dias seja um lembrete avariado de que foi excluída.

Pego-lhe na mão e faço deslizar o relógio para o seu pulso.

— A Mildred é doida por nunca vos ter dado uma oportunidade antes de ter sido obrigada pelo Archer. Sabes isso, certo? É ela quem tem um problema, não vocês.

— Estou ciente do facto. — Milly revira os olhos. — Mas obrigada pela sessão de terapia grátis.

— Há mais de onde esta veio. — Ainda estou a segurar-lhe a mão. — Sabias que o sarcasmo é um mecanismo de defesa?

Ela observa o meu quarto, olhando para todo o lado, menos para mim.

— Sabias que o teu quarto é uma zona de catástrofe? Reparaste que tens uma cómoda, certo? E que as tuas roupas podem ir lá para dentro?

— Fugir do assunto *também* é um mecanismo de defesa.

Os lábios dela curvam-se.

— Defesa contra o quê?

— Talvez da sensação de ter sido abandonada.

Milly ri um pouco, lançando-me um daqueles olhares por baixo das pestanas que me acelera sempre o coração. De repente, lembro-me de uma conversa que tive há alguns dias com Efram, quando ele me contou que convidou a sua atual namorada para sair, pela primeira vez, quando estavam parados lado a lado num semáforo, com ela a abanar a cabeça ao som da música que ouvia.

«Tens de aproveitar as oportunidades quando aparecem», disse ele. «Quem sabe quando vai aparecer outra?» Eu tinha pensado em Milly na altura, e como é impossível ter uma oportunidade com uma pessoa de quem finjo ser primo diante de toda a gente.

Mas, para variar, estamos sozinhos.

Mantenho um tom despreocupado, porque não quero deixá-la nervosa.

— Ou talvez estejas a sentir-te atraída por alguém que não devias.

— Hã? — Ela levanta uma sobrancelha. — Tipo quem?

— Um fã dos Red Sox — digo, e ela resfolega. — Um idoso local, talvez? Um parente a fingir. Pode ser qualquer um deles.

Milly recolhe a mão, mas não de forma irritada.

— Acho difícil.

— Não lutes contra isso — digo na minha melhor imitação de voz profissional. — Reprimir sentimentos não faz bem.

Agora ela ri com gosto. Um riso quase agudo, o que é inesperado. É tão giro que vasculho o meu cérebro em busca de outra coisa engraçada para dizer. Mas então ela cruza os braços, os seus olhos voltam para aquele ponto acima do meu ombro.

— Estás novamente a fazer o mesmo — diz ela em tom acusador.

— A fazer o quê?

— A atirar-te a mim.

— Não estou. — Espero um instante. — A menos que te apeteça. Apetece?

Ela esforça-se por sorrir.

— Devias vestir umas calças para esta conversa.

Parece o rumo oposto que eu queria que as coisas tomassem, mas não vou discutir com ela agora.

— É justo. Importas-te...?

Gesticulo, e Milly vira-se para a porta. Tiro as calça de ganga do fundo da cama e visto-as. Está demasiado calor na ilha para calças de ganga, mas só costumo usar calções quando jogo basquetebol. E não jogo basquetebol desde que comecei a fazer turnos duplos na Empire. Mas não vou pensar nisso agora, porque Milly está no meu quarto e...

Ela solta um arquejo. Quando me viro, vejo-a a fitar o telemóvel de olhos arregalados.

— O que foi? — pergunto. — O Archer disse finalmente alguma coisa?

Milly abana a cabeça, levando uma mão à garganta.

— Não. Oh, não.

Os meus ombros ficam tensos. Nunca vi Milly tão nervosa antes, e estive com ela durante duas revelações de identidades falsas, incluindo a minha.

— Está tudo bem? — Ela não responde logo, então começo a sugerir hipóteses. — Aconteceu alguma coisa à tua avó? Aos teus pais? À Aubrey?

— Sim — responde ela finalmente. — Quero dizer, não, não é à Aubrey, mas ela mandou-me uma mensagem da piscina. O Carson Fine acabou de lhe dar a notícia. — Os seus olhos, ainda arregalados e vítreos do choque, encontraram os meus. — Sobre o doutor Baxter. Ele morreu esta manhã. Afogou-se num riacho do bosque perto da casa dele.

---

1. *Negócios e Guitarradas* na versão portuguesa. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 13

Milly

O portão aparece muito antes de vermos a casa. Deve ter uns quatro metros e meio de altura, feito de ferro fundido grosso, ladeado por um muro de pedra igualmente alto que se estende até perder de vista. A única forma de entrar em Catmint House é por este portão, a menos que alguém queira tentar escalar o penhasco que delimita as traseiras da casa.

— Estamos a chegar — diz o nosso motorista, travando enquanto abre a janela.

Sinto imediatamente o aroma de madressilvas. Ele tira da pala um retângulo prateado fino, parecido com um cartão de crédito, e aponta-o a um sensor fixo num poste de madeira. Ouve-se um estalido alto, e as portas do portão abrem-se devagar.

Viajamos num *Bentley Mulliner* com quatro bancos atrás, dois de cada lado, de frente uns para os outros, com uma mesa de nogueira e detalhes cromados no centro. Os bancos são de couro castanho macio e equipados com uma data de botões para ajustarmos a temperatura e a posição do encosto. Jonah passou o caminho todo a brincar com os seus, mas agora olha para cima enquanto o carro segue devagar pelo caminho de acesso serpenteante. Arbustos floridos de madressilvas trepam por treliças altas à nossa direita, e árvores verdejantes que não vi em nenhum outro lugar da ilha ocupam a esquerda.

Aubrey suspira. Parece desconfortável num vestido-camiseiro às riscas, a única peça de roupa com saia que a vi usar.

— A Hazel mandou-me uma mensagem esta manhã. Disse que o funeral vai ser na quarta. Devíamos pedir o dia de folga ao Carson.

— Sim, claro. — Passo os dedos pela costura no couro macio do meu assento. — Acham que o tio Archer conseguiu falar com o doutor Baxter antes de ele morrer?

— Eu acho... — Jonah hesita, como se estivesse a perguntar-se se estamos prontas para uma notícia má. Então resolve continuar. — Para ser sincero, acho que ele não parou de beber desde que falou connosco.

É provável. Há trinta e seis horas que saímos do *bungalow* do tio Archer, e não tivemos notícias dele desde então. Todas as nossas mensagens foram ignoradas, e as chamadas vão logo para o *voicemail*.

— A avó já deve saber do tio Archer, certo? — pergunta Aubrey. — Quero dizer, deve ter visto o artigo.

— Com certeza que sim — respondo. Imagino que esse tipo de notícia tenha chegado logo aos ouvidos dela.

Aubrey morde o lábio.

— Devemos contar-lhe que foi ele que nos trouxe para cá?

— Não — respondemos Jonah e eu ao mesmo tempo. Então ele sorri-me, com a cabeça inclinada, e sinto borboletas na barriga. Não sei o que teria acontecido no quarto dele ontem, se não nos tivéssemos distraído com a notícia sobre o Dr. Baxter. Uma grande parte de mim gostaria de descobrir.

— Eu sei o *meu* motivo — diz ele. — Estou a tentar manter-me neste emprego o máximo de tempo possível. O JT já está em pânico por causa do assunto do Archer. Qual é o teu?

Levanto o queixo.

— Não devemos nada à Mildred. Ela pode descobrir sozinha, tal como nós.

Dou-me conta, enquanto falo, que penso mesmo em Aubrey, Jonah e em mim como um «nós» agora; um grupinho estranho, unido por algo que só nós entendemos. Este verão está cheio de reviravoltas que nunca esperei, e é um alívio ter a companhia dos dois.

Aubrey e eu estamos sentadas lado a lado, viradas para a frente do carro. Quando ela prende a respiração, sei que é porque se distraiu com a visão de Catmint House.

— Oh, uau — murmura.

Estico o pescoço para conseguir ver o que Aubrey vê, mas, numa questão de segundos, isso não é necessário. O caminho fica direito, e a casa está mesmo à nossa frente.

As traseiras que vimos da estrada tinham janelas resplandecentes e linhas modernas, mas a frente é uma típica mansão da Nova Inglaterra. Duas alas simétricas, cada uma do tamanho de uma casa normal de Gull Cove, ladeiam a secção central dominada por grandes pilares brancos que levam a uma porta envidraçada e varanda com gradeamento. O telhado é de ardósia escura e bastante inclinado, com um miradouro no cimo emoldurado por quatro chaminés de pedra. Todas as janelas — perco a conta conforme nos aproximamos — são altas, com esquadria branca e gelosias verdes. A garagem de quatro portas anexada à ala

esquerda foi construída com a mesma pedra das chaminés, e uma das paredes tem uma treliça coberta por madressilvas de tons cor-de-rosa contrastantes. Atrás da casa, o oceano azul-escuro encontra um céu azul mais claro, salpicado com nuvens brancas que lembram renda.

Já tinha visto fotografias, mas não me prepararam para a realidade. A casa é maravilhosa. Por um segundo, não consigo respirar, imaginando um universo alternativo em que eu passaria todos os verões aqui, sob o olhar atento de uma avó carinhosa.

Uma mulher num vestido cinzento disforme e socas encontra-se entre as colunas que ladeiam a porta da frente, parecendo deslocada no meio de tanta opulência. O motorista estaciona, e Theresa Ryan acena enquanto saímos do *Bentley*.

— Bem-vindos, bem-vindos — cumprimenta ela. Aubrey é a primeira a alcançá-la e Theresa agarra na mão dela com as suas. — Deves ser a Aubrey. E este é o Jonah, claro.

Fico para trás enquanto eles se cumprimentam, porque já conheci Theresa.

Quando falei com a minha mãe a noite passada, ela pareceu sentir saudades da assistente da minha avó. «Diz à Theresa que estou com um bom pressentimento sobre os reservas dos Yankees este ano», pediu ela. «Quase me recorda mil novecentos e noventa e seis.»

Porém, quando Theresa me estende a mão, as palavras não saem. Parece que estou a tentar dar-lhe graxa. Ela é a pessoa mais simpática do círculo íntimo de Mildred Story, mas escolheu o seu lado da história há uns anos. E não foi o nosso.

Theresa leva a mão à maçaneta, mas não a gira.

— Se eu puder dar-vos uma palavrinha antes de entrarmos — diz ela, franzindo a testa de preocupação. — Este fim de semana está a ser muito difícil. O Fred Baxter era um dos amigos mais antigos e queridos da vossa avó. Ela está arrasada com a morte dele. E, para juntar a isso, calculo que tenham visto o artigo sobre o regresso do vosso tio?

Dirige-nos um olhar interrogador e tenho o cuidado de manter uma expressão neutra.

— Sim — murmuro. — Que estranho.

Tanto Aubrey como Jonah olham para o chão.

— É muita coisa para assimilar de uma vez — continua Theresa. — Espero que entendam que o *brunch* talvez tenha de ser rápido.

Concordo com a cabeça.

— Com certeza.

Ela abre a porta e faz-nos sinal para entrarmos num vestíbulo grandioso. As paredes são de um branco imaculado, o pé-direito altíssimo, e o espaço tem a coleção mais espetacular de quadros, esculturas e jarrões que já vi fora de um

museu. Um homem magro todo vestido de preto encara uma parede, fazendo anotações num *Moleskine*. Passei anos a visitar a galeria de arte da mãe da minha amiga Chloe, e tenho quase a certeza de que ele está a olhar para um quadro original de Cy Twombly.

Quando o homem nos vê, fecha o caderno.

— Creio que podemos chegar a um acordo — diz ele a Theresa. — Depois entro em contacto.

— Ótimo, obrigada — responde ela, recuando para lhe abrir a porta. Têm uma breve conversa e, quando Theresa volta, sorri-nos alegremente. — A vossa avó está a pensar em alienar uma parte da coleção de arte.

«Alienar.» Essa é uma palavra que aprendi recentemente, quando a minha mãe me chateou para estudar para o exame de admissão à faculdade; significa «transferir a posse ou a propriedade de (algo) para outrem». O quadro de que Mildred quer *alienar-se* pode ser um dos trabalhos menores de Twombly. Ainda assim, vale o suficiente para pagar um curso de quatro anos nas melhores universidades do país a nós os três.

Não que eu vá para as melhores universidades. Mas ainda assim…

O pensamento amargurado distrai-me até Theresa nos guiar por duas portas envidraçadas. Saímos para um enorme alpendre com vista para o mar e um gradeamento de aço inoxidável. Tenho um *déjà-vu*, apesar de nunca ter estado aqui antes, porque a minha mãe descreveu este alpendre em grande pormenor. Era o seu lugar favorito na casa.

— Mildred, as crianças chegaram — anuncia Theresa.

A minha avó está sentada a uma mesa de teca, sob um guarda-sol enorme, de tecido fino, que se ergue atrás dela. Há quatro lugares postos e três tabuleiros com vários andares com uma seleção de sanduíches, bolos e fruta de fazer crescer água na boca. Apesar do guarda-sol, Mildred usa um chapéu e uma linda *écharpe* estampada sobre um vestido de linho creme de manga comprida. As suas luvas são do mesmo tom de creme, suficientemente curtas para eu ver o conjunto de escravas de ouro no seu braço esquerdo. Tem o cabelo branco solto e ondulado, e usa uns óculos escuros grandes.

Que injusto, penso ao sentar-me. Achei que seria falta de educação usar óculos escuros, portanto não trouxe os meus. Saberia bem ter um pouco de camuflagem agora.

— Aubrey. Jonah. Milly — diz Mildred, inclinando a cabeça para cada um de nós. — Bem-vindos a Catmint House. — Theresa afasta-se enquanto um homem de avental preto surge atrás de nós, oferecendo em voz baixa café, chá ou sumo. — Por favor, sirvam-se do que quiserem — acrescenta ela.

— Obrigado — agradecemos em uníssono, mas ninguém faz menção de se servir.

— A menos que nada vos agrade — acrescenta Mildred com secura, e há um tinir de talheres enquanto tentamos servir-nos ao mesmo tempo.

Raios a partam, penso, espetando um pedaço de melão com o garfo. Não chegámos sequer há dois minutos e já estamos a fazer o que ela quer.

Jonah, que se sentou ao meu lado, encara as sanduíches com um ar meio assustado.

— Estão cheias de alface — sussurra. — E mais nada.

— Olha esta. — Toco numa com o garfo. — Acho que é de rosbife.

Jonah pega na sanduíche, grato. Aubrey prefere não arriscar e enche o prato de bolinhos.

— Então. — Mildred dobra as mãos sob o queixo. Espero pela pergunta óbvia: «Porque estão aqui?» Mas não a ouço. Em vez disso, ela inclina a cabeça para Jonah e diz: — Tenho de confessar, Jonah, que não vejo nada do Anders em ti.

Jonah tenta ganhar tempo abocanhando meia sanduíche de rosbife, e então... desastre. O seu rosto fica vermelho, os seus olhos lacrimejam, e ele engasga-se antes de pegar num guardanapo e cuspir nele a comida meio mastigada.

— O que era aquilo? — arqueja, pegando no copo de água. Olho para a metade não comida da sanduíche no seu prato e vejo uma substância branca entre as fatias de rosbife.

— Ah, hum. Parece rábano picante. Desculpa — digo enquanto Jonah esvazia o copo inteiro de água em dois goles. — Ele não é apreciador — acrescento para Mildred.

— Estou a ver.

Tira uma amora de uma pequena tarte e enfia-a na boca. O gesto é chocante, tipo, esta pessoa *come* mesmo? Não teria ficado surpreendida se descobrisse que ela vive à base de ressentimentos com décadas.

Depois de Mildred terminar de mastigar e engolir, tira finalmente os óculos, deixando-os sobre a mesa, ao lado do prato. Os seus olhos, com bastante *eyeliner*, tal como no dia em que nos conhecemos, permanecem em Jonah.

— Diz-me — começa ela. — O Anders está bom?

Jonah fica imóvel, tirando uma leve contração no músculo do maxilar, e mantém-se assim tanto tempo que começo a achar que ele pode ter entendido mal a pergunta. Então estende a mão para um jarro de água e enche um copo, sem pressa alguma, como se o silêncio pesado não existisse. Quando termina, olha para Mildred e respira fundo, devagar. É quase como se estivesse prestes a fazer um discurso.

— Quer que eu seja sincero? — pergunta.

A sua voz soa calma, ligeiramente desafiadora. É como se o nervosismo inicial dele tivesse desaparecido de repente. Por algum motivo, isso deixa-*me* nervosa.

Mildred arqueia uma sobrancelha.

— Quero.

Tusso de forma involuntária, apreensiva. Jonah pestaneja, troca um olhar comigo, e cora profundamente. Vira-se de novo para Mildred e murmura:

— Acho que está bem. Não sei. Não somos chegados.

Uma emoção que não consigo decifrar passa pelo rosto de Mildred enquanto ela se vira para Aubrey.

— Também não te pareces muito com o teu pai, mas vejo vestígios dele no formato dos teus olhos e no teu queixo. — Aubrey parece surpreendida, e feliz, com a comparação. — Como está o Adam?

Aubrey puxa o colarinho do vestido-camiseiro e passa a língua pelos os lábios. Ainda não tocou nos bolos nem nas três bebidas posicionadas à sua frente. Está nervosa, mas a sua voz é firme ao dizer:

— Está igual ao que sempre foi.

Mildred bebe um gole delicado de chá.

— Por outras palavras, continua a achar que o mundo gira em torno dele e rodeia-se de pessoas que concordam com isso? — pergunta ela.

Sinto os meus olhos arregalarem-se enquanto Aubrey cora. *Caramba, mulher*, penso. *Se ele é assim, não achas que a culpa é um pouco tua?*

O facto de Aubrey concordar com a provocação de Mildred entra em conflito com a lealdade que o pai não merece, e a batalha está estampada na sua cara. Mildred compadece-se, chegando ao ponto de dar uma palmadinha rápida na mão de Aubrey com a ponta dos dedos enluvados.

— Perdoa-me — diz ela. — Este fim de semana foi difícil. Não queria começar com... bem. Falemos de temas mais alegres. Soube que participas em competições de natação? — Aubrey anui, grata, enquanto Mildred acrescenta: — O teu pai deve estar muito orgulhoso de ti. Ele sempre achou que ser um bom atleta era importante.

Aubrey hesita, como se estivesse desconfiada de que aquilo é uma armadilha.

— Es... espero que sim.

Mildred volta-se para Jonah, que está a limpar o palato com tartes de fruta em miniatura.

— Soube que as tuas notas são excelentes, Jonah. Vais candidatar-te a Harvard?

Jonah demora a engolir a tarte, mas parece aliviado com a pergunta relativamente fácil.

— Sim, provavelmente.

Só percebo o padrão da conversa quinze minutos mais tarde. Há meia dúzia de assuntos fascinantes que poderíamos estar a discutir, como o deserdar dos nossos pais, a morte do Dr. Baxter, o reaparecimento do tio Archer e, claro, a pergunta que não deve sair da cabeça de Mildred: «Por que raio estão aqui os três?» Mas ninguém fala dessas coisas. A minha avó divide a sua atenção entre Aubrey e

Jonah, fazendo perguntas sobre a vida deles, as suas conquistas, os seus pais. Às vezes, o interrogatório roça o desconfortável. É evidente que quer saber *alguma coisa* sobre os filhos mais velhos, apesar de não perguntar o que é com todas as letras.

Jonah parece extremamente nervoso, mas aguenta-se. Aubrey desabrocha como uma flor ao sol, feliz por ser o foco do interesse inesperado da nossa avó.

Se eu não estivesse ali, ninguém perceberia.

Passei a vida inteira a imaginar como seria quando a minha avó e eu finalmente nos conhecêssemos. Sim, as fantasias sobre compras eram tolas, mas eu achava que o facto de ter o nome dela poderia fazer diferença. Que o facto de me parecer tanto com a minha mãe poderia fazer diferença. Que o facto de eu usar o relógio do meu avô todos os dias poderia fazer diferença. Que o facto de eu me interessar por arte e moda como ela poderia fazer diferença.

E, agora, sentada no lugar favorito da minha mãe na famosa Catmint House, a ver a espuma das ondas no horizonte enquanto como mais do que devia no *brunch*, porque ninguém me pergunta nada, só consigo pensar numa coisa.

Nada disto tem a menor importância.

Talvez ela seja uma racista que não quer ter relação alguma com a única neta que não é branca. Talvez seja sexista e só se importe com os filhos. Ou talvez simplesmente não engrace comigo.

— Tenho de ir à casa de banho — digo, levantando-me de repente.

Mildred aponta para as portas envidraçadas.

— Vira à esquerda no corredor. É a segunda porta.

— Certo — respondo.

Mas, quando saio da divisão anexada ao alpendre, viro à direita. Que se lixem as instruções de Mildred. Nunca entrei na casa da minha mãe antes, e vou dar uma olhadela. Descalço as sandálias e seguro-as numa das mãos, andando sem fazer barulho pelas assoalhadas grandes, bem decoradas, que parecem ter saído de uma revista. Toda a casa está cheia de obras de arte e flores frescas. Quando espreito para a cozinha, fico maravilhada com os eletrodomésticos de última geração que brilham como se nunca tivessem sido usados para algo tão trivial como cozinhar. Então uma voz baixa chama a minha atenção, e sigo-a de volta ao corredor.

— Acho que foi excessivo — diz Theresa Ryan. Está numa divisão adjacente à cozinha. Do corredor, consigo ver uma parede com prateleiras de livros. — Já passámos por isso antes. Achas que estás a resolver um problema e acabas por criar vários outros.

Soa zangada, uma emoção que não consigo associar à assistente calma da minha avó. Aproximo-me.

— Eles estão aqui agora — continua ela. — Estou a tentar despachá-los, mas não sei se vou conseguir tirá-la de lá. Ela tem uma curiosidade... quase mórbida, acho. — Segue-se uma longa pausa, e Theresa acrescenta: — Bem, o que achas? É a mesma obsessão de sempre. E não é o melhor momento para ela se distrair assim. — Outra pausa. — Seria o melhor para todos, concordo. Tudo bem. Falamos de novo esta tarde.

Ouço o som de passos e volto rapidamente para a cozinha, agachando-me atrás da ilha. Theresa avança pelo corredor, cantarolando. Quando deixo de a ouvir, saio discretamente do meu esconderijo e espreito para a divisão de onde ela saiu. É um escritório cheio de livros, arquivos e uma enorme secretária de madeira entalhada. Estou mortinha por bisbilhotar, mas há já bastante tempo que saí. Só tenho tempo para verificar uma coisa.

Há um telefone sobre a secretária, daqueles com um ecrã. A minha mãe tem um parecido no escritório — não consegue livrar-se da tecnologia antiga. Primo o botão de MENU na base, depois ÚLTIMA CHAMADA.

Um nome surge no ecrã: «Donald Camden.»

CAPÍTULO 14

Aubrey

Milly é a cliente com que a Kayla's Boutique sempre sonhou.

— Fica-lhe tudo tão bem! — exclama a proprietária com as mãos unidas diante do corpo, enquanto Milly sai do provador e sobe para uma plataforma diante de um espelho enorme. — Mas acho que o encontrámos. *Esse* é o vestido.

Concordo com ela. Milly experimenta um vestido sem mangas deslumbrante; a parte de cima é preta e tem um decote profundo, mas elegante, a saia é rodada e branca. Deve haver uns trinta centímetros de pano em volta dos seus pés, com sapatos pretos de salto. Fora isso, parece pronta para ir aos Óscares.

Tirando a sua expressão, que é distante e distraída. Está assim desde aquele estranho *brunch*, há dois dias, que acabou de repente quando a nossa avó anunciou que tinha dores de cabeça. Achei que Milly se animaria com a ideia de fazer compras, mas ela parece estar em piloto automático. Educada, mas não muito interessada.

— Tenho de subir a bainha, claro, mas o resto assenta como uma luva — elogia a proprietária.

É uma mulher bonita, com trinta e muitos anos, pele e cabelo escuros, e usa um vestido bege que enfeitou com camadas de colares. Fechou a loja quando chegámos e, juntamente com a vendedora, está a tratar-nos como realeza há quase uma hora.

Nunca tinha entrado numa loja como esta. O interior praticamente brilha com a luz branca que faz a pele de toda a gente parecer perfeita. As poltronas são de couro creme, os espelhos são antigos com molduras prateadas, e o chão parece de madrepérola. Há rosas vermelhas por todo o lado, enchendo o ar com a sua

fragrância delicada, inebriante. O efeito geral é como entrar num guarda-joias confortável, caro.

— Estás linda — digo a Milly da minha poltrona ao lado do espelho. Estou encolhida aqui em posição fetal desde que provei um único vestido que não me assentou nada bem.

— Concordo — afirma a proprietária. — Se quiser, podemos começar os ajustes agora.

— Pode ser — responde Milly. A proprietária acena para a frente da loja, e a vendedora aproxima-se com uma costureira. Não estava aqui quando chegámos, portanto deve ter sido chamada especialmente por nossa causa. A costureira baixa-se ao lado de Milly e começa a prender a bainha do vestido com gestos rápidos e habilidosos. A atenção parece acordar a minha prima, que dirige um sorriso sincero à proprietária. — Obrigada por tudo. Adorei o vestido.

— A sua mãe ficaria radiante — acrescenta a proprietária.

— Quer dizer a minha avó? — pergunta Milly.

— Bom, sim, espero. Mas a sua mãe também. Eu cheguei a conhecer um bocadinho a Allison. Era demasiado nova para andar com os Story, mas a minha irmã era amiga de todos eles.

Olho para a frente da loja, onde Kayla’s Boutique está escrito numa letra preta chamativa acima da caixa registadora.

— A senhora é a Kayla? — pergunto.

Ela esmorece um pouco.

— Não, sou a Oona. A Kayla era a minha irmã. Morreu quando eu andava no secundário, e batizei a loja em sua homenagem.

— Sinto muito — dizemos Milly e eu ao mesmo tempo, e sinto-me corar. Só eu para transformar a nossa ida às compras numa coisa deprimente.

Oona esboça um sorriso tranquilizador.

— Obrigada. Foi há muito tempo, mas lembro-me muito bem dos vossos pais. A Allison era tão bonita. E o Adam, bom... — Solta uma gargalhada quase infantil. A versão adolescente do meu pai parece ter tido esse efeito em toda a gente. — O Adam era lindo naquela altura.

Pela primeira vez, não quero ouvir falar do meu pai.

— Também conhecia o Archer? — pergunto.

Passaram dois dias desde o *brunch* com a nossa avó e ainda não tivemos notícias do tio Archer. Ele também não apareceu para trabalhar no *resort*, e começo a achar que se foi embora quando viu que já não podia esconder a sua identidade. Só de pensar nisso, sinto-me vazia e incomodada, como se tivesse perdido algo que nem sabia que tinha. Farto-me de pensar na versão mais jovem do meu tio, sentado no meio de um mar de *Legos* comigo, a procurar pacientemente o chapéu de um polícia

depois de o meu pai, cansado do meu choramingar, observar que eu devia ter perdido a peça.

«O chapéu certo é importante», tinha dito o tio Archer, imperturbável. «Vamos encontrá-lo.» E, ao fim de algum tempo, encontrámos mesmo.

— Claro que conhecia o Archer — diz Oona. O seu tom é leve, como se a ilha inteira não estivesse a fervilhar com boatos sobre ele. — Foi sempre simpático para a malta da ilha, quase como se fosse um de nós. Mantivemos o contacto ao longo dos anos. Um homem maravilhoso, apesar de alguns... percalços — termina após uma ligeira hesitação.

— Também conhecia o tio Anders? — pergunto.

— Ah, sim. Melhor do que todos os outros. A Kayla namorou com ele durante algum tempo no secundário e, depois, quando ele estava na faculdade. — Milly e eu ficamos admiradas, e Oona solta uma risada triste. — Acho que a vossa avó não aprovava.

— E a Oona? — pergunto, e ela levanta uma sobrancelha. — Quero dizer, gostava dele?

O tio Anders continua a ser um mistério para mim, o Story sobre quem menos sei.

Oona encolhe os ombros.

— Ele era muito intenso — responde ela enquanto a costureira se levanta. A saia de Milly toca na ponta dos sapatos, e Oona concorda com a cabeça, aprovando o comprimento. — Está perfeito. Linda, podes ajudar a Milly a tirar o vestido para começarmos a fazer a bainha?

A vendedora ajuda Milly a sair da plataforma e leva-a ao provador. A costureira segue para a frente da loja, deixando-me sozinha com Oona. Com um sorriso bondoso, ela levanta uma sobrancelha perfeitamente moldada.

— Não se sente tão à vontade para fazer compras como a sua prima, pois não? — pergunta ela.

Os meus olhos vão para o tecido amontado na outra poltrona. Parece tão inocente agora, completamente diferente da monstruosidade cor-de-rosa que experimentei.

— Não fico bem de vestido.

— Que disparate. — Oona baixa a voz e inclina a cabeça para a minha. — A Linda ainda é um pouco nova e não domina a arte de escolher o vestido certo. Esse tom de rosa fica-lhe muito bem, mas tenho outra ideia. Que tal esperar no provador enquanto o vou buscar? — Anuo, desanimada, mas Oona já se dirige a um porta-cabides. — Tire tudo menos a roupa interior! — grita ela por cima do ombro. — Volto já!

Este é o lado mau das compras privadas: privacidade zero.

Atrás da cortina, dispo a *t-shirt* e os calções, apavorada. Milly vai estar maravilhosa no baile. Jonah, que foi comprar o seu *smoking* numa outra loja da rua vai, com certeza, estar deslumbrante. E eu vou ser a desmazelada no canto que faz toda a gente sussurrar: «Tens a certeza de que ela é uma Story?»

— Aqui está! — Oona aparece com um vestido sobre o braço. É de um azul-escuro maravilhoso, mas vejo um bordado com contas e... não sei. Normalmente, quanto mais simples, melhor. Mas Oona pendura o vestido num gancho na parede e começa a abrir o fecho das costas, cheia de confiança.

— O que acha?

— É bonito — digo, hesitante. Quero distraí-la do momento em que terei de me enfiar no que parece ser uma coluna de tecido que revela tudo, então acrescento: — Disse que o tio Anders era intenso. De que forma? — Ela franze a testa para mim no espelho, e eu acrescento: — Há anos que não o vejo, e mal me lembro dele.

— Bem. — Oona tira o vestido azul do cabide, passando o tecido sedoso pelas mãos. — Foi há muito tempo, claro. Na verdade, só me lembro de que era tudo muito *dramático*. Ele e a Kayla passavam a vida a acabar, e ela jurava sempre que nunca mais o aceitaria de volta. E depois aceitava. Era difícil, naquela altura, resistir a um Story. — Os olhos dela perdem um pouco o foco. — No fundo, a Kayla era uma rapariga da ilha. Acho que ela sabia que nunca conseguiria acompanhar o Anders no mundo real.

Arrependo-me de tê-la forçado a falar sobre a irmã novamente.

— Desculpe. Não devia ter perguntado.

Ela dá-me uma palmadinha no ombro.

— Não há problema, Aubrey. Há já vinte e quatro anos que a Kayla morreu, e gosto de falar dela.

Sinto um arrepio. Há vinte e quatro anos era 1997, o ano em que o meu pai e os irmãos foram deserdados. «Foi quando tudo começou a correr mal.» Há algum tempo que não penso em Cutter/Cutty Beach nem nessa frase estranha do livro dele, mas sinto uma vontade repentina de perguntar a Oona se aconteceu alguma coisa a Kayla naquele local. Porém, não tenho coragem. Uma coisa é falar sobre o ex-namorado da irmã, e outra bem diferente é querer recordar a forma como essa irmã morreu.

Em todo o caso, Oona agita o vestido azul na minha direção, determinada.

— Vai ficar-lhe muito bem.

— Não pode ficar pior do que o primeiro.

— Aquele modelo não era para si — afirma Oona, pondo o vestido à minha frente. — Vista isto, está bem? Tem braços e ombros tão bonitos que precisam de ser mostrados.

Fico onde estou.

— Precisam?

— Claro!

Cruzo os braços por cima do meu sutiã de desporto desbotado.

— Mas eu detesto os meus ombros. E os meus braços. Levei um vestido de manga comprida ao baile de finalistas.

— Ora, que desperdício — diz Oona, balançando o vestido. — Vá, experimente-o.

Obedeço, segurando o cotovelo dela para me equilibrar.

— O meu namorado disse que eu parecia uma criança mascarada.

Não sei porque lhe contei isto, mas a intimidade falsa da situação faz-me sentir estranhamente disposta a trocar confidências.

As sobrancelhas escuras de Oona unem-se.

— Ele não parece ser um bom namorado. — Puxa o vestido sobre as minhas ancas e então sobe o corpete, cobrindo o meu peito.

— Tire o sutiã. Vai precisar de um sem alças com este decote. Temos vários muito bonitos que ficam aqui bem.

— Hum, certo. — De novo, obedeço. Quase sinto a necessidade de defender Thomas, só que... ela tem razão. Ele não é um bom namorado. — Acho que talvez ele já seja o meu ex — confesso enquanto ela sobe o fecho. — O meu namorado, quero eu dizer.

— *Acha*?

— Bom, ele esteve bastante tempo sem responder às minhas mensagens. Agora, sou eu que não respondo às dele, portanto...

Paro de falar, e ela conclui:

— As coisas hoje em dia são assim, hã? Caramba, tenho pena de vocês. A vida é complicada na era digital. Mas acho que merece um namorado melhor. E... pronto! — Alisa o tecido nas minhas ancas e esboça um sorriso radiante. — Olhe só para si! Perfeita!

Observo-me no espelho. Só consigo ver os meus ombros a dominar o reflexo. «São mais largos do que os meus», disse-me Thomas uma vez. Apesar de todo o tempo que passo ao sol, continuo pálida, os meus braços são uma extensão ininterrupta de branco e sardas até chegar à marca de nascença roxo-escura. O vestido tapa-me muito mais do que o fato de banho que uso nas provas, claro, mas, quando estou de fato de banho, não me preocupo em parecer *bonita*. Ele é simplesmente prático. Os meus olhos ardem enquanto a vergonha percorre as minhas veias, e desejo ter alguma coisa em que me enrolar. Tipo uma parca.

— Eu... acho que é demasiado revelador em ci-cima — gaguejo.

— Ah, querida, não é. Tem um torso maravilhoso. Parece uma deusa grega! Vamos apanhar-lhe o cabelo, arranjar-lhe uns brincos compridos lindos, e vai ser a

mais bonita do baile.

— A minha prima é que vai ser — digo. Não sinto inveja. É apenas um facto.

Oona dá-me uma palmadinha no braço.

— A sua prima é linda, mas a menina também é. Não vale a pena perder o seu tempo com quem não vê isso.

Tento ver o vestido pelos olhos dela. A cor é fantástica, com certeza. Tem só uma alça bordada com contas, que atravessa o meu ombro direito e desce pelo corpete. O vestido é justo, algo que geralmente tento evitar, mas o tecido é tão espesso — uma espécie de seda pesada, acho — que cai pelo meu corpo bastante melhor do que o do meu vestido barato do baile da escola.

— Precisa dos acessórios certos, claro — diz Oona. — Linda, pode trazer aquele par de brincos compridos de safira? E um daqueles pentes de madrepérola que acabámos de receber. Vamos tentar recriar a imagem final com o que temos por enquanto.

— Não tenho as orelhas furadas — digo.

— Brincos de mola, Linda! — grita Oona.

Pestanejo para mim mesma. «Não serias nadadora se tivesses saído aos Story», costumava dizer o meu pai. «A minha mãe e a minha irmã nunca teriam tanta força nos braços. São demasiado delicadas.» Sempre encarei isso como um insulto subtil, e devia ser mesmo. Um lembrete casual de que os Story são especiais, etéreos, demasiado preciosos para este mundo. Mas estou cansada de ouvir as vozes do meu pai e de Thomas na cabeça sempre que me vejo ao espelho. Sempre que faço *qualquer coisa*. Talvez seja altura de ouvir outra pessoa.

Encontro os olhos escuros bondosos de Oona enquanto ela enfia um braço no meu e aperta ao de leve.

— Eu não lhe mentiria, Aubrey. Prometo. O vestido fica lindo em si.

Ainda detesto o meu reflexo, porém, quanto mais olho, mais parece que estou na sala de espelhos de um parque de diversões — é uma imagem distorcida que não reflete a realidade. Ainda não sei como ver além dela, mas quero tentar.

— Vou levá-lo — digo a Oona.

CAPÍTULO 15

Jonah

Chegamos demasiado cedo ao funeral do Dr. Baxter na quarta-feira, porque *alguém* — obrigadinho, Aubrey — insistiu para sairmos uma hora antes. O trajeto até ao centro da cidade leva dois minutos, e ainda não estão a deixar ninguém entrar na igreja. Então Aubrey arrasta-nos, a transpirar na nossa roupa de funeral, para a Biblioteca de Gull Cove, que fica a alguns quarteirões de distância e tem ar-condicionado.

— Podíamos ter ido a um sítio que servisse café — murmura Milly, largando a mala numa mesa vazia.

Usa um vestido preto elegante e saltos, o cabelo apanhado num rabo de cavalo alto. Aubrey traz o mesmo vestido do *brunch* de domingo. Eu não trouxe nada adequado para usar num funeral e tive de pedir a Efram que me emprestasse uma camisa e umas calças caqui. As calças ficam-me curtas, e a blusa um pouco apertada. Sempre que mexo os braços, julgo que vou fazer saltar um botão.

— Quero pesquisar uma coisa — diz Aubrey, analisando o espaço até os seus olhos encontrarem uma fila de monitores grandes, quadrados. — Sabiam que só estão *online* edições antigas do *Gull Cove Gazette* até dois mil e seis?

— Não sabia nem me importa — responde Milly.

— Eu sabia — declaro ao mesmo tempo.

Aubrey inclina a cabeça para mim e encolho os ombros.

— Pesquisei a vossa família no *site* antes de vir para cá. Mas não falaram muito dos vossos pais nos últimos quinze anos.

— Certo. — Aubrey assente. — Então preciso de uma máquina de microfilmes. — Segue para os monitores, e Milly e eu vamos atrás dela, confusos.

— Do quê? — pergunto.

— Microfilmes — repete Aubrey, prendendo a alça da mala numa cadeira diante do monitor mais próximo. — São, tipo, fotos de jornais antigos.

— Estão dentro dessa máquina? — pergunto. Parece um computador da década de 1980.

Ela ri-se e abre a gaveta do meio de um armário alto.

— Não, estão em bobinas aqui dentro. Tenho de colocar a bonina na máquina para conseguir ler.

— Como sabes essas coisas? — pergunta Milly no mesmo tom irritado e impaciente que usa desde o nosso *brunch* de domingo com Mildred Story.

Aubrey vasculha filas de caixinhas enfiadas no arquivo.

— Li no *site* da biblioteca ontem à noite.

— Certo, mas porquê? — interroga Milly enquanto Aubrey retira uma das caixas. Abre-a e tira uma bobina de plástico azul do tamanho da palma da sua mão.

— Lembras-te do que a Oona disse na loja? — questiona ela. Para mim, é como se estivesse a falar grego, mas Milly assente. Aubrey vira-se na minha direção e explica: — A Oona tinha uma irmã que namorou com o tio Anders. A nossa avó não aprovava, e ela morreu há vinte e quatro anos, quando...

Aubrey faz uma pausa, franzindo a testa para a máquina até encontrar o lugar onde prender a bobina.

Milly conclui por ela, parecendo pensativa de repente.

— Quando os nossos pais foram deserdados.

— De que loja estão a falar? — pergunto, e Milly explica-me enquanto Aubrey prende uma ponta do filme numa calha sob a superfície de vidro da máquina.

Carrega num botão, fazendo a bobina azul girar, e no ecrã surge a primeira página de uma edição de 1997 do *Gull Cove Gazette*.

— Então achas... o quê? Que existe alguma relação entre as duas coisas? — pergunto enquanto Aubrey roda um botão para fazer surgir outra página.

— Não sei — responde ela. — Mas estou curiosa. Estas edições são de novembro, um mês antes de os nossos pais receberem a carta do «vocês sabem o que fizeram». — Ficamos em silêncio alguns minutos enquanto Aubrey roda a bobina, passando semanas de notícias diante dos nossos olhos. — Não vejo nada interessante — diz por fim, premindo um botão para rebobinar o filme.

Quando isso termina, Aubrey tira a bobina da máquina e guarda-a na caixa.

A minha mente estava noutro sítio enquanto as páginas do jornal corriam pelo ecrã.

— Lembram-se de quando fomos a casa do doutor Baxter? — pergunto. — Daquelas coisas que a Hazel disse?

A boca de Milly retorce-se.

— Tenho tentado esquecer-me, mas lembro-me.

— Desculpa. Mas sabem quando o doutor Baxter quase tombou a mesa? — Aubrey assente, distraída, enquanto guarda a caixa no armário e retira outra. — Ele fez de propósito.

Aubrey para a meio do gesto de tirar a bobina da caixa.

— O quê?

— Ele estava a observar-vos com um olhar lúcido, até que vocês disseram alguma coisa, não me lembro do quê, e ele bateu com o joelho na mesa e começou a comportar-se como se estivesse desnorteado.

Milly põe as mãos nas ancas, franzindo a testa.

— Nunca falaste nisso.

— Pensei que o doutor Baxter estivesse a tentar ajudar-nos — explico enquanto Aubrey começa o processo de prender a bobina azul na máquina de microfilmes. — Para escaparmos de uma situação chata. Mas, depois, o Archer recebeu aquela carta e... sei lá. Talvez estivéssemos a falar de alguma coisa que ele não quisesse que ninguém descobrisse.

O rosto de Milly enche-se de manchas vermelhas.

— Ouçam, a minha mãe não *engravidou* de um dos *irmãos*. Isso é...

— Não era disso que estávamos a falar — interrompe Aubrey. Tem os olhos no ecrã enquanto roda o botão que faz passar as páginas.

— Era, sim — responde Milly, irritada.

— De início. Mas o doutor Baxter não fez nada até eu dizer: «Acho mais fácil acreditar que eles mataram alguém do que acreditar nessa história.» — lembra Aubrey.

Faz-se um silêncio demorado. Não consigo pensar numa boa resposta; tinha-me esquecido completamente disso. Ninguém fala de novo até Aubrey dizer:

— Aqui. Vinte e dois de dezembro de noventa e sete.

Roda o botão para aumentar no ecrã o artigo com o título JOVEM DA ILHA MORRE EM ACIDENTE TRÁGICO. Milly e eu inclinamo-nos por cima do ombro dela para ler o resto.

Milly fala primeiro, a sua voz ofegante de alívio.

— Foi um acidente de viação — declara. Segundo o jornal, Kayla Dugas, de vinte e um anos, saiu de um bar no centro da cidade naquela noite e embateu com o carro numa árvore a oitocentos metros de Cutty Beach. A autópsia concluiu que a concentração de álcool no seu sangue estava apenas um pouco acima do limite legal. — Ela ia sozinha.

— Mas em Cutty Beach — murmura Aubrey, de olhos colados ao ecrã.

— O *teu* pai é o único que fala desse sítio — afirma Milly. — E o acidente da Kayla não aconteceu na praia. Aconteceu perto. É um ponto de referência, só isso.

— Hum. — Aubrey ainda olha para o ecrã. — Aqui diz que o médico no local era o doutor Baxter.

— Claro que era — cospe Milly, ríspida. — Estamos a falar de Gull Cove. Ele devia ser o *único* médico.

Aubrey olha finalmente para Milly, franzindo a testa.

— Estás... *zangada* com alguma coisa?

— Estou apenas... para que é isto tudo? — pergunta Milly, gesticulando para o arquivo e a máquina de microfilmes. — O que queres provar? Que os nossos pais *assassinaram* uma rapariga, e a Mildred os expulsou da ilha por causa disso?

Aubrey pestaneja.

— Só estou a tentar entender o que aconteceu.

— Porque não perguntas à Mildred? — sugere Milly. — Já que se dão tão bem?

— Não damos... — começa Aubrey, mas interrompo-a.

— Vamos chegar atrasados. O funeral começa daqui a quinze minutos — lembro.

A conversa não vai acabar bem, e já aqui estamos há demasiado tempo.

— Eu espero lá fora — diz Milly, vira-se para a porta e anda decidida com o rabo de cavalo a balançar em cada passo.

Aubrey vê-a afastar-se com uma expressão de mágoa e confusão.

— O que lhe *deu*?

— Ora, Aubrey. Tu sabes — digo. Sempre achei que Aubrey tinha talento para perceber os outros, especialmente Milly, mas ela fita-me sem entender até eu explicar. — A vossa avó ignorou-a no domingo e passou o tempo todo a falar só connosco. A Milly sentiu-se pessimamente.

— Ela disse-te isso?

— Não foi preciso.

— Mas a Milly está-se nas tintas para a nossa avó! — insiste Aubrey. — Trata-a pelo nome próprio.

— Achas mesmo? — pergunto. — Achas que a Milly usa aquele relógio todos os dias porque se está nas tintas para a avó? Porque não quer que a avó goste dela?

— Ela... — Aubrey morde o lábio com uma expressão confusa. — Ela é a *Milly*. Já é a melhor neta. A melhor Story de todos nós. Bom, sem querer ofender, mas tu não contas...

— Não ofendeste.

— Mas o JT é horrível, e eu... Ninguém nunca acha que sou parecida com o meu pai. A Milly é linda, elegante e...

— E nada disso fez diferença para a Mildred — termino.

Por fim, Aubrey compreende.

— Meu Deus. Notei que se passava alguma coisa quando fomos comprar os vestidos. Mas não percebi, até dizeres... A avó *ignorou* a Milly. — Ela retorce as

mãos. — E eu estava tão contente por ela parecer gostar de *mim*. Nunca achei que isso aconteceria.

— A culpa não é tua. Quanto mais coisas descubro sobre a tua avó, mais acho que o JT tinha razão. Ela gosta de joguinhos.

Quase acrescento o que estou a pensar desde domingo. Mildred não estava interessada em *nós*, mas em Adam e Anders. Todas as perguntas dela acabaram por nos forçar a falar sobre eles. Mas Aubrey não precisa de ouvir isso; já acredita que nunca será tão importante como o pai. Em vez de continuar com o assunto, aponto para o relógio na parede.

— Olha, temos mesmo de ir. Há muito tempo que não vou a um funeral, mas tenho quase a certeza de que é falta de educação chegar atrasado.

— Calma. Quero imprimir esta página.

Espero, impaciente, enquanto a máquina parece demorar uns dez minutos a produzir uma única página. Quando saímos, Milly já se foi embora. Sinto uma ponta de arrependimento por ter ficado com Aubrey em vez de ir atrás dela. Percorremos os poucos quarteirões até à igreja, destoando dos turistas com a nossa roupa mais formal. Quando chegamos, uma figura familiar e grisalha cumprimenta-nos com ar triste à porta.

— É simpático da vossa parte terem vindo — diz Donald Camden.

Não via o homem desde que ele tentou subornar-nos com empregos no cinema. Parece que isso aconteceu há meses. Ele tem um ar mais abatido e cansado do que naquele almoço, com olheiras que não me lembro de ter visto.

Aubrey pestaneja como se ele fosse uma miragem.

— Não chegámos atrasados? — pergunta ela. Donald encara-a com uma expressão confusa, e ela acrescenta: — Quero dizer, achei que o senhor já estaria lá dentro. Com a nossa avó. O funeral começa às onze, não é?

Está a tagarelar e a corar, mas Donald apenas oferece um braço.

— Estou a ajudar a organizar os lugares. O Fred Baxter era um dos meus amigos mais antigos e queridos.

A frase parece um eco e demoro um instante a lembrar-me de onde a ouvi antes. Nos degraus de Catmint House, dita por Theresa. «O Fred Baxter era um dos amigos mais antigos e queridos da vossa avó.»

Então só restam dois, penso enquanto Aubrey aceita o braço de Donald.

Ela espreita pela porta aberta.

— Acho que a Milly já chegou...

— Chegou. Sentei-a no último lugar de um banco cheio. Ela disse que estava sozinha.

— Certo — responde Aubrey, pressionando a boca numa linha fina.

Seguimos pelo vestíbulo da igreja e pela nave central; estamos mais perto do altar do que eu imaginava que ficaríamos ao chegar tão tarde. Um órgão toca baixinho ao fundo, mas os nossos passos ainda ecoam. Uma rapariga na primeira fila vira-se ao ouvir o som, e reconheço Hazel Baxter-Clement. Aceno com a cabeça e esboço um sorriso tenso de comiseração, que ela retribui com pouco ânimo. Donald finalmente para, indicando um banco onde quatro pessoas de preto se chegam para a direita, abrindo espaço para nós.

— Obrigada — sussurra Aubrey, soltando-lhe o braço. — E... os meus sentimentos. Lamento muito que tenha perdido o seu amigo.

— Ele está em paz agora — responde Donald, baixinho, com o rosto sério. — E, no fim de contas, não podemos pedir mais nada, pois não?

ALLISON, DEZOITO ANOS

Junho de 1996

Allison observa o seu reflexo no espelho do quarto. Estava bem melhor do que nos últimos tempos. Por outro lado, quase toda a gente ficava melhor num vestido de baile e diamantes. Receara vestir-se de branco sendo tão pálida, mas algo naquele tom específico — o branco-azulado resplandecente da neve sobre um lago gelado — tornava as suas faces mais coradas.

Conseguiu subir o fecho sem dificuldade e imediatamente pensou: *Vês? Não engordei. Não posso estar grávida*. Então o seu cérebro traidor lembrou-lhe que o período estava atrasado várias semanas e que o seu estômago não parava de se embrulhar com um enjoo estranho.

Mas ainda não tinha a certeza. O teste que roubara na farmácia continuava fechado sob uma pilha de camisolas, dentro do *closet*. Iria ao Baile de Gala de Verão e, depois, faria o teste.

Talvez.

— Truz, truz! — disse uma voz alegre do outro lado da porta, seguida por uma pancada forte na madeira. — Estás decente?

— Sim. Entra — respondeu Allison.

A porta abriu-se para revelar Archer de *smoking*, o laço já solto. Ele sorriu ao vê-la.

— Mas que janota. Gosto dos diamantes. Ei, adivinha o que encontrei? — Archer entrou no quarto e fechou a porta, balançando uma garrafa verde e dourada na mão. — O *Dom Pérignon* perdeu-se dos amigos.

Allison franziu a testa, o estômago a contrair-se com o enjoo agora familiar sempre que pensava em beber qualquer coisa alcoólica.

— Não podes esperar até chegarmos à festa?

— Sabes o que dizem sobre os sonhos adiados — argumentou Archer. Quando ela não respondeu, ele acrescentou: — Murcham como uma uva ao sol. Ou apodrecem...

— Já percebi — retorquiu Allison. — Também tive aulas com a professora Hermann, lembras-te? Só estou a dizer que, talvez, para variar, pudesses controlar-te o suficiente para não te envergonhares nem desmaiares antes de meia-noite. Ou as duas coisas.

— Ui — disse Archer, parecendo magoado.

— A mãe passou muito tempo a planear o baile, sabes? É praticamente a única coisa que a deixou um bocadinho feliz este verão. Que tal tentares não estragar tudo?

— Não estou a *estragar* nada. Meu Deus. Para a próxima, basta dizeres «não, obrigada».

Archer dirigiu-lhe um olhar reprovador, e Allison arrependeu-se de imediato. Não tinha motivo para atacar o irmão mais novo daquela forma. E nenhuma desculpa, além do facto de passar cada segundo do dia morta de preocupação. Mas Archer não tinha nada que ver com isso.

— Só quis dizer... — começou ela, mas Archer já saía pela porta.

— Esquece. Já entendi. O *Dom* e eu sabemos quando não querem a nossa companhia.

Allison suspirou e deixou-o ir. Não sabia o que lhe dizer.

Quando não aguentou mais retocar o *gloss*, saiu do quarto e seguiu pelo corredor. Como sempre, nos últimos dias, teve vontade de se aproximar de uma porta que geralmente evitava. Bateu ao de leve, e a voz impaciente de Anders gritou:

— Entra.

Estava de *smoking*, mas ainda sem o casaco. Naquele instante, dava o nó no laço diante do espelho de corpo inteiro, do lado oposto da cama. Quando viu o reflexo de Allison, levantou uma sobrancelha.

— A que devo o prazer da tua companhia?

Allison fechou a porta e sentou-se na beira da cama de Anders.

— Estou ansiosa.

— Já o fizeste? — perguntou ele, sem preâmbulos.

Ela não precisou de perguntar ao que ele se referia.

— Não.

Anders revirou os olhos.

— Caramba, Allison. Por este andar, vais acabar por dar à luz antes de aceitares que pode haver um problema. Ah, porra de laço!

Anders desfez o nó e recomeçou. Allison queria tanto desabafar com alguém sobre o seu medo de estar grávida, mas não tinha coragem de contar à mãe, a Archer ou a qualquer uma das amigas. Por um breve instante, imaginara-se a contar a Matt — talvez ele devolvesse *aquela* chamada por fim —, mas o seu orgulho não o permitia. Só restavam duas opções: continuar a guardar tudo dentro de si ou falar com Anders.

E logo Anders. Ele, que nascera sem o gene da empatia. Mas, pensou Allison, talvez o irmão a surpreendesse se o problema fosse suficientemente grave.

— Tenho medo — disse ela.

Anders resfolegou, puxando o laço.

— Eu também teria medo se estivesse prestes a acrescentar os genes dos Ryan à nossa família. O nosso QI coletivo é capaz de diminuir. — Allison encarou o irmão com um olhar reprovador, muito corada, e ele acrescentou: — Nem sei porque foste meter-te com aquele gajo, de qualquer forma.

— É só isso que tens a dizer? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

— Faz a porcaria do teste, depois trata do assunto. E não sejas tão idiota da próxima vez que um saloio local te prestar atenção.

Certo. Ele não a surpreenderia.

— Olha quem fala — retorquiu Allison, irritada. — O grande e poderoso Anders Story, tão acima de todos, até a Kayla olhar na tua direção. Nessa altura vais a correr.

Anders terminou o laço e passou a mão pelo cabelo. Era todo espetado e cheio de remoinhos, completamente diferente das ondas espessas do cabelo de Adam e de Archer.

— Não *corro* para lado nenhum. Estou a divertir-me. E, até agora, consegui fazê-lo sem engravidar ninguém. Portanto... podias aprender comigo.

— Foi *divertido* quando a Kayla te trocou pelo Matt? — Allison soube que as suas palavras acertaram num ponto fraco quando Anders parou de se mexer, semicerrando os olhos para o reflexo no espelho. Parte do seu cérebro sabia que seria melhor parar de falar, mas outra parte estava satisfeita por ele se sentir tão mal como ela. Mesmo que fosse só por um minuto. — É bem capaz de o fazer de novo, sabes? Já vi os dois juntos mais do que uma vez este verão. Não é irónico? Temos isto tudo — gesticulou ela para o quarto espaçoso de Anders —, mas parece que aqueles dois só querem estar um com o outro.

— Isso seria um erro — disse Anders, calmo. Tirou o casaco do *smoking* da cadeira da secretária e vestiu-o. — Agora, sai do meu quarto.

Allison obedeceu, já arrependida por ter falado de mais. Anders ficaria insuportável a noite toda. Voltou para o seu quarto e fechou a porta, seguindo o

caminho agora já familiar até à pilha de camisolas no *closet* que escondia o teste de gravidez. Abriu a caixa e tirou o teste de plástico lá de dentro.

Resultado em cinco minutos!

Antes de conseguir pensar demasiado no que estava a fazer, Allison dirigiu-se à casa de banho com o teste numa das mãos. Era difícil fazer chichi com um vestido de baile, mas não impossível. Depois, pousou o teste na parte de trás da sanita, lavou as mãos e esperou.

Após menos de um minuto, a segunda linha apareceu, tão forte e escura como a primeira. O estômago de Allison contraiu-se, e a náusea que a atormentava há semanas tornou-se incontrolável. Vomitou ruidosamente na sanita até a barriga lhe doer e sentir a garganta em carne viva.

Quando a barriga parou de se rebelar, ela puxou o autoclismo e pegou no teste de gravidez. Enrolou-o em várias camadas de papel higiénico e deitou-o no lixo. Um pouco tonta, tirou a pasta de dentes e a escova do suporte e passou três minutos a lavar os dentes. Então gargarejou com elixir, retocou o *gloss*, ajeitou o cabelo e endireitou o pingente.

Não podia dar-se ao luxo de se ir abaixo. Estava quase na hora de ir para o Baile de Gala de Verão, e Allison sabia qual era a imagem que a mãe queria projetar da família: ainda de luto por Abraham Story, claro, mas forte e unida, com futuros brilhantes pela frente. Nada de medo, nada de rejeição, nada de amargura e, com certeza, nada de gravidez.

Allison desceu a escadaria curvada até ao vestíbulo, onde a mãe tinha todas as suas obras de arte favoritas. Um homem estava parado diante da estátua de bronze mais recente, de cabeça inclinada como se tentasse entender o que era. Allison reconheceu o advogado da mãe, Donald Camden, mesmo antes de ele se virar ao som dos passos dela.

— É uma mãe com os filhos — disse Allison, levantando a saia enquanto descia os dois últimos degraus. — A mãe mandou-a vir de Paris.

— A tua mãe tem um gosto interessante — observou Donald, diplomático, voltando a olhar para a escultura. — Mas, verdade seja dita, não consigo ver uma família.

Claro que não, pensou Allison. Donald Camden era o clássico solteirão inveterado. Provavelmente não via famílias em lado nenhum.

— Vai acompanhar a mãe ao baile hoje?

— Terei essa honra, sim — respondeu Donald, fazendo uma pequena vénia.

Allison apertou os lábios contra uma nova náusea que, felizmente, passou depressa. Esboçou o seu melhor sorriso.

— Estamos animados para hoje.

— E com razão — disse Donald num tom formal. — O Baile de Gala de Verão é sempre o momento em que a família Story mais brilha.

CAPÍTULO 16

Milly

Não consigo resistir. Quando estou pronta para o Baile de Gala de Verão, num vestido perfeitamente ajustado e diamantes emprestados — diamantes a sério! — mando uma fotografia à minha mãe.

A caminho do baile, escrevo.

A resposta é imediata.

Oh, Milly, que maravilha! Estás linda! Como está a avó?

Olho para o ecrã algum tempo antes de responder. Que pergunta difícil. No fim, acabo por digitar:

Ainda não conseguimos falar muito.

Conta-me tudo assim que possível!, responde ela.

Combinado, escrevo, antes de enfiar o telemóvel no bolso do meu vestido. Este vestido é a peça de roupa mais perfeita que já usei — não só porque é lindo e me assenta na perfeição, mas também porque tem bolsos fundos onde cabem um telemóvel e um batom sem estragar o contorno da saia.

Aubrey sai da casa de banho. Brittany, que vai trabalhar no baile hoje, levou-a até lá para a maquilhar porque a luz é melhor lá dentro. Eu não sabia bem o que esperar, já que Brittany adora olhos esfumados e batons chamativos, mas ela foi mais discreta com Aubrey: só rímel, um pouco de *blush* rosado e *gloss*. Ficou perfeito, mas os olhos de Aubrey estão cheios de hesitação quando encontram os meus.

— Está exagerado? — pergunta.

— Nada disso — respondo.

Então dou-me conta, como se tivesse levado um soco na barriga, de que devia ter sido eu a maquilhar Aubrey. Devia ter-me oferecido na Kayla's Boutique, depois de ver como ela estava incomodada com toda a situação. Mas não o fiz, pois ainda estava ressentida pelo que acontecera no *brunch* com Mildred.

Passei a semana toda rabugenta, pondo Aubrey à defesa e parece haver agora uma distância entre nós que não consigo recuperar. E eu quero voltar a ser amiga da minha prima muito mais do que quero ser a neta favorita de Mildred. É como se essa predileção fosse a maçã envenenada da Branca de Neve; um presente dado com maldade, que eu me arrependeria de aceitar imediatamente.

Então porque é que ainda me sinto triste por não ser a favorita?

Afasto o pensamento e digo a Aubrey:

— Estás linda.

Ela esboça um sorriso tímido.

— Tu também. Pronta?

— O mais pronta possível.

Tenho a vontade repentina de lhe agarrar a mão, de deixar para trás toda a tensão da última semana e voltar a formar uma equipa. Caso contrário, não sei como vamos aguentar a noite de hoje, quanto mais o verão todo. Mas, antes de eu fazer isso, Aubrey tira a mala de cima da cómoda e vai para o corredor.

Jonah já saiu. Carson Fine contou-nos esta manhã que Mildred mandaria um carro diferente hoje — para acomodar as saias dos vestidos de baile sem amarrotá-las —, mas que só caberiam duas pessoas no banco de trás.

— Vão ter de ir separados — explicou ele. — A Aubrey e a Milly num carro, e o Jonah no outro.

— Não posso ir no banco da frente? — perguntou Jonah. Carson pareceu escandalizado.

— Não é assim que funciona.

Toda a situação é ridícula, sobretudo porque a caminhada entre a residência e o *resort* leva cinco minutos. Mas os desejos de Mildred são ordens para todos. Assim, quando Aubrey e eu saímos, há um carro reluzente parado diante da residência à nossa espera, com um motorista de uniforme completo — inclusive luvas brancas.

— Menina Story. Menina Story-Takahashi — cumprimenta ele, abrindo a porta e assentindo para nós. — Boa noite.

Reprimo uma risada inoportuna.

— Boa noite — ecoo, sentando-me no banco.

O interior do carro tem um cheiro maravilhoso, uma combinação de couro caro e floresta no inverno. Diante de mim, um painel contém dois copos gelados de champanhe. Ajeito a saia à minha volta enquanto o motorista fecha a porta e acompanha Aubrey até ao outro lado do carro.

Quando chego à conclusão de que o vestido não se vai amarrotar, agarro num dos copos de champanhe e bebo um longo gole. Seria falta de educação recusar.

Aubrey senta-se com cuidado ao meu lado, arregalando os olhos ao ver o meu copo.

— Achas que isso é boa ideia? — pergunta.

Sei que ela só fez essa pergunta porque está nervosa com o baile. Não porque está a julgar-me ou porque acha que é melhor do que eu, ou qualquer outra das opções desagradáveis que começam a passar-me pela cabeça. Mas bebo metade do copo antes de responder calmamente:

— Acho que é uma *ótima* ideia.

— Milly. — O rosto expressivo e cheio de sardas dela parece triste. — Detesto isto.

— Detestas o quê? — pergunto, apesar de saber ao que ela se refere, porque também detesto. Mas, de alguma forma, o mesmo ressentimento que passou a semana inteira a azedar as nossas interações faz-me inclinar a cabeça para trás e beber o resto do champanhe. — Anima-te. Vamos para uma festa — digo, colocando o copo vazio ao lado do cheio de Aubrey. Então vejo as lágrimas surgirem nos seus olhos.

É como um soco no estômago. Desta vez, agarro na mão dela.

— Não chores — peço. Há pelo menos uma dezena de coisas que eu devia dizer a seguir a isso, mas a única coisa que sai é: — Vais borrar o rímel.

Aubrey funga.

— Estou-me a lixar para o rímel.

— Chegámos — anuncia o motorista num tom tranquilo.

Viro-me para olhar, e estamos a parar no relvado diante da porta lateral do *resort*. Foi um trajeto de noventa segundos.

— Desculpa — sussurro para Aubrey, mas não tenho tempo para dizer mais nada antes de a minha porta se abrir e revelar Donald Camden em toda a sua glória grisalha, de *smoking*.

— Boa noite, meninas. Vou acompanhá-las ao baile.

O motorista e ele ajudam-nos a sair do carro, e Aubrey e eu seguimos Donald. Não podemos conversar, só responder às perguntas educadas dele enquanto entramos no *resort*, e sinto-me inquieta e ansiosa sobre a conversa interrompida no carro.

— E aqui estamos — declara Donald, parando à entrada do salão de baile.

O espaço está cheio de música, risos e pessoas elegantes, e os lustres de cristal iluminam as tapeçarias nas paredes com um tom dourado. Um quarteto de cordas toca num pequeno palco entre as janelas, e mesas redondas, uniformemente

espaçadas, ocupam uma extremidade do salão. Por um segundo, animo-me. Adoro festas. Mas, então, Donald diz:

— A vossa avó pediu-me que levasse cada um de vocês para uma conversa em particular com ela antes do jantar. Gostaria de começar por ti, Aubrey.

Claro que sim. Engulo as palavras, mas Aubrey vê-as estampadas no meu rosto de qualquer forma.

— Talvez fosse melhor a Milly ir primeiro — afirma ela.

— Não, tudo bem — intervenho, tensa, soltando-me de Donald. — Vou procurar alguém conhecido.

— Milly... — chama ela, triste, mas Donald guia-a para a mesa principal.

Tiro um copo de champanhe da bandeja de um empregado e bebo um gole muito maior do que aconselha a etiqueta. A seguir avanço para o centro do salão.

O Baile de Gala de Verão. Costumava pensar que era um acontecimento mágico, o suprassumo do *glamour*. Adorava ver as fotografias da minha mãe no seu vestido branco, imaginando-me no seu lugar. Agora que finalmente estou aqui, só espero que ela não se sentisse tão infeliz naquela noite como eu me sinto agora.

— Olá, Milly.

A voz baixa ao meu lado sobressalta-me, e viro-me para encontrar Hazel Baxter-Clement com um ar cansado e abatido num vestido cor de vinho. Tem o cabelo escuro apanhado no alto da cabeça, e segura um copo cheio de champanhe.

— Hazel, bolas. — Seguro a sua mão livre. — Desculpa não ter ido falar contigo no funeral. — O enterro após a missa foi só para a família. — E os meus sentimentos pelo teu avô. Ele era muito querido.

— Obrigada — diz Hazel. — Teve uma vida longa e feliz. E a demência estava a avançar, portanto... — Suspira. — A minha mãe diz que talvez tenha sido melhor ele não ter tido de passar pelos estágios finais da doença. Sei lá. Só queria que ele tivesse morrido enquanto dormia ou de forma mais tranquila.

Não consigo pensar em nada reconfortante para dizer, porque ela tem razão. Afogar-se no bosque atrás da própria casa é uma morte terrível. Finalmente decido-me por:

— Sei que falei poucas vezes com o doutor Baxter, mas via-se que ele se orgulhava muito de ti. E cuidavas tão bem dele!

A expressão dela fica sombria.

— Não sei. Deixei-o sair sozinho naquela manhã. Mas ele parecia lúcido e disse que ia encontrar-se com um amigo, portanto...

Sinto um formigueiro na nuca.

— Sabes com quem?

— Não. Quem me dera. Ninguém comentou nada, e seria agradável saber como ele passou a sua última manhã.

Faço uma pausa, pensando na carta do Dr. Baxter para o tio Archer. «Há coisas que eu devia ter-te contado há muito tempo.»

— O teu avô... hum… mencionou o meu tio Archer recentemente?

Hazel pestaneja.

— A possibilidade de ele ter voltado para a ilha? — Um pouco do seu ânimo normal regressa enquanto acrescenta: — Voltou mesmo? As pessoas dizem que o viram na sexta-feira passada, mas não voltou a dar sinais de vida depois disso. Mas não sei se o meu avô sabia. Nunca me disse nada. Vocês viram-no? Ao Archer, quero dizer.

Hesito. Há mais de uma semana que falámos com o tio Archer, e Aubrey está convencida de que ele se pirou da ilha. Passámos pelo *bungalow* algumas vezes, mas as cortinas estão sempre fechadas e ninguém abriu a porta. Portanto Aubrey deve ter razão, e não faria mal saciar a curiosidade de Hazel, ainda mais depois da semana que teve.

— Vimos. Estava a viver num *bungalow* nas traseiras da casa de um amigo, o Rob Valentine, mas...

— Querida. — Uma mulher surge ao lado de Hazel, parecendo a sua gémea de meia-idade. — Um dos colegas de faculdade de medicina do avô quer conhecer-te. Está na mesa da senhora Story. Posso roubá-la? — Vira-se para mim com um sorriso pesaroso, e os seus olhos brilham ao reconhecer-me. — Bem, por falar nos Story. Deves ser a Milly. Sou a Katharine Baxter, mãe da Hazel. Vi uma fotografia linda de ti e dos teus primos a sair do funeral do meu pai no *Gull Cove Gazette*.

— Sim, olá — digo, apertando a mão que ela estendeu. — É um prazer conhecê-la. Os meus sentimentos pelo seu pai.

— Obrigada. A sério. Não queria interromper...

— Não há problema — prometo, contente por ter uma desculpa para fugir. Gosto de Hazel, mas já correm boatos suficientes sobre o tio Archer sem a minha ajuda. Não devia ter falado tanto, portanto agora parece uma ótima altura para bater em retirada. — Tenho de encontrar os meus primos, de qualquer forma. Falamos mais tarde.

Afasto-me, quase chocando com um empregado que traz uma garrafa de champanhe. Ele inclina-a para o meu copo vazio.

— Posso encher-lho? — pergunta ele.

Não respondo de imediato, tentando contar quantos já bebi, mas ele enche-o à mesma.

Bem. Em Roma sê romano. Ingiro um gole das bolhinhas efervescentes e continuo a andar, analisando a multidão elegante. Um pouco à frente, vejo uma cabeça loura conhecida: Reid Chilton, colega Pipilo e filho da senadora. Não tenho

vontade nenhuma de falar com ele, por isso viro-me e quase colido com a pessoa atrás de mim.

A sua mão sobe para me segurar.

— Ups. Desculpe. Estava só a tentar... — É Jonah, lindo no seu *smoking*, e os seus olhos arregalam-se ao ver-me. Não diz nada por um instante, a sua maçã-de-adão a subir e a descer algumas vezes. — Esqueci-me do que queria fazer, porque... acho que o sangue me abandonou o cérebro. — Engole em seco de novo. — Estás espetacular, Milly.

Sinto algo quente e palpitante no peito.

— Obrigada. Tu também. — É verdade. Talvez porque passou a semana inteira com os melhores alfaiates da ilha à sua disposição, mas Jonah parece ter nascido para usar um *smoking*. O seu cabelo escuro está penteado para trás e, apesar de eu achar graça ao visual desgrenhado habitual, não posso negar que o atual destaca os ângulos do seu rosto. Ergo o copo antes de beber outro gole. — Já provaste o champanhe?

— Não. Bebi chocolate quente. — Levanto uma sobrancelha e ele encolhe os ombros. — É, tipo, um chocolate que importaram de França, moído à mão com uma mistura de canela e noz-moscada. E um bocadinho de malagueta, acho. Foi o que o Carson disse.

— Era bom?

— O melhor chocolate quente que já bebi na vida — diz Jonah com um ar tão fervoroso que sorrio.

— A Mildred sabe dar uma festa. Temos de reconhecer isso. — Sinto que estou a descontrair pela primeira vez esta noite, e pressiono a manga dele com as pontas dos dedos, sentindo uma onda repentina de afeto. — Que bom estares aqui.

Ele sorri, parecendo satisfeito e confuso ao mesmo tempo.

— Bem, tinha de estar, certo? Ordens da Mildred.

— Eu sei, mas não quero dizer só *aqui*, concretamente. Estou a falar no geral. Na ilha. — Jonah ainda parece um pouco incerto, e compreendo. Os meus pensamentos não estão tão organizados como eu gostaria. — O que estou a tentar dizer é que... ainda bem que te conheci.

Assim que as palavras escapam, coro de vergonha. Não costumo dizer este tipo de coisas e, apesar de não estar exatamente arrependida, talvez o terceiro copo de champanhe tenha sido um erro.

Os olhos castanho-escuros de Jonah adquirem uma expressão meiga.

— Eu também gostei de te conhecer. Muito. — Humedece os lábios com a língua, e sinto uma necessidade repentina de seguir o movimento com um dedo. Certo, o terceiro copo de champanhe foi *de certeza* um erro. Mas saber isso não me

impede de pegar no quarto quando um empregado passa. O olhar de Jonah foca o meu copo, e ele puxa os punhos da camisa ao acrescentar: — A questão é que...

— Aí estás tu! — interrompe uma voz nas nossas costas. — Fartei-me de andar à tua procura, Milly. Olá, Jonah.

É Reid Chilton, exibindo um laço demasiado grande e um sorriso untuoso. O laço maior está na moda este ano, de acordo com a *GQ*, e quase me detesto por saber isso. É o tipo de informação inútil que passei anos a acumular, à espera de uma oportunidade de impressionar a minha avó *socialite* que me ignora. Que piada.

— O que foi? — pergunta Reid, franzindo a testa.

Jonah também me observa com uma expressão estranha, e percebo que disse a última parte em voz alta.

— Disse que gosto do teu laço.

É evidente que não foi isso que eu disse, mas eles são demasiado educados para me contradizerem.

— Obrigado — responde Reid, sem hesitar. — Mas ninguém aqui te chega aos calcanhares.

Credo, penso. Então fico tensa. Será que também disse isso em voz alta? Mas Reid continua a sorrir-me, portanto é provável que não.

— Acho que ficamos na mesma mesa ao jantar — continua ele. — A tua avó convidou a minha mãe. Talvez já tenhas ouvido falar dela? A senadora Genevieve Chilton? Democrata de Massachusetts.

— A minha mãe é democrata de Nova Iorque — digo. — Mas não é senadora. E não está aqui.

Jonah murmura alguma coisa baixinho que soa como «Isto está a correr bem» enquanto o sorriso de Reid se torna um pouco tenso.

— A história da tua família é fascinante — diz ele.

Eu não tencionava beber mais champanhe, mas, não sei como, o copo na minha mão esvaziou-se enquanto Reid falava. A culpa é dele por ser tão tagarela.

— É uma forma de encarar as coisas — respondo.

Tencionava seguir o comentário com uma risada leve e sofisticada, mas o som sai-me todo pelo nariz. O que me faz rir ainda mais. Reid olha para mim de sobrolho franzido, e Jonah agarra-me pelo cotovelo.

— A minha prima e eu íamos apanhar ar — afirma Jonah. Continuo a rir. Quem diria que Reid era tão *engraçado*? — Está muito calor aqui dentro. Vamos, Milly?

— Vamos — digo, tentando usar um tom de voz sofisticado, mas fracassando quando arrasto o S.

— Vemo-nos ao jantar — diz Reid.

— Não se nos virmos antes — riposto a rir antes de Jonah me levar dali.

— Quanto champanhe bebeste? — pergunta ele, baixinho.

Mais do que devia. Isso fica claro quando o salão começa a girar. Estou habituada a bebericar *cocktails* com as minhas amigas ao longo de horas, não a emborcar quatro copos de champanhe com a barriga vazia. Ou foram cinco?

— Não interessa — sussurro. — A Mildred já me odeia.

— Ela não te odeia.

— Odeia, sim. Gosta mais da Aubrey do que de mim. Gosta mais de ti do que de mim. E *tu* — espeto um dedo no peito dele para dar ênfase —, nem és parente dela.

— Chiu — murmura Jonah.

Faz-me contornar um grupo de clones de Donald Camden, todos grisalhos e corados, soltando risadas discretas enquanto seguram copos cheios de líquido cor de âmbar. Quase aponto para eles. «Olha para os Donalds!» Mas Jonah continua a falar.

— Milly, não podes permitir que a tua avó te magoe. Não creio que ela seja uma pessoa muito boa. Talvez tenha sido em tempos, mas deixou de ser.

Chegamos a uma enorme cortina dourada e, quando Jonah a afasta, vejo portas envidraçadas por trás. Jonah abre uma... ah, que ar fresco maravilhoso! Saímos para uma varanda de pedra e, quando Jonah a fecha atrás de nós, partilhamos o máximo de privacidade possível no Baile de Gala de Verão.

Apoio-me no gradeamento da varanda, afastando o cabelo para trás com a mão trémula. A noite está bonita, e as estrelas parecem baixas e muito brilhantes contra o céu azul aveludado.

— Estás a divertir-te na festa muito importante da minha avó? — indago.

— *Tu* estás? — pergunta Jonah.

— Bastante — respondo, e tenho de morder o lábio para não me rir. — Apanhar uma piela fazia parte do plano. Missão comprida.

— Só precisas de apanhar um pouco de ar — diz Jonah, mas não parece convencido.

Viro-me para encará-lo. O movimento faz a varanda girar, e estico as mãos para o gradeamento. Não o encontro, mas Jonah segura-me o braço antes de eu cair.

— Este chão... devia estar mais nivelado — digo, séria, e ele concorda com a cabeça.

— Estava a pensar a mesma coisa.

— É um hotel velho — continuo. — Precisa de uma remodelação.

Jonah pigarreia.

— Ouve, já que estamos sozinhos, quero contar-te uma coisa. Sobre o motivo por que estou aqui.

A minha cabeça ainda gira, mas Jonah parece tão firme que ponho os braços em torno do seu pescoço para conseguir ficar parada. Muito melhor.

— É para me ajudares a ficar direita?

— Não propriamente. — Jonah solta uma gargalhada. — Mas tenho muito gosto em ajudar. A questão é que... — Interrompe-se, humedecendo de novo os lábios. Desta vez, cedo ao impulso e tiro a mão de trás do seu pescoço, passando um dedo pelo seu lábio inferior. Ele fica tenso, mas não se afasta. — Assim é difícil concentrar-me.

— Falas de mais — digo, e estico-me para roçar os meus lábios nos dele.

Afasto-me, só o suficiente para ver os olhos de Jonah arregalarem-se e depois desfocarem-se um bocadinho enquanto as suas mãos me envolvem o rosto e me puxam para si.

— Bom, eu tentei — murmura ele antes de a sua boca cobrir a minha.

É quente e curiosa, e sinto uma onda de desejo tão forte e inesperada que fico paralisada. Quero dizer, eu queria isto, claro, pois fui eu que comecei. Mas não sabia, até este preciso segundo, *até que ponto*. Os meus braços voltam a envolver o pescoço dele, os meus dedos enfiam-se no seu cabelo, o meu coração galopa. A língua de Jonah desliza para dentro da minha boca e o gosto dele, a chocolate e especiarias, deixa-me louca.

— Meu Deus!

A voz que nos interrompe está chocada e, no milésimo de segundo que Jonah e eu levamos a separar-nos, fico completamente sóbria. O olhar dele encontra o meu, e vejo a minha própria pergunta refletida ali: «O que é que fizemos?»

A resposta surge depressa. Viro-me e encontro Donald Camden a observar-nos, boquiaberto, com uma Aubrey corada ao seu lado. A cortina pela qual passámos foi afastada, as portas envidraçadas estão escancaradas, e todas as pessoas atrás de Donald — e são *bastantes* — olham para nós.

Incluindo a minha avó.

CAPÍTULO 17

Aubrey

Nunca vi um acidente na vida real, mas finalmente entendo a metáfora. É difícil olhar para Milly e Jonah, mas também é impossível *não* olhar.

Ainda mais porque a culpa é em parte minha.

Eu sabia que Milly tinha ficado chateada quando Donald me levou para a mesa da minha avó. Durante a conversa, tentei ficar de olho na minha prima enquanto ela andava pelo salão, mas estava sempre a perdê-la de vista. Da última vez que a vi, ela ia para a varanda com Jonah. Assim, quando a avó pediu a Donald para chamar Jonah, eu disse: «Ele acabou de ir lá para fora, posso ir buscá-lo.» E a minha avó respondeu: «Seria ótimo apanhar ar fresco, o Donald e eu fazemos-te companhia.»

E aqui estamos.

Eu devia dizer alguma coisa. Não sei exatamente o quê, mas qualquer coisa seria melhor do que o silêncio horrorizado de duzentos convidados vestidos com roupa de gala, que acham que acabaram de apanhar em flagrante dois primos direitos a curtirem. Na verdade, agora seria o momento ideal para explicar que eles não são primos. Mas não faço ideia de como começar essa conversa e, antes de eu conseguir abrir a boca, a minha avó fala.

— É isto que acontece quando ignoro a minha intuição — diz ela com frieza. — Os vossos pais só me desiludiram, e vocês são iguais. — Coro ao ouvir o comentário, enquanto os olhos dela se estreitam para Jonah. — Não devia surpreender-me descobrir que o filho do Anders é um *depravado*.

Jonah, que parecia estar anestesiado desde que Milly e ele se separaram, acorda ao ouvir o nome do tio Anders. O seu rosto ganha uma expressão intensa de ódio

enquanto ele se afasta de Milly e passa pelas portas, parando a pouca distância de Mildred.

— Sim, bem, tenho um recado do *Anders* — diz ele. A sua voz é baixa e zangada, mas ecoa com facilidade pelo salão silencioso. — Ele odeia-a e sempre odiou.

Ouvem-se arquejos chocados no salão enquanto o rosto da minha avó fica manchado de roxo. Olho para Jonah, chocada e confusa, quase acreditando que o ouvi mal. Por que raio tentaria ele piorar uma situação que já é horrorosa? Donald inspira com força ao meu lado, e parece querer atirar Jonah da varanda.

A *varanda*. Onde a coitada da Milly ainda está, imóvel, completamente sozinha. Estou prestes a afastar Donald e ir até ela quando outra voz ecoa acima dos murmúrios à nossa volta.

— Que mentira maldosa. Mas não seria de esperar outra coisa de um *impostor*.

Viro-me na direção da voz, mas não consigo ver quem falou. O corpo da minha avó fica tenso ao meu lado, e ela segura o braço de Donald, arregalando os olhos quase apavorada.

— Sai daqui — diz Donald para ela, baixinho. — Eu trato disto.

E a minha avó simplesmente... obedece. Dá meia-volta e segue na direção da sua mesa, caminhando tão depressa quanto o vestido permite.

A pessoa que falou abre caminho pela multidão, parando ao ver Donald. É baixo e magro, mas estranhamente imponente, vibrando com uma energia reprimida. Tem cabelo escuro e um rosto de doninha. Reconheço-o de imediato.

— Olá, Donald — declara ele, enfiando as mãos nos bolsos do *smoking* com um sorriso amarelo. — Que prazer reencontrá-lo.

— O que estás aqui a fazer, Anders? — rosna Donald. — Quem te deixou entrar?

O tio Anders encolhe os ombros, ainda com as mãos nos bolsos.

— A segurança daqui já foi melhor. Mas devia agradecer-me por esclarecer as coisas antes de o salão inteiro ter uma crise histérica só de imaginar um incesto entre primos. Este rapaz? — Ele inclina a cabeça para Jonah. — Não é o meu filho. *Este* é que é. JT!

Ergue a voz, e outra figura aproxima-se, relutante. Mesmo sem o nome, eu teria reconhecido o meu primo em qualquer lado. É uma cópia do pai, mas em vez do sorriso arrogante, o seu rosto estreito exibe uma expressão furtiva, esquiva.

— Donald, apresento-lhe Jonah Theodore Story.

— Porra — murmura alguém perto da minha orelha enquanto o salão de baile se enche de conversas baixas, nervosas. Viro-me e vejo Brittany, no seu uniforme de empregada, e agarro-a pelo braço. Sinto uma onda de gratidão quando estabeleço contacto. A situação toda é tão parecida com um sonho que não me surpreenderia se

em vez do braço dela tivesse agarrado ar. — O Jonah não é o Jonah? — pergunta ela.

— É. Mais ou menos — murmuro. — É complicado.

— Então a Milly e ele não são... — Brittany começa a assentir enquanto o seu olhar alterna entre Jonah e JT. — Agora tudo faz mais sentido.

— Pelo amor de Deus, que brincadeira é esta, Anders? — pergunta Donald.

— Brincadeira? — O tio Anders leva a mão ao peito. — Não é brincadeira nenhuma. Infelizmente, vocês foram vítimas de uma fraude. O meu filho, JT, é o único da nova geração com consciência. — Começo a sentir um aperto no estômago enquanto o tio Anders continua: — Suponho que acha que a minha mãe convidou os netos para virem à ilha. Está enganado. Vou explicar o que aconteceu. — É o foco das atenções do salão, e respira fundo. — O meu irmão Archer ofereceu emprego aos miúdos, à espera de voltar a cair nas boas graças da mãe. O JT foi o único neto que recusou, portanto o Archer encontrou um substituto. Eu não fazia ideia do que se passava até ver a fotografia do filho do nosso vizinho no funeral do Fred Baxter. Perguntei ao JT: «O que está o Jonah North a fazer com as tuas primas?» E percebemos o que deve ter acontecido.

Fecho os olhos por um instante, sentindo a frustração fervilhar pelas minhas veias. Descobertos pelo *Gull Cove Gazette*. Devíamos ter imaginado que os nossos pais estariam de olho no jornal local. Quando o tio Anders viu a fotografia, deve ter percebido que foi enganado por JT. Nem imagino a rapidez com que obrigou JT a confessar tudo — não só a troca com Jonah, mas também que o tio Archer esteve na origem do convite original. Depois disso, só precisou de atirar a culpa para cima de nós e dizer uma data de mentiras para tentar salvar a sua possibilidade de se reconciliar com a nossa avó.

E parece estar a resultar. A multidão acredita na atuação de Anders, sussurrando e murmurando atrás das mãos.

— Seu mentiroso — diz Jonah, praticamente cuspindo as palavras. — Está a tentar manipular todo o salão, tal como manipulou os meus pais. Foi o seu *filho* que me convenceu a vir, e ele...

— Sinceramente, Jonah — interrompe Anders com um sorriso que consegue ser forçado e paciente ao mesmo tempo. — Desiste enquanto podes. Ninguém aqui vai acreditar em nada do que disseres.

— Ele está a dizer a verdade — intervenho. Solto o braço de Brittany e agarro o de Donald Camden, sacudindo-o para o obrigar a olhar para mim. — Quero dizer, o Jonah North está a dizer a verdade. O JT pagou-lhe para vir. E só descobrimos a semana passada que foi o tio Archer quem nos convidou. Ele estava...

Paro de falar, porque, pela forma como Donald me encara, tenho a certeza de que acabei de piorar a situação.

— A sério, Aubrey? És a Aubrey, certo? — O tio Anders vira o seu sorriso arrogante para mim. — Então admites que sabias que este rapaz não era o teu primo, que sabias que foi o Archer quem vos convidou, mas preferiste não contar nada disso à tua avó? E, agora, queres que as pessoas acreditem que o resto do que eu disse é mentira? — A voz dele torna-se untuosa. — Percebo porque aceitaste o plano. O teu pai é complicado. É difícil conquistar o amor dele, não é?

As palavras roubam o ar dos meus pulmões. De alguma forma, apesar de não me ver desde que eu era pequena, o tio Anders sabe exatamente como me atingir. Ao mesmo tempo, está a tentar distorcer tudo para fazer parecer que JT e ele não têm culpa de nada, e que nós somos os interesseiros calculistas. O pior é que a sua história não é muito mais absurda do que o que aconteceu realmente.

— Onde está a mãe? — pergunta o tio Anders. Analisa a multidão com a testa franzida, percebendo finalmente que a pessoa mais importante não está no meio do seu público. — Ela precisa de saber que tem pelo menos um neto que dá valor ao respeito e à sinceridade.

— A tua mãe foi-se embora, graças a Deus, antes de ter de ouvir esta palhaçada. E eu já ouvi mais do que o suficiente — diz Donald. Levanta a mão e estala os dedos. — Está na altura de te ires embora.

Homens de fato preto parecem materializar-se do nada, segurando os braços do tio Anders. O seu rosto tinge-se de um tom forte e irritado de vermelho.

— Qual é o seu problema, Donald? — grita ele. — Estou a *ajudá-lo*.

— O filho dele também — diz Donald aos homens de fato. — E o outro rapaz. Tirem-nos daqui.

De repente, o caos instala-se numa confusão de movimentos e gritos. O tio Anders debate-se com os homens que o arrastam para a saída, a gritar:

— Esta é a porra da minha casa, Donald! Não é a sua! É *minha*!

Mais homens de fato aparecem, cercando JT e Jonah e levando-os, enquanto Milly observa, inexpressiva.

Oh, meu Deus. Milly.

Continua na varanda. Abro caminho entre a multidão, passando pelas portas envidraçadas, até alcançar a minha prima. Basta-me olhar para os seus olhos vítreos para perceber que a mistura de choque e champanhe silenciou a sua língua afiada. Em qualquer outra noite, Milly teria enfrentado o tio Anders sem pestanejar. Mas, quando entrelaço os meus dedos nos dela, ela observa-os como se a sua mão fosse um objeto estranho nunca visto antes.

— Eu devia ter percebido — diz ela com a voz espessa. — Sou tão *estúpida*.

— Não és nada. — Afasto-lhe uma madeixa do rosto. — Devias ter percebido o quê?

— Que foram os pais do Jonah.

— Hã? — Continuo sem perceber. Sei que Milly está um bocadinho tocada, mas preciso que ela se concentre. — Explicas-me como se eu estivesse na pré-primária?

Ela pressiona a testa com a mão, como se isso fosse ajudá-la a pensar.

— Li um artigo no *Providence Journal* que dizia que várias famílias perderam dinheiro por causa da consultoria financeira do tio Anders. Um homem contava que teve de declarar falência e... céus. Chamava-se Frank North. Mas não estabeleci a ligação. — A sua expressão endurece, os olhos exibam um pouco do brilho habitual. — Porque o Jonah não me contou. Não *nos* contou. Durante todo este tempo protegemo-lo, não contámos a ninguém quem ele era, e ele nunca se deu ao trabalho de dizer que, oh, a propósito, detesta a nossa família.

O comentário de Jonah — «tal como manipulou os meus pais» —, que me tinha passado completamente despercebido no calor do momento, surge de repente na minha cabeça, e o seu comportamento passa a fazer mais sentido. Não admira que ele se tenha transformado em Hulk quando ouviu o nome «Anders».

— Então ele odeia o tio Anders!

— E a nós, provavelmente. — Milly cruza os braços com força por cima do peito. — Usou-nos para manter o disfarce. Enganou-nos até conseguir fazer alguma coisa como o que aconteceu agora e humilhar a nossa família. E eu dei-lhe a oportunidade perfeita, não foi?

— Não — apresso-me a responder. — Ele não faria isso. — Milly não responde e aperto-lhe o braço. — Milly, vá lá. Mesmo que o Jonah fosse um parvalhão, e não acho que seja, não é assim tão bom ator. Descobriste rapidamente quem ele era, não foi?

— Não descobri esta parte — diz ela, desanimada.

Quero encontrar as palavras certas para consolá-la, mas, antes de eu conseguir dizer qualquer outra coisa, Donald Camden inclina-se para fora das portas, o seu rosto tomado por uma fúria gélida.

— Voltem para a residência! Amanhã vejo o que fazer convosco.

CAPÍTULO 18

Jonah

Por mais que tenha imaginado o fim da minha aventura em Gull Cove, não pensei que seria ladeado por dois tipos de fato no quarto da residência, enquanto guardo no saco de viagem os meus pertences.

— Estou preso? — pergunto finalmente.

O Fato Número Um solta uma gargalhada. São ambos louros e na casa dos trinta, porém ele é mais alto e mais largo. Tem na mão o saco do meu *smoking* alugado, que me mandaram despir assim que chegámos à residência. Pelo menos esperaram no corredor enquanto eu mudava de roupa.

— Não somos polícias, rapaz. Somos seguranças particulares. O nosso trabalho é tirar-te do *resort* e levar-te para um hotel no centro. Tens uma noite para decidir o que fazer com os teus pais ou tutores. A senhora Story quer que saias da ilha até amanhã à tarde. — A voz dele é calma, quase entediada, enquanto acrescenta: — Depois disso, não és problema nosso.

Em resposta, fecho o saco. O Fato Número Dois considera isso a sua deixa para me agarrar o braço de novo.

— Certo, vamos — diz ele.

— Estou a ir — riposto, irritado, soltando-me com um puxão. — Mas preciso de mandar uma mensagem. Tenho de entrar em contacto com os meus pais ou tutores, não é?

A expressão neutra dele não muda.

— Despacha-te.

Empurra-me na direção da porta e fecha-a atrás de nós. Pestanejo com as luzes fluorescentes do corredor, demasiado fortes depois do quarto pouco iluminado.

Quando as manchas escuras diante dos meus olhos desapareceram, vejo meia dúzia de rostos curiosos. Todos os Pipilos que não estão a trabalhar ou a participar no baile estão no corredor, a assistir à minha humilhação. As notícias correm depressa numa ilha de dezanove quilómetros.

— Adeus, Jonah — grita o colega de quarto de Reid Chilton. — Se esse *for mesmo o teu nome*.

— Voltem para os vossos quartos — diz o Número Dois. — O espetáculo acabou.

Ninguém obedece. Mantenho a cabeça baixa enquanto desço pela minha lista de contactos, mas não procuro o número do meu pai. Depois resolvo isso. Escolho o de Milly.

«Desculpa», escrevo. «Estraguei tudo.»

Sempre que penso no que fiz, sinto vontade de vomitar. Assim que Donald Camden interrompeu o meu beijo com Milly, o meu tempo como Jonah Story terminou. Soube-o, e uma parte de mim até ficou aliviada. E depois devia ter feito o seguinte: agarrado na mão de Milly e anunciado a toda a gente ali que não éramos primos. Assim, podiam parar de olhar para ela com nojo e choque, e concentrar toda a sua energia negativa no alvo certo: eu. A seguir poderia ter suportado a maior parte do que viesse a acontecer ou, talvez, Milly e eu tivéssemos enfrentado o problema juntos. Esse era o meu desejo desde que ela me surripiou a carteira e descobriu tudo.

Em vez disso, dediquei-me àquela fantasia de vingança de Anders Story. Apesar de já ter decidido, no dia do *brunch* em Catmint House, que precisava de esquecer isso. Que não valia a pena colocar Milly e Aubrey numa situação complicada. Mas, hoje, humilhado, pressionado e provocado por Mildred, deixei a amargura dominar-me. Não só foi mau fazer aquilo a Milly, como também não resultou. A única coisa que consegui foi dar a Anders mais uma oportunidade de contar as suas mentiras.

Estou tão perdido nos meus pensamentos que só percebo que chegámos ao centro quando vejo as luzes fortes do cais. O Número Um conduz, e o Número Dois fala ao telemóvel enquanto paramos diante de um prédio de tijolo vermelho.

— Tudo a postos — diz ele para o aparelho antes de o baixar e se virar para mim. — Este é o Hotel Hawthorne, a tua casa esta noite. Podes usar o serviço de quartos, com um limite de cinquenta dólares. Há um bilhete de *ferry* para amanhã, para qualquer horário, à tua espera na bilheteira. O primeiro *ferry* sai às sete da manhã; o último, às quatro da tarde. Entendido?

— E se eu o perder? — pergunto.

A voz dele continua no mesmo tom monótono da noite toda.

— Acho melhor isso não acontecer. Anda, vamos fazer o teu *check-in*.

O Número Um fica no carro com o motor ligado enquanto entramos no Hotel Hawthorne. A rececionista não aparenta achar estranho que um homem de fato

esteja a fazer o *check-in* de um adolescente às nove da noite.

— O seu quarto é o duzentos e quinze — diz ela, olhando para o computador à sua frente. — O elevador fica ao fundo do corredor à esquerda, ou pode usar as escadas à direita, ao virar da esquina. Precisa de ajuda com a sua bagagem?

Puxo a alça do saco mais para cima no ombro.

— Não.

— Uma ou duas chaves? — pergunta ela.

O Número Dois responde antes de mim:

— Só uma.

Ela entrega-ma com um sorriso radioso.

— Tenha uma boa estada!

Agradeço e viro-me, com o Número Dois a seguir-me de perto. A porta da rua abre-se, e estaco ao ver Anders e JT a entrar. Estão sozinhos, não acompanhados por seguranças como eu, e isso reacende a minha fúria.

— Seus mentirosos de merda — rosno.

Anders Story parece tranquilo e recomposto. Ninguém diria que acabou de ser expulso da festa da própria mãe. Olha para uma tigela prateada atrás de mim, sobre a receção, e tira um rebuçado de mentol.

— Eu tinha de dizer alguma coisa, Jonah — observa ele, desembrulhando o rebuçado e enfiando-o na boca. — Foi a única opção que tu e o JT me deixaram.

Olho furioso para JT, que continua a esconder-se atrás do pai.

— Isto foi tudo ideia *tua*.

JT encolhe os ombros com uma sombra da ousadia de Anders.

— Tu é que não conseguiste ser discreto. Deixares alguém fotografar-te num funeral e curtires com a minha prima não fazia parte do acordo. Tecnicamente, a culpa foi toda tua.

— Tecnicamente, a culpa é dele — digo, olhando para Anders. — Eu não teria aceitado nada disto se você não tivesse arruinado os meus pais. É um mentiroso *e* um ladrão.

Espero que ele negue, mas Anders limita-se a levantar um ombro, mastigando e engolindo o rebuçado com uma lentidão propositada.

— Os teus pais são adultos e decidiram o que fazer com o seu dinheiro de livre vontade. Para de deitares a culpa nos outros. É patético.

— Chega. — O Número Dois puxa-me o braço. — Está na hora de ires para o teu quarto. Vamos de elevador ou pelas escadas?

— Posso ir sozinho — digo, tentando soltar-me.

Não funciona. O Número Dois não me larga.

— Recebi ordens para te deixar no quarto, em segurança, portanto é isso que vou fazer — diz ele, calmo. — Elevador ou escadas?

— Escadas — digo com os dentes cerrados. Porque a única coisa pior do que ser escoltado até ao meu quarto diante de Anders e JT seria esperar pelo elevador enquanto eles assistem.

O Número Dois e eu subimos as escadas em silêncio, empurrando a porta no segundo andar para um corredor vazio. O quarto 215 é fácil de encontrar — fica mesmo ao lado das escadas e em frente a uma máquina de venda automática. Deve ser o quarto mais barulhento e, portanto, mais barato. Uma luz verde acende-se no painel da porta quando insiro o cartão, e faço uma pausa depois de baixar o puxador.

— Por favor, diga-me que se vai embora agora — imploro.

— Vou. — O Número Dois deixa um brilho divertido surgir no seu olhar. No mínimo, esta noite deve ter sido uma quebra na sua rotina. — Boa sorte, miúdo.

Solto um suspiro de alívio quando a porta se fecha atrás de mim. Finalmente sozinho. Tiro o telemóvel do bolso, esperando encontrar uma mensagem de Milly ou Aubrey, mas não há nada. Penso em mandar uma última mensagem a Milly, mas não tenho coragem de continuar a chateá-la. Se ela quisesse falar comigo, já teria respondido.

O quarto não é tão luxuoso como os do Gull Cove Resort, mas é melhor do que o da residência. Tem duas camas de solteiro cobertas por lençóis com riscas náuticas, uma secretária diante da janela e uma televisão grande que ocupa boa parte de uma das paredes. O ar-condicionado é barulhento e tão forte que me arrepia os braços. A casa de banho está limpa e bem iluminada, e os músculos dos meus ombros doem só de pensar num duche quente. Devia ligar ao meu pai, mas isso pode esperar mais cinco minutos.

Acabam por ser vinte. Tomar duche foi uma ótima ideia, porque me permitiu agir em piloto automático, repetindo uma rotina que já segui milhares de vezes. Durante algum tempo, posso fingir que está tudo bem. Até normal. Porém, depois de gastar o conteúdo de todos os frasquinhos disponíveis e de a casa de banho estar envolta numa nuvem de vapor, é altura de abandonar o conforto da cabina de duche. Saio e seco-me com uma toalha. Carson Fine mandou lavar e engomar a nossa roupa ontem, portanto tenho coisas para vestir. As calças de fato de treino estão estranhamente tesas devido à goma, mas tudo bem.

Depois de me vestir, não posso continuar a adiar. Sento-me na beira de uma das camas, de telemóvel na mão, e pergunto-me como começar a conversa. «Então, pai. Sabes aquele meu emprego fixe de verão?»

Talvez devesse começar com algo simples. Abro as minhas mensagens e pestanejo quando percebo que não vi uma que ele enviou mais cedo. O início diz «Olá, Jonah, a audiência correu…», e solto um gemido. Estava tão preocupado com

o Baile de Gala de Verão que me esqueci que a audiência dos meus pais tinha sido adiada para hoje.

— Uma desgraça nunca vem só — resmungo, abrindo a mensagem.

É um clássico do meu pai, um parágrafo gigante em vez de várias mensagens separadas.

«Olá Jonah, a audiência correu melhor do que esperávamos. Afinal parece que a tua mãe e eu vamos conseguir manter a Empire aberta. Ainda temos de resolver algumas coisas, mas estamos otimistas pela primeira vez em muito tempo. O Enzo está a trabalhar no Home Depot. Falamos todos os dias, e achamos que vamos conseguir voltar a contratá-lo antes do fim do ano. Tenta não te preocupares, OK? Aproveita o fim de semana, e falamos em breve.»

Deixo o telemóvel cair na cama e solto um suspiro trémulo. Os meus olhos ardem quando os pressiono com as palmas das mãos. Não me permiti ter esperança, mas... eles conseguiram. Os meus pais fizeram tudo para convencer o juiz de que conseguiriam pagar aos credores e continuar a gerir o negócio, e acho que ele foi compreensivo.

«Para de deitar a culpa nos outros.» Anders Story pode ser um idiota sem consciência, mas talvez não esteja errado. «Não podem provar que foi fraude. E não vão conseguir recuperar o dinheiro», disse o advogado que os meus pais consultaram. «A única opção é tentarem sair do buraco e seguir em frente.» Durante muito tempo, os meus pais não quiseram aceitar isso, e eu também não. Sabia *bem* estarmos zangados. Mas não ajudava e não mudava nada. Sinto outra pontada de arrependimento quando penso em Milly, e como as coisas poderiam ter sido diferentes esta noite se eu me tivesse livrado dessa fúria inútil antes.

Uma pancada forte na porta interrompe os meus pensamentos.

— Oh, vá lá — resmungo, ainda a segurar a cabeça. — O que foi agora? — A pancada soa de novo, mais alta desta vez. — Aguente os cavalos — grito, conseguindo sorrir em homenagem a Enzo.

Quando abro a porta, espero encontrar o Número Dois, a querer ver se não fugi pela janela ou coisa parecida, mas não é ele que está à minha frente.

Quase não o reconheço. Fez a barba, traz uma camisola de manga comprida e calças de ganga limpas, olhos lúcidos e um sorriso cansado.

— Olá, Jonah — cumprimenta Archer Story. — Posso entrar?

Archer atacou o minibar antes de começarmos a conversar e agora tem quatro garrafinhas alinhadas na mesa à sua frente. Apenas uma delas está aberta, a de vodca, e ele bebeu dois goles pequenos.

— Desculpa beber à tua frente — diz ele. — Estou a tentar voltar ao bom caminho, mas não posso parar completamente, ainda mais antes de uma conversa difícil. Senão, vou acabar por voltar para o fundo do poço. — Olha para a fila de

garrafas. — Não tenciono beber todas. Nem a maioria. Mas é reconfortante saber que posso, se quiser.

— Não há problema — afirmo. — Como sabias onde eu estava?

Não há muitos sítios onde nos sentarmos no quarto, por isso estou deitado numa das camas, e Archer ocupa a cadeira da secretária.

— Ainda tenho amigos no *resort* — diz ele. — Não os mereço, mas tenho-os. — Esfrega o rosto magro, anguloso, com a mão. Ainda não me habituei à ausência da barba de lenhador. — Só para deixar tudo claro, porque tive de processar uma data de informações novas hoje: não és meu sobrinho, certo?

— Certo — confirmo.

Ele esboça um sorriso pesaroso, como se desejasse que eu fosse, e dou por mim a contar toda a história sórdida de como vim aqui parar. Quando termino, ele abana a cabeça e bebe um golinho de vodca.

— Verdade seja dita, nunca pareceste ser filho do Anders.

— É o que toda a gente diz — respondo. — Foste ao baile hoje?

— Oh, não. Não fui convidado. Mas soube o que aconteceu. Incluindo o regresso do meu irmão. — Outro golinho. — Preciso de tentar falar com a Milly e a Aubrey. Pelo que sei, voltaram para a residência. Mas gostaria de ver se estão bem. E pedir desculpa — acrescenta, a sua voz a ficar tensa. — Foi por isso que vim. Também te devo um pedido de desculpas. Desapareci depois de falarmos. Vi o artigo sobre mim no *Gull Cove Gazette*, no dia seguinte, e não reagi bem. Achei que tinha estragado tudo, entrei em pânico. E quando entro em pânico, bem... costumo perder o pouco controlo que tenho. — Archer parece desesperado por outro gole de vodca, mas não bebe. — Trouxe-vos para cá, e depois abandonei-vos. E isso é inaceitável. Vocês são apenas miúdos. Lamento que a minha recusa em agir como um adulto durante as últimas semanas, durante as últimas décadas, tenha causado a noite terrível que tiveram.

Fico em silêncio por um momento, a absorver as palavras.

— É um pedido de desculpas bastante abrangente.

O vislumbre de um sorriso passa pelos lábios dele.

— Achei que precisava de cobrir vários pontos.

— Tudo bem. Quero dizer, eu menti-te desde o início, portanto acho que estamos quites. — Espero até Archer pegar na garrafa de vodca novamente, e pergunto: — Conseguiste falar com o doutor Baxter sobre a carta antes de ele morrer?

Ele para antes de beber outro gole.

— Não. Estava demasiado abalado naquele dia para sair de casa.

— O que será que ele te queria contar?

Archer solta um suspiro pesado.

— Não faço ideia.

— E agora? Vais voltar para casa do Rob?

— Sim, mas por pouco tempo. Já abusei muito da boa vontade dele. Só preciso de alguns dias para me organizar, depois vou-me embora da ilha. — Suspira de novo. — Voltar para a vida real, seja lá qual for.

Uma ideia surge na minha cabeça, tão de repente que fico um pouco tenso.

— Posso ir contigo? — pergunto.

Archer pestaneja.

— O quê?

— Posso ir contigo? — repito. — Ainda não liguei aos meus pais. E... bem, as coisas entre mim e a Milly estão péssimas. — Coro, lembrando-me da expressão paralisada dela quando ataquei Mildred. — Preciso de pedir desculpa.

— Compreendo essa necessidade — diz Archer, cauteloso. — Mas podes fazer isso a partir de casa, quando os ânimos se tiverem acalmado. Acho que seria melhor ires-te embora, conforme o planeado.

— Por favor? É só por um ou dois dias.

Ele observa-me, sério.

— Jonah, caso ainda não tenha ficado claro, eu sou alcoólico.

— Eu sei — afirmo.

— Não podes contar comigo. Não posso ser responsável por ti.

— Tenho quase dezoito anos. — Só daqui a dez meses, mas falta pouco. — Posso ser responsável por mim próprio. Tenho sido desde que aqui cheguei. — Archer hesita, e insisto: — Vá lá. Preferes que a tua mãe consiga o que quer sempre que manda o Donald Camden expulsar alguém da ilha?

— Bem. — Um sorriso curva os cantos da boca de Archer. — Uma coisa é certa: tens talento para convencer os outros.

CAPÍTULO 19

Milly

Sinto-me cheia de energia quando entro com Aubrey no gabinete de Carson Fine de manhãzinha. Ser convocada tão cedo não é bom sinal, mas já bebi três chávenas de café e trago o vestido vermelho da minha mãe. Não sei o que nos vai acontecer agora, mas estou pronta para me defender.

Infelizmente, o homem atrás da secretária não é o nosso simpático diretor e amante de gravatas náuticas.

— Sentem-se — diz Donald Camden. Sorri. Ou melhor, mostra os dentes. — Vamos conversar sobre a noite passada.

Céus. *A noite passada*. Não consigo pensar nisso sem ter vontade de vomitar. Depois de Jonah ter sido escoltado dali para fora, Aubrey e eu fomos levadas para a residência por duas mulheres que nunca vi antes. Como já era de esperar, desmaiei assim que Aubrey me ajudou a tirar o vestido. Acordei com duas mensagens do tio Archer — surpreendentemente, ele continua na ilha — e seis de Jonah:

Desculpa.

Estraguei tudo.

Nunca devia ter dito aquilo.

Podemos falar?

Devo-te um pedido de desculpas.

E uma explicação.

Mandei uma única mensagem de volta:

Vieste para cá para te vingares do tio Anders? Diz apenas sim/não.

Ele respondeu numa questão de segundos.

Sim.

Depois enviou mais uma data de coisas, mas ainda não li. Ele é tão mentiroso como qualquer Story, e não posso confiar em nada do que diz.

Ainda não acredito que não fui capaz de somar dois mais dois a respeito da família de Jonah. E não acredito que... mas não. Não vou pensar nele quando preciso de me concentrar no que está prestes a acontecer com Donald.

Ele olha para mim e Aubrey sem disfarçar a sua irritação, esperando que façamos o que ele mandou. Permanecemos de pé.

— O tio Anders é um mentiroso... — começo, mas Donald levanta a mão.

— É, sim. E vocês também. Então o que vai acontecer é o seguinte: a partir de hoje, já não são funcionárias do Gull Cove Resort. Mas vão receber como se tivessem trabalhado durante o verão todo, o que, na minha opinião, é muito generoso. — Comprime os lábios na última palavra. — Têm três dias para organizar o regresso a casa com os vossos pais, e têm um bilhete de *ferry* para hoje, amanhã e terça, em qualquer horário. Porém, antes de irem, a senhora Story gostaria de falar *contigo*, Aubrey. — O olhar dele foca-se nela, que fica tensa ao meu lado. — Um carro virá buscar-te à entrada do *resort* para te levar a Catmint House à uma da tarde em ponto.

— O quê? — pergunta ela.

— Só a Aubrey? Eu não? — pergunto ao mesmo tempo.

— A senhora Story quer falar a sós com a Aubrey, como representante dos primos — informa Donald. As narinas dele alargam-se. — Aconselhei-a a não o fazer, tendo em consideração todo o dano que já causaram, mas ela insiste.

Aubrey parece horrorizada, e eu pergunto:

— Como representante? O que significa isso? Porque não eu?

Os lábios de Donald curvam-se.

— Ela não disse. Na minha opinião, o teu comportamento a noite passada torna-te... menos adequada.

— Adequada para *quê*? — Praticamente grito, o que deve provar-lhe que tem razão.

— Não quero ir — diz Aubrey.

— Isso, claro, cabe-te a ti decidir — afirma Donald. — O carro chegará à uma da tarde e esperará quinze minutos.

— E se não nos formos embora da ilha? — pergunto.

Sinto uma pontinha de satisfação quando a expressão calma de Donald rapidamente se transforma em surpresa.

— Se não se forem embora? Bom, isso é... quero dizer... vocês têm de ir.

Cruzo os braços.

— Acho que não *temos* de fazer nada. O senhor não manda em nós. Nem a Mildred. Se quisermos, podemos ficar.

Aubrey fita-me com um olhar nervoso, enquanto Donald recupera a compostura.

— Como já disse, o vosso quarto na residência do *resort* só ficará disponível até à manhã de terça. Depois disso, recolheremos as vossas chaves, e não terão acesso ao edifício.

— Há outros hotéis — digo.

— E a maioria deles pertence à vossa avó — argumenta Donald. — Além disso, o pagamento da indemnização por despedimento depende do cumprimento das condições da senhora Story.

— Não queremos o dinheiro dela — digo. — Pode ficar com ele.

Lanço um olhar arrependido a Aubrey, percebendo que falei em seu nome sem pensar. Sei que o dinheiro em casa dela é menos do que na minha, principalmente com a ameaça de um divórcio. Mas ela concorda.

O pescoço de Donald fica muito vermelho, e é uma visão belíssima. Mas ele apenas diz:

— Não têm para onde ir além da vossa própria casa.

— Então não tem com que se preocupar, pois não?

Viro-me para a porta, e Aubrey também. Não vou conseguir pensar em nada melhor para dizer, ainda mais porque ele tem razão.

Aubrey agarra-me o braço enquanto avançamos rapidamente pelo corredor.

— Não estavas a falar sério, pois não? — sussurra ela. — Sobre ficar na ilha?

— Não — admito. — Só queria irritar o Donald, mas ele tem razão. Não temos para onde ir. — Pego no telemóvel, pronta para mandar uma mensagem à minha mãe, quando surge uma do tio Archer. Franzo a testa, irritada por um segundo, e então tenho uma ideia. Mostro o ecrã a Aubrey com um sorriso. — Por outro lado, talvez tenhamos. Queres ir dar uma volta? Ainda não devolvi as chaves do jipe.

*

Uma hora depois, estamos sentadas na sala de estar do *bungalow*, já a par da situação do tio Archer. Infelizmente, ele arranjou um colega de quarto inesperado, que já devia ter-se ido embora.

Aceitei o pedido de desculpas do tio Archer, mas interrompi a tentativa de Jonah com um olhar. Sempre que me lembro de como ele me abandonou naquela varanda para dar largas ao seu rancor pelo tio Anders — e que nunca se deu ao trabalho de me contar —, sinto uma dor no peito.

— Então vão para casa? — pergunta Jonah.

— Acho que não temos opção — resmungo.

Quando pensei no *bungalow* do tio Archer como um refúgio temporário, não percebi que teríamos de dividi-lo com Jonah.

— O que acha a tua mãe disto tudo? — pergunta-me o tio Archer, e depois inclina a cabeça para Aubrey. — E o teu pai?

O tio Archer parece muito melhor do que da última vez que o vimos. À sua frente, há um copo de plástico vermelho meio cheio de um líquido transparente que ele beberica enquanto conversamos, e as suas mãos não param de tremer, mas ele continua coerente.

— Ainda não sabem — respondo. — E não vamos contar-lhes. Pelo menos por enquanto. — O tio Archer parece prestes a protestar, e acrescento: — Primeiro, queremos ver o que a Mildred diz à Aubrey.

Aubrey empalidece.

— Só uma de nós quer isso.

Alguém bate à porta e o tio Archer franze a testa.

— Quem será?

— Talvez seja o tio Anders. A voltar para outro assalto — digo, lançando um olhar maldoso a Jonah.

Ele tem a amabilidade de corar, e detesto como isso o deixa mais bonito.

— Meu Deus — diz o tio Archer, seguindo para a porta. — Espero que não. Estou a tentar melhorar, e isso iria... ah, olá. — Dá um passo para trás, confuso, e revela Hazel à porta. — És...? Conhecemo-nos?

— Não — responde ela, apertando um envelope castanho contra o peito, a sua expressão pensativa a suavizar-se ao ver que Aubrey, Jonah e eu estamos ali. — Mas sei quem é, e conheço-os a eles. Chamo-me Hazel Baxter-Clement, sou neta do doutor Baxter.

— Claro. Bem-vinda. — Se o tio Archer está admirado por Hazel saber onde encontrá-lo, não demonstra. Como fui eu que lhe contei, espero que ele ignore esse pormenor e simplesmente parta do princípio de que ela soube pelo avô. — Por favor, entra e senta-te — acrescenta ele, indicando a sala. — As minhas condolências pelo teu avô. O Fred era um homem maravilhoso.

— Sim, é mais ou menos por causa disso que estou aqui. — Hazel dá alguns passos para o interior do *bungalow* enquanto Archer fecha a porta, parando ao lado do sofá em vez de se enfiar no espaço que Aubrey e eu tentámos abrir para ela. — Eu... não sabia para onde mais ir.

Archer inclina a cabeça, preocupado.

— Está tudo bem?

— Não sei. — Hazel brinca com um cordel no envelope. — Encontrei isto na mesa do meu avô ontem. Estava endereçado a mim, mas... é sobre si.

Troco um olhar com Aubrey enquanto o tio Archer pergunta:

— Sobre mim?

— Bom, uma parte. É... — Ela abre o envelope e tira uma folha. — Talvez seja melhor eu ler. — Pigarreia. — «Querida Hazel, estou tão orgulhoso da rapariga que te tornaste. Meiga, atenciosa, dedicada. Para ser sincero, és um legado que não

mereço. Há coisas que não sabes.» — A sua voz falha, e ela engole em seco antes de continuar. — «Tenho medo de encarar as consequências dos meus atos, mas tenho mais medo de esquecê-los num futuro próximo. Então talvez deva começar por algo que ainda pode ser solucionado. Cometi uma grande injustiça com o Archer Story.»

Ela para. Acho que todos na sala prendem a respiração. Espero o máximo que consigo, para deixar Hazel recompor-se, e então pergunto:

— *Que* injustiça?

— Não sei — diz Hazel. — A carta termina aí.

Solto um gemido, e o tio Archer esfrega o rosto.

— Pouco antes de morrer, o teu avô pediu-me que me encontrasse com ele — explica a Hazel. — Não consegui contactá-lo a tempo. Não faço a menor ideia sobre o que ele queria falar, nem o que achava que me tinha feito. Para mim, nunca existiu qualquer problema. Ele era o médico da nossa família e sempre me tratou bem. Só isso. Posso? — Aponta a carta e Hazel entrega-lha. O tio Archer analisa-a rapidamente, franzindo a testa. — Ele nunca tocou nesse assunto contigo?

— Não — responde Hazel. — Nunca mencionou sequer o seu nome. Mas há outra coisa. — Enfia a mão no envelope e tira uma folha fina de papel. — Isto também aqui estava.

O tio Archer pega no papel, franzindo a testa.

— O resultado de uma autópsia?

— Sim. Tem, tipo, uns vinte anos. — Começo a ficar nervosa quando Hazel acrescenta: — Vinte e quatro, para ser mais exata. É de uma mulher chamada Kayla Dugas.

— Kayla? — repito, olhando para Aubrey. — Kayla, a irmã da Oona?

O tio Archer olha para mim.

— Vocês conhecem a Oona?

— Comprámos-lhes os nossos vestidos — respondo. — E ela falou-nos da irmã. Contou-nos que ela namorou com o tio Anders no secundário e na faculdade. E depois morreu. Mais ou menos quando vocês foram deserdados. Reparámos que foi na mesma altura. — Olho de soslaio para Aubrey e coro, lembrando-me de como fui mal-educada para ela na biblioteca. — Bom, a Aubrey reparou.

O tio Archer franze a testa ao olhar para o relatório da autópsia.

— Não havia nenhum bilhete com isto? Nada que explicasse por que motivo ele queria que tu ou eu víssemos este relatório?

— Nada — responde Hazel.

— Talvez eu deva falar com a Oona — afirma ele. — Faz mais sentido ele ter deixado isto para ela, não para mim. Mas imagino que a família tenha recebido uma cópia na altura.

— E o momento em que tudo aconteceu, tio Archer? — intervém Aubrey. — Receberam a carta do «vocês sabem o que fizeram» do Donald Camden pouco depois de a Kayla morrer, não foi?

— Antes — responde ele. — Não me lembro do momento exato, mas foi um soco atrás do outro. Primeiro, as cartas. Depois, a morte da Kayla. Voltámos para o funeral e a mãe recusou-se a ver-nos.

— Hum. — Aubrey morde o lábio. — Pensei que tinha sido uma questão de causa e efeito. Tipo, alguma coisa sobre a morte da Kayla enfureceu a avó o suficiente para vos deserdar.

— Não. — Archer parece intrigado com a ideia. — Foi só uma coincidência. Para ser sincero, a mãe nunca gostou muito da Kayla. Queria que o Anders encontrasse uma rapariga de boas famílias em Harvard. O que aconteceu, por sinal. — Archer vira-se para Hazel. — O teu avô deixou mais alguma coisa para ti ou para mim?

— Não que eu tenha encontrado. Posso procurar outra vez. Tenho de voltar para casa, de qualquer forma. — Hazel suspira e guarda a carta no envelope. — Estamos a empacotar as coisas do avô.

— Posso ficar com isto? — pergunta o tio Archer, erguendo o relatório da autópsia. — Gostaria de o mostrar à Oona. Talvez ela veja alguma coisa que me passou despercebida.

— Claro — diz Hazel. — Até breve.

Enfia o envelope debaixo do braço, passa por Archer e sai.

Aubrey puxa-me a manga.

— Temos de sair daqui dentro de dez minutos — informa ela. — O carro da avó há de estar a chegar. A menos que queiras cá ficar.

— Não, vou contigo— respondo.

— E depois voltam? — pergunta Jonah.

— Provavelmente não — respondo, ríspida.

Uma pequena parte do meu cérebro regista que estou a falar como a minha mãe quando está prestes a apagar alguém da sua vida por dececioná-la. O resto está demasiado abalado para se importar.

— Milly, por favor. — Jonah inclina-se para a frente, a sua voz baixa e insistente. — Podemos conversar?

O tio Archer pigarreia.

— Vou fazer café, se alguém quiser — diz ele, seguindo para a cozinha.

— Eu quero! — Aubrey, aquela traidora, levanta-se de um pulo do sofá e segue-o.

O assento ao meu lado está vazio, mas Jonah é suficientemente esperto para não o ocupar.

— Milly, desculpa — começa ele. — Devia ter-te falado dos meus pais e do Anders. Quer acredites ou não, ia fazê-lo...

— *Não* acredito — interrompo.

— Ia fazer isso no baile — continua ele. — Tentei, quando estávamos na varanda. Mas tu... — Ele puxa a gola da *t-shirt*. — Querias falar de outras coisas.

Coro. A recordação da noite é pouco clara na minha cabeça, mas não ao ponto de me ter esquecido de que o meu plano não era *conversar* na varanda, mas cambalear bêbeda e atirar-me a Jonah.

— É um pouco tarde, não achas? Devias ter-nos contado logo no início. A Aubrey e eu merecíamos isso, depois de guardarmos o teu segredo. Mas não podias fazer isso, pois não? A tua *vingança* iria por água abaixo. — Levanto os olhos do chão e encaro-o. — Admira-me que tenhas esperado até ao baile. Podias ter atacado a Mildred em Catmint House.

— Ia fazê-lo — confessa Jonah, e fico tão admirada que não consigo falar. — Quando ela me perguntou como estava o Anders. Eu já tinha um discurso pronto. Mas não consegui. Não *quis*. Já não me interessava prejudicar o Anders se isso vos prejudicasse também.

Ignoro o calor que se espalha no meu peito.

— Não parecias muito preocupado com isso ontem.

— Cometi um erro — diz Jonah. — A situação foi uma espécie de pesadelo, e eu... deixei-me dominar pelo meu temperamento. Não sabes como é ter alguém como o Anders...

— Não sei mesmo — interrompo, levantando-me. — Porque não me contaste. — *Argh*. Não quero continuar a discutir com ele sobre isto, mas também não consigo parar. — Primeiro, mentiste-me sobre quem eras. Quando descobri *essa* mentira, mentiste-me sobre o motivo por que vieste para cá. — Levanto uma mão antes de ele conseguir protestar. — Omitir é mentir. Contaste uma série de meias-verdades e deixaste-me pensar que éramos... amigos...

A minha voz falha na última palavra. De repente, os meus olhos estão cheios de lágrimas, o que me deixa furiosa. Eu nunca choro. Afinal de contas sou filha de Allison Story.

Jonah também se levanta e agarra-me as mãos.

— *Somos* amigos — diz ele, rapidamente. — Amizade é o mínimo que sinto por ti. Milly, não sabes o quanto gosto...

Afasto-me quando o tio Archer e Aubrey voltam para a sala.

— Não sei mesmo. E porquê? Porque não me contaste.

Aubrey parece triste enquanto me oferece um copo de plástico vermelho cheio de um líquido castanho leitoso.

— O teu café para a viagem, Milly. Desculpa, mas se não sairmos agora...

— Tudo bem — digo, esfregando os olhos. — Estou pronta.

O tio Archer aproxima-se de mim e envolve-me com um só braço. É quase como se ele soubesse que eu não aguentaria mais contacto físico do que aquele agora. Afasta-me um pouco dos outros e inclina a cabeça para perto da minha.

— Não faz mal estares zangada, Milly — sussurra ele. — Tens o direito de te sentires assim. Mas não descartes o perdão, está bem? Essa é uma característica que eu gostaria que a família Story tivesse mais.

ALLISON, DEZOITO ANOS

Agosto de 1996

— Anda — disse Anders, irritado e dando uma cotovelada a Allison. Estavam sentados à mesa diante da montra da Arabella's Coffee Shop, mesmo em frente à Brewer Floral. — Ele está ali. Sozinho. Faz o que vieste fazer.

Allison engole em seco, vendo Matt arrumar vasos de flores nas prateleiras. Não acreditava que iria perguntar aquilo, mas...

— Vens comigo?

— Oh, pelo amor de Deus — gemeu Anders. — Não. Dei-te boleia. Já fiz a minha parte. Não me metas nisso.

O olhar de Allison permaneceu fixo em Matt, o seu estômago às voltas. Não sabia o que faria em relação à gravidez. Em certos dias, tinha a certeza de que a única solução era um aborto. Noutros, imaginava ir para a faculdade grávida, sem contar nada à mãe, e dar o bebé para adoção. Às vezes, até pensava em ficar com ele. Porque não? Tinha o tipo de dinheiro com que a maioria das pessoas apenas sonha.

A sua única certeza era que contaria a Matt. Aquilo era um problema dos dois. Não o enfrentaria sozinha.

— Eu só... — Allison parou de falar quando Matt abriu a porta da frente da loja, se virou para trancá-la e saiu para a rua. — Esquece. Ele vai-se embora. Resolvo isto outro dia. — O alívio dominou-a, mas foi logo substituído pelo pânico quando viu a direção em que Matt seguia. — Ele vem para *cá*. Ah, não. Não posso contar-lhe no meio de um café. — Saiu do banco alto e puxou o braço de Anders. — Temos de nos ir embora.

— Não sejas ridícula — retorquiu ele. — Vais dar de caras com ele se saíres agora. Deixa de ser cobarde e pede-lhe que dê um passeio contigo.

— Certo. Isso. Boa ideia — disse Allison enquanto Matt entrava.

Ele com certeza viu Anders e a irmã — estavam mesmo à sua frente —, mas passou por eles ignorando-os.

— Matt — chamou Allison. Doía-lhe a barriga. Já detestava cada segundo do que ia acontecer.

Ele virou-se, relutante.

— Ah, olá, Allison. Não te vi.

— Mentiroso — tossiu Anders. Grande ajuda que ele era.

Allison queria enfiar-se num buraco, mas precisava de resolver aquilo.

— Será que podíamos, hum, dar uma volta rápida? — perguntou ela.

— Não posso — respondeu Matt. — Só vim buscar dois cafés, e depois tenho um compromisso.

— Então posso ir contigo?

Matt suspirou.

— Ouve, Allison... divertimo-nos na festa do Rob, mas foi só isso. Diversão. Portanto talvez possas parar de me ligar, está bem? — Allison ficou a olhar para ele, sem conseguir falar devido à humilhação. — Não estou interessado.

— Não estás interessado? — Anders soltou uma risada grosseira. — Ah, essa é boa. Devias estar a agradecer à minha irmã por te dar atenção, seu saloio de merda.

O músculo contraiu-se no maxilar de Matt.

— Deixa-me fazer-te uma pergunta: se eu sou uma merda tão grande, porque é que a Kayla prefere estar comigo?

Anders semicerrou os olhos.

— Ela não prefere estar contigo. Vocês andaram uma vez. Grande coisa.

— Não andámos *uma vez* — disse Matt. — Estamos juntos. Há semanas. Não reparaste que ela deixou de devolver as tuas chamadas?

Allison olhou de soslaio para Anders. Quase não se notava que os seus lábios estavam contraídos nos cantos, mas ela percebeu que as palavras de Matt o tinham magoado. No entanto, o irmão morreria antes de admitir isso.

— Não tenho um registo dos telefonemas da Kayla — responde ele, desdenhoso. — Ela acaba sempre por voltar para mim. Diverte-te enquanto dura.

— Ela não vai... Olha, sabes que mais? — Matt abanou a cabeça como se estivesse enojado consigo mesmo. — Não vou entrar nisto. Achas que podes mandar nas pessoas só porque tens dinheiro, mas não é bem assim. Há uma ilha inteira cheia de gente que se está nas tintas para o Anders Story. Para *qualquer* Story — acrescentou ele. Allison sentiu um soco na barriga de tanta vergonha por ser incluída daquela forma. O que tinha ela feito, além de gostar dele?

— Estás tão errado que chega a ser engraçado — retorquiu Anders.

— Que seja. Vou-me embora — disse Matt.

Virou-se e foi-se embora sem os cafés, não se dando ao trabalho de olhar para Allison.

— Que *idiota* — murmurou ela, furiosa, quando a porta se fechou. A mágoa fê-la sentir uma dor aguda e latejante na barriga.

— Finalmente estamos de acordo — comentou Anders.

Mesmo assim, ela *ainda* precisava de falar com Matt. Tirou a mala do balcão enquanto observava as costas tensas dele pelo vidro, depois ficou paralisada quando o viu esticar os braços de repente para abraçar uma rapariga que vinha a correr pela rua. Kayla Dugas.

«Só vim buscar dois cafés», tinha dito Matt. Meu Deus. Era um encontro.

Matt e Kayla beijaram-se na rua, mesmo na frente deles. Parecia que Matt estava a exibir-se, e Allison sentia o ressentimento emanar de Anders.

— Anda — rosnou Anders, levantando-se. — Mudei de ideias. Quero sair daqui e contar-lhe que estás grávida.

— Não! — exclamou Allison, fincando os pés no chão. — Não vou fazer isso diante da Kayla.

Kayla virou-se e, por um segundo, Allison pensou que ela os tinha ouvido, apesar de estarem demasiado longe para isso ser possível. Mas com certeza *viu-os*. Com um braço em volta do pescoço de Matt, soprou um beijo dramático para a montra. Então voltou a beijá-lo, ainda mais entusiasticamente do que antes.

Allison nunca vira Anders tão zangado. Tinha o rosto corado e o maxilar contraído quando disse em voz baixa e perigosa:

— Ela vai arrepender-se daquilo.

— Vamos embora — pediu Allison. Pendurou a bolsa ao ombro e arquejou quando olhou para uma das pernas. A sua coxa direita estava cheia de sangue abaixo dos calções beges. — Como é que eu...?

Analisou o banco, à procura de algo afiado onde pudesse ter-se arranhado e quase se curvou ao sentir uma dor intensa na barriga. E então percebeu.

Não estava nervosa por causa do comportamento de Matt. Aquilo era algo completamente diferente.

*

A hemorragia levou uma semana a passar. E, quando aconteceu, Allison fez outro teste de gravidez. Uma linha. Devia estar aliviada — e provavelmente estaria num futuro próximo —, mas, por enquanto, só se sentia vazia.

Depois, seguiu para o andar de baixo, atraída pelo som de vozes. A mãe, Donald Camden, o Dr. Baxter e Theresa Ryan estavam sentados à mesa da cozinha, com uma garrafa de vinho. Allison parou no corredor enquanto Donald erguia um copo.

— Um brinde a ti, Mildred, e ao teu espírito imbatível — disse ele.

Todos brindaram. Então, Donald levantou uma das mãos de Mildred e depositou nela um beijo.

Allison franziu a testa. A teoria mais recente de Anders, que passava a vida a partilhar com os irmãos, era que o Dr. Baxter e Donald Camden estavam a atirar-se à mãe agora que ela era uma viúva rica. O facto de o Dr. Baxter ser casado não fazia diferença.

— É para isso que serve o divórcio — argumentava Anders. — Não me digas que ele não largaria a mulher num instante.

— A mãe não está interessada — dizia sempre Archer.

— Eles são pacientes — respondia Anders.

Allison pigarreou e a mãe sorriu radiante para ela.

— Olá, querida. Não te ouvi chegar. Senta-te connosco.

Allison queria companhia, mas não seria capaz de manter cara alegre naquele momento. Desejou com todas as forças que a mãe estivesse sozinha. Se fosse o caso, tinha a certeza de que finalmente conseguiria desabafar.

— Estava à procura dos manos — disse ela.

— O Archer saiu com os amigos. O Adam e o Anders estão na praia.

Com uma das garrafas de uísque de quinhentos dólares do pai, sem dúvida.

— Acho que vou fazer-lhes companhia — disse Allison.

Quando a mãe sorriu, quase parecia a mesma de antes. Fazia-lhe bem conviver com outras pessoas, mesmo que fossem apenas aquelas três.

— Leva uma camisola. Está frio lá fora.

— *Okay*.

Allison saiu de casa e seguiu para o capricho favorito do pai: o elevador externo que permitia que evitassem o longo, íngreme e serpenteante trilho até à praia. Zumbiu baixinho enquanto descia e abriu-se com um ruído suave. Allison saiu para a areia e dirigiu-se à enseada escondida que era o lugar favorito dos irmãos para beber.

Ouviu as suas vozes antes de vê-los.

— ... podes fazer com que sejam ambos despedidos, sabes? — dizia Adam.

Anders soltou uma gargalhada irónica.

— Que diferença faz se eles perderem uns empregos de salário mínimo? Para mim, nenhuma. — Seguiu-se o tinido de uma garrafa a bater num copo. Os irmãos eram incapazes de levar copos de plástico para a praia, como pessoas normais. Os copos tinham de ser de cristal. Boa parte das vezes, acabavam por se esquecer de levá-los para cima, e Allison encontrava-os enfiados na areia. — Aqueles dois merecem coisa pior.

— Foi muito mau o que ele fez à Allison — disse Adam, e Allison ficou paralisada.

Não, pensou ela. *Por favor, o Adam não pode estar a falar do Matt. O Anders não lhe pode ter contado*.

— Para começar, a Allison não devia ter ido para a cama com aquele zé-ninguém — replicou Anders, desdenhoso.

Claro que ele tinha contado. Anders contava tudo a Adam. Allison queria bater com a cabeça, ou melhor, com a cabeça de Anders, numa pedra.

— Ele não devia ter-se atrevido a tocar nela — retorquiu Adam. Apesar de nada daquilo ser da conta dele, Allison sentiu um certo carinho ao ouvir a defesa do irmão mais velho. Infelizmente, ele continuou a falar: — Até parece que o Matt não percebeu que a nossa família está muito acima da dele. Imagina, a mãe a ter de dividir um neto com a sua *assistente*. Não é assim que a próxima geração deve começar. Ainda bem que o problema foi resolvido.

Allison fechou os olhos, sentindo lágrimas de fúria. Não devia ter esperado nada além daquilo. Mesmo assim, magoava-a saber que Adam conseguia fazer até com que o aborto girasse em torno dele.

— Ainda não acabou — disse Anders. — Ele ainda está com a puta da minha namorada.

— Não largas o osso, hã? — comentou Adam com um bocejo.

Allison já tinha ouvido o suficiente. Virou-se para o elevador, e a resposta de Anders chegou-lhe pouco antes de ela estar demasiado longe para ouvir.

— O mundo ficaria melhor sem aqueles dois.

CAPÍTULO 20

Aubrey

— Lá vamos nós outra vez — murmura Milly quando o motorista da avó conduz o *Bentley* pela estrada principal que leva a Catmint House.

— Obrigada por vires — agradeço. — Estou tão nervosa.

— Não há problema. Mas acho que ela não me vai deixar entrar. Especificou que eras só tu.

— Eu sei. Mas porque acha ela que pode mandar em tudo, a toda a hora?

Os lábios de Milly curvam-se.

— Provavelmente porque é rica.

A minha prima está calma e sem lágrimas desde que saímos de casa do tio Archer, mas recusa-se a falar sobre qualquer coisa além do encontro com Mildred. Mesmo assim, emana dela uma melancolia que me aperta o coração, então faço outra tentativa.

— Achas que o Jonah...? — começo.

Milly olha para a janela.

— Ainda não, está bem?

Analiso o seu perfil. Não fiquei admirada por Jonah e ela se terem beijado no Baile de Gala de Verão. Quanto muito, fiquei admirada por não ter acontecido antes. E não estou zangada com Jonah por não nos ter contado sobre o tio Anders. Afinal de contas, também vim para cá com os meus segredos, e não sei se teria falado a Milly do meu pai e da treinadora Matson se ela não me tivesse apanhado num momento de crise. Há algo sedutor e perigoso nos segredos da família Story. Rastejam como uma cobra até entrarem no nosso coração e na nossa alma, aninhando-se tão fundo que sentimos que vamos perder uma parte de nós próprios

só de pensar em revelá-los. No mínimo, o facto de Jonah planear vingar-se do tio Anders ao mesmo tempo que se apaixonava por Milly torna-o um de nós muito mais do que uma certidão de nascimento emprestada seria capaz.

Mas compreendo por que razão Milly não vê as coisas dessa forma.

Ficamos em silêncio enquanto o carro avança suavemente pela estrada. Dou uma olhadela às minhas mensagens, lendo uma nova do meu pai sobre como sou ingrata e o desiludi, além de uma da minha mãe sobre o tipo de coisa que ele prefere não mencionar: a treinadora Matson contou a toda a gente que está grávida. A minha mãe não chega a dizer que toda a cidade sabe quem é o pai, mas não precisa. Sei como aquele sítio funciona. Os segredos não duram muito tempo.

Ah, e vai ser um menino.

«Espero que não te importes que te conte isto numa mensagem», escreveu a minha mãe. «Não tenho conseguido falar contigo, e não queria que soubesses por outra pessoa.»

Sinto uma certa culpa, porque ela tem razão. Desde que deixei de falar com o meu pai, também evito devolver as chamadas da minha mãe. Não porque estou zangada com ela — meu Deus, nada disso —, mas porque afastar-me do sofrimento da gravidez da treinadora Matson foi um enorme alívio. Com tudo o que aconteceu na última semana, quase consegui esquecer-me desse assunto.

São umas dez da manhã no Oregon, portanto a minha mãe está no hospital, no trabalho, e vai passar horas sem olhar para o telemóvel. Mesmo assim, envio-lhe uma série de mensagens.

Obrigada por me contares.

Desculpa eu ter desaparecido. Há muitas coisas a acontecer aqui.

Ligo-te em breve a contar tudo.

E também, para que saibas, apoio-te no que decidires fazer a respeito desta trapalhada.

Figurativa e literalmente.

Tipo, se quiseres mudar-te, vou contigo.

COM TODO O GOSTO.

Desculpa não ter dito isto antes.

Amo-te muito.

Assim que primo ENVIAR, o meu telemóvel toca. Vejo o número de Thomas com incredulidade.

— Só podes estar a brincar — resmungo.

— Quem é? — pergunta Milly.

Mostro-lhe o ecrã, e ela faz uma careta ao ver o nome.

— *Iac*. Vais atender?

— É melhor — suspiro. — Acabaram-se os paninhos quentes. Olá, Thomas.

— Chavala. — A palavra faz-me ranger os dentes. Nunca gostei que Thomas me chamasse «chavala», como se eu fosse um dos seus colegas da equipa de vólei. — O teu pai engravidou mesmo a treinadora de natação?

Estamos a aproximar-nos do portão de Catmint House. O motorista diminui a velocidade e tira da pala o cartão prateado que usa para o abrir. Está prestes a ouvir uma data de coisas que provavelmente preferiria ignorar, mas paciência.

— Ligaste-me para perguntar isso?

— Chavala, vá lá. Isso é, tipo, brutal.

— Também é um prazer ouvir-te, Thomas. O trabalho vai bem, obrigada. O que tens *tu* feito este verão?

Milly sorri para mim enquanto Thomas começa um monólogo excessivamente pormenorizado. Não é de admirar que tenha confundido o meu sarcasmo com interesse real.

— Thomas — interrompo finalmente. — É ótimo as coisas estarem a correr bem no Best Buy. Porque me ligaste?

— Porque o teu pai...

— Não. — Pela primeira vez na vida, não tenho paciência para Thomas. — Já percebi que queres ouvir os mexericos. Mas nós os dois terminámos.

— Terminámos? — pergunta ele, na dúvida, mas não chateado. É mais como se estivesse admirado por eu tocar no assunto.

— Ignoraste todas as minhas mensagens desde que cheguei aqui.

— Estava ocupado — justifica ele, na defensiva. — Mas, quando te *escrevi*, tu ignoraste-me.

— Certo — digo, pensando no que Oona disse na loja. «A vida é complicada na era digital.» — E isso significa que acabámos, não é?

— Então *queres* acabar?

— Tu não queres?

— Bom, quero — admite ele. — Já há algum tempo, na verdade. Mas não pensei que *quisesses*.

Reprimo um suspiro. Podíamos falar durante horas de como ele é um idiota por me deixar pendurada, mas não tenho tempo para isso. E não faz diferença. Desde que cheguei à ilha, comecei a dar-me conta da realidade do meu namoro com Thomas: eu devia ter acabado alguns meses depois de começarmos a sair no oitavo ano, quando ele passou a tratar-me com indiferença. Mas não o fiz, porque havia algo *confortável* naquilo. Era algo a que eu estava habituada.

O motorista para o *Bentley* diante de Catmint House.

— Ainda bem que resolvemos tudo — digo para o telemóvel. — Aproveita o resto do verão.

Desligo, e Milly começa a aplaudir devagar.

— Podemos só reservar um minuto para observar como a tua capacidade de mandar as pessoas à merda por telemóvel melhorou? — pergunta ela, sorrindo.

Faço uma vénia desajeitada.

— Obrigada.

— Deixe-me abrir-lhe a porta, menina Story — diz o motorista.

Ele assim faz e nem pestaneja quando Milly sai pela outra, sem ajuda.

— Vamos ver o que a Mildred quer — declara ela, prendendo o braço no meu enquanto subimos os degraus largos de ardósia.

Antes de chegarmos ao cimo, a porta abre-se e Theresa aparece.

— Olá, Aubrey. E... Milly. — O seu sorriso calmo vacila quando ela olha para a minha prima. — A senhora Story está à tua espera, Aubrey. Por favor, entra. — Afasta-se para o lado, depois volta para a nossa frente quando Milly faz menção de entrar também. — Milly, o convite era só para a Aubrey.

— Ah, desculpe — diz Milly com doçura. — Achámos que devia ter sido engano.

— Não foi — responde Theresa. — Podes esperar no carro. Vai ser rápido.

Bom, isso não parece promissor.

Milly esboça um sorriso simpático.

— Está a ver o jogo? Talvez eu possa fazer-lhe companhia até a Aubrey estar despachada. — Theresa não expressa qualquer reação, e Milly acrescenta: — Os Yankees contra os Red Sox? Já começou.

— Não gosto de basebol — responde Theresa, irritada. — Tenho mesmo de insistir que te vás embora. Anda, Aubrey.

Lanço um olhar impotente a Milly, enquanto Theresa praticamente me arrasta para dentro da casa, fechando a porta na cara da minha prima.

— A senhora Story está na varanda — informa Theresa, conduzindo-me ao mesmo sítio onde comemos o *brunch*.

É como se fosse um *déjà-vu*: a minha avó sentada sob um guarda-sol de tecido fino, toda produzida, a bebericar chá.

— Olá, Aubrey — cumprimenta ela. — Por favor, senta-te.

— Eu espero lá dentro, Mildred — informa Theresa, e fecha a porta de vidro atrás de mim.

Sento-me na cadeira mais distante da minha avó, com o coração a galopar. Lá porque, no carro, lidei com Thomas com uma facilidade que até me impressionou, não significa que estou pronta para *isto*. No centro da mesa há uma bandeja grande com um bule, um termo que parece conter café, recipientes de porcelana com leite e açúcar. Mas nada para comer. Obviamente, isto não é um *brunch*.

A minha avó aponta para a mesa.

— Serve-te de chá. Ou de café, se preferires.

— Café — murmuro.

Não sei como funciona o termo — a abertura é uma daquelas complicadas, que é preciso girar de várias formas até abrir —, e a minha avó não me ajuda. Quando finalmente começo a servir-me, o café sai tão depressa que a chávena se enche de repente, transbordando para o pires. Fingimos ambas não reparar.

— Calculo que queiras saber porque te convidei — diz a minha avó, bebendo um golinho do chá.

O seu chapéu de hoje é mais pequeno do que o normal, uma espécie de fedora elegante inclinada para baixo sobre um olho, num tom castanho que combina com o seu fato axadrezado. As luvas são beges, em vez do banco habitual. Parece uma espia da Segunda Guerra Mundial a gozar uma folga.

— Sim — respondo, bebendo um gole grande de café simples, para arranjar espaço para o leite. E então quase me engasgo, porque *escalda*. A minha língua arde, os meus olhos enchem-se de lágrimas, mas consigo não cuspir nada.

— Quis falar sem os teus primos. Pareces uma rapariga sensata. Tenho a impressão de que a Milly é instável, e quanto ao *outro*... — A expressão dela ensombra-se. — É evidente que o JT é uma víbora como o pai.

A surpresa junta-se ao meu nervosismo.

— Então não acredita nele e no tio Anders?

— Não acredito em nenhum de vocês. — A minha avó bebe outro gole de chá, depois deposita a chávena com cuidado sobre o pires. Une as mãos sob o queixo, fitando-me com tanta intensidade que sou forçada a baixar o olhar. — Devia ter-vos mandado embora assim que chegaram. Era isso que o Donald e a Theresa queriam, e tinham razão. Mas estava com curiosidade. *Especialmente* em relação a ti. — A ênfase faz-me olhar para ela de novo, e retraio-me. Se algum dia tive a impressão de que a minha avó me prestava atenção porque eu era a sua favorita... Bom, enganei-me. Ela olha-me como se me odiasse. — O Adam sempre teve um lugar especial na minha memória. Ao longo dos anos perguntei-me se serias igual a ele.

A minha boca está seca como o deserto.

— Não acho que seja.

— Não. — A minha avó não desvia o olhar. — Ele deve estar muito orgulhoso de ti.

Nem por isso, penso, mas fico em silêncio.

Ela espera uma resposta. Quando nenhuma surge, suspira.

— Em todo o caso, a minha curiosidade foi satisfeita. Agora, o que quero deixar claro é que, há vinte e quatro anos, cortei relações com os meus filhos para sempre. Foi um erro permitir que vocês entrassem na minha vida, e não é algo que vá repetir-se. Não posso forçá-los a sair da ilha, claro, mas espero que o façam. Este é o meu lar, e vocês não são bem-vindos.

Eu estava preparada para isto, portanto não sei porque sinto que levei uma bofetada. Talvez porque nunca ninguém me tenha dito, com todas as letras, o que sempre senti acerca de fazer parte da família Story. «Vocês não são bem-vindos.»

A minha avó beberica o chá enquanto penso numa resposta adequada. Por fim, simplesmente digo o que estou a pensar:

— Nem sequer quer conhecer-nos? Ou aos nossos pais, tal como são agora?

Os olhos da minha avó são frios e avaliadores.

— Achas que o teu pai é um homem que vale a pena conhecer? — pergunta ela.

O telemóvel pesa-me no bolso, cheio de razões para responder que não. O meu pai traiu a minha mãe, mentiu e nunca — nunca mesmo — pensa em qualquer outra pessoa além de si mesmo, independentemente da situação. Mas então penso na fotografia dele e da minha avó na Sweetfern: a mão dela posicionada com carinho sobre o rosto dele, os dois com sorrisos radiantes, verdadeiros. Do tipo que o meu pai nunca me dirigiu, por muito que eu tentasse agradar-lhe.

— Podia ter sido — respondo.

A minha avó enche a chávena de novo.

— Mas não vivemos no mundo do que podia ter sido, pois não? Vivemos neste mundo.

— A senhora *fez* este mundo. — Sou tão direta que surpreendo ambas.

— Não tive outra opção — responde a minha avó, olhando-me de cima a baixo. — Devias entender. Como eu disse, pareces uma rapariga sensata.

— Sensata — repito.

A palavra paira entre nós, e entendo o que ela significa. *Dócil*. Sou a que não vai causar problemas, que não vai tentar manipulá-la, como JT, ou desafiá-la, como Milly. Sou a opção segura, alguém que vai engolir qualquer coisa que ela me disser e informar os outros, obediente. De repente, tenho vontade de fazer algo inesperado e *não* sair dali sem fazer estardalhaço.

— Está bem — digo. — Vou-me embora. Mas talvez possa explicar-me uma coisa antes. — Ela levanta as sobrancelhas perfeitamente moldadas. — Houve alguma coisa estranha na morte da Kayla Dugas?

Oxalá Milly estivesse aqui para ver a cara da avó. Olha para mim em choque, pousando a chávena tão depressa que o chá lhe salpica as luvas.

— Como é que...? — murmura ela, antes de fazer um esforço visível, determinado, para se recompor. — Do que estás a falar?

Hesito, sem saber o quanto revelar. Não quero causar problemas a Hazel ou ao tio Archer. Para ganhar tempo, estico a mão para o termo do café. Mas estou demasiado nervosa para ter boa pontaria, e a minha mão acerta de lado no termo com força. Por um milésimo de segundo, ele inclina-se, e quase consigo endireitá-lo. Depois tomba, entornando o líquido quente sobre a minha avó.

— Meu Deus! — As palavras são gritadas enquanto ela se levanta de imediato, descalçando as luvas, que foram as mais atingidas, e afastando a saia do corpo. Olho para o chiqueiro durante alguns segundos, horrorizada, antes de ter a presença de espírito de também saltar da cadeira.

— Desculpe! Não foi de propósito! Desculpe! — balbucio, estendendo-lhe o meu guardanapo.

— Mildred? — Theresa aparece à porta. — O que aconteceu? — Então repara na cena e corre para a mesa, vertendo o gelo de um copo para um guardanapo e envolvendo com ele as mãos da minha avó. — Queimou-se?

— É provável — responde a minha avó, tensa.

— Vamos levá-la para um sítio onde eu possa ver melhor — diz Theresa virando-se para mim. — Aubrey, por favor, vai-te embora. *Já*.

— Está bem — digo, engolindo em seco. O rosto da minha avó é uma máscara de dor. — Lamento imenso.

Theresa leva a minha avó para dentro da casa, e eu tento-me lembrar do caminho de regresso. Mas acabo por virar para o lado errado e entro numa assoalhada semelhante a uma biblioteca, com prateleiras cheias de livros do chão ao teto e uma enorme secretária posicionada diante das janelas. Há uma mesinha entalhada ao lado da porta, com uma série de jarrões e tigelas decorativas. Quando olho para eles, vejo algo familiar numa bandeja de bronze — um cartão prateado fino, igual ao que o motorista usa para abrir o portão de Catmint House.

Não penso duas vezes. Faço aquilo que a minha avó jamais esperaria de mim, e enfio-o no bolso.

CAPÍTULO 21

Jonah

Às cinco da tarde de domingo, perdi oficialmente o *ferry* para Hyannis. Não sei qual será o próximo passo do nosso grande plano, mas, por enquanto, estamos a fazer um churrasco. O que parece estranhamente normal levando em consideração tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, mas é verão e temos de comer.

— Não cozinho muito bem — diz Archer, virando os hambúrgueres no grelhador que encontrou no barracão do quintal e conseguiu acender. — Mas é difícil estragar um hambúrguer.

Milly e Aubrey também estão aqui. Efram trouxe-as no jipe do *resort*. Carson Fine confiscou finalmente as chaves, um gesto que teria sido digno de Donald Camden se ele não as tivesse entregado de imediato a Efram para que ele desse boleia às duas. Gostava de ter tido a oportunidade de me despedir de Carson, que acabou por se revelar um chefe à maneira.

Efram recusou o convite de Archer para ficar.

— Parece ser um evento de família — disse ele, e depois sorriu para mim. — E família emprestada. Mas obrigado.

Antes de ir embora, ajudou-me a arrumar as cadeiras espalhadas pelo quintal num círculo no pátio de cimento. Milly continua a recusar-se a falar comigo, mas sentou-se ao meu lado. Não sei se estou a iludir-me, mas a sua postura parece menos fria.

A porta de madeira no muro do quintal agita-se, depois abre-se, e uma mulher entra. Tem cabelo escuro, é um pouco mais nova do que Archer e traz uma panela grande, envolta em papel de alumínio.

— Oona! — chama Archer. — Obrigado por vires. Mas não precisavas de trazer nada.

— Bem — diz a mulher, atravessando o pátio e pousando a panela na mesa de ferro forjado. — Não sabia bem o que irias dar de comer a estes pobres miúdos.

— Estou a esforçar-me — alega Archer, virando um hambúrguer que cai em cima da relva.

Oona abana a cabeça e dirige um sorriso carinhoso a Milly e Aubrey.

— Olá, meninas. Lamento saber que as coisas correram mal no baile. — Coro de culpa renovada quando ela acrescenta: — Mereciam ser melhor tratadas.

Preparo-me para receber outro olhar assassino de Milly, mas nada acontece. Ela limita-se a lançar o cabelo para trás e a dizer:

— Pelo menos estávamos lindas quando fomos expulsas.

Oona senta-se e vira-se para mim.

— E tu deves ser o Jonah.

— Sou — digo, grato por ela não dizer mais nada.

Inclina-se para a frente, levantando a pedra que impede que o relatório da autópsia levante voo da mesa.

— Era isto que querias que eu visse? — pergunta ela ao tio Archer.

— Sim — responde ele, pegando num hambúrguer com a espátula e colocando-o com cuidado num pão aberto no prato ao lado do grelhador. — Desculpa se é bizarro ou mórbido, mas não consegui perceber por que motivo o doutor Baxter me queria dar isso. — Repete o processo com outro hambúrguer. — E a Aubrey mencionou que a minha mãe teve uma reação muito estranha quando ouviu o nome da Kayla esta tarde.

— Estranha como? — pergunta Oona, passando os olhos pela autópsia.

— Bem. — Aubrey franze os lábios. — Perguntei se havia alguma coisa estranha na forma como a Kayla morrera, e ela pareceu... sei lá. Não propriamente *surpreendida*, como seria de esperar quando alguém pergunta algo assim do nada. Parecia mais alarmada por eu ter perguntado. Mas entornei-lhe café em cima antes de ela me responder.

— Isso é curioso — diz Oona, ainda a olhar para o papel. — E isto aqui também.

Archer desliga o grelhador a gás e começa a distribuir os hambúrgueres.

— O quê? — pergunta ele.

— Aqui diz que a Kayla tinha vestígios de lorazepam no organismo. O relatório que a minha família recebeu não mencionava isso.

— Loraze... quê? — pergunto, antes de dar uma dentada enorme no meu hambúrguer.

— Lorazepam. É um sedativo, acho — explica Oona, franzindo a testa.

Milly já pegou no telemóvel e está a pesquisar.

— É, sim — confirma ela.

Oona franze ainda mais a testa.

— Não compreendo. A Kayla bebia, e infelizmente bebeu naquela noite. Mas não consumia drogas. Nem sei onde arranjaria sequer uma coisa dessas. E porque está isto nesta versão do relatório da autópsia, mas não na nossa?

— E se...? — Milly hesita, brincando com a extremidade do pão de hambúrguer. Apenas eu estou a comer. — E se alguém lha deu? A droga, quero eu dizer. — Lança um olhar preocupado a Oona, que empalidece. — E o doutor Baxter encobriu? Ele disse que cometeu «uma grande injustiça», não foi?

— Em relação a *mim* — diz Archer. — E eu não estava... quero dizer, gostava da Kayla, claro, mas se algum de nós sofreu alguma injustiça, teria sido o Anders. Ele ficou arrasado quando ela morreu. Apesar de ela ter acabado com ele outra vez.

— Lembro-me disso — afirma Oona. Pousa o relatório da autópsia com mãos trémulas. — Ela foi visitar o Anders a Harvard no Dia de Ação de Graças e voltou bastante transtornada. Mas não quis contar-me o motivo. Disse apenas: «Tenho de falar com a senhora Ryan.»

— Com a senhora Ryan? — Milly pestaneja. — Com a assistente da minha avó?

Oona assente.

— Sim. Não sei porquê. Elas não eram chegadas. A Kayla namorou o filho de Theresa durante algum tempo, mas... — Um canto da boca de Oona levanta-se num sorriso amargurado. — Não era o tipo de relação em que passavam muito tempo com os pais um do outro.

— Calma. Espere. — O cérebro de Milly parece prestes a explodir. — A senhora Ryan tem um *filho*?

— Tinha — corrige Archer. — Chamava-se Matt. Também morreu. Um ano antes da Kayla.

— Então o Anders namorava com a Kayla, que namorava com o Matt, e agora... tanto a Kayla como o Matt morreram? — pergunta Milly. Fita Archer de olhos arregalados. — Como morreu o Matt?

— Afogou-se em Cutty Beach — responde Archer, e Aubrey engasga-se. Ele estende o braço para lhe dar palmadinhas nas costas antes de perceber que ela não está a comer. — O que se passa?

— Em Cutty Beach? — arqueja ela. — O meu pai... escreveu mais ou menos sobre essa praia, no seu livro. E a minha mãe disse que ele nunca gostou do sítio.

— Bem, a morte do Matt foi muito traumática — diz Archer. — Aconteceu durante uma festa, e estávamos todos lá. Foi uma noite alucinante, chovia, e toda gente bebera. Ninguém percebeu que o Matt tinha desaparecido até ser demasiado tarde. Procurámo-lo em todo o lado. A Allison ficou tão preocupada que insistiu em chamar a polícia, que acabou por levar a Guarda Costeira e... bem. Passaram a noite

toda à procura, mas só encontraram o corpo no dia seguinte. Foi horrível. — Esfrega o rosto com a mão. — Por que estamos a falar disso? Começo a perder o fio à meada.

— Também não sei — afirma Oona. Está cada vez mais pálida. — Mas fiquei sem apetite. Só de pensar que a Kayla pode ter sido *drogada* por alguém...

— Não sabemos se foi isso que aconteceu — apressa-se a dizer Archer. — Só sabemos que o Fred Baxter tinha duas cópias diferentes do relatório da autópsia. Talvez esta versão esteja errada.

— Talvez — afirma Oona com uma expressão preocupada. — Passei todos estes anos a sentir-me culpada pela morte da Kayla. Sabia que ela estava a passar por um período difícil, mas, em vez de tentar ajudar, discutia com ela por beber de mais. Quando ela morreu daquela forma...

Archer lançou um olhar cansado e compadecido a Oona.

— Não podias ter feito nada — observa ele. — Ninguém consegue deter uma pessoa que está determinada a beber.

Ela sustém o seu olhar com um sorriso triste.

— Talvez não. Mas pode tentar, não pode?

CAPÍTULO 22

Milly

Depois de Oona se ir embora, o tio Archer adormece no sofá enquanto Aubrey, Jonah e eu arrumamos tudo. Não há muita coisa para fazer além de limpar o grelhador, guardar os poucos utensílios que usámos e deitar os copos e pratos de papel num saco. Quando terminamos, Jonah vai à procura de um contentor do lixo, e Aubrey e eu regressamos ao pátio.

— Estou farta de estar sentada nestas cadeiras — diz Aubrey, olhando com desagrado para os encostos duros de metal. — Não são muito confortáveis. Espera aí.

Entra em casa e volta um minuto depois com um cobertor grande e fofo. Ajudo-a a abri-lo sobre o relvado, e deitamo-nos de barriga para cima, a olhar para as estrelas.

— Sabes, este sítio é bastante agradável — digo com um bocejo. — É uma pena irmo-nos embora.

— Pois é — suspira Aubrey. Toca com os nós dos dedos no meu braço. — Vou ter saudades tuas.

Um nó forma-se na minha garganta.

— E eu tuas. — Ficamos em silêncio alguns instantes, perdidas nos próprios pensamentos, até questões mais práticas começarem a surgir. — Já pensaste como vamos voltar para a residência hoje? — pergunto.

Aubrey ri-se.

— Nem por isso. Podíamos mandar uma mensagem ao Efram. — O seu tom torna-se pensativo. — Ou podemos ficar aqui. Há um quarto vago.

— Não trouxemos roupa para dormir — argumento.

Ela puxa os seus calções de desporto.

— Só tu tens esse problema.

Ouço barulho na relva ao nosso lado, e viro-me para ver os ténis de Jonah aproximarem-se do cobertor. Ele para.

— Estão a ter uma conversa só de primas? — pergunta ele.

Sento-me, lançando o cabelo para trás dos ombros. Que é o meu gesto instintivo, habitual, de «olha como o meu cabelo é bonito» quando me atiro a alguém. O meu subconsciente já fez as pazes com Jonah. Então, talvez, eu também deva fazer.

— Não. Junta-te a nós.

Ele deita-se ao meu lado, e Aubrey também se senta. Com o movimento, o seu telemóvel cai do bolso, juntamente com um cartão prateado fino. Ela pega no aparelho, mas não vê o cartão, então pego-lhe e entrego-lho.

— Deixaste cair isto.

— Ah. Obrigada. — Mesmo ao luar, vejo a careta dela. — Esqueci-me de que tinha trazido isto.

A culpa na sua voz chama a minha atenção.

— Trazido o quê?

— Hum, pois. É o cartão que abre o portão de Catmint House. Acho. É parecido com o que o motorista usa. Trouxe-o de casa da nossa avó, quando a senhora Ryan me mandou embora.

— *Trouxeste* isso? — pergunto, enquanto Jonah começa a rir.

— Caramba, Aubrey — diz ele. — Isso é que é vingança. Tencionas voltar a meio da noite para saquear a casa?

— Eu não tinha propriamente um plano — admite Aubrey. — Foi só um impulso. — Guarda novamente o cartão no bolso e estica os braços acima da cabeça. — Que dia estranho. E noite também.

— Já nem me lembro de tudo o que aconteceu — diz Jonah.

— É interessante como tudo parece estar relacionado com o Anders, não é? — pergunto.

Enquanto arrumávamos as coisas, não consegui parar de pensar no sorrisinho do meu tio no Baile de Gala de Verão na noite passada. Como ele parecia quase ter prazer em contar todas aquelas mentiras.

Espero que Jonah concorde com fervor, tendo em conta o quanto detesta o tio Anders. Mas ele diz:

— Não só com o teu tio. — Viro-me para encará-lo, surpreendida, e ele acrescenta: — Tudo parece estar também relacionado com a Theresa Ryan. E, ao contrário do Anders, ela nunca deixou a ilha. Ficou cá este tempo todo, a sussurrar ao ouvido da tua avó.

Mudo de posição no cobertor.

— O que estás a dizer?

— Olha, talvez a mulher seja... desequilibrada. Quem sabe a morte do filho fê-la perder a cabeça e vingar-se na Kayla Dugas, e o doutor Baxter encobriu. E talvez a tua avó tenha descoberto, mas dependia demasiado da Theresa para tomar uma atitude. Tipo, já tinha cortado relações com todos os filhos. Quem mais a ajudaria? — Encolhe os ombros ao ver a minha expressão de dúvida. — Não é uma teoria mais estranha do que tudo o que aconteceu aqui nos últimos vinte anos, pois não?

Sou forçada a admitir que ele tem razão.

— Mas porque faria a senhora Ryan mal à Kayla?

— Sei lá — diz Jonah. — Mas a tua avó passou-se quando a Aubrey tocou no nome dela, não foi? Alguma coisa aconteceu.

Aubrey tenta reprimir um bocejo, sem conseguir.

— Estou exausta. Não consigo manter mais os olhos abertos. Importas-te de dormir aqui, Milly? Aquela cama vazia está a chamar-me. E é de casal, por isso podemos partilhá-la. Não dou pontapés, prometo.

— Claro — respondo, puxando a saia do meu vestido vermelho. Não é a melhor roupa para dormir, mas acho que consigo aguentar uma noite.

Jonah percebe o gesto.

— Podes usar qualquer coisa minha, se quiseres. Está tudo lavado — acrescenta.

— Sim, pode ser — aceito a oferta, e Aubrey levanta-se com um suspiro aliviado.

— Então vou deitar-me. Até amanhã.

Vejo Aubrey abrir a porta de vidro e entrar. Então viro-me para Jonah com um pequeno sorriso.

— Obrigada por me emprestares roupa. Não estava muito ani-mada com a ideia de dormir de vestido.

— Ainda mais sendo uma herança de família, certo? — diz Jonah. Inclino a cabeça, confusa, e ele acrescenta: — Esse vestido é da tua mãe, não é?

Solto uma risada de surpresa.

— Sim, mas como sabias?

— Contaste-nos no primeiro dia. Tinha-lo vestido no *ferry*.

— Não acredito que te lembres disso.

— Lembro-me de muito mais do que isso — afirma Jonah. — Estavas de óculos escuros, mesmo com a chuva. E chamaste-me «modelo» e «gnomo com prisão de ventre» quase na mesma frase. — Solto uma gargalhada, porque essa foi uma das minhas melhores tiradas. — Depois compraste *gin* tónico para todos e tentaste fazer-nos confessar os nossos segredos. Eu tinha três. O primeiro era que não sou teu primo. O segundo era que o teu tio levou a minha família à falência, e eu tinha um plano ridículo para me vingar dele.

— Não era completamente ridículo — admito. — Eu podia ter ajudado, se me tivesses contado.

— Devia ter feito isso. — Jonah encara-me, e a intensidade súbita da sua expressão deixa-me sem fôlego. — Mas estava sempre distraído com o meu terceiro segredo: que eras a rapariga mais bonita que já vi. Como podes constatar — diz ele, a sua mão a roçar a minha —, lembro-me de tudo.

A combinação das palavras dele com o seu toque fazem formigar a minha pele, mas afasto-me.

— Não queres envolver-te com uma Story — declaro. — Somos problemáticos.

Ele sorri.

— Sim, bem, também eu. Não consegui sequer fingir ser um de vocês. E fomos expulsos do Baile de Gala de Verão por causa disso.

Sim e não. O que disse o tio Archer há pouco? «Mas não descartes o perdão, está bem? Essa é uma característica que eu gostaria que a família Story tivesse mais.»

Ele tinha razão, mas, de repente, percebo que não estava a falar apenas de perdoarmos outras pessoas — como Mildred parece incapaz de fazer. Pela conversa que teve com Oona hoje, acho que o meu tio também estava a falar de nos perdoarmos a *nós próprios*. E é impossível fazer isso sem reconhecer que errámos.

— A culpa também foi minha — admito. — Ataquei-te quando só estavas a tentar ajudar-me. Quero dizer, o tio Anders já vinha a caminho para estragar tudo, portanto estávamos lixados de qualquer maneira. Mas a situação seria bem menos vergonhosa se eu não te tivesse beijado no meio da festa da minha avó.

Jonah sorri.

— Essa é a única parte de que não me arrependo.

O meu coração acelera quando estico o braço e brinco com a bainha da *t-shirt* dele.

— Eu também não me arrependo, a não ser do excesso de champanhe. E dos espetadores.

— Bom, não há aqui ninguém agora. — Acaricia o meu rosto com o polegar e sinto um calafrio nas costas. — Se quiseres tentar de novo.

E quero.

CAPÍTULO 23

Aubrey

Assim que me tapo com o lençol no quarto vago do tio Archer, sei que vou demorar a adormecer. Isso acontece-me às vezes; fico tão cansada que recupero a energia sem querer, e fico incapaz de fechar os olhos quando mais preciso que fechem. Só que não quero voltar lá para fora, porque desconfio que Milly e Jonah preferem estar sozinhos.

Tiro o telemóvel da mesa de cabeceira. A bateria está fraca, e não trouxe o carregador. Talvez ele aguente uma chamada. Devia falar com a minha mãe, explicar tudo o que aconteceu e planear como voltar a casa. Principalmente porque preciso de lhe dar tempo para organizar a logística da viagem. O meu bilhete de avião para o Oregon é só para o fim de agosto, e não faço ideia se será fácil trocá-lo.

Mas o meu cansaço frustrado alimenta um ressentimento, e faz-me ligar para outro número. Até fico contente quando ele atende.

— Ora, mas que surpresa — diz.

— Olá, pai — respondo, encostando a almofada fina à cabeceira para apoiar as costas. — Queria dizer-te que estou muito zangada contigo por teres traído a mãe e ainda por cima com a minha treinadora de natação. Acho que mereço um pedido de desculpas. Se te desculpares, e a sério, então talvez eu possa começar a tentar perdoar-te.

— Não fazes ideia da complexidade da situação — diz o meu pai. Tal como eu esperava, mas ainda assim fico desapontada com o seu tom. — Um casamento não depende apenas de uma pessoa. A tua mãe...

— Não — interrompo-o sem hesitar, algo que nunca me teria atrevido a fazer há um mês. A sensação é boa. — Não vais culpá-la.

— Se não vais ouvir-me...

— Não vou — interrompo-o de novo e sinto-me estranhamente calma, o meu coração a bater a um ritmo estável e não acelerado, como da última vez que falámos. — O que fizeste à avó?

— Desculpa?

— O que lhe fizeste para ela te deserdar?

Um tom amargurado surge na voz dele.

— Já te disse um milhão de vezes. Nada.

— Não acredito. — De um lado, vejo a fotografia antiga do meu pai e da minha avó na Sweetfern, o sorriso dela a resplandecer de amor maternal e orgulho. Do outro, vejo a minha avó como a encontrei hoje, o seu rosto cheio de lembranças sofridas mesmo antes de eu entornar o café a escaldar no seu colo. «Achas que o teu pai é um homem que vale a pena conhecer?» — O que aconteceu à Kayla Dugas?

— Como sabes quem é a Kayla Dugas? — pergunta.

— As pessoas aqui falam muito dela.

— Ela embebedou-se e bateu com o carro numa árvore — diz o meu pai.

Soa impaciente e irritado com a pergunta, não abalado. Então tento uma tática diferente.

— O que aconteceu em Cutty Beach? — interrogo.

Uma pausa.

— O que aconteceu... onde? Não estás a fazer sentido nenhum hoje, Aubrey. Deves estar cansada. Acho melhor ires dormir.

— Meteste uma praia parecida no livro. É o único lugar de Gull Cove que aparece nele. Porquê? Tem alguma ligação com o afogamento do Matt Ryan?

O arquejar súbito, chocado, do meu pai soa alto ao meu ouvido.

— Como é que...? Aubrey, tens de te controlar. Não sei porque estás obcecada com tragédias antigas, mas o que aconteceu ao Matt foi um acidente horrível e não tem ligação alguma com a minha mãe.

— Discordo — digo.

Não sei *porque* discordo. Algo nos limites do meu subconsciente diz-me que o meu pai está errado, mas não consigo determinar porquê. Porém, ele tem razão numa coisa: *estou* cansada. Os meus olhos começam a fechar-se como lá fora, mas não permito que o sono interfira no meu tom de voz.

— Porque não me contas o que aconteceu, pai? O que fizeste? Sê sincero comigo pelo menos uma vez na vida.

— Aubrey. — A voz dele é gélida. — Nada. *Aconteceu*.

— Estás a mentir — digo antes de desligar e baixar a almofada para o colchão. Posso estar prestes a desmaiar de sono, mas sei que tenho razão.

*

Quando acordo, Milly dorme profundamente ao meu lado. Não sei o que aconteceu entre ela e Jonah, mas não durou a noite toda. O meu telemóvel está meio enterrado sob o seu cabelo, e liberto-o com cuidado, guardando-o no bolso. Saio da cama e vou de mansinho para a sala.

O tio Archer saiu do sofá. Deve ter acordado durante a noite e ido para o quarto. Há um copo de plástico vermelho na mesa do canto com um pouco de líquido transparente. Cheiro-o, hesitante. Com certeza não é água. Tenho vontade de deitar tudo fora, mas devolvo o copo à mesa. A minha interferência não vai fazer diferença na batalha que o tio Archer trava consigo mesmo.

A casa está silenciosa, e ouve-se apenas o som do relógio de pêndulo num canto. São oito da manhã, demasiado cedo para acordar os outros. Vou à cozinha e vasculho os armários até encontrar café e filtros. Não preciso de beber café de manhã, mas sei que Milly tem dificuldade em acordar sem uma chávena. Depois de ligar a máquina, calço os ténis que deixei perto da porta de vidro ontem à noite e abro-a.

O dia está lindo. Uma manhã de verão fresca perfeita, o céu de um azul intenso com algumas nuvens finas. Ontem, quando estávamos à procura do grelhador, vi uma bicicleta encostada à parede do barracão no quintal. Não me lembro se tinha cadeado. Se não tiver, posso dar uma volta pela zona enquanto toda a gente dorme. Talvez ir até à praia mais próxima.

Sorrio quando vejo que a bicicleta não está presa. Tem os pneus cheios, e o banco na altura perfeita para mim. Empurro-a para fora do barracão e para o quintal, animada com a perspetiva de me mexer e esticar as pernas. Talvez a melhor lembrança que tenho do meu pai seja do dia em que ele me ensinou a andar de bicicleta. Eu tinha seis anos, as suas mãos grandes cobriam as minhas pequenas enquanto eu agarrava o guiador da minha bicicleta cor-de-rosa, e... *oh*.

Quase solto a bicicleta enquanto olho para as minhas mãos. De repente, faz-se luz no meu cérebro. Na noite passada, as peças quase se encaixaram quando recordei a fotografia do meu pai com a minha avó na Sweetfern, mas associei essa recordação à imagem errada. O meu foco era o rosto da minha avó: sempre meio escondido nas sombras do chapéu, tenso de tristeza. Devia ter-me concentrado nas suas *mãos*. Sem luvas pela primeira vez, enrugadas e com manchas de idade, mas, fora isso, sem marcas.

Procuro no bolso o cartão do portão de Catmint House. Continua lá. Então agarro no telemóvel, que tem um por cento de bateria. Nunca esteve tão baixa antes. Será

que consigo mandar algumas mensagens? Mando apenas uma ao tio Archer antes de o ecrã se apagar.

Não faz diferença. Vou conseguir uma prova de que estou certa, e a seguir conto-lhes tudo. Empurro a bicicleta pelo portão, salto para o selim e arranco.

CAPÍTULO 24

Jonah

Acordo com o cheiro de *bacon* a fritar, o que me faz levantar de imediato. Quando entro na cozinha, Archer está diante do fogão, e Milly sentada à mesa, com uma caneca de café fumegante nas mãos. Veste a *t-shirt* que lhe emprestei a noite passada, tem o cabelo despenteado e solto pelos ombros.

— Onde está a Aubrey? — pergunto, sentando-me ao lado de Milly.

— Não sabemos — responde Archer. Usa uma pinça para transferir as fatias de *bacon* da frigideira para um prato coberto com papel de cozinha na bancada ao seu lado. — Saiu e mandou-me uma mensagem estranha que suscita mais perguntas do que respostas.

— O que dizia? — pergunto.

Archer vem até à mesa e coloca o prato de *bacon* ao lado de uma edição enrolada do *Gull Cove Gazette*.

— Dizia: «Não havia sinal de nascença.»

Milly pega numa fatia de *bacon* antes de Archer conseguir afastar a mão. Eu pego em duas e pergunto:

— O que significa isso?

— Passámos a manhã inteira a tentar perceber — responde Milly, partindo a sua fatia de *bacon* ao meio e mordiscando uma das pontas. — Quero dizer, a Aubrey tem um sinal de nascença, por isso... — Encolhe os ombros. — Não há razão para nos mandar uma mensagem a falar disso.

Archer senta-se, parecendo pensativo.

— Quem dera que ela atendesse o telefone.

— Deve estar sem bateria — diz Milly. — A minha está quase descarregada.

Archer abre o *Gull Cove Gazette* e começa a folhear as páginas.

— Quando me for embora, não vou ter saudades de que metade das notícias falem sobre a minha mãe — murmura ele.

Milly retrai-se.

— Não estão a falar outra vez sobre o baile, pois não?

— Não. Um quadro que ela vendeu à Sotheby's foi leiloado por uma fortuna. — Vira uma página. — Sabem, a minha mãe sempre teve um péssimo gosto para arte. Costumávamos brincar sobre isso. A Theresa deve ter sido uma boa influência durante estes anos, para ela se ter tornado uma especialista.

Milly e eu trocamos um olhar, e vejo no seu rosto que está a pensar a mesma coisa que eu. *Theresa, de novo*. Acabámos por nos distrair do assunto a noite passada, mas acho que a minha teoria sobre Theresa ser desequilibrada faz sentido. Há qualquer coisa estranha numa mulher que passou boa parte da vida numa mansão à beira-mar, apenas na companhia da patroa. Mas, antes de qualquer um de nós conseguir dizer alguma coisa, a campainha toca.

Archer franze a testa enquanto se levanta.

— Talvez seja a Aubrey.

— A porta está trancada? — pergunta Milly.

— Acho que não, mas... — Ele cala-se enquanto sai da cozinha.

A minha atenção volta-se para Milly, que ainda está a comer a sua fatia de *bacon*.

— Olá — digo, sentindo um choque elétrico, rápido, ante a ideia de estar outra vez sozinho com ela. Mesmo que seja só por um minuto.

Ela engole e bebe um gole de café.

— Olá.

— Gosto da tua *t-shirt*.

— Obrigada. É muito confortável.

Os meus olhos passam para as suas pernas.

— Estou a ter... ideias — admito.

— Acho melhor que as guardes para ti. — Mas sorri ao dizer isso.

O murmúrio de vozes indistintas aumenta, e Archer entra na cozinha, seguido por Hazel.

— … desculpe interromper o seu pequeno-almoço — diz ela antes de nos ver e acenar, desculpando-se. — O vosso pequeno-almoço. Olá.

— Olá — cumprimentamos ao mesmo tempo, enquanto Archer indica uma cadeira vazia.

— Não há problema — diz ele. — Queres comer alguma coisa?

— Não, obrigada. Só vim deixar isto. — Hazel abre o fecho da mala grande pendurada ao ombro e vasculha-a. — Perguntou se havia mais alguma coisa nos

arquivos do avô para algum de nós. Bom, analisei uma data de documentos ontem, e este tinha um *Post-it* com o meu nome, por isso... tome.

Tira uma folha de papel e entrega-a a Archer. Milly inclina-se para a frente.

— O que é? — pergunta ela.

Archer analisa o papel, depois vira-o e continua a ler o verso.

— Parece um relatório médico da minha mãe — diz ele. — É um diagnóstico de... — Interrompe-se, franzindo a testa. — Isto não pode estar certo.

— O quê? — Milly levanta-se para espreitar por cima do ombro dele. — O que é cardiomiopatia hipertrófica? — pergunta, pronunciando as palavras devagar e com cuidado.

— É uma doença em que os músculos do coração têm uma grossura anormal — responde Archer. — Pode ser leve ou mortal, dependendo do grau. O meu pai tinha-a, mas só descobrimos depois de ele morrer. Portanto isto deve ser um erro. O nome da minha mãe num diagnóstico da autópsia do meu pai.

— Quando morreu ele? — pergunta Hazel.

Archer faz uma pausa para pensar.

— No fim de mil novecentos e noventa e cinco.

— Isso é de noventa e seis — observa Hazel. — Fizeram um ecocardiograma e tudo.

— Hum — faz Archer, a ruga entre os seus olhos a intensificar-se. — Então, se percebi bem, a minha mãe tem a mesma doença que o meu pai? Mas viveu com ela... o quê? Vinte e cinco anos? Deve estar bem. Não sei porque é que o doutor Baxter iria querer que visses este documento, Hazel. — Devolve-lhe o papel com um sorriso bondoso. — Tenho estado a pensar... será que a carta dele para ti e o resultado da autópsia podem ter sido sinais da demência? Confusão e desorientação fazem parte da doença, não é?

— Acho que sim — diz ela, hesitante.

— Quando falámos com o Donald Camden pela primeira vez, ele disse que a senhora Story estava doente — intervenho. — Queria que nos fôssemos embora da ilha por causa disso. Mas ela parecia bem sempre que a vimos.

Milly revira os olhos.

— Acho que não podemos acreditar em nada do que o Donald diz, a menos que isso o beneficie, porque ele só parece importar-se com... *oh*. Esperem — acrescenta num tom mais baixo, nitidamente a pensar em alguma coisa. De repente, cora, e os seus olhos ficam brilhantes. — Tio Archer, disseste que o mau gosto da Mildred para a arte melhorou com os anos, não foi? Que era péssimo antes?

— Sim. E daí? — pergunta Archer.

— E ontem... não liguei, porque tudo o resto foi bastante estranho, mas perguntei à Theresa se ela queria ver o jogo dos Yankees e dos Red Sox comigo, e ela disse

que não gostava de basebol.

— A sério? — pergunta Archer. — Que estranho. A Theresa era fanática pelos Yankees quando vivíamos cá. Ela e a Allison.

— Eu sei — diz Milly, o seu tom a tornar-se mais urgente. — E a Kayla queria contar alguma coisa à Theresa, não era? E logo a seguir morreu. E o doutor Baxter queria contar-te alguma coisa, e logo a seguir morreu. Então e se... eles não foram as únicas pessoas que morreram?

O rosto de Archer é completamente inexpressivo.

— Desculpa, Milly, mas não estou a perceber.

Ela tira o relatório médico da mão de Hazel e agita-o na direção dele.

— A Mildred tinha uma doença cardíaca fatal, não tinha? Diagnosticada em mil novecentos e noventa e seis. Um ano depois, cortou relações com todos os filhos, e vocês nunca souberam o motivo. Bom, e se ela não fez isso? E se ela não *podia* fazer isso?

Archer e Hazel encaram Milly como se ela tivesse enlouquecido. Mas eu começo a entender onde ela quer chegar. Olho para o telemóvel de Archer na mesa da cozinha, e faz-se luz.

— A mensagem! — exclamo. Por um segundo, não consigo respirar. — A mensagem da Aubrey. «Não havia sinal de nascença.»

— Eu sei — afirma Archer. — Eu li-vos a mensagem.

Milly vira-se para me encarar.

— Meu Deus! Tens razão. Ela estava a falar da *Mildred*. — Milly vira-se novamente para Archer, ofegante. — A Aubrey ontem entornou café quente em cima da Mildred, e ela descalçou as luvas. Aposto que a Aubrey não viu o sinal de nascença. A marca roxo-escura enorme que a Mildred tem na mão e a Aubrey tem no braço? A Aubrey deve ter reparado que ela não estava lá. — Milly faz uma pausa, esperando que Archer entenda, mas isso não acontece. — Porque acho que… talvez... a mulher que vive em Catmint House não é a tua mãe. Não é a minha avó. É outra pessoa. Alguém tomou o lugar da Mildred.

A cozinha fica tão silenciosa que consigo ouvir o meu coração a galopar no peito.

— Tomou o lugar dela — repete Archer com uma voz pesada. — Milly, isso é uma loucura. Não podes... uma pessoa não pode simplesmente *tomar o lugar de outra*.

— Porque não? — pergunta Milly.

— Porque... porque... — gagueja Archer. — Porque as pessoas saberiam!

— Não se te recusasses a vê-las — argumenta Milly.

A expressão de Archer é tensa e atormentada.

— Para Milly. Estás descontrolada. — Solta uma risada trémula, passando uma das mãos pela boca. — Preciso de beber alguma coisa. Isso é... tu estás... não

consigo... — Vira-se e começa a abrir os armários. — Pelo amor de Deus, a minha mãe não morreu. As pessoas saberiam. A Theresa, o Donald Camden, o doutor Baxter...

— Ouves os nomes que saem da tua boca? — interrompo. Milly precisa de apoio, porque Archer está a perder a cabeça. — O Donald Camden? O único trabalho dele parece ser garantir que ninguém com o apelido Story se aproxima da Mildred. O doutor Baxter? Estava a tentar contar-te que se passava alguma coisa. E a Theresa? Ela...

— Porquê? — Archer volta-se para nós e quase grita as palavras. Os seus olhos estão enlouquecidos, as suas mãos fechadas em punhos junto aos flancos. — Porque é que alguém faria uma coisa dessas? A ela, a nós?

— Bom. — A voz de Milly é baixa e tranquila, como se tentasse acalmar um animal assustado. — O dinheiro é uma motivação poderosa, não é? Aposto que seria um incentivo para o Donald Camden. E talvez... — Ela vira-se para Hazel, que parece atordoada. — Desculpa, mas não há uma forma delicada de perguntar isto. O teu avô recebeu muito dinheiro há vinte e quatro anos?

— Milly, para com isso — diz Archer com brusquidão. — Estás a ir demasiado longe.

Hazel humedece os lábios.

— Recebeu, sim.

Archer murmura algo incompreensível e volta a vasculhar os armários com mais dedicação. Milly arregala os olhos.

— A sério?

— Eu ainda não tinha nascido, claro, mas a minha mãe conta que o meu avô era viciado no jogo quando ela andava na faculdade. A situação ficou tão má que iam perder a casa, ela não teria como pagar a faculdade e a minha avó ameaçou pedir o divórcio. Mas então ele começou a ganhar. — Hazel engole em seco. — Ela diz que, depois disso, ele ganhava sempre.

— Hum — fez Milly, pensativa. — E a Theresa também receberia dinheiro, claro, mas talvez tivesse outros incentivos. Talvez tenhas razão, Jonah, e ela tenha mudado depois de o filho morrer. Ou talvez seja como a Aubrey disse e... Oh, meu Deus! — Pela primeira vez naquela conversa bizarra, a voz dela enche-se de pânico. — Oh, não. A Aubrey. Aubrey *está lá*.

— Pelo menos não está aqui — comenta Archer com uma risada engasgada. Finalmente encontra uma garrafa de vodca e abre a tampa, enchendo o copo de plástico vermelho mais próximo até acima. — Aqui é o sítio problemático.

— Tio Archer, não! Não estás a perceber. — Antes de Archer conseguir levantar o copo, Milly agarra-lhe os braços e vira-o com todas as suas forças. — A Aubrey tem um cartão que abre o portão de Catmint House. Encontrou-o enquanto estava lá

ontem e trouxe-o. — O meu coração provavelmente bate tão depressa como o de Milly, porque sei o que ela está a pensar. — Tenho a certeza de que a Aubrey foi até lá — continua Milly, a sua voz a tornar-se desesperada enquanto agarra em Archer pelos ombros. — Ela está *neste momento* em Catmint House. O pai dela passou o verão inteiro a dizer que ela precisa de ser mais proativa. A Aubrey quer confirmar o que viu.

Archer fica em silêncio. Milly sacode-lhe os ombros uma vez, com força.

— Mesmo que não acredites em nada do que eu disse, por favor, acredita que esta *situação é grave* — diz ela, tensa.

— Jesus. — A expressão de Archer transforma-se. Ele vira-se nos braços de Milly para lançar um olhar desejoso ao copo, e quase espero que estique o braço e o agarre. Em vez disso, respira fundo e olha para Hazel, que continua imóvel. — Vieste de carro?

Hazel pestaneja como uma sonâmbula a tentar acordar.

— Estacionei aqui à frente. É um *Range Rover*.

Tira as chaves do bolso e lança-as a Archer. Ele apanha-as antes de desatar a correr para a sala e porta fora.

ALLISON, DEZOITO ANOS

Agosto de 1996

Jess, uma amiga de Archer, tinha um cão novo e Archer estava apaixonado.

— Eu mataria por ti, *Sammy* — disse ele numa voz cantarolada, agachado ao lado do pequeno *terriê*, sobre a areia grossa de Cutty Beach. *Sammy*, louco de felicidade por receber atenção, tentou lamber-lhe o rosto. — Mataria, sim.

— Que exagero — afirmou Allison.

— Bom, não mataria uma pessoa — refletiu Archer, coçando atrás da orelha de *Sammy*. — Ou outro cão, obviamente. Nem um gato. Mas mataria um roedor. Se ele já estivesse doente e fosse morrer na mesma.

— Toma nota, *Sammy*. — Allison sentou-se ao lado de Archer enquanto o cão se sentava no colo dele. — Se um rato doente te perturbar, o teu defensor está aqui!

Olhou para a multidão que se aglomerava em torno de duas fogueiras pequenas em Cutty Beach. Nos últimos anos, a amiga de Archer, Jess Callahan, que vivia na casa mais perto do centro da praia em forma de meia-lua, fazia ali a sua festa de anos. O irmão mais velho dela era polícia na ilha, e ele garantia que, desde que a festa não se descontrolasse, ninguém os chatearia. Chris Callahan tinha até deixado ali dois barris de cerveja antes de começar o seu turno na esquadra. «Viva a polícia de Gull Cove», tinha dito Archer nesse momento.

— Acho que somos os únicos que não estamos bêbedos — observou ele.

— É provável. — Allison sabia por que motivo não estava a beber. E porque se sentara atrás de uma rocha com o irmão e um cão em vez de participar na festa. Mas não conhecia os motivos de Archer. — Porque achas isso?

— Bom. Não estavas errada, antes do Baile de Gala de Verão, quando me lembraste de que tenho o hábito de me transformar num bêbedo idiota.

— Não foi *bem* isso que eu disse — corrigiu Allison. — E pedi-te desculpa, lembras-te? Estava muito nervosa antes de uma noite tão importante. Falei da boca para fora.

— Mas é verdade. Tenho exagerado — disse Archer. — Todas as festas é a mesma coisa. Acho que vou beber só um bocadinho e, quando dou por mim, estou bêbedo. — *Sammy* deitou-se com as patas para o ar, e Archer fez-lhe a vontade, coçando-lhe a barriga. — Talvez queira ver se consigo divertir-me sem beber.

— E estás a divertir-te?

— Não, nem por isso. — Archer esboçou um sorriso de esguelha. — Sem querer ofender-te.

— Tudo bem.

Allison também não estava a divertir-se. Não quisera vir, mas também não quisera *não* vir. Sabia que Matt estaria ali e não pretendia passar a evitar os lugares por causa dele. No fundo, achava que talvez pudesse falar-lhe, contar-lhe finalmente sobre o bebé. Mas, assim que chegou, percebeu que não valia a pena. Matt cambaleava pela praia, a perguntar a toda a gente se tinham visto Kayla, demasiado bêbedo para se lembrar de que ela fazia o turno da noite no escritório de Donald Camden aos fins de semana.

— As ondas estão enormes — comentou Archer.

— É do frio — respondeu Allison, puxando as mangas da camisola para baixo, a fim de cobrir as mãos quando uma rajada de vento forte os fustigou. — Afeta os fluxos e refluxos das marés.

Archer trouxera apenas uma camisola de manga comprida, e estremeceu.

— Deixei a *sweatshirt* no carro. Vou buscá-la. — Levantou-se com *Sammy* a saltitar à sua volta. — Queres vir, amiguinho? — cantarolou ele para o cão. — Queres, sim. És um lindo menino.

— E tu és um lamechas — brincou Allison, rindo.

— Queres alguma coisa?

Quero ir para casa, pensou ela, mas disse:

— Não, vou procurar o Adam.

Talvez ele estivesse disposto a sair da festa uns quinze minutos para levá-la a Catmint House. Já havia quase uma hora que estava ali, o que parecia uma pequena vitória.

Allison foi analisando a multidão enquanto caminhava, querendo evitar Matt, mas ele tinha desaparecido. Os seus irmãos mais velhos também. Contornou os grupos em torno das fogueiras duas vezes, mas não os encontrou. Archer já tinha voltado e conversava com Rob Valentine, com a *sweatshirt* por cima dos ombros e um copo na mão. Só Adam, Anders e Matt tinham desaparecido, mas não se tinham

ido embora. O *BMW* de Adam e a moto verde-fluorescente de Matt continuavam no parque de estacionamento da praia.

Allison foi ficando cada vez mais nervosa enquanto andava pela praia, com as ondas a rebentar com força na areia. Esperava que os irmãos não se metessem numa discussão. O comportamento de Matt no Arabella's Coffee ainda a incomodava, mas dois contra um seria injusto.

Chegou aos limites da zona da festa, a um grupo de cabanas de aluguer que separavam a área mais pedregosa da praia. As pessoas geralmente usavam-nas para namorar, mas estavam vazias. Passou por elas, fazendo uma careta quando o vento lhe atirou areia para o rosto.

A seguir às cabanas, havia um molhe que se estendia para o mar, com pequenos barcos a remos a subir e a descer. E ali, finalmente, Allison viu duas figuras paradas na extremidade do molhe. Reconheceu a estatura de Adam ao lado do corpo mais baixo de Anders, e acelerou o passo.

Os dois olhavam para as ondas agitadas, sem darem pela aproximação dela.

— Vês alguma coisa? — gritou Adam por cima do vento uivante.

— Não. E nem vamos ver com esta ressaca — disse Anders.

— Caramba, Anders! — A risada de Adam parecia ríspida e nervosa. — Lembra-me de nunca te irritar.

A conversa rápida e o olhar focado dos irmãos na água revolta arrepiaram os pelos na nuca de Allison. Achava que seria melhor não saber sobre o que os dois estavam a falar, e quase se virou para regressar à festa. Mas algo a fez parar e esticar a mão.

— Ei! — Allison sacudiu o ombro de Adam enquanto lhe gritava ao ouvido, e ele deu um salto. — O que estão a fazer?

Anders virou-se com os olhos a brilhar ao luar.

— A resolver um problema.

CAPÍTULO 25

Aubrey

Assim que entro pelo portão, paro a bicicleta atrás de um emaranhado de madressilvas e aproximo-me da estrada que leva a Catmint House, pensando no que vou fazer agora. Não posso bater à porta e dizer: «Ah, olá, será que pode cuspir num frasquinho? Preciso apenas do seu ADN, e depois vou-me embora.»

Só de pensar nessas palavras acho que estou a enlouquecer. As pessoas mentalmente sãs não assaltam casas em busca de provas de que a sua avó é uma impostora. Durante o caminho para aqui, perguntei-me se poderia haver uma explicação para a ausência do sinal de nascença na mão da minha avó.

Talvez ela o tenha removido com laser?

Na pré-adolescência, quando toda a gente gozava comigo por causa da mancha, perguntei se podia removê-la. «Devias ter orgulho», disse o meu pai. «A tua avó tem. Nunca removeria uma parte de si mesma para agradar aos outros.» O que foi um bom conselho, para variar, mas a minha mãe concordou em marcar consulta com alguns cirurgiões plásticos. Todos disseram a mesma coisa: a coloração era demasiado forte e profunda. Talvez ficasse um pouco mais ténue, mas nunca desapareceria por completo.

Talvez tivesse aplicado maquilhagem?

Mas então porquê usar luvas? Porquê usar luvas sempre, mesmo num dia quente de verão?

Talvez não tenhas visto o sinal.

Mas sei que não foi isso. Conheço muito bem aquele sinal de nascença, sei onde deveria estar no corpo da minha avó. É a única característica que partilho com ela, e não estava lá. Tenho a certeza.

A vegetação luxuriante permite-me esconder atrás de arbustos, enquanto subo o caminho de acesso e dou a volta para as traseiras da casa. Então paro e olho para o pátio ensolarado. É surpreendentemente grande, tendo em conta que Catmint House parece próxima do penhasco quando vista de longe, e menos bem cuidado do que a parte da frente. A relva está demasiado alta, os arbustos demasiado crescidos e as flores têm um ar abandonado e a precisar de ser cortadas. Ouço o rugido do mar a bater nas rochas atrás da casa e os gritos distantes das gaivotas a voar em círculos.

O que estou a fazer?

Começo a dar meia-volta, subitamente horrorizada comigo mesma. Estou a invadir propriedade alheia, com a intenção de entrar numa casa cuja dona não me quer aqui. Posso ser presa por causa disto, e para quê? Devia contar as minhas suspeitas a alguém e deixar a polícia, ou sei lá quem, resolver o problema.

Então vejo: uma janela entreaberta no rés-do-chão, a menos de metro e meio do solo. Quase parece um convite.

Aproximo-me de mansinho até parar sob o peitoril, depois ponho-me em bicos dos pés para espreitar para dentro. É uma assoalhada linda, com o teto de gesso decorado e um candelabro, mas parece estar a ser usada como armazém. Tem apenas pilhas de caixas, tapetes enrolados e cadeiras empilhadas.

Vou mesmo fazer isto? *Sou* capaz de fazer isto? Pouso a palma das mãos sobre o peitoril, hesitante. Desde que cheguei à ilha, não treinei como faço quando estou a preparar-me para as competições de natação, e é fácil perder força muscular. Mas sempre fui boa na barra fixa.

Respiro fundo e iço o corpo, admirada com a facilidade com que o faço. Os meus pés procuram um apoio na parede da casa e quase perco o equilíbrio, mas consigo passar um braço pela janela, o que me ajuda a impulsionar metade do corpo para dentro da assoalhada. Fico assim alguns segundos, a arfar, depois arrasto-me para entrar totalmente.

Aterro agachada, flexionando as palmas das mãos doridas. *Viste, pai?*, penso quando me levanto. *Às vezes, é útil ter força nos braços.*

Não sei em que parte da casa estou. Descalço os ténis e deixo-os ao lado da janela, depois sigo devagar pelo soalho de madeira até chegar à porta. Não faço barulho enquanto avanço pelo corredor, parando a cada passo, até encontrar uma escada. Fico ali parada bastante tempo, tentando ouvir qualquer som que indique a presença de alguém por perto, mas não ouço nada.

Subo as escadas com cuidado, com passos leves, até chegar ao primeiro andar. Não conheço aquela parte da casa, mas o silêncio é tão absoluto que me encho de coragem e acelero o passo. Talvez tenha tido sorte, e não esteja cá ninguém.

Subo um segundo lanço de escadas, mais íngreme e estreito, e paro diante da porta em cima. Pouso a mão sobre a maçaneta e giro-a devagar, o máximo que

consigo. Empurro. Ela abre-se com um rangido ténue, e deparo-me com um corredor largo. Há portas dos dois lados, e o meu coração dispara quando me dou conta de que posso ter encontrado a escada das traseiras para a ala dos quartos. É onde preciso de estar. Só posso ter a certeza de que algo pertence à minha avó se o tirar do quarto dela.

Aproximo-me da primeira porta sem fazer barulho e a abro-a, entrando depressa. De imediato, sei que ninguém usa aquele quarto; tem um cheiro bafiento. Já para não falar nas cortinas antigas e nos lençóis que parecem não ser mudados há anos. Vejo um cobertor vermelho com as palavras ESCOLA SECUNDÁRIA MARTINDALE em letras brancas ao pé da cama, e dois tacos de lacrosse apoiados a um canto.

Espera. Será que era o quarto do meu pai? Avanço um pouco mais e vejo uma fotografia emoldurada na parede ao lado da janela. É a mesma imagem do meu pai e da minha avó que vi na Sweetfern: os dois a segurar aquele quadro feio e a sorrir para a objetiva. O meu olhar pousa na mão da minha avó, dominada pelo sinal de nascença proeminente.

— É uma bela fotografia, não achas?

Viro-me e encontro a minha avó, ou seja lá quem for, à porta. A primeira coisa que noto é que, pela primeira vez, não está toda produzida nem de luvas. Então vejo a pequena pistola com cabo de madrepérola numa das suas mãos. É uma arma tão bonita que quase não parece...

— Oh, é verdadeira. E está carregada — diz ela, entrando no quarto. — Duas idosas que vivem sozinhas precisam de ter cuidado. — O olhar que me lança é quase solidário. — Achavas mesmo que não éramos alertadas quando o portão se abre?

Humedeço os lábios, que, de repente, ficaram secos.

— Então... o quê? Deixou-me entrar?

— Abri-te a janela.

Estúpida, estúpida, estúpida, penso.

— Bem, apanhou-me — declaro, fingindo uma risada culpada. Parece que estou com pieira. — Queria ver a casa uma última vez. Tentar encontrar o quarto do meu pai. E encontrei, por isso... vou-me embora agora.

— Não vais, não. — Fico aflita quando ela dá outro passo em frente. — Ontem interroguei-me se terias visto bem a minha mão. Imagino que sim. — Estou demasiado paralisada para conseguir assentir. — E aqui estás. A filha do Adam. Seria uma tragédia poética se eu te confundisse com um ladrão e te desse um tiro no antigo quarto dele, não achas?

— Eu contei às pessoas — afirmo, esforçando-me por soar convincente. — Contei a toda a gente o que vi. Ao tio Archer, à Milly, ao Jonah, a... toda a gente.

A minha avó, ou Mildred, ou — já nem sei o que lhe chamar — inclina a cabeça para o lado.

— E, no entanto, vieste sozinha.

O meu sangue gela. Consegui mandar uma mensagem ao tio Archer, e não há grandes possibilidades de ele perceber o que eu quis dizer.

— O que fez à minha avó? — pergunto com voz trémula.

— Nada — responde ela, com uma segurança tão rápida que até acredito. — A tua avó morreu de causas naturais há vinte e quatro anos. Encontrei-a aqui. Ela gostava de passar tempo no quarto do Adam quando ele estava fora. — Os olhos dela brilham. — Ele foi sempre o favorito, apesar de ser o menos atencioso.

— A senhora é a Theresa — digo. Ela não nega. — E a outra Theresa...? — Não faço ideia de como terminar a frase.

A minha curiosidade não é saciada.

— É estranho — diz ela, pensativa. — Tirei tudo o que podia ao Adam, mas nunca senti que fosse o suficiente. Talvez tirar a vida à sua filha seja. — O meu coração para. Quase digo «Não sou a única descendente dele» antes de ela acrescentar: — Afinal, ele tirou a vida ao meu.

O quarto parece oscilar.

— O meu pai... matou o seu filho?

— De certa forma.

Um estrondo alto assusta-nos. Por instinto, aproximo-me da janela, chegando apenas ao peitoril antes de Theresa gritar:

— Para!

Mas consigo ver um *Range Rover* preto grande a atravessar o relvado. É uma visão tão estranha, tão fora de contexto, mas extremamente bem-vinda, que quase dou uma gargalhada.

— Tess! — chama uma mulher, alta e nervosa, do andar de baixo. — Tess, vem aí um carro. *Tess*!

— Estou a ver — grita Theresa de volta.

Parece muito calma para alguém cuja casa pode ser abalroada por um carro a qualquer momento. Mas o SUV para a alguns metros da porta da frente e, com um misto de alívio e apreensão, vejo o tio Archer sair do banco do condutor.

— Então não mentiste — diz Theresa. — Bem, até que conseguimos aguentar-nos bastante. — A mão que segura a arma baixa um pouco, e sinto uma onda de esperança antes de a expressão dela endurecer. — Mais vale seguir em frente até à conclusão inevitável. Anda. — Sai para o corredor, fazendo-me sinal para que a siga, e dirige-se à escada cujo patamar tem vista para o primeiro andar da casa. — Leva o nosso visitante para o solário — grita ela para o andar de baixo. — Diz-lhe que a Aubrey já vai.

— O que vai fazer? — pergunto, ansiosa. — Por favor, não lhe faça mal.

Fico enjoada só de pensar que pode acontecer alguma coisa ao tio Archer por ter vindo atrás de mim.

— Desce — ordena ela.

A sua expressão é tão letal que obedeço. Ela guia-me — manda-me virar à esquerda ao fundo das escadas, à direita para o corredor, outra vez à direita — até chegarmos à porta de uma assoalhada com portas envidraçadas em três lados. No centro, o tio Archer está ao lado da mulher que eu acreditava ser Theresa Ryan.

— Aubrey! — grita ele.

O meu tio dá um passo em frente, com a boca aberta para dizer mais alguma coisa, até que a verdadeira Theresa surge ao meu lado, com a pistola na mão. Archer para de imediato, observando-a.

— Meu Deus — diz ele, com a voz embargada, levando a mão ao peito. — É verdade. É mesmo verdade. Achei que devia haver algum engano, mas... a senhora não é a minha mãe. — Contrai o maxilar. — Se eu tivesse estado a três metros de si antes, teria percebido.

— Talvez não — responde Theresa. — As pessoas veem aquilo que querem ver. Mas imagino que entendas agora porque tive de cortar relações. — A voz dela não se torna suave, mas é menos dura ao acrescentar: — Até contigo, que és relativamente inocente em tudo isto.

— Em tudo *o quê*? — pergunta Archer. — Porque faria uma coisa destas? O que é que lhe fizemos? — O olhar dele passa de Theresa para a arma, da arma para mim. — Isto tem alguma coisa que ver com o que aconteceu à Kayla? Ou ao Matt?

— Paula — chama Theresa. Não sei com quem ela está a falar até a segunda mulher dar um passo em frente. — Está frio aqui. Acende a lareira na sala sul, e depois deixa-nos para falarmos sobre... — Faz uma pausa, de olhos a brilhar. — O que aconteceu ao Matt.

— Tess, tens a certeza? — pergunta a outra mulher, nervosa.

— Absoluta — responde Theresa.

Paula passa por nós e sai para o corredor. O tio Archer respira fundo.

— O Matt afogou-se, e foi terrível, mas...

— O Matt não se *afogou* — interrompe Theresa, ríspida. — Foi morto. Naquela noite em Cutty Beach? O Matt nunca entraria na água sozinho. Podia ter estado a beber, mas não era tolo. Sabia o que a ressaca faria numa noite daquelas. O Anders, o teu irmão viperino, disse-lhe que a Kayla tinha sido levada pela maré e precisava de ajuda.

— A Kayla? — O tio Archer parece perplexo. — Ela nem sequer lá estava.

Os lábios de Theresa curvam-se.

— Não. E o Anders sabia isso. Mentiu para o Matt se meter na água. Sabia que ele provavelmente não voltaria a sair. E o Adam... estava ao lado dos dois e deixou o Matt ir. — Treme, tem os olhos arregalados e brilhantes. — O Adam deixou-o ir.

O Adam deixou-o ir. As palavras ecoam tão alto nos meus ouvidos que quase não ouço a pergunta seguinte do tio Archer.

— Como pode saber uma coisa dessas?

— Pela Kayla — conta Theresa. — Uma noite, o Anders embebedou-se e contou-lhe tudo. Acho que nem se lembra de o ter feito. Mas ela contou-me. Disse que ele sempre teve ciúmes do Matt, que ficou ainda mais ressentido quando o Matt engravidou a Allison no verão em que morreu. — Ela solta uma gargalhada amargurada ao ver a expressão chocada do tio Archer. — Não sabias? Nem eu. O meu neto, imagina. E da tua mãe. Mas a Allison perdeu o bebé.

— Perdeu? — pergunta o tio Archer, confuso.

— Sim. — A boca de Theresa contrai-se numa linha fina. — E ela sabe o que aconteceu ao Matt. O Anders contou-lhe naquela noite, e há uma coisa a seu favor: pelo menos fez soar o alarme e chamou ajuda. Mas depois protegeu os irmãos. Deixou toda a gente acreditar que tinha sido um acidente.

— A Kayla contou-lhe isso tudo — diz o tio Archer devagar. — E depois... o quê? Matou-a? Drogou a Kayla e meteu-a no carro? — Theresa sobressalta-se, e o tio Archer pressiona. — O Fred Baxter deu-me o relatório oficial da autópsia. Havia sedativos no sangue dela na noite em que morreu.

— Então foi por isso que ela perguntou pela Kayla — declara Theresa, olhando para mim.

De repente, tornei-me *ela*; um adereço na conversa.

— Matou uma rapariga inocente e tem coragem de se armar em vítima? — pergunta o tio Archer, levantando a voz.

— Não fui eu — insiste Theresa. — É que... tudo aconteceu ao mesmo tempo. Descobri aquilo do Matt, fiquei arrasada e furiosa. A única coisa que queria no mundo era fazer com que os teus irmãos pagassem. E a seguir a tua mãe morreu. — O olhar dela fica distante. — Estávamos sozinhas em casa. Liguei ao Donald Camden, porque, bem... ligávamos ao Donald por tudo na altura. Ele comentou que vocês iriam gastar a fortuna do Abraham e da Mildred num ápice. E tive uma ideia.

Os cantos da boca dela curvam-se num sorriso, e é uma visão terrível.

— Parecia ridículo no início, mas o Donald adorou. Ele sempre quis deitar a mão ao dinheiro dos teus pais. Chamámos o Fred Baxter, que estava endividado, e prometemos que faríamos todas as suas dívidas desaparecerem se ele continuasse a ser o meu médico. Enterrámos a Mildred aqui, nos terrenos de Catmint House, e chamei a minha irmã, Paula, para assumir o meu lugar. Então o Donald escreveu a todos vocês.

A expressão de Theresa endurece.

— Mas a Kayla continuava a querer falar comigo. Queria saber se a senhora Story tinha deserdado os filhos por causa do que ela me contara. Falámos por telefone algumas vezes, tentei acalmá-la, mas de nada adiantou. Deixei de atender as suas chamadas, e ela foi falar com o Fred Baxter. Ele disse-lhe para não se preocupar, para não falar daquilo a ninguém. A seguir ela perguntou ao Donald. E o Donald... bom, achou que, se a Kayla continuasse a falar no assunto, teríamos um problema. Se as pessoas descobrissem que eu tinha motivo para odiar os filhos dos Story. Então resolveu a situação. — Um tom defensivo surge na sua voz ante o olhar horrorizado do tio Archer. — O Fred e eu não teríamos concordado com algo assim, mas, quando soubemos o que aconteceu, era demasiado tarde.

— Você e o Fred são uns santos — comenta Archer, gélido. Então respira fundo de repente, chocado. — Porra. Foi isso que aconteceu ao Fred também? Começou a dar com a língua nos dentes este verão, tentando organizar uma confissão no seu cérebro confuso, e o Donald «resolveu a situação»? Afogou o homem no próprio quintal?

Dá um passo à frente, e algo frio e duro pressiona o meu pescoço. Solto um gemido involuntário, e o tio Archer fica imóvel.

— Não nos esqueçamos de quem manda aqui — afirma Theresa.

O tio Archer levanta as duas mãos num gesto de rendição.

— Não me vou aproximar mais, está bem? Mas acabou. Deve perceber isso. Desta vez, não vai conseguir continuar a enganar as pessoas.

— Provavelmente não — diz Theresa. — Mas discordo que tenha acabado. Porque é o seguinte: o Adam é o pior de todos, acho. O Anders nunca teve nada de bom, e a Allison é fraca. Mas o Adam... eu adorava o Adam. Defendi-o sempre quando os pais o pressionavam de mais. Teria feito qualquer coisa por aquele rapaz. E depois, quando ele teve a oportunidade de proteger o meu filho, não o fez. O Adam só precisava de ter dito «para» ao Anders ou ao Matt. Eles tê-lo-iam ouvido, e o Matt ainda estaria vivo.

«Que rapaz tolo. Podia ter mudado tudo com uma palavra.» Finalmente entendo o que o Dr. Baxter quis dizer quando comentou isso sobre o meu pai, e sinto uma súbita pena da mulher ao meu lado. Então, um clique ameaçador soa ao lado da minha orelha e todas as minhas emoções além do medo desaparecem.

— O problema do Adam é que ele não sofreu *o suficiente* — continua Theresa, tensa. — Não sabe o que é perder um filho.

Os olhos do tio Archer arregalam-se de alarme.

— Theresa, não.

— O que mais posso eu fazer com a filha do Adam? — pergunta ela. — Simplesmente deixá-la ir-se embora? Como o Adam deixou o Matt ir-se embora?

A minha respiração acelera. Apesar do medo, sinto um cheiro a gasolina. Ou será a fumo?

— Está zangada com a minha família, compreendo isso. E tem todo o direito de se sentir assim — diz Archer num tom urgente. — Mas, se acha que ainda precisa de acertar contas com alguém... acerte-as comigo. Não com a Aubrey. — As mãos dele, que estiveram levantadas todo aquele tempo, fecham-se sobre o coração como se lhe oferecesse um alvo. — Vingue-se em mim. Eu estava lá. Podia ter ajudado, mas não fiz nada. Fui assim toda a porcaria da minha vida.

— Não — digo. O meu coração está quase a sair-me pela boca.

— A Kayla disse-me que ninguém te contou — responde Theresa, ríspida. O cheiro a fumo está mais forte. — Estás a dizer que sabias de tudo?

O olhar do tio Archer passa entre Theresa e a arma antes de finalmente voltar para mim. O seu maxilar descontrai-se. Sinto um aperto no coração e depois ele parece inchar dolorosamente quando reconheço a expressão do meu tio. Nunca a vi antes. É *paternal*.

— Sim — responde ele então.

Depois disso, tudo acontece num instante, à velocidade da luz. A arma sai do meu pescoço. Theresa move o braço e reajo por instinto. Lanço o ombro contra o dela, desequilibrando-a, e atiro-a ao chão. Uma explosão ensurdecedora ecoa pela sala, seguida de um grito de sofrimento. Uma dor aguda sobe pelo meu cotovelo quando bato com ele no chão, meio em cima de Theresa, e alguém grita de novo. Um líquido vermelho forma uma poça ao meu lado enquanto viro o pescoço para todos os cantos, à procura do tio Archer.

— Aubrey! — Ele está em cima de mim, com a arma de Theresa numa das mãos, e quase desmaio de alívio. — Estás ferida?

— Acho que não. — Saio de cima de Theresa, e ela geme. Vejo a sua perna esquerda coberta de sangue, bem como o chão. Tem o rosto escondido na curva do braço. Não se mexe e respira pesadamente. — Acho que lhe dei um tiro.

— Ela alvejou-se sozinha — diz ele, furioso. — É melhor chamarmos ajuda. Tens o teu telemóvel? Esqueci-me do meu.

— Não tem bateria.

Levanto-me, com a adrenalina a desaparecer rapidamente, e o cheiro a fumo é agora muito intenso. O ar fora do solário parece pesado e enevoado.

«Acende a lareira na sala sul.»

Foi isso que Theresa disse, pouco antes de a irmã sair da divisão. Espreito para fora da porta e olho para o corredor. De algures vêm assobios e estalidos. O chão está escorregadio e molhado.

«Tess, tens a certeza?»

«Absoluta.»

— Passa-se qualquer coisa — digo.

Então o corredor enche-se de chamas.

— Santo Deus! — grita o tio Archer quando cambaleio para trás, voltando para o solário. — Tens de sair daqui! Anda. — Baixa-se, levantando Theresa. Ela geme em protesto, inerte como uma boneca de trapos, e ele pega-lhe ao colo. — Escadas, Aubrey! À tua esquerda.

— Não é possível!

Numa questão de segundos, a cena diante de nós transforma-se. O fogo toma conta de tudo, as chamas a dançar e a atravessar o corredor. O fumo vem na nossa direção. Engasgo-me quando a primeira onda me atinge, mandando-me de volta para o solário com os olhos a lacrimejar.

— É a nossa única opção — diz o tio Archer, passando por mim com Theresa nos braços. Recua com a mesma rapidez, arfando. — Certo. Novo plano.

Larga Theresa numa das poltronas de couro a um canto da sala, depois pega numa cadeira e atira-a contra a janela mais próxima. O vidro estilhaça-se, voando para todos os lados.

Cubro o nariz e a boca com as mãos enquanto mais fumo entra na divisão. O tio Archer pega num guarda-chuva antiquado e bate com ele nos rebordos de vidro, tirando os cacos que não caíram. Sinto-me desanimar.

— É muito alto.

— Vamos fazer uma corda — diz o tio Archer, tirando um cobertor das costas de um sofá.

Arranco as cortinas finas da janela e viro-me para ver o que mais há ali. Ouve-se um rugido da porta e, horrorizada, vejo as chamas cercarem a ombreira, depois espalharem-se para a estante mais próxima. De início, é apenas uma linha laranja ao longo da última prateleira, e depois todos os livros incendeiam-se.

O sofá mais próximo da janela partida é antigo e pesado. O tio Archer amarra uma extremidade do cobertor a um dos seus pés num nó duplo apertado, e a outra extremidade à cortina que seguro. Ela não pesa nada.

— Vai resultar? — pergunto. Ele amarra as extremidades com força, testa o nó, e faz outro. — É suficientemente forte?

O tio Archer olha em volta. A estante foi consumida pelo fogo, o teto acima dela também. O fumo é agora cinzento e preto, roubando-nos o ar mesmo com a brisa fresca que entra pela janela. As chamas lambem um tapete e espalham-se pela sua superfície.

— Tem de ser — responde ele, atirando a ponta solta do tecido amarrado pela janela. — Vai à frente, Aubrey. Mantém o corpo relaxado e tenta aterrar de pé.

Não há tempo para discutir. Agarro o cobertor e lanço-me pela janela. Pedaços de vidro cortam-me os braços e pulsos, sujando o tecido verde-claro de sangue. Desço

o mais depressa possível. Quando dou por mim, o cobertor acabou, depois a cortina, e nem me afastei assim tanto. Não sei se estou muito perto do chão, mas não faz diferença. A minha única opção é descer.

Solto a cortina e deixo-me cair.

Bato com os pés no chão, os meus joelhos a cederem, e aterro de lado com força. Tudo dói, mas consigo virar-me e olhar para a casa. O rés-do-chão está em chamas. Há fumo a sair pela janela da qual acabei de saltar. A cortina paira solta, a sua ponta a dois metros do chão. Não há sinal do meu tio ou de Theresa.

Ponho as mãos em volta da boca e grito:

— Tio Archer! Podes vir! — Luto contra o pânico cada vez maior, tento levantar-me. A dor sobe pela minha perna direita, obrigando-me a ajoelhar de novo. — Está tudo bem, não é longe. Despacha-te!

A janela permanece vazia. Doem-me os pulmões, e é difícil gritar. Mas continuo, repetindo o nome do meu tio uma vez e outra, sem parar, até a minha garganta estar em carne viva.

E então, graças a Deus, ele aparece. Tem Theresa sobre o ombro, tornando a sua saída pela janela muito lenta. Ela desmaiou ou recusa-se a ajudar, não sei. Enquanto o vejo atravessar as nuvens cada vez mais densas de fumo, um pensamento furioso surge no meu cérebro.

Larga-a. Larga-a já.

Ele não faz isso. Desce devagar pela corda improvisada até que um brilho laranja ilumina o que resta da janela e o cobertor cede. Os dois caem, e ouço um som que parece o grito horrorizado de um animal moribundo. Levo alguns segundos a compreender que saiu de mim.

— Tio Archer! — Arrasto-me até ao monte inerte de membros e roupa que aterrou a alguns metros de distância. O rosto de Theresa está virado para mim, os seus olhos vazios, a fitarem o nada. Solto outro som animalesco involuntário e passo por ela até alcançar o braço do meu tio. — Por favor — sussurro, puxando o seu pulso para virar a palma da mão para cima. — Por favor.

Quando sinto os seus batimentos ao de leve contra o meu polegar, começo a chorar pela primeira vez naquele dia.

CAPÍTULO 26

Milly

Catmint House ardeu completamente naquele dia.

A irmã de Theresa, cujo nome real é Paula Donahue, encharcara-a com gasolina antes de acender um fósforo e fugir. A polícia passou a semana inteira a passar a ilha a pente fino e a vigiar os aeroportos locais, mas não há sinal dela. Tenho a certeza de que saiu do país com um passaporte falso e vive do dinheiro que ela e Theresa roubaram a Mildred e esconderam em alguma *offshore*. É enfurecedor. Pelo menos Donald Camden, que não recebeu qualquer alerta sobre o que se passava, foi preso no seu escritório e está na prisão, à espera de julgamento.

Aubrey torceu o tornozelo na queda da janela, e o tio Archer sofreu uma concussão e deslocou o ombro. De acordo com o médico legista, Theresa Ryan provavelmente morreu por inalação de fumo antes de cair no chão.

O terreno em torno de Catmint House é agora a cena de um crime, portanto não podemos lá entrar. Mas, no dia seguinte ao incêndio, Aubrey, Jonah e eu fomos de carro até à curva na estrada onde vimos a casa pela primeira vez. De longe, não se vê a destruição, mas há algo extremamente perturbador em ver o céu onde antes se agigantava uma casa. Toda a história do legado de Abraham e Mildred e a casa da infância da minha mãe simplesmente... desapareceram.

A minha mãe chegou um dia depois, assumindo o controlo de tudo, como sempre.

— Vocês não podem ficar aqui — insistiu ela assim que entrou no *bungalow* do tio Archer. — Não há privacidade. A comunicação social está enlouquecida.

E, de repente, mudámos para uma casa elegante que a família Story aluga. Desde então, a minha mãe é o principal contacto da polícia, dos médicos-legistas,

jornalistas e advogados, tentando desvendar mais de duas décadas de fraude.

A única coisa que ela não fez ainda foi falar sobre o que aconteceu a Matt Ryan em Cutty Beach, naquela noite de verão vinte e cinco anos antes.

Queria perguntar-lhe assim que ela saiu do avião que a trouxe para o aeroporto de Gull Cove. Mas ela deu-me um abraço tenso.

— Nada de perguntas, está bem? — pediu. — Vamos só sobreviver ao dia de hoje.

E tem repetido isso desde então. Quero ser paciente, porque sei que, além de tudo o que ela tem para resolver, precisa de lidar com o facto de a mãe com quem sempre esperara reconciliar-se ter morrido há vinte e quatro anos. E que, afinal, Mildred Story não era a vilã, mas uma mulher que foi tirada aos filhos sem ter a possibilidade de se despedir.

O tio Anders abandonou a ilha assim que o primeiro artigo foi publicado. Deu uma única entrevista desde então, à *Fox News*.

— É tudo mentira — disse ele sobre a história de Kayla. — Invenção de uma ex-namorada amargurada. Que ela descanse em paz, claro.

O tio Adam não dá entrevistas, mas afirmou a mesma coisa por meio de um porta-voz. A grande ironia é que, quando a história chegou à comunicação social, as vendas do seu livro, publicado há dez anos, dispararam. Ainda agora, às cinco da tarde, Aubrey recebeu uma mensagem dele a dizer que entrou para a lista dos mais vendidos do *New York Times*.

Ela atira o telemóvel para o lado, franzindo a testa.

— Pelos vistos, algumas pessoas nunca sofrem as consequências de nada — resmunga ela.

Com exceção da minha mãe, estamos todos na cozinha a preparar guacamole para o jantar. É o último fim de semana de julho, por isso a época alta ainda está longe do fim em Gull Cove, mas acabou para nós. Aubrey e Jonah vão-se embora amanhã, e eu devo ir pouco depois. Os meus pais querem que eu fique com o meu pai e Surya enquanto a minha mãe lida com os problemas daqui.

— Não sei — diz o tio Archer, franzindo a testa enquanto corta os abacates só com uma das mãos, desajeitado. O ombro ainda lhe dói bastante, mas ele recusa-se a tomar analgésicos. — O teu pai continua a viver com a consciência pesada. Tenho a sensação de que esse foi sempre o problema dele.

Parece que é o único castigo que o tio Adam e o tio Anders vão sofrer pela morte de Matt Ryan. Porque o tio Anders tem razão: as palavras de uma rapariga morta há vinte e quatro anos, repetidas por uma mulher que cometeu uma fraude gigantesca antes de morrer num incêndio que pediu a outra pessoa para atear, não são convincentes.

Mas a opinião pública tem sido implacável. O *New York Post* publicou a pergunta FOI HOMICÍDIO? na primeira página há alguns dias, e as redes sociais responderam com um sonoro: «É óbvio.» O tio Adam pode ter um aumento temporário nas vendas do livro, mas, para a maioria das pessoas, é uma leitura motivada pelo ódio.

Aubrey ainda parece aborrecida, portanto o tio Archer muda de assunto.

— Fala-nos da casa nova — pede ele, deitando bocados desiguais de abacate dentro do picador.

Ela anima-se. A sua mãe passou aqui um dia e depois teve de partir, para terminar os preparativos da mudança para o apartamento em que as duas irão viver assim que Aubrey voltar para o Oregon.

— É um apartamento de três quartos muito giro. Mais ou menos a meio caminho entre a minha escola e o hospital onde a minha mãe trabalha — conta ela.

— Parece perfeito — comenta o tio Archer.

Aubrey dirige-lhe um sorriso tímido.

— Talvez possas ir visitar-nos. Se quiseres.

Ela e o tio Archer têm passado muito tempo juntos desde que se salvaram um ao outro em Catmint House. Sei que parte de Aubrey sempre vai desejar ter o tipo de relação pai e filha que o tio Adam é incapaz de lhe dar, mas uma ligação entre tio e sobrinha também vale a pena.

— Claro que vou — declara o tio Archer. — Mas não por enquanto. — A expressão de Aubrey fica abatida, e ele acrescenta rapidamente: — Vou internar-me num centro de desintoxicação em Cape Cod na próxima semana. Não sei quanto tempo vou lá passar, mas uns dois meses no mínimo.

— Que bom — dizemos Aubrey e eu ao mesmo tempo.

— Já não era sem tempo — responde o tio Archer. O seu copo de plástico vermelho está sobre a ilha da cozinha, como sempre, mas ele não lhe toca desde que nos sentámos. — Depois disso... não sei. Um dia de cada vez. — De repente, parece exausto e levanta-se do banco. — Importam-se de acabar aqui? Vou tentar fazer uma soneca.

Concordamos com um murmúrio, e o tio Archer sai. O silêncio domina a cozinha durante alguns minutos até Jonah perguntar:

— Então, o que vão fazer quando voltarem para casa?

— Fisioterapia — responde Aubrey de imediato. — Parece que nadar ajuda a melhorar as entorses. E quero continuar a nadar. — Pega num dente de alho e começa a descascá-lo. — Talvez até volte para a equipa.

Fico tão admirada que acabo por deitar demasiado azeite no picador e tenho de tirar um bocadinho com uma colher.

— A sério?

— Vão contratar uma treinadora nova — diz Aubrey. — Já que a antiga vai entrar em *licença de maternidade*. — A expressão dela fica sombria por um instante, mas depois volta a animar-se. — É uma mulher com quem fiz um curso de verão. Gosto muito dela. — Toca-me com o ombro. — E tu? Como vão ser as coisas em casa do teu pai? Ele também vive em Nova Iorque, não é?

— Sim — afirmo, tampando a garrafa de azeite. — Tenho instruções para não dar nas vistas.

— O que quer isso dizer? — Os olhos dela arregalam-se com uma inocência falsa. — Acabaram-se as fotografias de vocês os dois a curtir na praia?

— Foi só uma vez — digo, corando. A praia aqui é particular, mas há sempre helicópteros a sobrevoar, tentando tirar fotografias. Um deles conseguiu um grande plano surpreendentemente nítido de Jonah e eu a beijarmo-nos no mar. — Isso aconteceu uma vez.

Jonah pigarreia.

— Acho que isso não aconteceria se estivéssemos num lugar com mais gente, onde passaríamos despercebidos. — Levanto as sobrancelhas para ele, que acrescenta: — Tipo uma cidade. Providence e Nova Iorque não são assim tão longe uma da outra. Há um autocarro que só custa treze dólares. Pelo que ouvi dizer.

— Depois de pesquisares obsessivamente no *site* da Greyhound? — pergunta Aubrey num tom alegre.

Ele encolhe os ombros.

— Talvez.

Tento não sorrir.

— Pensei que tinhas de trabalhar o verão todo.

— Não é o verão *todo* — corrige Jonah. A sua expressão fica pensativa. — Mas agora vocês são praticamente herdeiras, então... não sei. Talvez seja demasiado estranho.

Não tocámos muito no assunto do espólio dos Story desde que Theresa e Donald foram descobertos, mas é algo que paira sempre no ar. A minha mãe trouxe o colar de diamantes que me prometeu, mas só o usei uma vez. Por algum motivo, não me assentou tão bem como eu imaginava. Guardei também o relógio do meu avô. É estranho, mas não de forma desagradável, como o meu braço ficou mais leve sem ele.

Nada sobre a fortuna dos Story parece real por enquanto. Mas Jonah parece, e não estou pronta para me despedir para sempre, nem ele.

— Não seria estranho. Nem nada que se pareça — digo. Ele sorri, e agarro numa colher para a apontar na sua direção. — Mas não vou viajar de autocarro. Nunca. Essa parte não está aberta a discussão.

*

Horas mais tarde, depois de Aubrey se ir deitar e enquanto Jonah está distraído com um jogo de vídeo com os amigos de casa, saio para o quintal e vejo a minha mãe e o tio Archer sentados em duas cadeiras de madeira posicionadas num trecho de praia perto da casa. Quase volto para dentro, sem querer incomodar os dois, mas a minha mãe vê-me e acena para eu me aproximar.

— Vou buscar-te uma cadeira. — O tio Archer já está meio levantado quando gesticulo para que fique sentado.

— Não é preciso. Não gosto dessas cadeiras, de qualquer forma.

Há uma toalha na ponta da cadeira da minha mãe, e abro-a no chão, sentando-me aos pés deles.

— Estava a dizer ao tio Archer como fico contente por tu e a Aubrey se terem aproximado — diz a minha mãe. Há uma mesa entre os dois com um único copo de vinho. A minha mãe pega-lhe e bebe um gole antes de acrescentar: — Ela é uma querida. Nem acredito que fiz tão pouco esforço ao longo dos anos para te ajudar a conhecer os teus primos.

Uso um tom despreocupado, porque estou a tentar não pensar que Aubrey vai apanhar um avião para o outro lado do país. Vamos passar o dia todo no *chat*.

— Bom, no caso do JT, foi uma boa decisão.

O tio Archer abana a cabeça.

— Ainda tenho esperanças para aquele miúdo. Ele só estava a tentar aproveitar o verão como queria. Aposto que, no fundo, se arrepende do que aconteceu.

— Lá muito no fundo — digo.

— Sempre te recusaste a ver o pior nas pessoas, Archer — afirma a minha mãe.

Tem sido estranho ver os dois esta semana voltarem a comportar-se como antes — muito antes, como quando eram adolescentes —, e não com a frieza tensa de que me lembro da infância. Já tinha visto como eram próximos em vídeos antigos, mas nunca na vida real. Quase acreditei que fosse uma impressão que as filmagens passavam. Mas não é.

— Acho que temos isso em comum — diz Archer. Fecha a mão em punho e dá um soco ao leve no braço da minha mãe. — Não o vimos sequer nos nossos irmãos.

A minha mãe agita-se na cadeira.

— Já não posso usar a desculpa do «falamos sobre isso depois»?

— Não precisas de falar sobre nada se não quiseres — responde o tio Archer. — Mas eu quero dizer que sinto muito por tudo o que passaste naquele verão, com a gravidez e isso. Sabia que havia algum problema, mas não imaginava qual seria.

— Bom, como podias saber? — interroga a minha mãe. — Não te contei. E acabou tudo quase antes de começar. — Bebe outro gole de vinho. — Fiquei triste e aliviada ao mesmo tempo. Por um tempo, achei que odiava o Matt, mas isso não era verdade. Só estava zangada pela forma como ele agiu. E depois o Anders contou-

me o que fez, o Matt morreu de uma forma tão horrível, e eu... não sabia o que fazer.

O tio Archer espera um instante. Como a minha mãe não continua, ele pergunta baixinho:

— Pensaste em contar a alguém?

— Todos os dias. — Ela segura o pé do copo com tanta força que receio que o vidro se vá partir. — Fiquei tão dividida. Sentia-me culpada, porque provoquei o Anders, ao falar-lhe sobre a Kayla e o Matt. E porque o Anders quase fez parecer que fizera aquilo *por* mim. Só conseguia pensar: será que, de alguma forma, dei a entender que *queria* aquilo? A culpa foi minha? Levei mais de um ano a entender que o Anders agiu, como sempre, por interesse próprio. Naquela altura, eu já não sabia como tocar no assunto. E que diferença faria? Depois o Donald Camden mandou aquela carta. — A minha mãe termina o vinho e pousa o copo sobre a mesa com a mão trémula. — Achei que merecíamos aquilo. Bom, todos nós, menos tu. Apesar de eu achar impossível que a mãe tivesse descoberto o que aconteceu ao Matt. E, claro, não descobriu. — Solta a risada menos alegre que já ouvi. — Agora, só consigo pensar que... e se eu tivesse dito alguma coisa na altura? As coisas seriam diferentes agora? Talvez a mãe ainda aqui estivesse e...

— Allison — interrompe o tio Archer. — Não estaria. Tinha um problema de coração.

— Não sei. Parece um efeito borboleta. — A voz da minha mãe embarga-se. — Especialmente agora, que sei que a Kayla morreu por causa do que fiz...

— A Kayla morreu porque o Donald Camden é um desgraçado ganancioso e cruel — corrige o tio Archer. Pela primeira vez naquela noite, parece irritado. — E se alguém iniciou esse efeito borboleta, foi o Anders. O que é de uma ironia terrível. Acho que ele amava mesmo a Kayla, tanto quanto é capaz de amar alguém. Deve ser doloroso saber que as ações dele contra o Matt acabaram por causar a morte dela. — O tio Archer tamborila sobre o braço de madeira da cadeira, um dedo de cada vez. Do indicador ao mindinho, depois ao contrário. *Um, dois, três, quatro. Quatro, três, dois, um*. — Não te julgo, Allison. Estou zangado com o Adam por não dizer nada quando poderia ter feito a diferença, mas não contigo por ficares em silêncio depois de nada poder mudar. Nem imagino o que faria na mesma situação. Sabes o que o pai costumava dizer. A família em primeiro lugar, sempre.

A minha mãe ainda parece à beira das lágrimas.

— O pai teria ficado horrorizado.

— Em relação a *eles*. — A voz do tio Archer suaviza-se. — Não magoaste ninguém de propósito. Perdoa-te a ti própria, Allison. Vinte e cinco anos é muito tempo para te sentires culpada.

— Estou a tentar — diz a minha mãe.

Toca um telemóvel na mesa entre o tio Archer e ela.

— Quem é a Charlotte? — pergunta a minha mãe, olhando para baixo.

— Uma advogada do escritório do Donald Camden — responde o tio Archer. — Pedi que me contactasse se descobrisse alguma coisa interessante. Discretamente, claro. Portanto não digam a ninguém.

Ele leva um dedo aos lábios enquanto pega no telemóvel.

— Como é que conheces toda a gente? — pergunta a minha mãe, admirada.

— Falo com as pessoas. Devias tentar fazer isso. Olá, Charlotte — diz o tio Archer, levantando-se e seguindo para a praia. — E então?

Faz-se silêncio. Nessa altura, para minha surpresa, a minha mãe estica o braço e faz-me uma festa no cabelo. Não me lembro da última vez que ela fez isso, mas com certeza eu tinha menos de seis anos.

— Senti-me tão sozinha naquele verão por causa da gravidez — diz ela, pensativa. — Não tive coragem de contar à minha mãe, mas desejava que ela descobrisse, de alguma forma. Milly, se algum dia estiveres numa situação parecida, espero que saibas que tens todo o meu apoio.

Reprimo a minha resposta automática «Meu Deus, mãe, por favor, não fales dessas coisas», porque quero que ela fale. Não só em relação a mim. Mas aceito o que tenho neste momento.

— Eu sei.

— Sabes? — A risada dela é frágil. — Não sei se fiz um bom trabalho a demonstrar o meu apoio ao longo dos anos.

— Bom, tinhas uma série de problemas — respondo com diplomacia.

— Vou encarar isso como confirmação de que tenho de melhorar o meu comportamento como mãe — responde ela com secura.

— Mãe, tu... — Hesito, mas então decido ser direta. — Contaste ao pai o que aconteceu?

— Não tudo. — Ela prende uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha antes de afastar a mão. — O teu pai é o homem mais bondoso que já conheci. Ao longo dos anos, ajudou-me muito a aceitar o que aconteceu com o Matt e a gravidez. Mas eu não podia terminar a história. Não podia contar-lhe o que o Anders fez nem que o protegi. — A voz dela fica baixa. Tento ver o seu rosto, mas o luar está demasiado fraco. — Naquela altura, a verdade estava enterrada tão fundo dentro de mim que não consegui tirá-la. Ela simplesmente... apodreceu, deixou-me furiosa. O teu pai acabou por levar por tabela sem nunca saber o motivo.

A tristeza enche-me o peito ante o pensamento de como poderia ter sido a vida se a minha mãe tivesse desabafado.

— Acho que ele entenderia.

— Eu também — responde ela, baixinho.

Ficamos em silêncio um minuto, ouvindo as ondas rebentar na praia e o murmúrio ininteligível da voz do tio Archer. Então a minha mãe pigarreia.

— Já ando há uns dias para te dizer que fiquei impressionada com a forma como descobriste a verdade, Milly. És muito inteligente. — Espero pelo acompanhamento inevitável, «Se te dedicasses da mesma maneira aos estudos, tirarias a nota máxima quando quisesses», mas não vem. — E tens um bom coração — diz ela, apenas, e sinto as lágrimas arderem nos olhos.

Ofegante, o tio Archer volta com o telemóvel. A minha mãe levanta-se e corre até ele.

— Estás bem? — pergunta ela. — Dói-te o ombro? Fazes demasiados esforços.

— Eu... não. — A voz do tio Archer é tensa. — Era a Charlotte ao telefone.

— Eu sei — responde a minha mãe. — Já disseste.

— Certo. A questão é que... — Guarda o telemóvel no bolso e passa uma mão pelo cabelo. — Pedi-lhe que me avisasse se surgisse alguma coisa importante. Os chefões não querem contar-nos por enquanto, porque ainda precisam de analisar muita papelada, mas... Allison, Catmint House não tinha seguro. Nem as obras de arte, nem as joias, nem os móveis.

Viro-me para a minha mãe, que pestaneja, confusa.

— O quê? Porquê? — pergunta ela. — Como pode uma casa daquelas não ter seguro?

— Nada tem — diz o tio Archer. — Todas as apólices caducaram. As contas não são pagas há mais de um ano. As outras casas da nossa família, incluindo esta, estão hipotecadas. Os fundos de investimento foram esvaziados. O Donald e a Theresa viviam da venda dos quadros. Tudo o que não tinham vendido ardeu a semana passada.

A minha mãe não diz nada. O tio Archer segura-lhe o ombro e fala devagar e com paciência, a voz cheia de bondade e preocupação, como um médico a dar um diagnóstico que vai doer bastante, mas não matar.

— Eles gastaram tudo. Cada centavo. O espólio dos Story desapareceu.

EPÍLOGO

Jonah
CINCO MESES DEPOIS

Milly dá a primeira tacada e as bolas rolam pelo feltro verde. Ela está cada vez melhor no *snooker*. Da última vez que a visitei em Nova Iorque — quando ela me levou a um «centro de entretenimento» fino em que todas as mesas tinham luz fluorescente à volta —, esteve muito perto de me vencer.

— Alguém vai dar-te uma coça, Jonah — grita Enzo de trás do bar.

Voltou a trabalhar na Empire Billiards pouco depois do Dia de Ação de Graças, apesar de ainda fazer alguns turnos no Home Depot todas as semanas. Só por causa das tosses.

— Tens treinado sem mim, não tens? — pergunto enquanto Milly vê as últimas bolas a entrar num canto.

— As bolas listradas são minhas — anuncia ela, fitando-me com um olhar coquete sob as pestanas.

Pronto. Aquele olhar acaba sempre comigo. Esqueço-me de onde estamos e puxo-a na minha direção, tirando-lhe o taco da mão para a aproximar. O seu cabelo sedoso está comprido e solto, e afasto-o do seu rosto antes de beijá-la. Ela solta um suspiro baixinho e encosta-se a mim, e esqueço-me das três semanas intermináveis que passámos sem nos ver.

Também me esqueço de Enzo, até ele tossir.

— Mãe no estacionamento — diz ele, e solto Milly alguns segundos antes de a minha mãe entrar.

Não que ela se importasse. A minha mãe adora Milly, e foi ela quem a convidou para passar algum tempo connosco depois do Natal. Mas prefiro evitar que o

ambiente fique constrangedor, para Milly querer voltar sempre.

De comboio, claro. Não estava a brincar sobre o autocarro.

— Já chegou o correio — informa a minha mãe para Enzo, deixando uma pilha de cartas sobre o balcão. — Há um catálogo novo da ServMor com equipamento para hotelaria, se quiseres dar uma olhadela.

— *Quero* sim — diz ele, tirando-o da pilha com um ar reverente. Desde a sua temporada no Home Depot, Enzo está obcecado por projetos de bricolage para melhorar a Empire. Só abrimos daqui a uma hora, mas ele chegou mais cedo para instalar o que alega ser uma barra mais resistente no bar. A minha mãe vira-se para mim e Milly.

— Vou fazer um hambúrguer com batatas fritas para mim antes de abrirmos. Querem alguma coisa?

— O mesmo — respondo, lançando um olhar interrogador a Milly.

— Eu também — diz ela. — Obrigada, senhora North.

— De nada! Queres alguma coisa, Enzo?

— Não, estou bem.

— Certo. Volto daqui a uns dez ou quinze minutos, meninos. — A minha mãe desaparece na cozinha.

Enzo enfia o catálogo e o resto das cartas debaixo do braço.

— Vou passar uns dez minutos a ler no escritório — anuncia ele, baixando-se para sair de trás do balcão. — Aproveitem a sala vazia.

Afastei-me bastante de Milly quando a minha mãe entrou, mas aproximo-me de novo com um sorriso.

— Onde é que íamos? — pergunto, segurando-a pela cintura.

Ela põe-se em bicos de pés para me dar um beijinho, depois afasta-se.

— Íamos ligar à Aubrey, lembras-te? Prometi-lhe que o faria pelo FaceTime às quatro.

— Mas que chatice — declaro na brincadeira. Também estou desejoso de falar com Aubrey.

Quando saímos de Gull Cove, no final de julho, eu não sabia o que aconteceria. Tínhamos acabado de viver o mês mais alucinante e estranho das nossas vidas, e era difícil saber se a relação intensa que formámos uns com os outros duraria no mundo real. Ainda mais com a questão da herança a juntar à confusão. A situação acabou por se transformar num confronto dos irmãos Story: de um lado, Allison e Archer, a tentar perceber o que tinha sobrado e como dividir tudo irmãmente; do outro, Adam e Anders, a fugir de credores e da responsabilidade pelos seus atos, processando toda a gente que trabalhara para Donald Camden.

De início, não acreditei que o dinheiro tinha acabado. Mas descobriu-se que quase todo fora gasto. Donald, Theresa, Fred Baxter e Paula tinham passado vinte e

quatro anos à grande, a viver no tipo de luxo que não consigo sequer imaginar. Faziam viagens extravagantes, compravam obras de arte inestimáveis e outras peças de coleção para as quais não se deram ao trabalho de fazer seguros, e remodelaram tanto as propriedades dos Story que nem as diárias caríssimas do hotel conseguiam pagar as contas. O vício do jogo do Dr. Baxter nunca desapareceu, portanto ele perdia milhões em Las Vegas todos os anos. Donald Camden mal trabalhava; mantinha um escritório de fachada e uma equipa minúscula para passar uma impressão respeitável e, por ano, gastava mais com essas coisas do que ganhava.

Quando a poeira finalmente assentou, o dinheiro que sobrou para Adam, Anders, Allison e Archer dividirem era relativamente pouco. «O suficiente para pagar a clínica de desintoxicação», gosta de dizer Archer. Pelo menos foi uma clínica *boa*, já que ele está sóbrio há cinco meses.

Archer é o que menos se importa com a falta de dinheiro. Voltou para Gull Cove e começou a trabalhar para Rob Valentine, pintando as propriedades que costumavam pertencer à sua família com uma estranha serenidade.

— A ganância separou a nossa família — disse ele a Milly, quando o visitámos no feriado do Dia dos Veteranos. Ele parecia bem, com os olhos lúcidos e a barba feita, mesmo que um pouco magro. — E, sinceramente, por esta altura, se tivesse sobrado alguma coisa? É provável que a história se repetisse. Não quero passar a vida a discutir com o Adam e o Anders pela fortuna da família, e não quero que o dinheiro vos dê a volta à cabeça, como fez connosco. E com o Donald, a Theresa e toda aquela gente maluca.

— Pode ser — admitiu Milly contrariada. — Mesmo assim, o dinheiro não era deles!

— Pois não — concordou Archer. — Mas vamos encarar as coisas pelo lado positivo. Eu não o quero. A sério. Estou mais feliz do que nunca com a minha vida tranquila, de volta à minha casa. A Allison não precisa do dinheiro. Construiu uma carreira fantástica sozinha. A Megan fez a mesma coisa, portanto a Aubrey vai ficar bem. Sem contar com todas as bolsas de estudo que vai conseguir por causa da natação. E quanto ao Adam e ao Anders ... — Permitiu-se sorrir. — Não merecem nada.

O livro de Adam Story saiu da lista dos mais vendidos após duas semanas. Durante algum tempo, tínhamos a certeza de que ele seria convidado a escrever outro, mas a única história que as pessoas querem ouvir dele é a sua. E é a que ele se recusa a contar.

Anders Story e a sua família ainda vivem em Providence, mas JT e eu já não andamos na mesma escola. Ele vai terminar o último ano numa escola perto de Newport. É distante, mas tem a vantagem de estar cheia de gente que não o conhece. Tirando o nome. O escândalo dos Story esteve durante meses nas

primeiras páginas dos jornais da Costa Este, portanto não é possível ele escapar completamente. Anders abriu uma nova empresa, sobre a qual não sei nada além do que ele contou ao *Providence Journal* a semana passada.

«Tudo o que aprendi, tudo em que acredito, tudo o que tenho será aplicado nesta nova empresa», prometeu ele.

Depois de ler aquilo, a minha mãe deitou o jornal fora com um resfolegar de indignação. «Ou seja, nada», disse ela.

A irmã de Theresa, Paula, continua a monte. Para mim, é a mais interessante de todas — a desconhecida do grupo, sempre nas sombras, que tinha uma vida tão vazia que abriu mão de tudo para se fazer passar por Theresa depois de Mildred Story morrer. A comunicação social continua a tentar elaborar o seu perfil, mas não encontra muitas informações. Há vinte e quatro anos, Paula era uma mulher de cinquenta que vivia num subúrbio de New Hampshire e trabalhava para uma empresa de energia elétrica. Um dia, simplesmente pediu a demissão. Largou o emprego, entregou o apartamento, disse que ia sair do estado. Ninguém se importou o suficiente para perguntar o motivo.

Uma vez, eu disse a Milly que achava isso triste. Ela ficou indignada.

— Estás a falar da mulher que deitou fogo a Catmint House — afirmou ela. — A Aubrey e o tio Archer podiam ter morrido! Não te atrevas a ter pena dela.

— Não tenho — respondi, e é verdade.

Detesto a ideia de Paula estar em liberdade a beber *cocktails* numa praia estrangeira paradisíaca tanto como Milly. Mas... lembro-me de como é difícil fingir ser outra pessoa, mesmo por pouco tempo. Às vezes, pergunto-me como é que ela conseguiu fazer isso durante tantos anos. E a resposta é sempre a mesma: porque não havia uma única pessoa no mundo, além da irmã que ela concordou em personificar, que sentiria a sua falta.

Certo, talvez tenha alguma pena. Mas, com certeza, não vou dizer isso a Milly. Porque Milly... meu Deus. O facto de eu poder dizer que ela é minha namorada ainda parece um milagre. Vemo-nos sempre que podemos e, quando falamos sobre o que tencionamos fazer depois do secundário, elaboramos planos sobre como *vamos* estudar na mesma cidade em vez de discutirmos *se* isso vai acontecer.

E, quem sabe, talvez o nosso trio volte a juntar-se. Aubrey recebeu uma bolsa de estudos para Brown, graças à natação, o que é incrível, mas também para várias outras mais perto de casa. Milly está determinada a convencê-la a vir para a Costa Este. A começar agora.

Sentamo-nos no mesmo banco de um compartimento atrás das mesas de *snooker*, e Milly posiciona o telemóvel entre nós. Depois de marcar o número de Aubrey, tira o blusão de cabedal e revela a *t-shirt* da Universidade Brown que comprámos esta manhã.

Aubrey surge no ecrã, segurando um bebé minúsculo a agitar-se na curva do seu braço.

— Olha, é o Aedan — digo, e então fico chocado quando vejo melhor a cara do bebé. A última vez que o vi por FaceTime, ele era recém-nascido. Agora já tem dois meses e começa a parecer uma pessoa a sério. Uma pessoa específica, inclusive. — Caramba, Aubrey, ele é a tua cara.

Ela sorri.

— É, não é? O meu pai fica passado, porque sempre insistiu que só saí à minha mãe. — Faz uma festinha no tufo de cabelo louro dele com a mão livre. — Acho que há mais de uma forma de parecermos um Story.

Não devia ter-me surpreendido com o facto de Aubrey, sendo como é, se ter apaixonado imediatamente pelo meio-irmão. A confusão toda não foi culpa dele. Mesmo assim, é simpático da parte dela participar tanto na vida do irmão, quando seria tão fácil guardar rancor.

Milly cruza os braços, esquecendo a *t-shirt* enquanto observa Aedan com um ar desconfiado. Os bebés deixam-na nervosa, mesmo quando estão num ecrã.

— Ele vai chorar? — pergunta ela.

— O Aedan nunca chora — garante Aubrey. — É o bebé mais feliz do mundo.

Milly recosta-se no banco, sem parecer convencida, mas disposta a dar ao bebé o benefício da dúvida.

— E como vão os seus pais? — Diz a última palavra como se soubesse mal.

— Bom... — Aubrey embala Aedan, pensativa. — Toda a gente diz que os bebés mudam os relacionamentos, não é? Digamos que, por mais calmo que ele seja, este menino afetou *bastante* os dois. Já ninguém fala em casamento. A treinadora Matson arranjou emprego numa cidade próxima, mas quer é ficar em casa a cuidar do bebé. O meu pai, claro, recusa-se a arranjar emprego, e já gastou o dinheiro da herança e do livro. Acho que a treinadora Matson está finalmente a perceber a alhada em que se meteu, e *não* parece contente.

Milly inclina-se para o ecrã, esquecendo-se completamente do seu nervosismo em relação a bebés.

— Vou começar a chamar-te carma, amiguinho — cantarola ela.

Aedan esboça um sorriso desdentado enquanto Aubrey tenta, sem sucesso, abafar uma risada.

— És terrível — comenta Aubrey, e depois olha para mim. — Como vai o negócio?

Levanto os polegares.

— Cada vez melhor.

Ela sorri, radiante.

— Estou mortinha por vos visitar. Desculpa não ter conseguido ir este fim de semana. Estou cheia de competições. Mas devo conseguir nas férias da primavera. Também quero ir a Gull Cove ver o tio Archer.

— Perfeito — diz Milly, endireitando os ombros. — Nessa altura já terás aceitado a bolsa da Brown e, como podes ver — passa a mão sobre a *t-shirt* — já preparei o visual para a comemoração.

Alguém me toca no ombro e viro-me antes de ver a reação de Aubrey.

— Chegou um postal para ti — diz Enzo, entregando-mo.

— A sério? — pergunto, confuso. Nunca recebo correspondência. — Obrigado. — A imagem mostra a silhueta de Nova Iorque, e imediatamente penso em Milly. Puxo-lhe uma madeixa. — Mandaste-me um postal?

Ela bate na minha mão para me afastar, concentrada na chamada.

— Espera. Estou a fazer um recrutamento.

Viro o postal, lendo o meu nome e o endereço da Empire. Não é a caligrafia elegante e redonda de Milly. As palavras estão encavalitadas, lembrando-me a mensagem que recebemos de Mildred assim que chegámos a Gull Cove, informando que tinha de ir a Boston. Apesar de ter sido escrita por Theresa. Ou Paula.

Caramba. *Paula*. A misteriosa Paula. A mulher de quem ninguém sentiria falta.

Todos os pelos da minha nuca se arrepiam quando olho para Milly. Ela continua focada na conversa com Aubrey, por isso baixo o olhar e leio a mensagem.

Jonah,

Soube que a Milly, a Aubrey e tu estão bem, e fico contente. A sério.

Não vos desejo mal algum e, embora seja tolice da minha parte acreditar que tu e as tuas «primas» possam retribuir o sentimento, espero que seja esse o caso.

De uma impostora para outro, quero dar-te um conselho: mantém os teus pais longe da nova empresa do Anders Story. Tenho a forte suspeita de que ele vai acabar por se queimar um dia destes, por assim dizer.

A família em primeiro lugar, sempre.

P.

AGRADECIMENTOS

O mercado editorial muda sempre muito, mas tive a sorte de trabalhar com uma equipa maravilhosa durante quatro livros seguidos. Estou muito grata pelo apoio contínuo e por todos os que tornaram a criação de *Os Primos* tão agradável.

O meu agradecimento eterno a Rosemary Stimola e Allison Remcheck, por orientarem a minha carreira com tanto cuidado e por sempre me impulsionarem da melhor forma possível. Obrigada também a Pete Ryan, Erica Rand Silverman e Allison Hellegers do Stimola Literary Studio.

Obrigada a Krista Marino, revisora maravilhosa, pela sua capacidade fantástica de ver o coração de todos os livros que escrevo. Depois de quatro livros contigo, sou uma escritora muito melhor, mas que ainda conta com o teu olhar perspicaz, as tuas observações pertinentes e o teu apoio inabalável para me inspirar a ir mais fundo. Tenho muito orgulho do que criámos juntas.

Toda a equipa da Random House Children's Books e Delacorte Press é realmente espantosa, desde a forte liderança ao planeamento cuidadoso do *marketing*, publicidade, *design*, produção, vendas e muito mais. Obrigada a Barbara Marcus, Beverly Horowitz e Judith Haut por darem aos meus livros o melhor lar que eu poderia imaginar, e à equipa que lhes deu vida: Monica Jean, Kathy Dunn, Dominique Cimina, Kate Keating, Elizabeth Ward, Jules Kelly, Kelly McGauley, Jenn Inzetta, Adrienne Weintraub, Felicia Frazier, Becky Green, Enid Chaban, Kimberly Langus, Kerry Milliron, Colleen Fellingham, Heather Hughes, Alison Impey, Kenneth Crossland, Martha Rago, Tracy Heydweiller, Linda Palladino e Denise DeGennaro. Obrigada também a Kelly Gildea, da Penguin Random House Audio & Listening Library, pela produção brilhante dos meus audiolivros.

Tenho a sorte de trabalhar com muitas editoras internacionais maravilhosas. A Penguin UK permitiu que eu conhecesse várias pessoas cheias de talento, incluindo

Holly Harris, Francesca Dow, Ruth Knowles, Amanda Punter, Harriet Venn, Simon Armstrong, Gemma Rostill, Ben Hughes e Kat Baker. Este ano consegui visitar mais algumas das minhas editoras internacionais, e agradeço a hospitalidade de Christian Bach e Kaya Hoff da Carlsen Puls, na Dinamarca; Nicola Bartels, Susanne Krebs, Birte Hecker, Julia Decker e Verena Otto da Random House, na Alemanha; e Susanne Diependaal, Jessie Kuup e Arienne Huisman da Van Goor, na Holanda.

Estou grata a Jason Dravis, o meu incansável agente cinematográfico, e aos agentes que ajudam os meus livros a encontrar lares em todo o mundo: Clementine Gaisman e Alice Natali, da Intercontinental Literary Agency, Bastian Schluecke e Friederike Belder, da Thomas Schlueck Agency, e Charlotte Bodman, da Rights People.

Obrigada à Erin Hahn e Meredith Ireland pelos vossos *feedbacks* atenciosos e pela vossa amizade, e à maravilhosa comunidade YA por toda a energia e paixão que oferecem à ficção juvenil. Estou grata a todos, desde os autores sensacionais que tive o prazer de conhecer tanto pela Internet como em pessoa, aos *bloggers*, educadores, bibliotecários, voluntários de festivais e livreiros. E especialmente aos leitores, que tornam tudo possível.

O cenário de *Os Primos* foi inspirado nas ilhas de Martha’s Vineyard e Nantucket, que visitei muitas vezes em criança e adulta. Estou grata pela hospitalidade que sempre me foi oferecida lá, e espero que os residentes não se importem de eu ter criado uma irmã fictícia para os seus belos lares.

Finalmente, obrigada à minha família, tanto os Medailleu como os McManus, por todo o seu apoio. Muito amor ao meu filho, Jack, e, seguindo o tema deste livro, a todos os seus primos: James, Cassie, Mary, Nick, Michael, Max, Bri, Kelsey, lan, Drew, Zachary, Aiden, Shalyn, Gabriela, Carolina e Erik.